

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Gustavo Jasenovski Onofre da Silva**

**O fazer *coach* na contemporaneidade: entre a autoajuda e a esperança prática**

**Juiz de Fora**

**2026**

**Gustavo Jasenovski Onofre da Silva**

**O fazer *coach* na contemporaneidade: entre a autoajuda e a esperança prática**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais na linha de pesquisa Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

**Juiz de Fora**

**2026**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Gustavo Jasenovski Onofre da.

O fazer *coach* na contemporaneidade: entre a autoajuda e a esperança prática / Gustavo Jasenovski Onofre da Silva. -- 2026. 216 p.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2026.

1. Esperança Prática. 2. Autoajuda. 3. Ofertas Terapêuticas. 4. Individualismo Positivo. 5. Adulto Produtivo. I. Santos, Raphael Bispo dos, orient. II. Título.

**Gustavo Jasenovski Onofre da Silva**

**O fazer *coach* na contemporaneidade: entre a autoajuda e a esperança prática**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura, Poder e Instituições.

Aprovada em 6 de julho de 2026.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof(a) Dr(a) Raphael Bispo dos Santos - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) João Assis Dulci  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Célia da Graça Arribas  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Eduardo Moura Pereira Oliveira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof(a) Dr(a) Túlio Maia Franco  
Universidade Federal de São João del-Rei

Juiz de Fora, 18/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Raphael Bispo dos Santos, Professor(a)**, em 21/08/2026, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celia da Graça Arribas, Professor(a)**, em 31/08/2026, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Assis Dulci, Professor(a)**, em 31/08/2026, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Túlio Maia Franco, Usuário Externo**, em 03/09/2026, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



[novembro de 2020.](#)

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj ([www2.uffj.br/SEI](http://www2.uffj.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **3153100** e o código CRC **B2465228**.

---

Aos meus filhos, Lorenzo e Fiorella,  
que brindam flores diárias à minha  
existência.

## AGRADECIMENTOS

A memória me conduz na direção dos autoquestionamentos vividos acerca de um tempo “certo” para o envolvimento com esta pesquisa. Esse tempo nunca existiu, entretanto, um sentimento de serenidade, despertado por pessoas e instituições, e a descoberta da linha de pesquisa: “Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais” preencheram a época de um encontro. Apesar disso, a continuidade e o regresso até o momento em que me deparo nesta ocasião escrevendo, comovido por emoções diversas, saltam as lembranças da gente que permanece formando um relato de vida. Assim, o meu reconhecimento e gratidão:

Ao meu orientador, Raphael Bispo, pela generosidade do acolhimento pessoal e acadêmico, pelo conhecimento decisivo e experiência prestados e pelo aceite ao convite de “caminhar de mãos dadas”.

Ao Instituto Federal de Goiás – IFG, por dispor da exclusividade da atribuição de pesquisador e possibilitar a intensidade neste processo.

Aos servidores e amigos do Câmpus Senador Canedo, pelos esforços institucionais, instrução e compreensão.

Aos docentes que participaram da banca de qualificação, Eduardo e João, que, com esclarecimentos e provocações precisos, abriram caminhos de reflexividade.

Aos docentes Eduardo, Célia, João e Túlio, por aceitarem cordialmente o convite de compor a banca de defesa final.

Ao PPGCS, pela presteza institucional, atenção técnica e diretriz acadêmica.

Às docentes da UFJF e UFG, Célia, Christiane, Marta, Joana e Kátia, que, para além do conteúdo programático, ampliaram afeições e sentidos.

Aos colegas do FEGS, que inspiraram percepções e transferiram aprendizados.

Aos amigos que me receberam na UFJF, Gustavo, Fábio, Diego e Suzane, pelo deferimento, amparo e por facilitar as coisas a um não nativo.

Ao Guercio, da pousada, e à Elizete, do restaurante, que favoreceram estadias serenas nas minhas idas e vindas a Juiz de Fora - MG.

Ao Sr. Lourival, motorista de ônibus, pela segurança prestada, apoio logístico e afabilidade com um sorriso.

Aos amigos da graduação em Ciências Sociais, pela leitura conjunta dos clássicos, por dividir incertezas acadêmicas, pelos risos e por me proporcionarem o exercício da escuta atenta.

Aos sempre lembrados professores, Chico Rabelo, Ivanilde, Telma e Pedro Célio, por terem viabilizado o compromisso com uma nova visão de mundo.

Aos amigos e amigas da Secretaria de Cidadania e Trabalho - GO, pelos anos de vivências e instruções conferidos ao exercício da sociologia organizacional.

Aos amigos e amigas das unidades acadêmicas, pelas trocas do convívio didático e papos desenvoltos de corredor.

Às amigas do IFG, Marcela e Rúbia, pelas intermináveis conversas regadas a café, encorajamento, gargalhadas e leveza de rotina.

Aos idosos e colegas da academia, por me demonstrarem um outro ritmo e maneira de enxergar a vida.

Aos amigos e amigas feitos na ACT, pelo espírito associativo, jogos que ensinaram e conversas descontraídas.

Aos amigos de uma vida, Alexandre, Camila, Cavaco, Hélio e Hugo, pelos diálogos elucidativos, encontros esportivos e festivos e a oferta de uma realidade mais amena.

À Simone, pelo fundamental acolhimento e por posicionar uma realidade ancorada.

Aos meus familiares, de nascimento e provindos do amor, pelas experiências passadas, comunhão em estima e diálogos que conduziram decisões.

Ao meu pai, Joaquim, que, mesmo com o convívio de apenas 6 anos, deixou profundo afeto, reflexões internas, presença/falta e o exercício da compaixão.

Ao meu avô, Lourival, e à minha avó, Rosa, que legaram com simplicidade o exemplo de que “um mundo sem ganância é um mundo melhor”.

À minha irmã, Juliana, por dividir desafios desde a infância, amor e valer apoio a esta jornada.

À minha mãe, Maria Alice, por nunca desistir, pelo amor, presença e por me perguntar, algumas vezes, quando eu iria iniciar o doutorado.

À Carol, companheira de uma vida, pelo amor, por partilhar sentimentos cotidianamente, pelo apoio incondicional e pela presença nesta pesquisa.

Aos meus filhos, Lorenzo e Fiorella, pela paciência das ausências, doação de amor e ternura e por revigorar a vida com graça.

*Não me iludo  
Tudo permanecerá do jeito que tem sido  
Transcorrendo, transformando  
Tempo e espaço navegando todos os sentidos*

*Pães de Açúcar, Corcovados  
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento  
Água mole, pedra dura  
Tanto bate que não restará nem pensamento*

*Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei*

*Pensamento  
Mesmo o fundamento singular do ser humano  
De um momento para o outro  
Poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos*

*Mães zelosas, pais corujas  
Vejam como as águas de repente, ficam sujas  
Não se iludam, não me iludo  
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo*

*Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei*

*Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei  
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei*

*Gilberto Gil*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Sala de espera “casa de *marketing* IBC”
- Figura 2 Aviso de saúde
- Figura 3 Saguão de entrada da “imersão DSP”
- Figura 4 Esperança, acolhimento e abraço
- Figura 5 Perguntas poderosas, foco e possibilidades
- Figura 6 Perguntas poderosas, planejamento e transposição
- Figura 7 Perguntas poderosas, recapitulação e responsabilidade
- Figura 8 Um totem, uma gorjeta e um “espelho”
- Figura 9 O novo colaborador
- Figura 10 O novo colaborador
- Figura 11 O novo colaborador

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|      |                                          |
|------|------------------------------------------|
| CDF  | Cabeça de Ferro                          |
| CPF  | Cadastro de Pessoas Físicas              |
| CCQs | Círculos de Controle de Qualidade        |
| DSP  | Desperte o Seu Poder                     |
| EQM  | Experiência Quase Morte                  |
| HBO  | <i>Home Box Office</i>                   |
| IBC  | Instituto Brasileiro de <i>Coach</i>     |
| IGR  | Instituto Goiano de Radioterapia         |
| JRM  | José Roberto Marques                     |
| MBA  | <i>Master of Business Administration</i> |
| PSC  | <i>Professional and Self Coaching</i>    |
| PNL  | Programação Neurolinguística             |
| TICs | Tecnologias da Informação e Comunicação  |
| TBC  | Tire a Bunda da Cadeira                  |
| UTI  | Unidade de Terapia Intensiva             |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro   |
| VIP  | <i>Very Important Person</i>             |

## RESUMO

Este trabalho busca responder como se estabelece a formação de “esperança” que a cultura de autoajuda contemporânea desempenha na conciliação com o contexto de desesperança social. A classe trabalhadora, constituída em uma nova morfologia do trabalho, convive com o risco iminente da perda do mesmo e com a máxima de que a culpa sobre cai única e exclusivamente ao indivíduo. Não obstante, a literatura de autoajuda traz recomendações de como não se chegar a esse ponto, mas se ocorrer, aceitá-lo como “natural” – uma forma plácida de recomeço – também um desafio. Nesse aspecto, entender as novas culturas de trabalho é buscar de forma contumaz, e atual, apreender os destinos e contornos de suas alienações. Para tanto, a pesquisa lança-se ao rastreamento de uma tríade em direção a uma análise mais detalhada de um “evento”-autor-livro, buscando uma abordagem mais empírica e particular à reflexão sobre a autoajuda vigente e a formação *coach*. A literatura de autoajuda e o profissional *coach* não dão ares de instituições estanques. Se renovam, inventam e são reinventado. Falam a partir de uma época histórica. Introduzem mecanismos de atuação em diferentes ambientes sociais. Inspiram-se em companhia do que é posto, e socioculturalmente como imanente. Elabora-se pedagogicamente a atividade da “esperança” como um “estilo de vida contemporâneo”, um “artifício” para estar, compreender, e que exerce decorrências sobre o mundo. A cultura de autoajuda formaliza o amparo comunitário para a responsabilização individual. Propõe vínculos, em acordo tutorado, de uma preparação que disponha a orientação necessária para o ambiente de competição. Organiza-se um “refúgio” gregário para tempos de estímulos individuais em ritmo de aceleração para soluções transitórias. Na “desordem” da identidade situacional, a cultura de autoajuda apresenta a “ordem” da esperança prática protagonizando o indivíduo em abrigo. Institui-se uma via de acesso de comunicação com um real imediatista, que individualiza escolhas, advoga por renúncias, que se pressupõe eliminar influências negativas ao ser e reaviva a esperança como o instrumento indispensável para continuar.

**Palavras-chave:** esperança; ofertas terapêuticas; individualismo positivo.

## ABSTRACT

This study seeks to answer how the concept of “hope” fostered by contemporary self-help culture is shaped in relation to the context of social hopelessness. The working class, shaped by a new structure of work, faces the imminent risk of losing their jobs and is confronted with the notion that the blame falls solely and exclusively on the individual. Nevertheless, self-help literature offers recommendations on how to avoid reaching that point; but if one does occur it, accepting it as “natural”—a serene form of starting over—is also a challenge. In this regard, understanding the new work cultures means persistently and contemporarily seeking to grasp the trajectories and contours of their alienations. To this end, this research sets out to trace a triad for a more detailed analysis of an “event”—author—book, seeking a more empirical and specific approach to reflecting on current self-help trends and coach training. Self-help literature and the professional coach do not present themselves as static institutions. They renew themselves, invent, and are reinvented. They speak from a specific historical era. They introduce mechanisms of action in different social environments. They draw inspiration from what is established and, socioculturally, what is immanent. The activity of “hope” is pedagogically constructed as a “contemporary lifestyle,” a “device” for being and understanding, one that exerts an influence on the world. Self-help culture formalizes community support for individual accountability. It proposes bonds—within a guided framework—for preparation that provides the necessary orientation for a competitive environment. A gregarious “refuge” is organized for times of individual pressures, accelerating toward temporary solutions. Amid the “disorder” of situational identity, the culture of self-help presents the “order” of practical hope, placing the individual at the center of this refuge. It establishes a pathway to communicate with an immediate reality that individualizes choices, advocates for sacrifices, is presumed to eliminate negative influences on the self, and rekindles hope as the indispensable tool for moving forward.

**Keywords:** hope; therapeutic options; positive individualism.

## RESUMEN

Este trabajo pretende responder a cómo se configura la «esperanza» que la cultura contemporánea de autoayuda ofrece como conciliación con el contexto de desesperanza social. La clase trabajadora, constituida en una nueva morfología del trabajo, convive con el riesgo inminente de perderlo y con la máxima de que la culpa recae única y exclusivamente sobre el individuo. No obstante, la literatura de autoayuda ofrece recomendaciones sobre cómo no llegar a ese punto, pero, si se ocurre, aceptarlo como «natural» —una forma plácida de volver a empezar—, lo que también supone un reto. En este sentido, comprender las nuevas culturas laborales implica buscar de forma tenaz y actual comprender los destinos y los contornos de sus alienaciones. Para ello, la investigación se propone rastrear una tríada que permita un análisis más detallado de un «evento»-autor-libro, buscando un enfoque más empírico y específico para la reflexión sobre la autoayuda actual y la formación en coaching. La literatura de autoayuda y el profesional del coaching no dan la impresión de ser instituciones estancadas. Se renuevan, inventan y se reinventan. Hablan desde una época histórica. Introducen mecanismos de actuación en diferentes entornos sociales. Se inspiran en lo que se plantea y, socioculturalmente, en lo inmanente. Se elabora pedagógicamente la actividad de la «esperanza» como un «estilo de vida contemporáneo», un «artificio» para estar, comprender y que ejerce repercusiones sobre el mundo. La cultura de la autoayuda formaliza el apoyo comunitario para la responsabilización individual. Propone vínculos, en un acuerdo tutelado, de una preparación que proporcione la orientación necesaria para el entorno competitivo. Se organiza un «refugio» gregario para tiempos de estímulos individuales a un ritmo acelerado en busca de soluciones transitorias. En el «desorden» de la identidad situacional, la cultura de la autoayuda presenta el «orden» de la esperanza práctica, en la que el individuo es el protagonista en un refugio. Se establece una vía de acceso a la comunicación con una realidad inmatista, que individualiza las elecciones, aboga por las renunciias, que se supone que elimina las influencias negativas sobre el ser y reaviva la esperanza como el instrumento indispensable para seguir adelante.

**Palabras-clave:** esperanza; opciones terapéuticas; individualismo positivo.

## SUMÁRIO

|                                                                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução.....                                                                                             | 15  |
| 1 Esperança: um atributo ético da liberdade individual.....                                                 | 29  |
| 1.1 – Cultura de Trabalho, Hesitação e Polivalência.....                                                    | 29  |
| 1.2 – Quimera Hedonista, Adulto Produtivo e Culto a <i>Psique</i> .....                                     | 42  |
| 1.3 – Exaustão, Reencantamento e Individualismo Positivo.....                                               | 54  |
| 1.4 – Gestão de Aptidões, Cidadão Maximizado e Lucidez do Esforço.....                                      | 70  |
| 2 JRM: a personificação do simbólico positivo na utilização da esperança em instrução.....                  | 81  |
| 2.1 – JRM, IBC e a “Demandatização” do DSP.....                                                             | 81  |
| 2.2 – “Aglomeração Organizada”, Imersão e Catarse em Condução.....                                          | 92  |
| 2.3 – Emoções em Confinamento, Meditação em Continuidade de Regência e Crença na Transformação.....         | 112 |
| 2.4 – Acolhimento, Providência Solitária e Renovação.....                                                   | 130 |
| 3 Conforto Momentâneo: o estado de materialização da autoajuda em exacerbação do aumento de “certezas”..... | 135 |
| 3.1 – Despertar “de bolso”, Comportamento Devocionário e Potência em segredo.....                           | 135 |
| 3.2 – Sentimentos Fixados, Ativez Individual e Subjetividade Instrumental...145                             |     |
| 3.3 – <i>Coaching</i> , Perguntas Poderosas e TBC.....                                                      | 156 |
| 3.4 – Pressa, Soluções Transitórias e Instável em Progressão.....                                           | 176 |
| 3.5 – Padrão Mental, Estado Consciente e Zona de Bem-Estar.....                                             | 184 |
| 4 Considerações Finais.....                                                                                 | 193 |
| 5 Referências.....                                                                                          | 211 |

## Introdução

O contemporâneo, ao se apresentar como uma instituição latente em sua constituição diversa, principalmente no que afeta a contiguidade de relações, traja um sistema de crenças que movimenta sentidos e significados de existência individual. Esta pesquisa se inclina, dentre outras variáveis, para o “acreditar” individual como uma representação da realidade social. Busca aproximar-se da exposição de uma razão de mundo, em primeiro momento, que difundiu a liberdade e a autonomia como intrínsecos valores humanos; que atribuiu ao “trabalho” um traço de dignidade e que naturaliza uma cultura concorrencial em diálogo com a “esperança” no decorrer dessa passagem.

Neste deslocamento, a “esperança”, que é assente pelo senso comum, é disciplinada como um sentimento de “natureza universal”, uma imanência humana profunda e de aparência irracional. Ela seria intrínseca a uma estrutura emocional pertencente ao íntimo do indivíduo, podendo ser acionada aos efeitos da sua “personalidade”. No entanto, parte-se aqui neste trabalho da esperança em sua forma historicizada e com uma tradução polissêmica em disputa na realidade social. Presencia-se a “esperança” como uma “emoção” inscrita em práticas individuais, mas desenvolvida no arranjo da política histórico-social (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990).

Existindo como uma representação cultural, a esperança torna-se uma variável ordenada na relação contextualizada do espaço-tempo. Eleva-se no ditame sociocultural por intervenção do poder simbólico de discursos emocionais<sup>1</sup> que transitam a ocupação/formação de imaginários e que mobilizam a organização de uma competência emocional. As narrativas de esperança, o “empreendimento” de “normatização” emocional delas como uma moral social, posicionam o caminho dessa pesquisa.

A esperança parece informar uma maneira de se pôr no mundo, um modo de ser no individualismo moderno. Uma emoção tratada de forma temporalizada no porvir, mas que depende da relação com o presente. Reestrutura-se mais uma “condição” de solidariedade social, em termos de coesão e por meio de “experiências afetivas” (REZENDE e COELHO, 2010), como maneira de dinamizar a fronteira entre o presente

---

<sup>1</sup> A inovação do contextualismo está em sua inspiração na noção foucaultiana de “discurso”. Essa proposta teórica baseia-se na concepção de discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação. Ou seja, nela o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele (REZENDE e COELHO, p.78, 2010).

e o futuro. Depara-se com uma “composição” inscrita em uma “gramática emocional” que carrega e é “provocada” por traços de produções simbólicas de componentes socioculturais.

A esperança, como um conjunto de emoções organizada em relações marcadas no “trajeto” cultural, pode projetar, a depender da configuração de “intencionalidades”, a “instrução” para comportamentos individuais. Logra-se socialmente “modos” de aprendizado para conhecer e possui-la. Significa-se, a esperança, a partir dos seus usos, inscrita nas “diferenças” de desejos individuais, ao mesmo tempo que uma moral social condiciona e impõe a conservação de uma necessidade, a doxa de ser sempre “esperançoso”.

Elabora-se pedagogicamente a atividade da “esperança” como um “estilo de vida contemporâneo”, um “artifício” para estar e compreender, que exerce decorrências sobre o mundo. A congruência do trabalho de uma emoção apropriada por um tempo específico, que pauta e dá sentido ao estado individual de ser “positivo”. Aclama-se uma habilidade emocional a ser posta em rotina como forma de conduta útil. Compõe-se, enquanto prática social, a criação de uma competência, também emocional, a ser perseguida e apreendida por indivíduos “atentos”.

Em superfícies imbricadas em possibilidades múltiplas de julgo subjetivo, examina-se a face da esperança, apropriada em discurso contextualizado por processos culturais, “rendida” a substituir o “disciplinamento comportamental”, rígido, em favor da crença positiva, “graciosa”. Abre-se para novos procedimentos de poder na constituição de sujeitos aptos para a formação do auto destino. A esperança, tomada nesta pesquisa, anuncia, enquanto emoção, a esteira de um tempo específico. O traço de catexia de relações voltadas, em expectativa, a refratar o desalento.

As primeiras inquietações surgiram com o sucesso editorial da literatura de autoajuda, como refletem alguns pesquisadores sobre o cenário brasileiro<sup>2</sup>. Destaca-se, em primeiros estágios dessa formação, um preconceito classificando essa modalidade de escrita com uma diminuta importância<sup>3</sup>. Ainda assim, os números de *rankings*

---

<sup>2</sup> Turmina (2010); Bosco (2001); Mazzilli (2019); Albuquerque (2015); Picanço (2013); Martelli (2006).

<sup>3</sup> Considerados apenas mais um livro de não ficção, um manual, um *best-seller* de bolso, os livros como os de Dale Carnegie ou de Napoleon Hill não eram tratados como um gênero literário, mas como manuais que apresentavam fórmulas de sucesso fadadas a falhar. De acordo

dedicados em explicitar o “sucesso” alcançado por esse nicho de mercado editorial demonstram uma nova realidade. Conforme o Painel do Varejo de Livros no Brasil<sup>4</sup>, no que destaca as séries históricas dos anos 2024 e 2025, a variável “não ficção *trade*” ocupou a sequência de primeiro e segundo lugar de maior faturamento do mercado editorial brasileiro, com 29,52% e 28,61% do seu total. A literatura de autoajuda se estabeleceu. Desperta interesse e se apresenta com carregável chancela de profissionais que se ocupam em direcionar “jeitos de viver”.

Trabalhos de pesquisa<sup>5</sup> devotados a essa representação cultural, a literatura de autoajuda, datam em sua maioria o século XIX como a primeira aparição de uma publicação atenta a expressar a “condução de uma conduta”. O nome de Samuel Smiles se caracteriza como um precursor. Autor escocês que construiu uma publicação dedicada a propor um código ético, moral e estético à categoria indivíduo. É publicado em 1859 o livro *Self-Help*. A perspectiva adotada nutre o indivíduo como responsável pelo seu itinerário, bem como pela transformação social. Inaugura-se um guia de vida. Um tutorial de comportamento humano. O pioneirismo de um estilo de escrita que se espalha em tempos vigentes por uma variedade de temas que se apoderam em dizer como fazer.

Diante de uma dilatada representação social e cultural do que seja autoajuda, um primeiro recorte se impõe a esta pesquisa. Considera-se aqui o processo de reestruturação produtiva que data, cronologicamente, ao mundo do trabalho nas décadas de 1970 e 1980. Escoltado por uma mentalidade neoliberal, em uma cultura concorrencial, qualifica-se também uma literatura de autoajuda tendente a esperança. A pesquisa não se furta ao direito de uma análise sócio-histórica mais abrangente, mas ela

---

com matéria de Fortarel (1966) na Folha de São Paulo, a já referida obra de Dale Carnegie era apenas a importação que tinha a pretensão de ser uma bíblia para se vencer na vida, mas que nada podia se acrescentar aos seus leitores. De acordo com a matéria, esse tipo de prática literária só poderia estar fadado ao fracasso, uma vez que nem mesmo os autores eram beneficiados pelos seus feitos. Como demonstração, o jornalista usa o exemplo de Carnegie que, mesmo tendo prometido uma vida longa aos seus leitores, morrera na casa dos 60 anos. [...] A análise documental realizada nessa pesquisa a partir dos acervos da *Folha de S. Paulo* e da revista *Veja* para a década de 1990 mostrou, por um lado, o papel da mídia enquanto uma das grandes difusoras dessa literatura. [...] Entretanto, ao mesmo tempo que a divulgam, as publicações nessas mídias foram grandes propulsoras da percepção desses manuais enquanto uma *literatura menor*. O jornal e revista mencionados trazem, durante a década de 1990, menções frequentes a essa literatura como inútil, simples reafirmação do senso comum, e até mesmo nociva (PICANÇO, 2013, p. 12-13).

<sup>4</sup> Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL (Acessado em 09/03/2026).

<sup>5</sup> Conforme referências da nota 02.

parte e se sedimenta deste recorte e da ideia de esperança anunciada em significados culturais (REZENDE e COELHO, 2010), a favor do prelúdio da formação de um novo indivíduo, “neosujeito”; da observação de *coachs*/autores; de uma escrita que eleva o indivíduo a uma reflexão autocorolária e, por fim, de um capitalismo emotivo<sup>6</sup>.

O contemporâneo é nuançado. Contudo, nele, a representação “indivíduo” se situa como invulnerada. Se a tradição expôs a força do comunitário/coletivo, o tempo presente redoma o indivíduo. Uma instância a ser preservada, não só em sua garantia de direitos, especialmente em suas responsabilidades. O “processo disciplinar” guiado e forjado por séculos, é termômetro do cuidado, e da formação dessa instituição. A individualização combinou um novo formato de socialização que espelha desejos, autonomias, fortalece os usos da psique e frui uma via de mão-dupla entre a subjetivação do racional e a racionalização do subjetivo.

Adota-se que o movimento do iluminado subalternizou os “encantos”. A secularização ditou uma nova razão, novas construções de “verdades”. Os sentidos tradicionais são descaracterizados em uma última visão de mundo. A perspectiva antropocêntrica racionalizou o subjetivo em uma asserção de um caminho sem volta. Tenciona-se a fidedignidade do que não seja verificado por meio do “método”. Há um consenso, as revoluções burguesas inauguram um novo mundo. Max Weber aponta que as paixões se tornam escravas da razão (SAINT-PIERRE, 2004).

No entanto, constata-se no mundo recém-adquirido o reencantamento, ou a permanência de interpretações concomitantes à racional. Parece ser um ponto já pacificado e estabelecido. Na literatura de autoajuda, o expediente da distinção aparenta um não desassossego. De maneira oposta, a razão e outras visões convivem na construção de diagnósticos da realidade social. Indicações são apresentadas como “verdades sinceras” no casamento de múltiplos artifícios para dispor ao indivíduo.

Este trabalho lança-se para uma cultura de autoajuda auto empreendedora e estimuladora de discursos emocionais sobre a esperança. Observando a performance do *coach* contemporâneo, algo que também reclama uma análise mais próxima. Assim,

---

<sup>6</sup> “O capitalismo do consumo, além disso, introduz emoções para criar necessidades e estimular a compra. O *emotional design* molda emoções e padrões para maximizar o consumo. Hoje, em última análise, não consumimos coisas, mas emoções. Coisas não podem ser consumidas infinitamente, mas emoções sim. Emoções se desdobram para além de seu valor de uso. Assim, inaugura-se um novo e infinito campo de consumo” (HAN, 2018, p. 66).

manifesta-se um primeiro “vulto”. O ponto de vista “espiritual”, a interlocução com uma moral sobrenatural/divina, esteve presente na esteira dessas publicações<sup>7</sup>. Mas há uma nova relação com o místico? O (a) autor (a), *coach* de autoajuda, flerta com uma “neoespiritualidade” em seus usos performáticos? O espiritual e o racional dialogam contemporaneamente nessa modalidade de escrita?

As soluções correspondem ao imediato, o agora que rompe o desuso com frequência. A sensação posta pelo ritmo das respostas aos desafios instituídos, corrobora com o que se é interpretado pelos analistas à postos e auto referendados. Os mesmos anunciam conter as interpretações cabidas para viver em circunstâncias que anunciam mudanças cotidianas e rotineiras.

São oferecimentos de afago. Uma proteção para um incerto que deve ser encarado como uma seara de “promessa”. O embate simbólico entre a construção da “gramática” da esperança e a desesperança empírica deixam rastros nos dizeres do *coach* contemporâneo, seja na publicação escrita, ou no aconselhamento verbal, sendo chave de interesse para esta pesquisa. Sublinha-se com esse exame, se aproximar das autoimagens da autoajuda contemporânea, tanto por meio das performances individuais, como pelos registros editoriais.

No centro de tudo para este domínio está o indivíduo. Ele é o propósito a ser “desenvolvido”, preparado ou recuperado. Uma instituição criada em um tempo histórico específico, com a promessa de uma autodeterminação irrestrita e sem tutela. O discurso da autoajuda, calçado também pela psicologia positiva, inverte essa noção. Origina-se uma auto dependência “indispensável”. Insuspeita pela necessidade corrente do indivíduo se adequar pelo procedimento “ajuizado” de se relacionar. A meta proposta da autoajuda é alcançar a “felicidade real”.

---

<sup>7</sup> “O movimento americano do Novo Pensamento sintetiza as novas tendências da literatura de sucesso. Associando a religiosidade, a psicologia e ciências naturais (magnetismo), o Novo Pensamento apresenta a ideia básica do poder da mente como uma emanção do Divino e, desta forma, apto a prover o indivíduo em seus desejos de sucesso ou saúde. Abre-se a possibilidade da realização do eu através do desenvolvimento pessoal, ligado a um eu superior místico e religioso, mas diminuindo a importância de uma ordem moral superior. [...] A doutrina do Novo Pensamento atenua a constatação de que somente poucos eleitos alcançarão sucesso num ambiente competitivo. O argumento central desse movimento sugere que, enquanto emanção de Deus, basta ao indivíduo desejar ardorosamente para ter. Serão herdeiros desta tradição os populares Norman Vincent Peale e Napoleon Hill que, em meados do século XX, utilizam-se de todos os meios de comunicação de massa para a difusão do Pensamento Positivo” (BOSCO, 2001, p. 11).

Se ferramentas são postas para a organização de imaginários emocionais de esperança, o desejo da felicidade plena, uma instituição moderna, acompanha concomitantemente este processo. Ser triste, é sinônimo de fracasso. Coisa que se espera afastar nas relações do mundo do trabalho e das próprias organizações, prescreve a literatura que se põe a ajudar. Em um contexto de materialização do descarte, sentimentos “inoportunos” também não cabem. Extirpá-los identicamente se coloca como uma imprescindibilidade que justifica o uso e o contato com a ajuda do *coach* em atividade presente.

A literatura de autoajuda empreendedora comunica. Sua escalada é inerente ao processo de acirramento de uma individualização corresponsável. Seria razoável considera-la um fenômeno de escrita menor? Ou é uma representação cultural influente? É identitária de um pujante capitalismo orientado e “neosentimental”? É coerente com o discurso concorrencial, e se põe a revigorar o mesmo. A sua atuação envolve o secular, a gestão racional em trânsito com a gestão emocional<sup>8</sup> que transportam “marcas culturais”. Ser feliz não é somente um “estado de espírito”, é uma busca exigida.

A disposição de modalidades e assuntos que ocupam os títulos das obras, exibem a abrangência de um mercado pretendo a ofertar diretrizes múltiplas. Do místico à culinária, as propostas desaguam em “presentear” o auto fazer. Com maior intensidade, amarra-se um ar de incumbência em seguir a possibilidade dada. Uma dádiva no incerto, ou na ignorância. Ao seu público, coerção e acolhimento se misturam. São referências que anunciam saídas. Pressupostos que “blindam” agruras. Projetam-se para ensinar a ser.

As emoções são apercebidas pela lógica de “leis universais”. Apesar disso, enaltece-se o leitor em uma autoimagem única. O sociocultural, o histórico, estão presentes. A despeito disso, o indivíduo é o detentor do rompimento. Não há limites diante da “força” existencial, que essa sim está condensada como exclusiva. Real diante de uma preparação possibilitada em primeiro estágio pela escuta. A transformação vem com o agir. Individualiza-se novamente. Um ciclo onde o direcionamento é um cânone, mas o triunfo é um processo desacompanhado.

---

<sup>8</sup> “As emoções tornam-se então parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto” (REZENDE e COELHO, p. 30, 2010).

A literatura de autoajuda e o profissional *coach* não dão ares de instituições estanques. Se renovam, inventam e são reinventado. Falam a partir de uma época histórica. Introduzem mecanismos de atuação em diferentes ambientes sociais. Inspiram-se em companhia do que é posto, e socioculturalmente como imanente. Não há culpa pelo desapego, por ideias tênues. Não ficar de “fora” já é justificativa dada. Inovar é verbo recomendado, e ao mesmo tempo adotado.

Nesse sentido, há uma cultura de autoajuda e uma performance *coach* contemporânea que se entrelaçam. A pesquisa rastreia esse percurso. À frente de um mercado editorial brasileiro múltiplo neste segmento, bem como uma variedade exponencial de profissionais, delineamentos mais específicos irão se justapor. No entanto, a mirada está alocada em uma representação cultural. Uma variável de um capitalismo que se ajusta, e de um neoliberalismo arguto. Notabiliza-se uma identidade de escrita, a fidelidade de um discurso emocional contextualizado, a compatibilidade de performances. Concorrência, esperança e desesperança convivem.

Nesse estatuto, ao leitor, são apresentadas vocacionalidades prováveis. A recém-adquirida “sorte” de ajustar comportamentos. Para além de uma receita, a exibição de uma genuína fórmula de acerto. Reforça-se um ambiente de positividade. Sair do caos é uma tomada de decisão. A assistência está às mãos. Ainda assim, na presença de tantas ofertas, a quem recorrer? Nesse segmento, a chancela institucional, e os pronomes de tratamento possuem ascendência simbólica. O neologismo “*master*” aparece como sinônimo de conhecimento superior. O substantivo “Instituto” anuncia o espaço, o local onde as transformações pessoais podem ocorrer.

Nesse trâmite, providencia-se mais um recorte, na verdade o seguimento descritivo de uma tríade. Lança-se metodologicamente para uma análise mais detalhada de um “evento”-autor-livro, buscando uma abordagem mais empírica e particular à reflexão sobre a autoajuda vigente e a formação *coach*. Este trabalho se debruça sobre o caso do Instituto Brasileiro de Coach – IBC. Um espaço fundado pelo autor/*coach* José Roberto Marques, que anuncia a publicação de “mais de setenta livros” de sua autoria em suas passagens na esfera pública.

Em uma sucinta aproximação, na aba “Sobre o IBC”, do site correspondente<sup>9</sup>, depreende-se a seguinte informação: “Você está no lugar certo por 10 razões: Única

---

<sup>9</sup> <https://www.ibccoaching.com.br> (acessado em 24/07/2023).

certificada pelo ISO 9001; 97% de satisfação e encantamento; A Instituição de Coaching mais premiada do Brasil; Turma em 96 cidades do Brasil; Validação Científica – UFRJ; 5 credenciais internacionais em coaching; + de 1 milhão de pessoas treinadas; Metodologia patenteada; Líder de mercado pela OHIO University, EUA; Reconhecidos pelo MEC”.

José Roberto Marques – JRM, na aba “Sobre”, em seu site pessoal<sup>10</sup>, entre outras informações é descrito como “*Master Coach Senior e Trainer*, Presidente e fundador do Instituto Brasileiro de Coaching – IBC, a maior e mais conceituada escola de *Coaching* do país. Com um estilo visionário e experiência de mais de 30 anos em treinamentos comportamentais, inovou ao desenvolver a exclusiva metodologia *Self Coaching*, que dá base ao *Professional & Self Coaching* – PSC, o curso de *coaching* mais completo e diferenciado do Brasil e do mundo”.

JRM recebeu notoriedade de sua imagem em alcance nacional, quando participou de um *reality show* de empreendedorismo na Record TV. Em “O Aprendiz”<sup>11</sup>, como conselheiro do apresentador Roberto Justus, JRM teve a função de auxiliar no “desenvolvimento” de pessoas durante a disputa – gincanas empreendedoras -, bem como na tomada de decisões do chefe/apresentador. Mais do que um coadjuvante, construiu-se por meio da mídia eletrônica a brecha de uma projeção.

Com mais de quatro milhões de seguidores em sua conta de *Instagram*<sup>12</sup>, com um milhão trezentos e setenta mil membros no “Canal do Zé”<sup>13</sup>, com mais de vinte e cinco aparições literárias no *Market Place* da Amazon<sup>14</sup>, JRM renovou o mercado ao também atrelar a sua imagem de *coach* contemporâneo ao espectro de uma Instituição que se apresenta com um “selo racional”, ao lado de também um discurso “espiritualizado”<sup>15</sup> em publicações autorais. Razão e emoção, desencantamento e

---

<sup>10</sup> <https://www.jrmcoaching.com.br> (acessado em 30/07/2023).

<sup>11</sup> Uma versão brasileira do programa televisivo estadunidense *The Apprentice*, da rede NBC, que foi apresentado pelo empresário e atual presidente americano Donald John Trump.

<sup>12</sup> @joserobertomarques (acessado em 12/05/2026). No acesso de 02/08/2023 constavam um pouco mais de dois milhões de seguidores.

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/@joserobertomarquesibc> (acessado em 12/05/2026).

<sup>14</sup> <https://amazon.com.br> (acessado em 12/05/2026). Na verificação de agosto de 2023 presenciava-se um total de 13 livros expostos.

<sup>15</sup> Em seu livro *Leader Coach: coaching como filosofia de liderança*, José Roberto Marques, entre outras passagens condensa que: “Inserido na pirâmide por Dilts, o sétimo nível foi chamado por ele de nível da Espiritualidade. No entendimento do autor, o estágio último é aquele em que nos encontramos com nossa parte divina. A parte em que unimos nossa consciência à nossa parte etérea, nossa centelha divina. Resolvi chamar esse nível de Legado,

reencantamento, desesperança e esperança, caos e positividade, concorrência e solidariedade, aparenta frequentar-se.

Alguns títulos dos livros de sua autoria incitam curiosidade. “Seja a solução dos seus problemas”; “Leader Coach: Coaching como Filosofia de Liderança”; “Desperte seu Poder”; “Mindset Milionário”; “O livro do perdão: Aprenda a construir uma vida sem culpas”; “Crenças e Arquétipos – Você pode curar sua vida”; “Coaching um movimento de mudança no mundo” e “Viver em família: como vencer as dores e os conflitos familiares”. São alguns exemplos, por meio da representação das denominações, da hipótese do encontro de diferentes visões de mundo.

As duas instituições, José Roberto Marques e IBC, são significadas no universal positivo. Acompanhar o encontro das mesmas, analisar as práticas de convencimento da cultura de autoajuda contemporânea nessa junção, compreender a organização da autoridade do(a) autor(a) de autoajuda, observar a posição da cultura de autoajuda diante à desesperança social, demonstrar os argumentos do “método” de autoajuda para o reforço da visão meritocrática, constituem objetivos da pesquisa.

As inferências e o encontro com os dados da cultura de autoajuda contemporânea andaram com a perspectiva da pesquisa explicativa. Por intermédio da abordagem qualitativa, os discursos emocionais, a linguagem<sup>16</sup> e as estratégias de convencimento do IBC e do *coach* contemporâneo de autoajuda devotadas a emersão de “esperança” formaram o percurso da análise. Como dispõe Abu-Lughod e Lutz, “o estudo da emoção como discurso nos permite explorar o modo como a fala fornece os meios pelos quais concepções locais da emoção exercem seus efeitos e obtêm seu significado” (1990, p. 14).

No traçado da cultura de autoajuda, o discurso das “produções simbólicas” e as “promoções de valores” contemporâneos voltados às construções de crenças/esperanças e desejos individualizados são observados em diálogo com a Antropologia das

---

porque, para mim, o legado transcende a espiritualidade do indivíduo. É o que vai ficar de cada um de nós depois de nossa passagem nesta dimensão física e atemporal. Esse nível relaciona-se com o sistema universal do qual o indivíduo faz parte. Nele podemos destacar a ética, a religião e a espiritualidade. Refere-se ao senso de significado e de propósito de vida” (MARQUES, 2022, p. 50).

<sup>16</sup> (...) “a linguagem possui uma relação com a exterioridade, esta entendida não como algo fora da linguagem, mas como condições de produção do discurso que intervêm materialmente na textualidade, como interdiscurso, isto é, como uma memória do dizer que abrange o universo do que é dito” (GUERRA, 2009, p. 6).

Emoções, Sociologia da Cultura e Estudos Culturais. Adjunta, a Sociologia do Trabalho atravessando os conceitos de “precarização” e “polivalência”, igualmente são margens que sustentam a aproximação com o denso objeto.

No primeiro capítulo, sanciona-se de onde se fundamenta este trabalho para observar a cultura de autoajuda e o *coach* contemporâneo. Pesa-se a formação sócio-histórica e sociocultural para o argumento de uma intenção. Da constituição de uma nova razão, passando pelo trabalho reencantado e ao mesmo tempo precarizado. De uma autoridade positiva que patenteia a felicidade como uma competência de um ideário do “adulto produtivo”. A veneração da psique para a gestão de “vocações” de “sujeitos” não hesitáveis.

O dever ser, impingido pela tradição que sustentava rotinas de vida e escamoteava escolhas de destinos por parte dos sujeitos sociais, perde força e não ampara mais modos de vidas possíveis. O mundo moderno engendrou um contínuo de vida instável. O projeto iluminista formou autonomias individuais, acenou para construções versáteis de vida, desencadeou variedades de profissões dentro de uma lógica alienável capitalista, apresentou instabilidades e riscos sociais (BECK, 2011) e despendeu reponsabilidades existenciais que acompanham contextos socialmente desamparados.

Em espaço concomitante, um novo imaginário social se aquiesce e configura a presença central do indivíduo como àquele “condenado” pela sua construção biográfica. O insucesso das relações pessoais ou profissionais corrobora o pensamento de que o fracasso não deve ser socializado. Novos recomeços são sempre possíveis em um ambiente tido como oportuno. Nessa esfera, os livros de autoajuda, ao lado do *coach* contemporâneo, põem-se no espaço a fim de recuperar o fôlego existencial. Contribuem num mesmo imaginário em que se pressupõe que os destinos de vida estão a consecução de todos, e esses mesmos movimentos podem ser auxiliados por fórmulas e modelos capazes de paramentar a própria forma de atuar em sociedade.

No organismo da precarização, termos e conceitos trazidos a reboque no processo de reestruturação produtiva<sup>17</sup> no último quadriênio do sistema capitalista pulverizaram-se e redesenharam subjetividades ao extrapolar o mundo do trabalho, e ele, mundo do trabalho, também ser extrapolado por novas construções culturais em uma completude dialética que rompe tradições e intensificam “planos” ou “jeitos” de

---

<sup>17</sup> Cf. Antunes (2013).

viver. Sujeitam-se novos indivíduos inseridos em uma lógica de que diante de você, tudo é possível.

A “polivalência”, conceito tão bem problematizado pelos teóricos do trabalho (ALVES, 2000; ANTUNES, 2020; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; DAL ROSSO, 2008), expressa o leque de expectativas e designíos impostos aos indivíduos fora ou inseridos em ambientes de trabalho. A velocidade das relações, a defesa ao horror a tudo aquilo que se coloca como rotina (BAUMAN, 2001), ou acomodação individual, levanta expectativas e exige-se novas atitudes e incessantes recomeços.

No segundo capítulo, a pesquisa inclina-se para uma aproximação etnográfica com o IBC/JRM, em regra por meio de suas plataformas digitais e encontros, com a finalidade de um rastreamento discursivo do *coach* interlocutor em performance emocional de treinamento. Em concomitância, sobrevém uma observação participante do “evento” Desperte o Seu Poder – DSP, que configura um destacável “produto de imersão” do IBC. Espera-se, assim, compor a superfície dos lineamentos de esperança e o percurso favorecido para as identificações organizadas, simbolicamente, aos que absorvem em alguma medida tais processos.

Ulteriormente, no terceiro capítulo, dialoga-se com a produção simbólica da “crença” no exame de três publicações de JRM apontadas, ao julgo do mesmo, como bem classificadas em termos quantitativos e com espaçamento cronológico no mercado editorial brasileiro. Para tal propósito, isso decorre em conjunto com os conceitos de regra de sentimento (Hochschild, 2003; 2012), de aceleração (Rosa, 2019) e de zonas de bem-estar (Han, 2021).

Empenha-se, nesse sentido, para um balizamento documental, em corredor com relações socioculturais, que possa testemunhar variações e para a análise de discurso buscando identificar como tais livros significam a esperança e reencantam as responsabilidades individuais perante um mundo do trabalho composto pela também, mais uma vez, desesperança.

Conjectura-se, em primeiro abeiramento, que ao indivíduo leitor, ou ao treinado/capacitado, JRM possui a oferta de soluções reveladas por diferentes tradições de conhecimento. Será essa, dar voz em multiplicidade, uma variável da autoajuda, e do *coach* contemporâneo? Antemão, o processo de individualização, casado com a cultura de concorrência neoliberal convizinha o anseio por saídas. Orientações que possam

sustentar o desconhecido. Nesse recinto, a positividade cooperada e a concorrência explícita, dirigem-se.

Esse enlace projeta, como uma de suas demarcações, a intensificação da categoria indivíduo, e com ela, a tentativa de responsabilização do mesmo por todas as suas capacidades, fracassos pessoais e sociais. Manter-se pronto e disposto nas instituições, com as quais se depara, passa a ser uma função exigida na família, no trabalho, em vínculos acadêmicos, na religião, nos laços de amizade, nas redes sociais e em tantas outras que formam, mantêm e reformam rotinas.

O “saber ser” e o “saber viver”, cunhados em uma cultura que antepõe o indivíduo ao coletivo, geram expectativas, modelam corpos, atitudes e falas na busca de identidades de vidas possíveis. O sentido de superar-se, conceito tão trivial ao mundo da competitividade corporativa, acomoda-se no linguajar e nas expressividades das relações pessoais. Enquanto posturas de agir, culturalmente expressada, modelos de vida e modelos de como formar trajetórias de vida se apresentam como oportunidades dadas positivamente para não se perder o alcance das “maneiras certas de existir”.

Se o processo de individualização formou a cultura meritocrática, essa mesma cultura apoiou em seu bojo como uma das formas de sustentação, o diálogo com a literatura de autoajuda. Ao apresentar padrões de vida e de comportamentos, esses guias traduzem como uma de suas delegações, que as sequências de vida, paz e felicidade das pessoas, dependem única e exclusivamente delas (MARTELLI, 2006).

O novo trabalho (ANTUNES, 2020), postulado após “modelos flexíveis” de reconfiguração de produção, construiu novos encargos aos indivíduos, bem como se aproximou de um novo imaginário social propício de traduzir na literatura de autoajuda um fenômeno editorial com vendas vultosas, como é o caso brasileiro<sup>18</sup>. Alicerçada pela premissa de que trajetórias de vida dependem em grande medida do próprio sujeito social, a indústria cultural de autoajuda contempla modelos, exemplos e símbolos de personagens.

Expressos por meio de publicações e orientações que se colocam como capazes de atuar na forma de falar, vestir, relacionar, na espiritualidade e alimentação, no mundo

---

<sup>18</sup> Dos 15 livros mais vendidos no Brasil de 23 de março até 12 de julho do ano de 2020, 10 são de autoajuda, conforme aponta o ranking elaborado pela Nielsen Bookscan Brasil (RODRIGUES, 2020).

corporativo estampados através de uma perspectiva de inovar, onde o “faça você mesmo”, é orientado por meio de espécies de “oráculos” contemporâneos aptos para “marionetizar” expressividades particulares. Fé e exaustão, no arranjo considerado, se associam. Desejos segmentados e comportamentos universalizados em uma “natureza” de trabalho multifuncional.

Processos históricos, contextos e circunstâncias socioeconômicas e socioculturais, tangenciadas pelo certame da política e do poder, são amenizados pela lógica da instituição autoajuda, em que nela, a tudo o indivíduo é capaz, e a tudo é responsável na dualidade sucesso – fracasso. Seguir passos, escutar e absorver histórias de sucesso, pensar positivo, consumir conteúdos de *coachs*/influenciadores profissionais, ter força de vontade, tomar como legado experiências específicas da vida de sumidades estruturados midiaticamente, constitui um ato de sabedoria e inteligência emocional aos olhos dessa cultura.

Nesse processo, mais uma vez, tanto a cultura concorrencial se abastece da “usina” da autoajuda, bem como as publicações adotam o modelo de sociedade pelo mérito, como terreno fértil para forjar arquétipos de pessoas em modos de vida que se adotam como “necessários”. Insurge-se neste ambiente constantes indicações<sup>19</sup> que apontam possibilidades e operam na tentativa de suavizar o desconhecido e salvaguardar “esperanças”. Consequentemente, o fenômeno editorial dos manuais de autoajuda, bem como a performance de *coachs* contemporâneos não levaria a pensar que de uma certa forma ela, a autoajuda, envolve, ou melhor, mesmo que efemeramente, dá a impressão de melhorar em alguma medida a vida de seus consumidores?

Ao processo hegemônico ou à “mão invisível” do mercado pouparia esforços ou inebriaria relações e acordos sociais? Diante de incertezas constrói desejos e dita esperanças para aspirações imediatas e (im)possíveis? Estaria a ciência ou o processo racional de sociedade desarrimado com relação às respostas trazidas pelos guias? Perante a lógica proselitista de se autoajudarem estariam os indivíduos em mais um estado “positivo” de controle social?

---

<sup>19</sup> No livro “Os 7 hábitos das pessoas mais eficazes” uma passagem traz que: “como qualquer força natural, a gravidade pode trabalhar para nós ou contra nós. A força da gravidade de certos hábitos pode nos impedir de ir aonde desejamos. Mas é também a força da gravidade que mantém nosso mundo no lugar, os planetas em suas órbitas e o universo em ordem. Trata-se de uma força poderosa, e, se a usarmos eficazmente, esta força da gravidade do hábito servirá para criar a ordem e a coerência necessárias para introduzir a eficácia em nossas vidas” (COVEY, 2005, p. 28).

Postas essas questões iniciais, uma interrogação se impõe: Como se estabelece a formação de “esperança” que a cultura de autoajuda contemporânea desempenha na conciliação com o contexto de desesperança social? Destaca-se em primeiro ângulo, no plano hipotético, colonizando sistemas identitários que representam o retorno de elos de segurança comunitária outrora vividos<sup>20</sup>, que ao mesmo tempo geram a sensação de protagonismo individual<sup>21</sup>.

Elas, performances de autoajuda, procuram inventar novas identidades que aquecem o sentido de pertencimento tão distante em tempos de economia flexível. Ou seja, a constituição de novas culturas de trabalho, acompanhada pela cultura de autoajuda contemporânea, pode ensejar a criação de indivíduos constituídos por controles que estabelecem rotas, mudanças ou permanências de relações sociais em diferentes contextos.

Uma vez que, estimulados por modelos e cartilhas descritas de trajetórias simbólicas daquilo que se adota como padrão ou “dever ser”, os parâmetros dados e cristalizados em épocas de tradição perdem espaço por um contexto recortado pela incerteza (BAUMAN, 2001), onde a busca incessante por novos caminhos e abastecidos de uma multiplicidade de pensamentos em uma estrutura de comportamento reflexivo (GIDDENS, 1991), gera posições incertas onde frutificam modelos prontos que dizem trazer, além de receitas, as melhores escolhas.

O exame sociocultural ampara a dinamicidade de uma sociedade contemporânea onde se estruturam variáveis ideológicas de convencimento que ocupam forças capazes de tencionar o imaginário social. Esta pesquisa sinaliza e busca observar a cultura de autoajuda e a performance do *coach* como sendo uma delas. Como não poderia ser diferente de contextos atuais, a cultura da autoajuda exerce um convite para uma análise complexa que extrapola a sujeição de diagnósticos ou julgamentos simples imbuídos de verdades absolutas, sendo essas últimas, também fôlego deste próprio objeto.

---

<sup>20</sup> [...] “a nostalgia não se restringe a uma temporalidade inscrita no passado, mas, ao contrário, constitui-se em um sentimento capaz de se lançar a esperanças no futuro e dar sentido à vida no presente” (COELHO e OLIVEIRA, 2020, p.1091).

<sup>21</sup> “Há o desejo de segurança que vem com os compromissos com os laços sociais, ao mesmo tempo em que há a vontade de ser livre e independente para fazer escolhas” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 119).

## 1 Esperança: um atributo ético da liberdade individual

*Na verdade, qual idealização é  
capaz de se manter, qual sonho  
pode persistir indefinidamente,  
quando confrontado com a  
precariedade natural dos seres e  
a monótona cantilena da eterna  
repetição das coisas?*

*Gilles Lipovetsky*

### 1.1 – Cultura de Trabalho, Hesitação e Polivalência

As novas culturas de trabalho, acompanhada da cultura concorrencial, enseja a criação de indivíduos constituídos por poderes que estabelecem rotinas, mudanças ou permanências de relações sociais em diferentes contextos. Para tanto, estimulados por modelos de trajetórias simbólicas daquilo que se adota como norma, os parâmetros dados e cristalizados em épocas de tradição perdem espaço por um contexto recortado pela incerteza (BAUMAN, 2001).

A demanda por novos caminhos, abastecidos de uma pluralidade de pensamentos em uma estrutura de comportamento reflexivo (GIDDENS, 1991), tem gerado posições incertas, originando modelos prontos que dizem trazer, além de dosagens, as “mais acertadas” escolhas. Orienta-se um comprometimento individual, mas pautado na assessoria procedente. O razoável é decidir por meio da guarida assistida. Confiar, agir e se arriscar na performance da continuidade.

Uma característica é distinta ao novo trabalho e a tudo aquilo que organiza o seu arranjo cultural. A classe trabalhadora em trânsito formal ou informal, terceirizada ou não, constante com mais ou menos direitos, convive a reboque com o risco iminente da perda do trabalho. Não obstante, a cultura de autoajuda exala recomendações de como não se chegar a este ponto, mas se ocorrer, aceitá-lo como “natural” – uma forma plácida de recomeço – também um desafio, um dever destes novos atores sociais em tempos não mais fordistas. Como aponta Martelli, para manter-se em curso ou ligado a uma organização:

Nosso tempo exige que o trabalhador agregue todas as qualidades dos ilusionistas – ser um transformador da realidade, vender soluções, atuar espetacularmente dentro da organização, convencendo e persuadindo, liderando pela via do encantamento com as “receitas mágicas apresentadas”. Exige também que sejam equilibristas e, ao mesmo tempo, que possam ser audazes, velozes e competitivos, tal como os motoqueiros do globo da morte. *Show*, competência e equilíbrio. Parece ser essa a receita do sucesso (2006, p. 145).

Em relações de trabalho significadas pelo *toyotismo*, e exprimidas pela velocidade das mudanças, a classe trabalhadora vê-se convencida positivamente em se “reinventar”. Aperfeiçoar é verbo que dialoga nas subjetividades do trabalho atual por meio de diretrizes que preveem ensinar, orientar e ajudar os que são postos a sempre recomeçar. Conjugação esta última que acena para tempos de contínua instabilidade de trabalhadores e trabalhadoras em plataformas neoliberais. Em um ambiente pulverizado pela concorrência, e pela ansiedade do não saber do amanhã, soluções são amplamente vendidas e trazidas em exemplos de vida a serem espelhados ou por caminhos que apontam a melhor trajetória a ser seguida. Para novamente Martelli:

O sucesso editorial dos livros de autoajuda no Brasil e no mundo parece abarcar duas linhas de entendimento: por um lado, pode ser expressão da vitória do saber instrumental e da eficácia da indústria cultural, que trata de homogeneizar comportamentos, de produzir, em massa, problemas, angústias e a solução para tudo isso, por meio de ações controladas e calculáveis. Por outro, o sucesso do fenômeno da autoajuda pode ser uma expressão do *reencantamento* do mundo de que falam alguns autores: ao lado de dados estatísticos, de conhecimentos legitimados pelas ciências, tais manuais invocam os deuses, falam de fé, de sorte, de energia positiva, da força da mente e temem a revolta das forças da natureza e das energias negativas do mundo (MARTELLI, 2006, p. 55-56).

Os guias admoestam, aconselham ou tentam censurar práticas conforme crenças são posicionadas para o melhor trajeto seguir. Os mesmos são contextualizados em um ambiente em constante mudança em que a não plasticidade torna-se um ato a ser execrável. São tempos de instantaneidade das relações pessoais (BAUMAN, 2001), de trabalho e de ritmos de vida. O saber constituído individualmente é sempre ameaçado e permeado pela sensação do desuso e do retrógrado em tempos caracterizados como incertos. Nessas circunstâncias, as condutas individuais, ou pelo menos essas inseguranças, são reafirmadas pelas publicações e performances de *coachs* ao sempre

apresentarem novas formas<sup>22</sup> de se comportar e relacionar diante do rotineiramente inesperado.

O novo moderno apontado por Bauman (2001), entre outros pensadores<sup>23</sup>, carrega como uma das suas particularidades fundante, mais uma vez, a perda de previsibilidade vivida outrora em tempos de tradição. Nesse enlace, como forma de assumir protagonismo norteador do presumível, a cultura de autoajuda se avoca como “instrumento de orientação”, que além de indicar as “melhores” e possíveis travessias, postulam ensinar como continuar sobrevivendo em contextos de descontinuidade que não asseguram o para sempre. Como antecede Bauman:

(...) é vital saber como agem outras pessoas diante de desafios semelhantes. Podem ter descoberto estratégias admiráveis que não percebemos; podem ter explorado partes da questão a que não demos atenção ou em que não nos aprofundamos o suficiente (2001, p. 81).

Se existe uma força atuante que parte da cultura de autoajuda para oferecer projetos de vida, em direção oposta, mas ao encontro disso, há em tempos de trabalho flexibilizado um público desamparado e necessitado em colher experiências que lhe sirvam como alento, para continuar caminhando por meio do exemplo do outro. O consumo por ofertas terapêuticas inflaciona o imaginário social que constitui o indivíduo como o único responsável, capaz ou culpado pela sua própria sorte.

Diante do movediço, as ofertas recebidas são incessantes em proporção que o seu desuso é constatado por uma estratégia melhor, dentro também da conjugação do renovar. A contemporaneidade teceu a “fenixização” autorregulada em que o indivíduo é posto sempre a recomeçar com a forja de uma glamourização desse processo. Insere-se a seleção auto responsabilizada como maneira de existir no contínuo.

Nesse ambiente, pressupor poder escolher e ter acesso à autoajuda compõe o caleidoscópio de um novo recomeço, onde o esteio vivido em longas jornadas de

---

<sup>22</sup> “A ciência já provou que as afirmações, quando feitas corretamente, são uma das ferramentas mais eficazes para se transformar depressa na pessoa que você precisa ser para conquistar tudo o que deseja para si, seu parceiro e seus relacionamentos. Mesmo assim, as afirmações têm má fama. Muita gente experimentou e se decepcionou ao ter pouco ou nenhum resultado. Contudo, você pode usar as afirmações de modo a produzir resultados concretos. Vou ensinar a fazer isso” (2018, p. 77). Trecho extraído do manual “O milagre da manhã” de Hal Elrod, *et al.*, que traz em sua capa a informação de “como criar um amor inabalável e despertar uma paixão para a vida inteira”.

<sup>23</sup> Beck (2011), Giddens (1991), Maffesoli (2007) e Sennett (2012).

tempos fordistas desapareceu. Elas, as ofertas terapêuticas, procuram conceber novas identidades que aquecem o sentido de pertencimento, agora tão distante em tempos de economia flexível. O novo horizonte representa não ter horizonte, no qual o trabalho – privilégio de quem ainda o detém (ANTUNES, 2020) – ao invés de atenuar elos inseguros, incentiva a prática da competição, das estratégias de “guerra”, de estar pronto para absorver cada vez mais desafios compostos pela solidão de tempos presentes.

Bauman (2001) nos relata a força da instituição comunidade ou do ato de juntar-se a uma, como um desejo de obter segurança e caminhar acompanhado no desconhecido. A cultura de autoajuda, ao (re)anunciar essas incertezas ou o risco apresentado em tempos não mais estáveis, trazem à ribalta uma espécie de fórmula que insiste na tentativa de orientar movimentos de vida através de ensinamentos ou exemplos de atores sociais que alcançaram um, novamente, “saber viver”. O recado entoado dentro dessa perspectiva reflete o “faça você mesmo”, como analisa Bauman (2001), ao considerar em estágio contemporâneo, a busca individual e recalcitrante por ambientes de segurança social.

Na literatura de autoajuda, recortes racionais também são pinçados neste processo ao serem convidados a ocuparem as páginas dos manuais entrelaçados em certezas holísticas<sup>24</sup> e receitas devotadas em experiências pessoais. A era moderna trouxe a efervescência individualizada da ansiedade, e, consigo, oferece cartilhas que se pulverizam em comunidades prontas para acatar tal discurso.

Os livros terapêuticos, em seus mais diversos títulos,<sup>25</sup> convidam o público em geral para a solução de problemas vividos em tempos de reestruturação produtiva e desamparo social. Os ensinamentos sugerem a composição de um indivíduo sujeito a contínuas mudanças para prosseguir a tentativa de preservação social, tomando como modelo certas experiências de “sucesso”. Assim, “o que legitima a autoridade do autor de autoajuda é, ao lado do fato de ter vivido a experiência do sofrimento e da superação,

---

<sup>24</sup> “Muitos filósofos afirmaram que o homem é senhor do seu destino terreno, mas a maioria deixou de dizer porque é senhor. A razão pela qual o homem é senhor de seu status terreno e especialmente seu status financeiro está perfeitamente explicada neste capítulo. O homem pode se tornar senhor de si mesmo e do ambiente que o cerca, porque têm o poder de influir sobre o subconsciente” (2017, p. 36). Excerto retirado do livro “Quem pensa enriquece”, de Napoleon Hill, que traz na capa um selo informativo que dispõe que mais de 30 milhões de exemplares foram vendidos no mundo.

<sup>25</sup> O homem mais rico da Babilônia; + esperto que o diabo; O poder do hábito; Os segredos da mente milionária; Do mil ao milhão; O poder da autorresponsabilidade; As 5 linguagens do amor. Alguns títulos dentre os livros mais vendidos no Brasil até 22/09/21 conforme o ranking da Revista Veja no endereço eletrônico: <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/>.

o conhecimento objetivo dos fatos” (ILLOUZ, 2011 *apud* SANTOS & CUNHA, 2015 p. 692).

A desesperança social capitalista, tramada pelo aumento da pobreza e desemprego estrutural, é fundamento para os discursos terapêuticos que trazem prontos os modelos possíveis de alcances sociais por parte do indivíduo. Nesse contexto, tal decisão individual pressupõe a capacidade interna e externa dos indivíduos de “gerenciarem” as suas emoções, escolhas e direções.

Os *coachs* e guias, insuflados em áurea motivacional, se colocam como adequados a orientarem uma capacidade já existente em termos de subjetividade humana. Funcionariam como modelos condutores de como se relacionar, portar-se, cuidar da saúde, da espiritualidade, falar em público, gerenciar carreiras, entre outros formatos para a inclusão em tempos de instabilidade. Desta forma, Gaiad aponta que:

A autonomia individual, portanto, exposta aos diversos riscos que atormentam o indivíduo na sociedade de alta performance, encontra no mercado emocional uma diversidade de ideias sobre saúde mental e bem-estar psíquico, bem como fórmulas para a construção de um eu “positivo” de elevada autoestima, produtivo e performático. Assim, os afetos e os sentimentos passaram a ser um dos principais produtos do capitalismo na era global (GAIAD, 2019, p. 8).

Impulsos devotados para a busca da felicidade individual assumem constância na literatura de autoajuda em um contexto, no qual a desesperança de um mundo do trabalho desapropriador se acentua de um lado, e, estímulos, diagnósticos, receitas de vida e de “sucesso” individualizado, de outro. Esta amálgama traz como pano de fundo uma sociedade que também acena e se estabelece no risco (BECK, 2011), circundada por contextos que tecem ameaças com alcances pautados no acirramento do processo de individualização.

O escrutínio posto é de uma sociedade calçada pelo esmorecimento. Apesar disso, existem possibilidades de continuar a partir de tomadas de decisões individuais que acompanhem modelos que deram “certo” e que buscam amenizar os riscos trajados no fulcro social. A cultura de autoajuda traz de forma inerente uma oferta de afago, e uma solução possível. Atrelada a essa perspectiva, insere-se também que o risco, ou correr o risco, é divisor de águas para àqueles que querem continuar abertos para oportunidades. Nesse contexto, “os riscos não são nesse caso apenas riscos, são também oportunidade de mercado” (BECK, 2011, p. 56).

Diante da promessa de desalento e do risco, as performances do *coach* de autoajuda buscam preservar elos de segurança social, apontando caminhos para reestabelecer crenças e cursos de vida. Não obstante, a pulverização do medo e da instabilidade social torna-se passagem fecunda para os desígnios dos livros de autoajuda. A suscetibilidade da cultura da ameaça, ou de antever caminhos incertos que acomodam tentativas planejadas e receitas de orientações pessoais e profissionais, aportam em um universo em que crises pessoais, como destacam os guias, denotam novos inícios.

Acompanha-se uma sociedade positiva e impaciente (SENNETT, 2012), onde o “para agora”, ao preterir expectativas de longo prazo, suscita terapias que se apresentam como capazes de conduzir pessoas ao melhor dos mundos possíveis. A inventividade da autoajuda sintetiza este processo como uma espécie de encantamento às avessas. Como sublinha Martelli:

Outros autores também observam que, ao contrário do que previa Weber, a contemporaneidade parece estar vivendo um período de *reencantamento* do mundo. Ainda que reconheçam que a estrutura de poder racional-legal tem predominado, gestando, sobretudo no Estado, corpos burocráticos com forte inclinação à autonomia, afirmam que a visão weberiana que antevia um mundo mecanizado, desencantado, dominado por burocratas sem espírito, aprisionado nas dinâmicas racionalizantes, emancipadas do controle individual e da intervenção participativa dos cidadãos, não se confirmou (MARTELLI, 2006, p. 53).

Na esteira desse processo, a segurança de percursos pautados de uma forma sequencial em uma única carreira, o cotidiano pouco ou quase nada atravessado por mudanças repentinas, a vida passada em momentos mais “longevos”, parece que se feneceu em tempos atuais pela troca do episódico e incerto, mas que as chancelas de acolhimento apontam como possíveis de saber lidar.

As regras do jogo estão postas pelo novo mundo material, pela flexibilidade, desapego, concorrência, comunhão junto com competição, que estabelecem padrões convincentes de que não fazer parte deste formato é sinônimo de culpar-se individualmente mais uma vez. No bojo desse cenário, Sennett (2012, p. 33) relata que “o que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo”.

O estar e/ou ser motivado extrapolou a reengenharia esculpida pela reestruturação produtiva *toyotista* para dentro da fábrica, ao passo que institucionalizou novas formas mais velozes de relações sociais, a exemplo do novo proletariado de serviços e digital como apontado por Antunes (2020). Relações de trabalho e relações sociais também são atravessadas por um ideal flexível e por uma cultura de efemeridade onde o risco da perda ou o decreto de novos recomeços se impõem como um possível “desejo” individual. Ensina-se que a rotina é algo a ser extirpado e, não obstante, essa perspectiva também permeia novos jeitos de ser no que concerne as mais variadas relações sociais. Voltando ainda para Sennett (2012, p. 88), “no regime flexível, as dificuldades cristalizam-se num determinado ato, o ato de correr riscos”.

A tônica apresentada pela cultura de autoajuda é a de “conhecimento de causa”, ou mais do que isso, do incentivo deste processo de flexibilização das relações sociais. Coloca-se a própria desordem como alguma coisa que não “precisa” “intimidar com tamanha intensidade”. Mas que passos devem meticulosamente serem seguidos para construir novos modelos de narrativas de vida que buscam a constante mudança. A cultura de novos recomeços, pode até exaurir corpos e desesperançar pessoas, mas ela é anunciada, por meio do *coach* motivacional, de forma “naturalizada”, e o seu não aceite revela as fraquezas que necessitam ser desarraigadas por parte dos indivíduos.

Acompanhando esse cenário, a perspectiva de como ser necessário em relações que se destinam cada vez mais tênues, não encontra um ritmo seguro de vida social que possa se ancorar em redes de previsibilidade, ao contrário, a arquitetura dessas mesmas relações, pelo menos no mundo do trabalho do capitalismo moderno, traz a ordem das coisas como um processo em que pessoas são tratadas como descartáveis (SENNETT, 2012).

Ainda assim, na cultura de autoajuda, em contrapartida, todos podem ser protagonistas, independente da circunstância histórica vivida. Aos leitores, telespectadores e seguidores, transparece um elo de epifania onde impera a lógica de que tudo é possível e de que só depende da construção voluntária de destinos, sendo os indivíduos colocados como exclusivos para tal feito. A esse respeito,

(...) ser um indivíduo *de jure* significa não ter ninguém a quem culpar pela própria miséria, significa não procurar as causas das próprias derrotas senão na própria indolência e preguiça, e não procurar outro remédio senão tentar com mais e mais determinação (BAUMAN, 2001, p. 48).

O mundo produzido, recortado visceralmente pelo trabalho precarizado, além de não protagonizar a todos, insiste em defraudar cada vez mais direitos da classe trabalhadora. Se a performance *coach* e a cultura de autoajuda apontam outros caminhos, o produto da nova reestruturação produtiva cresce exponencialmente em matéria de “ação vilipendiosa”. As novas modalidades de trabalho, como aponta Antunes (2020), são balizadoras da instabilidade e insegurança humana. Os vínculos, que apontam uma das características fundamentais do chamado trabalho formal, diluem-se em novas formas de trabalho que escapam das conquistas e direitos adquiridos outrora pelos movimentos sociais. O trabalho “infoproletariado” assume vanguarda neste processo, como nos descreve Ricardo Antunes:

No Japão, cujo capitalismo de tipo toyotista inspirou os países ocidentais, as figuras dos jovens operários (decasségus) que migram em busca de trabalho nas cidades e dormem em cápsulas de vidro são emblemáticas, como também o são as ocorrências mais recentes, em Tóquio, de jovens trabalhadores sem-casa, subempregados ou desempregados, que procuram refúgio noturno em cibercafês – sendo, por isso, denominados ciber-refugiados -, buscando encontrar algum trabalho ao mesmo tempo que descansam e interagem virtualmente (ANTUNES, 2020, p. 31).

Dentro dessa lógica de tornar instável e deixar incerta e sem garantias a classe trabalhadora, mecanismos alienantes assumem protagonismo no que concerne à manutenção da própria ordem social. Ordem essa que vem se modificando por meio das tecnologias da informação e comunicação – TICs, onde a exploração proletária vigora como latente e encoberta por um imaginário em que denota novos aceites sociais e naturalizações de novos formatos de trabalho.

Como novamente aponta Antunes (2020, p. 36), “os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: oscilarão entre o desemprego completo e, na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão”. Além da realidade posta e produzida pelo resultado de uma reestruturação produtiva que já em seu projeto embrionário contava com o auxílio decisivo das novas tecnologias da informação, a mesma continua se reinventando por novas fórmulas que projetam mais uma vez responsabilidades individuais e perspectivas (im)possíveis.

A cultura da autoajuda encontra também no trabalho isolado e informal, desprovido de garantia de direitos, a possibilidade de atuar. Com as novas TICs, que nascem em uma velocidade que rompe rotinas, onde o trabalho materializado vem perdendo espaço para o trabalho tecnológico/digital, a classe trabalhadora de outrora assume novos contornos, onde a própria sociabilidade dos trabalhadores transita por espaços avulsos, no qual o “salve-se quem puder” ou “faça você mesmo”, localiza ressonância em uma cultura que retira o “mérito” dos contextos socioculturais e o transplanta para o indivíduo como o seu hospedeiro natural. Inovar e empreender, vestir a camisa da empresa, se acostumar com o novo, abnegar rotinas, são atitudes esperadas nesse processo em que o “trabalho formal vem implodindo” em termos de diminuição de postos de trabalho (ANTUNES, 2020).

Fora ou dentro do mercado formal, terceirizado, uberizado ou absorvido pelo “novo proletariado de serviço” (ANTUNES, 2020), a cultura de autoajuda se arremessa como indelével de uma característica que aloca aos sujeitos sociais a autoaprovação de si mesmos, por meio de metas a serem perseguidas em estado profissional e pessoal. O descontentamento, produzido pelo desamparo histórico e processual, depara-se com uma espécie de “cardápio orientador” que sinaliza efeitos possíveis para saídas e recomendações estratégicas através de modelos a serem seguidos, onde a única prerrogativa imposta é o querer exclusivo e alcançado por meio da motivação individual.

Nesse aspecto, entender os novos contornos e culturas de trabalho, entender as novas forjas que formam o ritmo de mudança da classe trabalhadora é buscar contumaz também e atual, apreender os destinos e contornos de suas alienações. A formação, manutenção ou mesmo modificação de subjetividades, tarefa essa atravessada por cursos de vida, liga-se à formação de imaginários que em uma via de mão dupla aquece o sistema vigente e é aquecido pelo mesmo. De modo igual, o embevecimento da construção de estruturas de pensamento pode disfarçar a efetivação da materialidade constituída pelos que ocupam o trabalho no sistema posto e com ela a sua consciência.

Como sinaliza Boltanski e Chiapello:

Para manter o seu poder de mobilização, o capitalismo, portanto, deve obter recursos fora de si mesmo, nas crenças que, em determinado momento, têm importante poder de persuasão, nas ideologias marcantes, inclusive nas que lhe são hostis, inseridas no contexto cultural e que ele evolui. O espírito que sustenta o processo de

acumulação em dado momento da história, está assim impregnado pelas produções culturais que lhe são contemporâneas e foram desenvolvidas para fins que, na maioria das vezes, diferem completamente dos que visam a justificar o capitalismo (2009, p. 53).

Da maneira que tecem os mesmos (2009) estamos diante e em esfera cultural, mesmo assumindo novas variações, de processos ideológicos que configuram crenças capazes de atender os interesses de uma razão neoliberal e conformar responsabilidades individuais. Sejam elas, no fracasso ou na glória, inserido ou não no trabalho regulamentar, em projetos profissionais ou projetos de vida, para a cura da alma ou para a elevação do corpo físico, adotadas em suprir antes das necessidades individuais, aspirações que preenchem interesses dos que mercantilizam a existência na busca daquilo que se cria valor.

Nesse formato, a cultura de autoajuda confere pistas do sentido presente na organização contemporânea do trabalho para a alta produtividade, por meio do acionamento de impulsos motivacionais, atrelados à exclusividade individual como capazes de mudar trajetórias de vida. Antunes (2020) expõe as formas de controle dentro da empresa *toyotista* como arquitetadas para fazerem dos indivíduos, “déspotas de si mesmos”.

A esse último termo extrapolamos como sendo um dispositivo que rompe o espaço com algum resquício de regulamentação, seja na fábrica ou em alguma outra forma de trabalho alienado, para pertencer à própria cultura de autoajuda como seu achaque ou heteronomia voluntária. E, com o novo espírito do capitalismo<sup>26</sup> (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009), que semelha não ter limites para a sua desregulamentação, a cultura de autoajuda encontra o seu chão mais abundante.

O trabalho precarizado pode assumir novos contornos no que se pode transpor a partir de sua autoimagem deteriorativa, amenizando-a de alguma forma, ao sujeitar o indivíduo como o personagem responsável por suas mazelas. Ao ser inerente ao sistema

---

<sup>26</sup> “Na qualidade de ideologia dominante, o espírito do capitalismo tem, em princípio, a capacidade de permear o conjunto das representações mentais próprias de determinada época, de infiltrar-se nos discursos políticos e sindicais, de fornecer representações legítimas e esquemas de pensamento a jornalistas e pesquisadores, de tal modo que sua presença é ao mesmo tempo difusa e geral. Entre todas as suas manifestações possíveis, escolhemos a literatura de gestão empresarial como suporte capaz de dar acesso mais direto às representações associadas ao espírito do capitalismo de uma época” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 83-84).

capitalista moderno, o emprego precário (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009) apoia-se em interpretações que eximem o próprio sistema, principalmente em momentos de crise onde a estrutura precarizada se apresenta de forma ainda mais intensa, mas apontando formas de saída ao próprio protagonismo do trabalhador, por meio de processos disciplinadores e de convencimento altamente sofisticados, podendo as ofertas terapêuticas como também uma forma de engajar este processo.

Ultrapassar os desafios e obstáculos postos por todo o contexto de trabalho precarizado coloca-se como uma espécie de fascinação àqueles que sempre estão prontos para recomeçar e adeptos a aceitar o leque de informações, técnicas, capacitações, ferramentas, e tudo que comporta a seara da cultura de autoajuda. Junta-se neste processo, a flexibilização das relações de trabalho como porta aberta para iniciativas que atinjam um maior engajamento por parte da classe trabalhadora em proporção com a destituição das regulamentações e garantias de direitos do trabalho. Como novamente aponta Martelli:

O modelo de flexibilização propõe inúmeros caminhos de reestruturação organizacional, entre os quais está apostar num maior envolvimento dos funcionários, em sua participação na tomada de decisão, numa maior autonomia no desenvolvimento de tarefas etc. Dentro dessa concepção, o indivíduo é visto como *sujeito proativo*, sempre capaz de ir um passo além do que lhe é pedido, em busca de seu aprimoramento e enriquecimento pessoal (MARTELLI, 2006, p. 124-125).

Nesse ambiente, Boltanski e Chiapello (2009) também destacam que a organização do trabalho intensifica a sua “flexibilização interna”, que traz a reboque a sua precarização, desregulamentação, diminuição de pessoas em setores específicos, a intensificação da terceirização com todas as suas adversidades, aferições constantes de resultados de produtividade por meio do trabalho em equipe, os círculos de controle de qualidade (CCQs), a polivalência, a bandeira “participativa”, e o que não se pode deixar de notar, a concentração de ideias capazes de anunciar que todas as dificuldades e barreiras apresentadas são apenas “oportunidades” muito bem vindas.

Os rearranjos racionais de organização do trabalho, na perspectiva de mais produtividade e lucratividade, alcançam e submetem a classe que depende do trabalho. Tal fase, que assola a dignidade humana, se apresenta como estrutural e os seus

desdobramentos impõe a perda de identidade coletiva. Como sugere Antunes, o trabalho terceirizado é termômetro para este processo.

Quando se analisa o plano de subjetividade dos trabalhadores especialmente entre os terceirizados, percebe-se uma condição de isolamento, de falta de vínculos ou de inserção, em que a perspectiva de identidade coletiva se enfraquece, resultante da descartabilidade, da desvalorização e da discriminação a que estão submetidos o que dificulta a solidariedade de classe (2020, p. 166).

Ao lado, percorrendo ao mesmo ritmo, o trabalho do *coach* motivacional em comunicação com as prescrições da cultura de autoajuda apresentam uma miríade de informações, sugestões e “planos de vida” que se ocupam de potencializar esperança em meio a um contexto que produz desesperança no mundo do trabalho. Frutificam-se, por meio dessa cultura, formas de humanização do capitalismo que pairam mesmo diante cenários desastrosos de precarização.

Revela-se, entre outras abordagens, uma sociedade que se especializa cada vez mais em suas funções de trabalho, na qual, aos olhos de Castel (1999), a complexidade social é vista em um estágio ainda mais avançado, mas que ainda é maciçamente uma sociedade salarial com um arranjo de comportamento individual em escala de desesperança. Para o autor,

O núcleo da questão social hoje seria pois, novamente, a existência para “inúteis para o mundo”, de supranumerários e, em torno deles, de uma nebulosa de situações marcadas pela instabilidade e pela certeza do amanhã que atestam o crescimento de uma vulnerabilidade de massa. Paradoxo, se as relações do homem com o trabalho forem consideradas no interior de um longo período. Foram necessários séculos de sacrifícios, de sofrimento e de exercícios de coerção – a força da legislação e dos regulamentos, a coerção da necessidade e também da fome – para fixar o trabalhador em sua tarefa e nela conservá-lo através de um leque de vantagens “sociais” que vão qualificar um *status* constitutivo da identidade social. É no momento em que a “civilização do trabalho” parece impor-se definitivamente sob a hegemonia da condição de assalariado que o edifício racha, repondo na ordem do dia a velha obsessão popular de ter que viver “com o que ganha a cada dia”. (1999, p. 593).

Práticas ideológicas, cultural e simbolicamente produzidas, organizam sentidos de vida no “edifício” social mais complexo. Isso ocorre por meio de elos de esperança que funcionariam como redes articuladas de manutenção social. É nesse rastro que a

nova divisão social do trabalho, pós-fordista, forjou outras formas de relações sociais calçadas em comportamentos distintos de uma organização coletiva.

Compreende-se dentro de mecanismos ideológicos ou crenças sociais, formas de esperança como modelos possíveis de novas relações individuais. O conceito posto no plural revela que, à vista da intensidade da divisão social do trabalho, bem como do processo de individualização, depara-se com diferentes formas societárias que se põe a cumprir o papel recorrente de “restabelecimento da unidade social” em uma sociedade também múltipla em sua essência.

De maneira que, “há, contudo, algumas emoções cuja essência reside na forma específica de relação com o tempo que entretêm, seja pela percepção de sua “passagem”, seja pelo vínculo que estabelecem entre a subjetividade e o passado, o presente e o futuro” (COELHO e OLIVEIRA, 2020, p. 1088). O que se levanta em hipótese é que os elos se inventam e se reinventem conforme os extravios de coesão social.

Aponta-se com isso, que o modelo de novas relações de trabalho, especificamente dado pela “desagregação do enquadramento coletivo” (CASTEL, 1999), caminha ao lado de também outras formas de “curativo” social. Nesse ponto, entende-se o mercado de esperança social como sendo uma delas. Aqui, adota-se a esperança social como um processo social articulado com o fim ideológico do convencimento para a “estabilidade” social. Têm-se em conta a gestão da conduta esperançosa na tentativa de articular as emoções para a possibilidade de novos arranjos sociais por meio de esforços e resultados individuais.

Esse estado demonstra a coesão em sociedades complexas, para além da dependência ou diferença de profissão. Seja dito de passagem, pelo exemplo do outro, por tentar fazer algo igual ao outro, como forma de seguir o resultado do outro. A aderência social nesse ponto é tratada como uma forma em que ao indivíduo, todas as possibilidades são dadas, e outros já “provaram” ser possível.

A crença empreendedora do “transforme o mundo a partir de si mesmo”, perseguindo modelos fortuitos, se exterioriza como vínculos sociais em que destinos mesmo sendo responsabilizados individualmente, se apresentam de forma possível por meio do modelo de vida de outros indivíduos. Persegue-se aos que possam sustentar a imagem inspiradora.

Uma das formas de “naturalização” da cultura meritocrática e auto empreendedora repousa na literatura de aconselhamento como um expoente importante por meio do seu mercado editorial. Uma instituição que aponta modelos de vida como forma de se alcançar “sucesso” por meio de propostas que apontam esperança, mesmo onde as circunstâncias sociais possam revelar um cenário condensado de desesperança social.

Confere-se um horizonte transformado nas últimas décadas do século vinte em que possivelmente novas formas de solidariedade social também passam por um processo de reestruturação. Não se dá somente em modelos produtivos, mas fornece também novas maneiras de sociabilidade no que se refere à manutenção da conciliação social por meio de novos arranjos de poder. Como atesta Han,

O poder disciplinar repressivo dá lugar a um poder *smart*, que não dá ordens, mas sussurra, que não comanda, mas que *nudge*, quer dizer, que dá um toque com meios sutis para controlar o comportamento. Vigiar e punir, as características do regime disciplinar de Foucault, dão lugar a motivar e otimizar (HAN, 2022, p.14).

A atividade do *coach* contemporâneo, a sua interlocução aos que se põe a empreender, amarra-se às diretrizes de uma recomendação de autoajuda que está envolta em emoções, culturalmente acrescidas, do “positivo”. O papel de “motivador” de “pessoas”, carrega a escalada de relações que transformam o acometimento de “manuseio” austero de subjetividades, por procedimentos que se filiam a tônica da “esperança”. Entabula-se o uso do discurso motivacional para a aquisição de vínculos culturais que informam significados de existência. Ação *coach*, motivação e identidade cultural.

## 1.2 – Quimera Hedonista, Adulto Produtivo e Culto a *Psique*

Para a melhor presteza, consagra-se uma comercialização da esperança. Um hedonismo auto ilusivo guiado por obra da performance, engendrado em virtude da expectativa de felicidade. Cunha-se uma razão de ser para o desempenho, um propósito institucionalizado e universal de felicidade. Se a cultura de autoajuda suplanta um ambiente de liberdade individual, também comporta estímulos para aprender a ser

“feliz”. A mesma proporciona a cadência de uma ética positiva, uma obrigação moral do indivíduo em transitar tanto pela capacidade produtiva, bem como pela capacidade do deleite.

Nessa familiaridade, a ética de formação positiva tenciona a cultura de autoajuda na chave de valores individuais. Isso se dá na comunhão da esperança com a desesperança. Um consórcio com a vigência de relações socioculturais que robustecem um estoicismo emocional. Uma “rotina” antecedida por uma instrução que além da razão, também contou com a edificação imaginativa. Para Campbell (2001), o arranjo romântico, uma especificidade ética, acionou a composição cultural do “abastecimento da procura”.

O argumento de que o resultado de uma ética romântica, devaneio, equidistante de uma ética puritana, razão, armou o “espírito do consumismo”. A presença do “anseio” subjetivo, da busca pelo novo. A transferência para o fantasioso, para a ficção como maneira de fuga do real. A devassa por sensações agradáveis, por “prazer imaginativo” (CAMPBELL, 2001) em um jogo hedonista de suporte. Ao ponto que:

A chave para o desenvolvimento do hedonismo moderno está no deslocamento da preocupação primordial das sensações para as emoções, pois é apenas através do veículo destas últimas que a estimulação poderosa e prolongada se pode combinar com qualquer grau significativo de controle autônomo, algo que provém diretamente do fato de que uma emoção, une imagens mentais a estímulos físicos. Antes, porém, que o pleno potencial do hedonismo emocionalmente mediado possa realizar-se, vários desenvolvimentos psicoculturais e críticos devem ter de acontecer. (CAMPBELL, 2001, p. 103).

A alegação pauta a instrução do romantismo como fundamento para uma ética responsável pelo consumo moderno. São desejos e emoções talhadas para o despertar das “emoções”. Uma instituição que eleva o auto prazer como um estilo de vida e a rivalidade da comparação com o surgimento do terreno das necessidades. Evidencia-se a inserção da ficção como passagem fecunda para uma visão de mundo além do real. O sustentáculo concomitante do convívio entre o “desencantado” e o “encantado”. A razão e a ficção como formas de estar na realidade.

São estímulos operados, ou melhor, fantasiados para a busca do “prazer imaginativo” (CAMPBELL, 2001). A vazão insaciável para ultrapassar um lado frustrado de um concreto aparente. Um sociocultural romantizado com a expectativa de

utilização de uma teodiceia para o desapontamento. Para o autor (2001), “o espírito do consumo moderno” situa-se no preparo romântico das emoções. Ante ao ter materializado, sustenta-se a princípio, a quimera hedonista. Compõe-se “sistemas de pensamento” onde o recurso auto ilusivo é mecanismo para a conduta do realizável.

A capacidade de transformação de si e do mundo, parte, nessa perspectiva dos egos, do anuncio das possibilidades das liberdades de expressões. Campbell (2001) cita a presença de uma individualidade que flerta uma egolatria. Perpetua a ideia de um consumo ancorado no “deleite”, a prática de um dandismo, a configuração da apreciação hedonista, e a compulsão pela concorrência. A emulação é organizada no feito da subjetividade inclinada para a ficção. O “romance”, na premissa constituída, legou também ao mundo moderno, a crença no “poder” individual. Desta forma,

A lógica cultural da modernidade não é meramente a da racionalidade, como se expressa nas atividades de cálculo e experimentação: é também a da paixão e a do sonhar criativo que nasce do anseio. Todavia, mais crucial do que uma e outra é a tensão gerada entre elas, pois é disso que, afinal de contas, depende o dinamismo do ocidente. A fonte principal de sua inquieta energia não provém apenas da ciência e da tecnologia, nem tampouco da moda, da vanguarda e da boêmia, mas da tensão entre o sonho e a realidade, o prazer e a utilidade. É esta a fonte da harmonia com que essas tradições culturais geminadas dançam seu tango cultural no tempo, como o é das tensões conflitantes que muitos indivíduos experimentam em suas vidas diárias. Lutando para enfrentar a necessidade de proceder às trocas entre a necessidade e o prazer enquanto procuram conciliar seus egos boêmio e burguês, os indivíduos modernos não moram somente numa “gaiola de ferro” da necessidade econômica, mas num castelo de sonhos românticos, esforçando-se, mediante sua conduta, para transformar um no outro (CAMPBELL, 2001, p. 318).

Razão e paixão são instituições que dão sentido e significado à instituição indivíduo. Acomodam as características de ora instabilidade, e ao mesmo tempo, a de ora segurança sociocultural. A desesperança e a esperança aprovam o discurso da representação auto ilusiva. São faculdades de um processo histórico voltado a “excelência” e a “depreciação” do ser. De um indivíduo “iluminado” em suas capacidades e “precarizado” em seu trabalho. No entanto, o acolhimento das tradições comunitárias suprime-se na observância de outro ponto dessa dualidade, a autonomia individual.

Desponta-se com o movimento do romântico, do iluminismo e do “inchaço” positivo mais recente, o indivíduo autojulgado. É a possibilidade de apreciação de si na impetração da presteza constante. A “impaciência” das subjetividades foi caldeando esse decurso com seu apogeu em uma nova razão, a criação do indivíduo neoliberal. Arranja-se um curso da vida de um “neosujeito” submetido a operar escolhas que atinjam a “felicidade” também institucionalizada.

O “curso da vida” “neo”, como um recorte de uma categoria analítica do sociocultural, testemunha as inferências sobre emoções e imaginários geracionais. Isso ocorre na sociedade contemporânea sob a institucionalização de um ideário do “adulto produtivo”. Esse delineamento etário, corrobora a ideia da vida adulta como a fase pujante para a dedicação ao trabalho. Organiza-se essa identidade como um sentimento de pertencimento voltado para uma individualidade empreendedora que providencia a potência criativa, em conveniência de um arranjo social que estimula a “polinização” da competição e responsabilização individual.

Nesse sentido, o traço identitário se apresenta para além de um rito de passagem de uma fase da vida para outra, institucionalizadas socialmente. Mantêm-se, enquanto essência do curso adulto, a instabilidade e o trabalho por esperança no acordo social contemporâneo. A moral, descontínua, do adulto produtivo reverbera uma subjetivação que intenciona um lado para o surpreendente. A rotina, a vivência nesse padrão, representa o ultrapassado, um retrógrado que não alimenta mais o substancial de um curso da vida que “crê” no instantâneo. São biografias cortejadas por emoções culturalmente convencionadas para o desempenho.

Entende-se que para além da “especificidade das idades como elementos nas formas de organização social”, sistemas ideológicos culturalmente e simbolicamente produzidos pulverizam emoções e moralidades que dão sentidos ao curso da vida. Por meio de elos de esperança, agendam redes articuladas de preservação social. É nessa esteira que a nova divisão social do trabalho, pós-fordista, cunhou outras formas de relações sociais calçadas em comportamentos da vida adulta produtiva/empreendedora com o fortalecimento de uma perspectiva orientada. Como tece Debert,

A institucionalização do curso da vida, própria da modernidade, não significou apenas a regulamentação das sequências, mas também a constituição de perspectivas e projetos, por meio dos quais os indivíduos orientam-se e planejam suas ações individual e coletivamente. (DEBERT, 1999, p. 52).

São perspectivas armadas especificamente para um imaginário geracional instituído sobre bases que acolhem a produtividade como uma representação ideal que possui efetividade e aceitação. Com o fim cronológico determinado em face do declínio das faculdades físicas e mentais, no que se sugere o adentrar ao envelhecimento, a representação da fase idosa pode carregar a desconfiança, ou melhor, o estigma estereotipado da inabilidade para a pretensa produtividade. Nesse caso, a subjetivação apura emoções voltadas para a auto inabilidade, para o que vai de encontro ao fundamento da utilidade com propósito social, o escândalo do desempenho.

No entanto, compreende-se que em uma sociedade também “mais” racional, de saber interdisciplinar, desesperançosa e informacional, onde “a distinção entre ficção e realidade desaparece”, e que não assume espelho de autonomia humana, outras variáveis de contenção do adulto oprimido, ou de crenças e esperanças, como adota-se, caminham ao lado dos dispositivos alçados pelas formas materiais e alienantes de sociedade. Infere-se, nesse sentido, a cultura de autoajuda como um invento possível de resgatar a crença e mobilizar emoções capazes de direcionar os destinos de vida desejáveis pelos indivíduos em seu curso da vida adulto.

Como refere Gilberto Velho, “em geral, a psicologização da sociedade sublinhará, cada vez mais, a visão de mundo centrada no indivíduo como unidade e referências básicas”. (2001, p.19). Nesse processo, a sustentação da verdade perde um parâmetro unitário onde a ficção se entremeia com a mesma em uma “harmonização” que confunde os que absorvem cotidianamente aparências comportamentais de como atuar. Os dizeres e gatilhos ofertados pela autoajuda buscam ocupar espaços de verdade que avivam um “adulto” produtivo/positivo na busca por inserção social, ou até mesmo para ocupar os termos da cultura neoliberal. Como corresponde mais uma vez Velho,

A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drástica. (VELHO, 1994, p. 44).

A institucionalização do curso da vida, propriamente da periodização da vida adulta produtiva e para o desempenho, incita a pensar na forma com que esse adulto se projeta perante uma moral esperançosa constituída por relações opressoras, blindadas pela construção da autonomia humana, na crença de um espírito livre e capaz de

organizar o seu entorno para o cumprimento de desejos demasiadamente individuais. É um imaginário geracional calçado em um processo histórico que alvoroçou a “crença” em mudanças libertárias do curso da vida.

O curso da vida, independente da sua especificidade e dentre outras particularidades, é contornado por credos que cooperam no acolhimento da moral em trânsito individual, ou em forma relacional de dinâmicas sociais traduzidas por representações de vida, emoções e de atuações que também organizam outras moralidades. Pleiteia-se, na inserção do curso adulto, ser visível para a produção. Reconhecível o suficiente para a arte do equilíbrio em solo de trabalho precário.

Conceitos de “trabalho por esperança/intermitente”, “economia dos bicos”, “gamificação” e “engajamento subjetivo” (BARBOSA, 2014), dizem sobre o lado instável do adulto produtivo. Ao primeiro, registra-se o ato do adulto manter-se em atividade, mesmo sem ou com baixa remuneração, como forma de estar em movimento e de ser visto. A ocupação, tênue e provisória, estabelece uma “chance” de auto vitrine ao adulto que demanda. Modalidade regulamentada e legitimada pelo Estado brasileiro na forma de trabalho intermitente<sup>27</sup>.

Oriunda do termo *Gig Economy*, a “economia dos bicos” estampa a falta de direitos, e a informalidade do adulto em trânsito no mercado de trabalho. Encarrega-se do que aparece cotidianamente, hora a hora (BITTENCOURT & CARELLI, 2020). A lógica “do que tem para hoje” simboliza a aplicabilidade rotineira do exercício de flexibilidade do adulto em produção. Adapta-se a pequenas tarefas como forma de sustento, alinha-se ao registro em plataformas eletrônicas, e flutua-se entre os ambientes digitais/uberizados que proporcionam a ponte entre a tarefa e o trabalho humano.

Como forma de “incentivos” e bonificação para uma maior produtividade, a gamificação utiliza a aparência lúdica dos jogos para estabelecer desafios, pró-atividade, superação em um objetivo concorrencial (JOHNSON & WOODCK, 2023). É a disputa do adulto produtivo consigo e com os pares nas “fases” cotidianas da vida real. É valer-se de um sistema de pontuação para fazer motivar de um lado, e de sobreviver para o outro. São “recompensas” por gerar mais resultados para quem emprega. Entretenimento, trabalho e desempenho.

---

<sup>27</sup> Contrato de trabalho inserido no ordenamento jurídico brasileiro pela Lei Federal 13.467/2017 – denominada Reforma Trabalhista – cuja vigência teve início em 14.11.2017.

Porém, para além de também critérios de necessidade, como sugerem as características elencadas acima, o “engajamento subjetivo” carrega o acreditar. Ao curso da vida do adulto produtivo, o doar-se é entregar resultados acima do esperado para o sucesso de si e de outrem. O encargo da produção volta-se identicamente ao investimento pessoal que o adulto faz em melhorias próprias para se atingir desempenhos superiores. O assujeitamento entalhado organiza as emoções voltadas a dedicação. É o vício por “mais” trabalho, por elevar-se em comparação, por performance no fazer produtivo.

Como informa um trecho do “Engajamento no Trabalho – O Guia Definitivo”:<sup>28</sup> “quando a equipe está engajada, atingir metas pode ser algo bem mais próximo da realidade diária. E isso se torna ainda mais fácil quando a própria equipe passa a definir seus objetivos e metas”. Programar-se para sustentar um crescimento contínuo, tanto pessoal, como profissional, como da própria organização onde se atua. Engajar parece doutrinar-se, vestir-se dos propósitos da instituição para cumprir o almejado.

Esforços são quantificados, contudo, projeta-se ilustrar a importância da legação voluntária. O desfecho é transferido na forma subjetiva da responsabilidade individual. O ideal compulsivo pela feitura do trabalho é margeado de forma positiva. Encara-se como uma qualidade o sacrifício industrioso. Nada obstante, a insegurança, o medo da perda do encargo acompanha esse processo, bem como o fomentam (BARBOSA, 2014). Valorização, consumo e rendimento, pendulam entre esperança e desesperança nesse encadeamento.

A ubiquidade da perseverança no domínio corporativo, se exacerba no enlace neoliberal, positivo, na busca pela felicidade, tanto quanto na instituição do bem-estar pessoal. A felicidade, cara ao processo de individualização, cara à ordem do adulto produtivo, é objeto inaugurado ao universal. Contada como uma opção voluntária a depender da ação consciente do indivíduo. Reverbera-se que está às mãos dos que compõe uma tomada de convicção. Desloca-se do fruto social para o posicionamento individual.

Os vestígios do neoliberalismo, da flexibilização por desempenho, do cansaço positivo, da individualização e das ofertas terapêuticas apontam para algo em comum, o culto à *psique*. Um sinal empírico não deixa o acaso se impor, a aparição

---

<sup>28</sup> Acessado em 20/02/2024.

institucionalizada da “psicologia positiva”. A ciência instrumentalizada, a esperança racionalizada, um personagem “místico”, o financiamento público, o interesse privado compôs em fins do século XX uma virada epistemológica da ciência do comportamento humano, a “tecnologia” da felicidade. Nesse matrimônio,

Vivemos numa época consumida pela veneração da psique. Numa sociedade assolada por divisões de raça, classe e gênero, somos, no entanto, unidos pelo evangelho da felicidade psicológica. Rico ou pobre, branco ou negro, homem ou mulher, hétero ou homossexual, compartilhamos a crença de que os sentimentos são sagrados e a salvação está na autoestima, de que a felicidade é a meta final e a cura psicológica, o meio para atingi-la (MOSKOWITZ Apud CABANAS e ILLOUZ, 2022, p.29)

Martin Seligman<sup>29</sup> é a personalidade “mística” que contrapõe politicamente a psicologia clínica. Vista como a que opera o negativo, o mesmo procede a fundação de uma outra vertente epistemológica que “floresça” o ser humano, a “psicologia positiva”. Seligman é um homem propriamente de seu tempo. É uma voz impulsionada por um discurso sociocultural. A contribuição de recursos público e privado que financiaram essa “nova” visão de mundo reúne uma razão de ser. O escopo é a produtividade, o engajamento no desempenho, a tentativa de uma política de redução de danos para a concorrência.

O nascimento de uma “neoideia” com vultuosos aportes financeiros<sup>30</sup>. O indivíduo é “desvendado” como capaz de conhecer as competências para a felicidade. Por meio de “facilitadores da emergência”, que ofertam o terapêutico, a esperança é posicionada. O positivo orquestrado dessa maneira espalhou para além da avaliação da psicologia. Áreas do conhecimento da religião à economia adotaram o processo de fortalecimento individual por meio da felicidade. Surge uma torrente de profissionais

---

<sup>29</sup> Martin Seligman é Ex-Presidente da Associação Americana de Psicologia. Professor e diretor do Centro de Psicologia Positiva da Universidade da Pensilvânia (EUA). Entre seus títulos, é conhecido como o pai da Psicologia Positiva.

<sup>30</sup> “Em 2001 a Fundação John Templeton, instituição religiosa, ofertou 2.2 milhões de dólares para a criação do Centro de Psicologia Positiva na Universidade da Pensilvânia. Em 2008, a Fundação Robert Wood Johnson, por exemplo, verteu na conta de Seligman 3.7 milhões de dólares para que ele explorasse o conceito de saúde positiva. Em 2009 John Templeton passou a Seligman 5.8 milhões de dólares para pesquisas adicionais sobre neurociência positiva e o papel da felicidade e da espiritualidade para uma vida bem-sucedida. Recebeu 145 milhões de dólares para estabelecer o *Comprehensive Soldier Fitness*, um programa psicológico conduzido desde 2008 pelo Exército dos Estados Unidos em colaboração direta com Seligman e com o *Positive Psychology Center*” (CABANAS e ILLOUZ, 2022).

*coach's* que se amparam nessa fonte de conhecimento, e que geram um mercado pujante<sup>31</sup>.

Trata-se do uso de uma técnica de psicologia com um alcance maior. O desencaixe organizado, através da aderência da psicologia positiva, lança olhar para também os que já possuem a autoimagem da felicidade. O propósito não condensa somente atender desvalidos emocionais. Entretanto, facilitar às mentes saudáveis uma musculatura emocional mais disposta às novas dinâmicas do trabalho. Serve a todos os indivíduos na razão concorrencial.

Às nações, indicadores de felicidade passam a ocupar previsões para medir políticas públicas (CABANAS e ILLOUZ, 2022). Critérios objetivos de emprego, renda, educação e saúde começam a conviver com apreciações coletivas de natureza emocional<sup>32</sup>. É um movimento que acomete o fortalecimento da mensagem neoliberal. Mesmo com aferições sociais o indivíduo é chamado ao centro. O “comportamental”, os “estados de espírito”, o “bem-estar psíquico”, o “estilo de vida” inventariam dados ao lado, ou com maior ênfase, do que critérios de desigualdade social. Aos menos felizes, a esperança é o recurso disseminado na forma de reafirmar a autonomia individual para “projetos” pessoais de felicidade.

Na compreensão da psicologia positiva, como sugere o próprio Seligman, a felicidade social parte da felicidade individual. Termos como “sobrevivencialismo”, e “força de vontade” ocupam a organização imaginária da “cultura do eu”. As soluções partem de “dentro<sup>33</sup>” – gestão da psique – “para fora” nas relações de uma vivência sociocultural. Reconhece-se a “força interior” como fármaco para enfrentamentos cotidianos margeados por circunstâncias e contextos sócio históricos.

---

<sup>31</sup> “Essa indústria representava sozinha um mercado capaz de gerar 2,356 bilhões de dólares por ano no mundo todo, de acordo com Confederação Internacional de Coaching (*International Coaching Federation* – IFC)” (CABANAS e ILLOUZ, 2022).

<sup>32</sup> “A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) possui o índice para uma Vida Melhor baseado na felicidade. A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou em 2012 a data 20 de março como o Dia Internacional da Felicidade, proclamou “a felicidade e o bem-estar como metas e aspirações universais nas vidas dos seres humanos ao redor do mundo”. (CABANAS e ILLOUZ, 2022).

<sup>33</sup> “Na esfera do trabalho, cada vez mais corporações multinacionais, como General Mills, Intel, Ford, American Express e Google – que recentemente inaugurou o programa Procure Dentro de Você (*Search Inside Yourself*) -, também estão implementando técnicas de *mindfulness* a fim de ensinar seus empregados a lidar melhor com o estresse e a insegurança, e a transformar a gestão emocional num comportamento mais produtivo e flexível. O *mindfulness* atingiu até mesmo a bem-established indústria do *coaching*, que hoje oferece o *coaching* de *mindfulness*” (CABANAS e ILLOUZ, 2022, p.106).

Reveste-se, com efeito em grandeza social, a convicção de que os laços tradicionais e comunitários perecem. O indivíduo está só, o acolhimento descende de sua voz interna. Forma-se o imaginário da autonomia individual acompanhada do risco. O positivo é para ser apurado sozinho, a “equipe” é para o desempenho e a vigilância individual. Erros e acertos são contabilizados na memória de um curso da vida “presumido” pela carestia de associação. Ainda assim, ao neosujeito, o positivo, a felicidade, a reunião da cultura de autoajuda figura em hipótese uma forma de elo. A presença de um “novo” comunitário.

Origina-se que ao mesmo tempo que se propaga o viés de um discurso de vantagens individuais, também se aponta a morada de soluções. A cultura de autoajuda invoca inadequações individuais, entretanto, abriga com arquétipos para uma auto regência de regozijo individual. O profissional *coach* dá voz a partir de um sistema que escalou a comunhão solitária de uma religião positiva. São respostas de uma comunidade organizada para ações em excesso privadas. Individualização, novo tradicional e rendimento.

No mundo do trabalho *toyotista*, a felicidade não permanece na coxia. Assume-se que um trabalhador que se auto enxerga como “feliz” produz mais (CABANAS e ILLOUZ, 2022). Entusiasmo e energia individual são ingredientes para a administração de ambientes que sugerem *stress*. Conceitos como o de “resiliência” traduzem o que se espera de um perfil de adulto produtivo preparado para os contratempos. A felicidade no ambiente corporativo deduz uma credencial de revigoramento do indivíduo resiliente. Louva-se a concorrência, e a disposição para produzir a qualquer custo<sup>34</sup>.

Para o abrigo desse processo, hipoteca-se a esperança para além de uma “blindagem” emocional, como uma moral social. Como a conduta aceita em verdade para a prática de disposição contínua em solo que se apresenta como instável. A começar da mesma, as possibilidades de inserção estão postas para acompanhá-la em adaptações para decisões contingentes. A primazia de um estado de “positivação” no

---

<sup>34</sup> “Michela Marzano comenta o caso de um técnico francês na Renault que se suicidou em 2006. O relatório sobre a sua morte registrou que os funcionários da empresa eram vítimas de um regime feroz de gerenciamento que os culpava pelos sucessos e fracassos da companhia; e enfatizou que, enquanto a média nacional da população em risco de suicídio é de 10%, a média entre os empregados do centro tecnológico da Renault em Guyancourt, Yvelines, chegava a mais de 30%” (MARZANO, 2012 apud CABANAS e ILLOUZ, 2022).

modo de ser e viver individualmente, recita a relação das aparências para com o “outro” social.

Nessa ordenação, encarrega-se a felicidade como uma identidade, um estilo cultural de vida. A criação de um valor pessoal que culpa os que não detém, e enobrece os que exalam a mesma. Um bem a ser adquirido no mercado das emoções para o aprimoramento pessoal. O curso da vida do adulto produtivo é descontínuo em sua chegada, e divulga constantemente o reexame de um projeto em andamento. Na “indolor” ação da concorrência, projeto e felicidade normatizam o curso da vida para fora do episódico. Depura-se que:

De produtos e conselhos de beleza, moda, boa forma, nutrição, sexo, casamento, amizade, negócios ou relações profissionais a técnicas e métodos de autoavaliação para melhorar a assertividade e a capacidade de falar em público; o controle do estresse e da raiva; o relaxamento, a resiliência, a flexibilidade cognitiva e as habilidades emocionais, a ideia subjacente é a de que ninguém é atraente o bastante, atlético o bastante, íntimo o bastante, assertivo o bastante, saudável o bastante, bom o bastante ou feliz o bastante. Há sempre uma nova dieta a seguir, um vício a largar, um hábito saudável a adquirir, um tratamento a ser tentado, uma falha a corrigir, uma meta a alcançar, uma experiência a ser vivida, uma necessidade a ser atendida ou um tempo a ser otimizado (CABANAS e ILLOUZ, p.212, 2022).

No capitalismo das emoções, as mesmas são tratadas em uma lógica também meritocrática na cultura de autoajuda. A conquista, o investimento, a manutenção dos “bens” emocionais assume a exclusividade do desempenho individual. Reclama-se uma postura emocional positiva, ou negativa a depender da ocasião. As oscilações estão ao controle, e não o ter designa sinônimo de perda, ou mesmo falta de competência. A constituição de uma moral do sujeito feliz corresponde a uma proporcionalidade. Um parâmetro do bom relacionamento, do bom resultado, do bom recomeço, do bom perfil para seguir e se constituir.

Encara-se, a expectativa de que as emoções positivas estão ao alcance. São negociadas na busca por informações, em seguir modelos de superação. Nessa situação, a esperança e a desesperança são uma questão de predileção. Prorrogar o sofrimento, ou um sentimento negativo é fixado como desproporcional com o que se oferta pela cultura de autoajuda. A felicidade, ao olhar da psicologia positiva, converte-se em um ativo na cultura da psique.

O que se ronda, para Cabanas e Illouz (2022), é um “otimismo paralisante”. Um distanciamento involuntário das camadas culturais no auto reconhecimento individual. Domicilia-se, a compulsão pelo positivo. A “arte” de corresponder a vida em uma estrutura auto estimulante. A sistematização de uma desesperança individualizada, em uma ordem de minoração do sofrimento. Na popularização da psicologia positiva, a referência *coach* mobiliza o indivíduo autogerido. Além de produto, a felicidade distingue os aptos para uma razão neoliberal.

Consuma-se que a forma genuína de concorrência requer aperfeiçoamento. A felicidade é um comportamento esperado do adulto produtivo. Um diagnóstico da autenticidade que se volta para a “competência” emocional. Ao lado dela, a cultura de autoajuda, e o profissional *coach* marcam o espírito de uma época. Nessa esfera, ao “adulto infeliz”, o estigma da derrota acompanha o anúncio de um indivíduo não habilitado. Alguém não versado em uma expectativa de autogestão. Expressado na incapacidade de sobreviver pelos seus próprios meios.

Realça-se que a não permanência por si, em um curso da vida neoliberal do adulto produtivo, é atestado de impedimento para a “realização pessoal” (CABANAS E ILLOUZ, 2022). É um estado em que a representação de felicidade migra da perspectiva social para a individual. É a organização de biografias isoladas excetuando a sensação de sentimento de solidão. É a normalização da cultura do “eu”, a entidade jurídica do empreendedor individual. Concorrência, mérito e felicidade, a continuidade da expressão de liberdade.

O exílio individual para a performance, conscientemente, é relativizado. O isolamento amarra-se às consequências das decisões tomadas. O que não significa incomunicação, ao contrário, inflaciona-se a reputação dos que recorrem, dos que estão atentos as frequentes mudanças de tendência. Apelar por auxílio, capacitações, novas leituras, treinamentos, transparecer a inquietude da autogestão, condiz fazer parte do jogo da concorrência. Motivação e otimização estão presentes na insociabilidade dos resultados.

Aguça-se, a determinação da “fidedignidade” para o desenvolvimento profissional (CABANAS e ILLOUZ, 2022). Prepara-se para ser inigualável, para resgatar as particularidades do “eu” autêntico. A concepção de “originalidade” tonifica a normatividade do processo de individualização. São representações “saudáveis” para

uma razão que enobrece o ser que se desafia. O exercício de autodescoberta está calçado no positivo, na esperança, no controle das emoções.

### 1.3 – Exaustão, Reencantamento e Individualismo Positivo

Feições contemporâneas de sociedade revelam, entre outras variáveis, por meio de identicamente um espaço público digital-informacional-vigilante, um contexto que atesta uma intensa cobertura de racionalização permeada por relações de positividade. Independente do espaço operado, se público ou privado, são planejadas, calculadas, onde o uso tecnológico ora aproxima, ora distancia, ou até mesmo descarta a negatividade humana que não esteja inserida em uma lógica de desempenho.

O cenário que se chega é de uma sociedade tramada a partir do movimento do ilustrado, do renascimento e do iluminado. Os ideais das revoluções liberais, para desencadear a “ficção” e a sua força em relações que gerariam a autonomia do espírito humano na vinculação dos indivíduos entre si e com a própria natureza, traduzem uma ode ao conhecimento em sua forma racional. É essa sociedade que complexa, tardia, líquida, ou de risco para alguns<sup>35</sup>, contempla uma diversidade representativa de desejos e escolhas pautadas em crenças “individualizadas” de forma extremada.

Testemunha-se um modelo de relações socioculturais, que se espraia também em outras formas de sociabilidade. Um quadro onde o “protagonismo” individual adquire vigor no propósito de se preservar, competir e sempre estar pronto para recomeçar por meio de estímulos positivos. Esse formato de construção identitária só se tornou viável em função de um sistema de crenças que balizam e orquestram a “esperança” individual de continuar e perseverar.

Persiste o valor da liberdade individual posto em termos liberais. Mas se opera um novo delineamento para o mesmo. Uma liberdade que sofre o descomedimento, uma segunda pele de sensações positivas, na perspectiva de Han (2022). O ser livre significa operar a vida de forma solitária. Uma autonomia pressuposta por uma sensação de controle sem terceiros. Ao indivíduo encarna-se a oportunidade de autodeterminação. A

---

<sup>35</sup> A exemplo dos teóricos já citados anteriormente.

um projeto social em andamento, o uso exclusivo de um poder que controla ao avesso, de dentro.

O conceito de “sociedade do cansaço”, ornado por Han (2022), denota um corpo social de indivíduos sedimentado por auto felicidade. O mesmo anuncia o desempenho como o conciliador de novas identidades. O pertencimento social é facultado pela abundância de otimismo. Ou melhor, constata-se uma riqueza de estímulos positivos e motivacionais desprezando uma assunção negativo. O positivo é posicionado como mais uma razão, uma ética anunciada, o esteio de ofertas de incentivos, uma forma de ser aceito.

Para o autor (2022) não é o “negativo” que desidrata o ser. Não é a desesperança que se ocupa em gerar o esgotamento físico e mental. Nessa compreensão, ao indivíduo é decisão fortuita não se deixar tomar pelo pessimismo. Seria carregar-se de fracasso, uma não existência ignorar o leque de motivações existentes. A liberdade individual se reforça na aceitação do desempenho motivado. O cansaço se constrói na jornada, cimentado pela auto culpa por não ter correspondido ao esperado. A exaustão provém da esperança, da intemperança da mesma.

Nesse imaginário, pondera-se que mesmo diante de um modelo social que se individualizou negativamente, como já previsto por Castel (1999), se caracteriza também por outras formas de encantamento, que mesmo não sendo calçada por formatos tradicionais, assumiu performances que carregam imputar ao indivíduo o peso da responsabilidade por suas perdas e ganhos, num também pêndulo entre esperança e desesperança, sucesso e fracasso, empreender e desistir, tentar ou se acomodar.

A esse respeito, toma-se mais uma vez aqui a cultura de autoajuda, por intermédio do seu mercado editorial, da performance *coach*, como uma das facetas dos possíveis sistemas de crença que expedem formas do crer/acreditar que tudo se pode caso o indivíduo esteja determinado para tal feito. A razão aqui nesse caso é utilizada não em oposição, mas a favor de modelos ou formas de “engenharia humana”, ou a “proletarização das mentes” que buscam convencer o elemento humano, de forma cartesiana, que o manancial de possibilidades de destinos está posto para o desempenho.

A razão, dentro dos sistemas de crenças ou mesmo reencantamento da autoajuda, pode também ser utilizada como alicerce de convencimento para compor estratégias para se ultrapassar problemas ou conseguir se desafiar constantemente. Isso se dá em

uma sociedade que relativiza essa atitude como a expectativa “normal”, e com chegada na naturalização desses processos. Na perspectiva de Han,

O novo niilismo não implica que a mentira foi feita verdade ou que a verdade foi difamada como mentira. Em vez disso, a própria diferenciação entre a verdade e a mentira é que foi anulada. Quem mente de maneira consciente e se contrapõe a verdade, legitima esta última de modo paradoxal. Mentir é possível apenas ali, onde a diferenciação entre verdade e mentira se mantém intacta. O mentiroso não perde referência à verdade. Sua crença na realidade não é impactada. O mentiroso não é um niilista. Não põe a própria verdade em questão. Quanto mais resolutamente mentir, mais a verdade é comprovada (HAN, 2022, p. 53-54).

Aprecia-se que no discurso emocional, como prática social, concorrencial, político-ideológico, empreendedor ou meritocrático, que a instalação, ou até mesmo a continuidade de uma sociedade reencantada, pode expressar a necessidade de encorajamentos afetuosos. A literatura de aconselhamento, ao se pôr a reencantar o imaginário social, se apresenta como um caminho a ser seguido pela disponibilidade de ofertas terapêuticas. As mesmas prevalecem por direcionarem um maior potencial de estimular.

Visões de mundo são conduzidas a dialogar nesse estágio na busca pelo desempenho. Identifica-se que os discursos terapêuticos conduzidos pela literatura que se põe a aconselhar não renunciam a diversidade de ordens discursivas. De maneira oposta, os discursos se entremeiam numa cruzada que reforça o “individualismo positivo”. Seja no antropocêntrico, ou no teocêntrico, racionalidade, fé, ciência, força de vontade e desejos estão em unidade.

Como já sugerido anteriormente, esta pesquisa, assume localizar as relações de discursos emocionais, esperança/desesperança, seja na expressividade social, ou no mundo do trabalho, ou no regime de informação (HAN, 2022), ou até mesmo em relações interpessoais, para além de uma perspectiva economicista, mas o que não significa dizer o seu descarte.

É nesse ambiente que alguns conceitos fundamentais daqueles que posicionam o mundo do trabalho no centro da análise são resgatados para o convite de pensar o sistema ideológico e alienante nessas relações, também operando com outras roupagens e formatos na sociedade contemporânea. Mas ao resgatá-los, pondera-se como

vigorantes para a compreensão de uma sociedade que aloca a categoria, e a razão de ser indivíduo, em um exagero significativo.

Entende-se a análise de Castel (1999) como preocupada em sua essência com as distorções opressoras praticadas pelo próprio arranjo que está contingenciada a sociedade de classes, e a forma como todo um sistema de crenças balizam elos de convencimento que sustentam a durabilidade e manutenção do ideário capitalista e neoliberal. Nesse bojo, percebe-se a desigualdade social (CASTEL, 1999) como uma condicionante fundamental para a manutenção da ordem lucrativa, e dessa forma, manutenção do sistema de “comportamentos”.

Com isso, o estabelecimento da riqueza de uma classe em detrimento de outra, que se emoldura como cada vez mais precarizada por meio do seu trabalho, para além da sustentação da riqueza em si, ela, desigualdade social, dinamiza também com o seu resultado final, uma substancial forma de alienação que caracteriza a classe que vive para o trabalho.

O conceito de desempenho individual, no raciocínio adotado acima, traz a tarefa de inculcar, como uma violência simbólica nos termos de Bourdieu (1989), no imaginário da classe trabalhadora, a crença de que o fruto e o produto final do resultado do seu trabalho, mercadoria, não o pertence enquanto materialidade, e nem enquanto exercício de consciência de posse do fazer trabalho. Em outros termos, o não assentimento como decorrência do seu trabalho depositado na mercadoria que se forma por meio de diversos trabalhos concretos, aliena os elos de pertencimento e criatividade da classe trabalhadora, na medida em que homens e mulheres que vivem para o trabalho não se reconhecem como potência formativa da realidade material.

A característica “imagética” da mercadoria inflaciona a deterioração da classe trabalhadora ao tomar de si a identificação da sua capacidade criativa, seja nos ganhos materiais e/ou subjetivos. A degeneração não ocorre somente na “ação vilipendiosa” e material, retira-se também a força subjetiva da averiguação da criação. Aponta-se com isso a intensidade de uma dupla alienação, material e subjetiva, que corrobora para o aumento da riqueza do capital em detrimento da espoliação daqueles que operam a produção dessa riqueza. Os termos tecidos aqui recepcionam o trabalho abstrato, dado pelo somatório de diversos trabalhos concretos que se esvaem para autoconsciência

trabalhadora, como uma forma de conter e impedir o reconhecimento da potência criativa da classe trabalhadora em uma perspectiva marxista.

No entanto, compreende-se que em uma sociedade cada vez mais racional e reencantada, desesperançosa e informacional, onde “a distinção entre ficção e realidade desaparece” Han (2022), que não assume espelho de autonomia humana, outras variáveis de contenção da classe oprimida, ou de crenças e esperanças, como filiam-se, caminham ao lado dos dispositivos alçados pelas formas materiais e alienantes de sociedade.

Infer-se, nesse sentido, a cultura de autoajuda e a performance *coach* motivacional, como dispositivos possíveis de resgatar a crença individual de que os ganhos do trabalho, ou da persistência empreendedora do indivíduo podem, além de produzir e trazer coisas materiais, o que suspeitamos estar em segundo plano para esses atos de fala, direcionar os destinos de vida desejáveis pelos misantropos indivíduos. Ou seja,

A atomização e a narcisização crescente da sociedade nos ensurdecem perante a voz do outro. Levam igualmente à perda da empatia. Hoje, cada um presta homenagem ao culto de si mesmo. Cada um performa e se produz. Não é a personalização algorítmica da rede, mas o desaparecimento do outro, a incapacidade de ouvir atentamente, que é responsável pela crise da democracia (HAN, 2022, p.36).

A instrução autocentrada materializada pela cultura de autoajuda, assim dizendo, a conquista também concreta por meio da crença de que o “impossível” não existe para o indivíduo narcísico, estabelece um fetiche da mercadoria às avessas ao “trabalhador”. Pois, se nesse último caso, o sujeito do trabalho não reconhece como seu a representação do mesmo, o fetiche da autoajuda oferece como sua e exclusiva, todas as possibilidades do curso de sua vida. No entanto, há uma intersecção nessas duas formas de ver a presença do fetiche, em ambas, o contexto social é colocado sumariamente em inexistência.

O contexto histórico e social dos variados trabalhos concretos desaparece, bem como a expropriação e a exploração se unem a este efeito velado. Em termos contemporâneos, as circunstâncias sociais que forjam os marcadores sociais da diferença capitalista são acionadas pela construção da crença, discurso e esperança “iluminista”, para despejarem toda forma de responsabilidade e culpa ao próprio

indivíduo que é sujeito histórico de uma sociabilidade que retira a dignidade humana, ao desintegrar a potência do trabalho criativo. Nas palavras de Han,

A racionalidade discursiva é ameaçada, hoje, também pela comunicação afetiva. A gente se deixa afetar demais por informações que se seguem apressadas umas às outras. Afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular (HAN, 2022, p.25).

O fetiche contemporâneo pode corresponder também em estimular o indivíduo a não compreender os processos históricos e a dinâmica da engrenagem capitalista como àquele que processa o resultado de sua própria “falência”. O “gatilho afetivo do discurso”<sup>36</sup> “instalado” nas subjetividades humanas remete a culpa por fracassos sociais ao próprio indivíduo que se vê em uma busca constante por pertencer aos termos da cultura capitalista. O capital e todas as suas vicissitudes apresenta a desesperança empírica, enquanto a cultura de autoajuda resgata a esperança por meio do fetiche que dispara a possibilidade de que o dever ser exclusivo em tempos atuais, resulta em construir e recomeçar sentidos e significados de vida individualmente.

Nesse contexto, o conceito de inovar, tão bem condensado na cultura de aconselhamento, compõe mais uma forma de comunicação e de gatilho afetivo do discurso ao engendrar no sujeito contemporâneo formas de busca por identidade. Mais uma vez, maneiras de se inserir no mundo “real” que carrega a marca fetichezada da esperança em contextos que apresentam a desesperança social. Abrange-se, desta forma, um vigor participante e um excesso de “positividade” (HAN, 2015) que parte da cultura de autoajuda ao projetar novas possibilidades de vida, e, em outra margem, indivíduos à espera de novas orientações.

Nesse ambiente, onde o amparo coletivo (CASTEL, 1999) experimentado em um arranjo cultural produtivo que perde robustez, eles, aconselhamentos, procuram pautar novos significados de pertencimento tão distantes em tempos de economia concorrencial. Alcança-se, nesse processo, a cultura de autoajuda como mais uma variável que pratica o discurso de agir e viver em uma determinada forma, como um

---

<sup>36</sup> Para Bonfante “gatilhos afetivos moldam o corpo, enquanto o expressam, o performam. Eles são signos ou fatos linguísticos que interagem com corpos, alteram positiva ou negativamente seu potencial de ação. Os gatilhos afetivos são relações indexicais que nos movem, nos afetam. As linguagens são a pele do afeto. São nelas que o afeto se mostra para o observador” (BONFANTE, 2022, p. 204).

aspecto natural da vida social em desempenho. Nessa arquitetura social Han destaca que:

[...]A sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do *doping* [...] O *doping* não passa de uma consequência dessa evolução na qual a própria vitalidade, que é constituída por um fenômeno bastante complexo, é reduzida a uma função vital e um desempenho vital. Como contraponto, a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade. O excesso de elevação do desempenho leva a um infarto da alma (HAN, 2015, p. 37-38).

Ao difundir uma forma “positiva” de vida imputando ao indivíduo a exclusividade na construção do seu “destino”, a cultura de autoajuda declara preceitos capazes de organizar dificuldades e atuar para a concorrência. O praticante se depara com recomendações positivas que blindam e desresponsabilizam o sistema vigente pelo fracasso e desamparo humano. Ao olhar de Han, “não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos” (2022, p. 8).

Avista-se aparatos de convencimentos que manejam subjetividades ao reafirmar no imaginário social o fetiche pela autonomia exageradamente individual em um contexto de elevada positividade. O projeto iluminista para além das garantias individuais, também trouxe o ideário de um processo de individualização que se acirrou em termos contemporâneos, onde a transformação individual organiza caminhos solitários e por desempenhos. É nessa perspectiva que a cultura de autoajuda pode se estabelecer com intensidade.

Atenta-se para essa força de afirmar e reafirmar a categoria indivíduo e as possibilidades que lhes são postas como uma forma contínua de reificar convicções. Os mesmos balizam e reforçam o ideário do projeto iluminista da formação do Estado liberal que intensificou o princípio da posse e da produtividade em seu desenho neoliberal, ou melhor, da vida para a concorrência.

Na justificativa constituída para significar a permanência de um, agora, Estado neoliberal e seus desdobramentos, enquanto instituição também organizadora das

relações humanas, implica-se conceitualmente introduzir no centro da reflexão a instabilidade causada pela categoria “liberdades individuais” como o cerne da impossibilidade de manutenção de um quadro de harmonia e convívio social sem a intervenção de uma “terceira pessoa” para a solução de litígios existentes.

O Estado, nesse sentido, atuaria como responsável pela organização do direito de posse e autonomia individual. Esses valores institucionais, compreendidos de forma “naturalizada” dadas a sua força, amplia, e potencializa a instituição “indivíduo”, ao trazer consigo a crença de um mundo “alcançável” a todos e todas por meio de esforços “individualizados” que contam ainda com a proteção e manutenção de suas conquistas materiais.

Na compreensão de Castel, vive-se em tempos de individualismo “negativo”, “porque se declina em termos de falta – falta de consideração, falta de seguridade, falta de bens garantidos e de vínculos estáveis”. (1999, p.598). O mundo do trabalho desregulamentado se vê a deriva à classe que vive do e para o mesmo, onde a desesperança social aquece em não apresentar horizontes empíricos para uma ordem que faça declinar o quadro de desigualdade e injustiça social.

Para o autor (1999), o arranjo posto produz um sujeito social sem referências de um enquadramento coletivo que forneça novos moldes de resistência ao individualismo que deprecia o ser. A saída, segundo o mesmo, é de um Estado estrategista que assuma a regulamentação de novas formas de solidariedade como condicionamento de resistência ao ordenamento das prerrogativas do “mercado”.

A concorrência, nesse recorte, não só rompe o alicerce de consenso vivenciado no espaço público, como também estrutura possibilidades para que o processo de individualização nas suas mais variadas crenças que a sustentam, assumam vazios para a sua legitimação. A inventividade da categoria indivíduo, nesses termos, é calçada pela crença de que as contingências revelam a busca por construir os ditames da própria existência.

O Estado, nesse propósito, é responsável por balizar possíveis conflitos, no entanto, os ideais neoliberais elevam a categoria indivíduo para patamares que dão vestígios dessa força representativa na sociedade contemporânea. Estado esse que

“arma” a entrega das regulamentações sociais ao interesse do mercado em tempos de infocracia<sup>37</sup> como destaca Han (2022).

Esse quadro leva a pesar o elo eletivo de crenças em uma comunicação afetiva. O prenúncio resgatado pela cultura de autoajuda, onde o indivíduo é “habitualmente” protagonista de si mesmo, já constituía o credo moral da liberdade assegurada no direito legítimo da concorrência. A sociedade contratual, em seu trâmite, salvaguarda a posse e a regulação de conquistas individuais.

Por um lado, a “propriedade”, ou o instituto do que pertence por direito a alguém, não pertence a outrem, produz inevitavelmente a desigualdade social. Por outro, a garantia domiciliada sugere que todos estão “livres” para obtê-la, propriedade, e se houver êxito estarão assegurados do seu direito de conquista. Entende-se, que o que se estabelece não reside somente no fato de ter certificado o direito de desfrutar daquilo que se é proprietário.

Nada obstante, a crença orquestrada contígua a categoria indivíduo, eleva o ato da conquista material do que se corresponde como privado. Um ato glorioso e honrado dos indivíduos que informa com isso a representação de status social. A sociedade em seu estado de regulamentação, funda a desigualdade legítima, onde o indivíduo é “livre” para o convívio entre seus pares, e cruze as suas vidas na possibilidade da previsibilidade na relação com o outro. No entanto, em termos contemporâneos, para novamente Han,

Não são as pessoas que são realmente livres, mas as informações. O paradoxo da sociedade de informação é: as pessoas estão aprisionadas na informação. Afivelam elas mesmas os grilhões ao se comunicarem e ao produzirem informações (HAN, 2022, p. 12).

Ou seja, a vida “previsível” e regimentada pela sociedade atual, extraem e depositam informações ao indivíduo que balizam resultados e frustrações por meio da produtividade e desempenhos. Pois agora, as possibilidades de se “obter”, seja o que se queira, estão asseguradas. Não há mais o receio das demandas vividas em tempos

---

<sup>37</sup> “A digitalização do mundo da vida avança, implacável. Submete a uma mudança radical nossa percepção, nossa relação com o mundo, nossa convivência. Ficamos atordoados pela embriaguez de comunicação e informação. O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também, nesse meio-tempo, âmbitos políticos e leva a fraturas e disrupções massivas no processo democrático. A democracia degenera em infocracia” (HAN, p. 19, 2022).

tradicionais. Ao passo que o “ter” materialmente falando, bem como enquanto reconhecimento social se torna quase uma “obrigação”, quando não um “fracasso” individual.

Reconhece-se com isso, que o desenvolvimento da sociedade civil desde a sua abertura, e com a elevação de patamar da categoria indivíduo, se sustenta também por meio de seu manancial de “certezas”. A estabilização da propriedade privada e de concorrência, ou seja, a regulação e proteção da posse só foi possível por meio da instituição de crenças que se vertem em um agora, regime de informação.

Um dos dispositivos considerável dessa força no acreditar em um projeto de sociedade pactuado pelo individualismo, reside por exemplo na “esperança” de que todos e todas, principalmente àqueles que ainda não possuem uma parcela de reconhecimento social, possam conquistar. Nesse lapso, o reforço ecoado pela cultura de autoajuda contribui para reificar valores específicos também fortalecidos e posicionados na sociedade contemporânea. Para mais uma vez Castel,

A segmentação dos empregos, do mesmo modo que o irresistível aumento dos serviços acarreta uma individualização dos comportamentos no trabalho completamente distinta das regulações coletivas da organização “fordista”. Não basta mais saber trabalhar, é preciso saber, tanto quanto vender e se vender. Assim, os indivíduos são levados a definir, eles próprios, sua identidade profissional e a fazer com que seja reconhecida numa interação que mobiliza tanto um capital pessoal como uma competência técnica geral (1999, p. 601).

Nesse sentido, a igualdade em termos de “confiança” social reforçada pela cultura de autoajuda, se abastece na esperança promovida pela conquista da propriedade privada. Se os “contratualistas”, mesmo que implicitamente enquanto formulações, trazem o questionamento de como seria a vida sem o Estado, corrobora-se em também questionar como seria a vida na sociedade civil contemporânea sem a cultura meritocrática e empreendedora.

São questionamentos que não se separam de respostas que posicionam a força das instituições sociais, a exemplo da incumbência do *coach* motivador, na formação de asserções. Para Han, “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos” (2015, p.14).

Na presença da melancolia, que representa o esmorecimento da autonomia individual e a interrupção com os sentimentos de pertencimento social por não atender expectativas dadas, a cultura de autoajuda busca acionar vinculações de segurança social apontando caminhos para restabelecer cursos de vida. Embora, o anúncio da covardia episódica, convivem. Ao indivíduo é entoado a auto participação na formação do seu destino. Instruções atracam em um meio em que adversidades momentâneas, como foca a cultura de autoajuda, denotam novas origens. Para também Castel,

Para muitos jovens, em especial, é necessário tentar esconjurar a indeterminação de sua posição, isto é, escolher, decidir, encontrar um jeito e preservar uma preocupação consigo para não se afundar. Essas experiências parecem estar nas antípodas do culto do eu, desenvolvido pelos adeptos da performance ou pelos exploradores dos arcanos das subjetividades. Não deixam de ser aventuras de alto risco de indivíduos que, antes de tudo, se tornaram tais por subtração (1999, p. 603-604).

Observa-se a cultura de autoajuda em vicinalidade com a variável esperança. Decorre-se se para esta análise, como um aspecto importante para entender os quereres individuais e visões de mundo do tempo válido. Essa modalidade de escrita, e de performances profissionais, pode ser reveladora dos contornos e novos designíons neoliberais. Ao passo que entender tal fenômeno de exacerbação da positividade, as suas formas de ação, os aceites e projeções por parte de seus “seguidores”, os processos simbólicos que são desempenhados ao tecer novas relações, sentidos e significados para a categoria indivíduo, dispõe em compreender o governo de condutas.

Nesse aspecto, se aproximar da cultura de autoajuda é também poder inteirar-se dos processos sociais de um tempo histórico em suas emergências e nas suas influências. A “ordem” social, lida como a moral e o costume de uma sociedade, possui a perspectiva de apontar a força daquilo que foi instituído na relação com as reciprocidades individuais. A mesma revela a ideia de corporificação para demonstrar a maneira presente desses mesmos costumes e a moral social na atitude dos indivíduos em suas mais variadas ações.

Não se propõe constituir um debate metodológico já tão bem adensado na tradição das chamadas ciências sociais, no entanto, corresponde-se dizer que as inclinações dos discursos emocionais da literatura de autoajuda dão eco em promover e

operar mudanças de comportamentos físicos, subjetivos, bem como formulam novas “racionalidades” ao pensamento humano. A essa circunstância, Han nos sugere que:

O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo de poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever (2015, p.14-15).

Posiciona-se o social contemporâneo não acenando mais, como em termos tradicionais comunitários, para vínculos de segurança social. Ou seja, a moral, era responsável por conduzir a vida individual com a força e a expressividade de caminhos já dados como prontos. Isso não só trazia a segurança da instituição como forma de blindar um “indivíduo” ainda inexistente enquanto categoria social, como atenuava a responsabilidade individual frente ao contexto social.

Pondera-se, a possibilidade do processo de colonização da cultura de autoajuda aos sentimentos de pertencimentos individuais. A mesma fornece procedimentos na forma cooperada e positiva como visão de mundo, ou seja, o indivíduo pode tomar-se “comunitariamente” a quem recorrer, ao mesmo tempo que essa própria comunidade no sentido da segurança subjetiva, aponta que a saída para as possíveis incitações modernas só se rompe diante da atitude individual.

Assim, a nebulização da cultura de autoajuda ocorre em uma forma sutil. Que envolve o artesanato de subjetividades na perseverante procura por identidade. Adequar-se em tempos contemporâneos, atinar esperança em um contexto de desesperança social, é um compromisso, um dever. O desempenho em união com a concorrência dá ares de maturidade ao ser. “Neoliberalar-se” é uma tomada de decisão sã. A esse respeito,

A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma (HAN, 2015, p. 16).

A positividade social preceitua uma nova organização. Expõe maneiras de os indivíduos “gerenciarem” as suas emoções, escolhas e direções. A capacidade interna é estimulada em inspirações do que é dado no limiar do (im)possível para o “triunfo”. Ser pessimista é relegar-se a novas relações, se fechar para oportunidades. O aval positivo atesta o caráter, em quem se pode, ou não confiar. Não existe desempenho que se tolere confiar a indivíduos tristes. A concorrência sob a égide positiva recebe a marca de um condicionamento “emocional” que deve ser praticado e evoluído.

São ações posicionadas entre a dualidade esperança – desesperança tomadas por um complexo de crenças que efetivam uma atribuição significativa em repassar responsabilidades à categoria indivíduo. A representação cultural da autoajuda, estabelecida em seu bojo pela performance do *coach* contemporâneo adjunta da literatura do aconselhamento, pauta a concorrência como uma possibilidade de expediente do “insucesso”. Faz-se uso da comunicação afetiva imbuída de demonstrar outros cenários em face do desolador.

Os conceitos de “individualismo negativo” e “positividade” convergem em desvelar a forma com que o arranjo social contemporâneo produz, por meio de seus pressupostos ideológicos, um fazer “encorajado” do indivíduo. Nessa forma de “armar” o social, a cultura de autoajuda se apresenta como uma fisionomia de individualismo positivo, o que corresponde organizar uma maneira de convicção social em diálogo com o discurso concorrencial promovido pela forma neoliberal de manutenção da ordem social.

O sentimento de “liberdade” circunstanciado ao indivíduo em regime de informação, como dispõe Han (2022), opera de forma explícita ao vivificar os mesmos em uma alegoria que empodera a categoria. Dissemina-se referências em um imaginário em que a “disciplina” contemporânea, parte em fazer com que as construções de vida sejam vigiadas em um ato solitário e contínuo de estímulos positivos.

A automotivação é orquestrada por variáveis que dispõe de uma linguagem afetiva que determina a ação individual para enquadrar destinos, bem como originar informações fundamentais para sistemas que arquitetam potencialidades de concorrência. A literatura empreendedora e performances de autoajuda movem-se em *looping* ao reforçar cenários positivos, e ao mesmo tempo, intensificar uma negatividade individual que tolda contextos socioculturais.

Nesse processo, a sustentação da verdade (HAN, 2022) perde um parâmetro unitário onde a imaginação se entremeia com a mesma em uma “harmonização” que confunde os que absorvem cotidianamente aparências comportamentais de como atuar. As epígrafes e gatilhos ofertados pela cultura de autoajuda podem ocupar espaços de verdade que avivam um “eu” positivo na busca por inserção social, ou até mesmo para ocupar os termos da cultura neoliberal.

A concorrência, e os reveses apresentados pelas condições de trabalho precarizado, ao que é atestado pela literatura de aconselhamento, não condizem com parâmetros justificáveis ao “fracasso”. Não deixam de existir, mas são tidos como mais um momento para uma tomada de decisão individual. Decisões que são incitadas por excessos de verdade positivas. Um letramento emocional fiado por ofertas terapêuticas que podem acolher aos que estão destituídos de novos pertencimentos.

Nesse âmago, as formas de solidariedade social capazes de resistirem aos efeitos das injustiças sociais estão completamente desgastadas nas considerações de Castel (1999). Os vínculos comunitários foram sobrepujados por uma teatralização do “individualismo coletivo” que move um “individualismo sem proteções sociais”, dadas as condições políticas neoliberais em uma economia capitalista. A produção flexível, também reestruturada em termos de adaptabilidade humana, sustenta as formas de precarização do trabalho, ou o “mais trabalho” em circunstâncias “positivas”. O positivo diante da desesperança dispensa a promoção do nexo comunitário.

O que se inflaciona, enquanto projeto empreendedor e “condução da conduta”, é o positivo individualizado em que se compor em termos de desempenho, de forma isolada, alcança ressonância em variáveis que promovam o encontro da esperança com o individualismo negativo. A “tecnologia” reside em fazer com os que se deparem com a desesperança reajam em termos de consciência com a crença na autculpa e, de forma concomitante, com a disposição para o reinício. O processo de representação cultural

formado impele produções simbólicas que depuram estágios de convencimento e articulações culturais como é o caso da autoajuda empreendedora.

As tecnologias da informação e comunicação - TICs são acompanhadas por tecnologias da “crença” afetiva e de desempenho, que juntas modificaram toda a produção capitalista no último quadriênio do século XX. Exemplo próximo é a polivalência da automatização das máquinas nos processos fabris, do mesmo modo que a confecção do “desejo” da classe trabalhadora em igualmente ser polivalente e multifuncional. Isso se dá ao ser posta a treinar, se “reciclar” e assumir a responsabilidade da multitarefa em uma instável arrumação do trabalho. O cansaço social (HAN, 2015) é a consequência de uma ordem positiva.

Consequência essa que também frui da efervescência da representação cultural da autoajuda. Pertencente a uma sociedade que estimula a cena do positivo aos indivíduos, uma vez que também acolhe e produz o exercício e os efeitos de uma individualidade negativa. Com relação a isto, o positivo e o negativo se retroalimentam, ou melhor, a esperança e a desesperança capitalista convivem lado a lado em uma conjunção que pode retirar dos indivíduos os caminhos comuns para promover um modelo social com outras alternativas.

O contexto difundido parece vislumbrar estágios ainda mais avançados de individualismo negativo, com a continuidade do poder da informação coletando e gerando estímulos, impulsividade e afetuosidade para o desempenho. Em mesma celeridade, o cansaço social é desafiado por fórmulas de “estética” de existência humana, o que não significa a sua inexistência, mas que atualiza renovadas “plataformas” de comportamento emocional que fazem (re)nascem “novas maneiras de viver”.

A competição “voluntária” pelo maior desempenho retrata, através de uma tecnologia neoliberal, a sensação de liberdade. Uma autonomia que se traduz de forma cara ao indivíduo. Uma conquista condensada pelo desejo do “poder” fazer. O arranjo perpassado pela consciência de uma não subalternidade ao poder da disciplina, do mando do outro. Apega-se ao entendimento de um “poder” de emancipação. A representação do autogoverno do destino, a permissividade com traços positivos. Para esse desenho Han manifesta que:

Ineficiente é todo poder disciplinar que, com grande esforço, aperta violentamente as pessoas com um espartilho de ordens e proibições. Muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação por si mesmas. Essa técnica busca ativar, motivar e otimizar, não obstruir ou oprimir (HAN, 2018, p.26).

Exibe-se, nessa perspectiva, o delineamento de uma forma de poder remodelada. Da biopolítica disciplinar de Foucault (2008) para a psicopolítica da iniciativa motivada de Han (2018). As mesmas não se excluem, mas a época vigente espelha a sutileza do domínio otimizado. Casa-se liberdade com auto desempenho, a transferência do alcance do olhar institucionalizado da disciplina para o autogoverno. Na representação do propalado entusiasmo neoliberal, o indivíduo é que se rege. Planeja-se, organiza-se, motiva-se e se responsabiliza no “redondel” dos resultados.

Com a auto culpa não é diferente. O discurso neoliberal entoa o campo das liberdades individuais e contextuais. Das possibilidades dadas ao empreendedor de si mesmo. Dispõe-se o como fazer, o que suportar, e ao mesmo tempo não desanimar. A composição de exploração alheia perde força simbolicamente, pois o “destino” é construído por si só. Não há a quem culpar, pessoas e instituições não são mais determinantes nessa lógica. Não há ruína compartilhada, ou justificativa de proveito de outrem. A classe trabalhadora volta-se a empreender. No fiasco, cabe somente digerir a auto culpa.

A psicopolítica (HAN, 2018) é um dispositivo de sujeição. É a forma inteligente de governança neoliberal. Velada, airosa e desafiadora, pois hospeda no indivíduo a autonomia explorada travestida de liberdade. O interesse não é somente o controle dos corpos, mas sobretudo das mentes. Um poder “elegante”, que sugere contingências da conquista individual. Treina-se, capacita-se e organiza-se a esperança individual no caos. A saída é dada pelo desempenho, pelo entendimento da produção empreendedora. Não se produz para alguém, é sempre para si mesmo. Nesse sentido, não são facultados limites para distintos alcances.

A determinação pessoal torna-se termômetro para a diferenciação das mentes. No entanto, para todas existe o autoritarismo da otimização. Isso se dá de dentro, um entendimento de se gerir de forma maximizada. A inteligência dessa dinâmica de poder está na voluntariedade dos indivíduos. Atesta-se na busca da auto performance, na culpa

pelo objetivo não cumprido, na frustração do descarte. O cansaço social (HAN, 2015) vem da instabilidade, da insegurança, do não conseguir, na auto responsabilização do insucesso. Mais uma vez, esperança e desesperança se retroalimentam.

Para a exaustão, que não pode margear o processo, o terapêutico assiste ao dia a dia. As ofertas encorpam o discurso da liberdade de escolha individual. Da aparição da esperança renovada à um ponto de apoio para continuar. O interesse é na manutenção da eficiência, no aumento de condicionamento emocional e físico para o desempenho. O sujeito conectado de hoje, com a psique digitalizada, compara-se e é comparado. Coloniza-se as subjetividades para o isolamento proposital, para a preparação, para a concorrência. À vista disso, “a motivação, o projeto, a competição, a otimização e a iniciativa são inerentes à técnica psicopolítica de dominação do regime neoliberal” (Han, 2018, p.31).

Ao adulto produtivo espera-se a necessidade constante de estar em “busca”, mesmo do desconhecido. A desesperança deve ter tempo limite, ser passageira na perspectiva de ir ao encontro do inaugural. Por outro lado, a esperança deve estar às mãos. Um artifício para romper o desconhecido, o desânimo do cansaço. Na rentabilidade subjetiva, a demanda é dada pela intensidade do positivo. O panoptismo daí em diante, acumula respaldo na auto sujeição.

As redes sociais/digitais doam a acareação de condutas. Espaço para aprovar e ser aprovado, para demonstrar as feitura, disposição para os tempos de rivalidade. O cansaço não é confidenciado, o que se pretende é patentear a imagem do esforço. Ou melhor, da conquista mais recente, da aparente forma de laurear-se. A expedição do realizado afirma novos restauros, maneiras atraentes para lançar-se para a prontidão. Não há atmosfera para o desânimo, o mesmo não gera dividendos no mercado de *likes*. A “razão” neoliberal adentrou a dinâmica digitalizada para a concorrência.

#### 1.4 – Gestão de Aptidões, Cidadão Maximizado e Lucidez do Esforço

O *design* “neo” de uma “automotivação”, da “concorrência voluntária” e da inaugurada psicologia positiva descende de um contexto de desaquecimento de um “bem-estar” voltado para o social. A felicidade, enquanto variável de “sucesso”, que

pode ser “conquistada”, adorna o juízo individual. O governo do social, frequenta o “governo de si”.

São relações culturais vigoradas na paisagem do associal com emoções inerentes ao universal. Otimizá-las é um “dever” do cidadão das emoções, um verniz para coexistir com o precário. É fazer uso de um ethos terapêutico para a inegociável liberdade individual. Liberdade que valida uma forma de existência. Um projeto em curso que dissemina uma forma de racionalidade. Como exprimem Dardot e Laval:

Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (2016, p.16).

Indivíduos e sociedades são tutorados no fundamento empresarial. Há que se ter um comprometimento austero por um lado, entretanto, o vetor existencial percorre o aumento de ativos. O “empresário de si” corresponde o empenho por auto investimento, por crescimento, em valorar-se para competir. Às subjetividades, nutre-se o entendimento, os significados da lógica do mercado com a armadura da liberdade. Aos “aptos”, na perspectiva de uma “seletividade natural”, a glória. Aos “fracos”, a culpa, a eliminação momentânea com o porvir de uma nova tentativa.

Situa-se, com o prisma neoliberal, o “governo das condutas” como uma maneira de adaptação dos indivíduos para a “melhoria” da própria sorte. Ruir antigos hábitos, destruir comodidades, estimular o empreendedorismo humano formam a escalada de condições para o ajuste de novas relações sociais. Renova-se, pós desmantelamento do Estado voltado para o social, o embate ideológico que instaura a escola de proveitos do capitalismo<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> “O advento do capitalismo financeiro, ao contrário do que anunciaram na época de alguns analistas, não nos fez passar do capitalismo organizado do século XIX para um “capitalismo desorganizado”. É mais adequado dizer que o capitalismo se reorganizou sobre novas bases, cuja mola é a instauração da concorrência generalizada, inclusive na esfera da subjetividade. O

O discurso das vantagens recupera a ideia do princípio da liberdade, e da autonomia. Enseja aos indivíduos a normatização da retirada das travas da prosperidade (DARDOT e LAVAL, 2016), no que se pressupõe o Estado como a barreira para tal acometimento. Passa-se ao Estado a responsabilidade pelas mazelas sociais aferidas pelo desperdício, má gestão, e interesses públicos, sobrepujando os interesses privados por meio da veneração do mérito. Trabalho, esforço e realização pessoal.

O Estado se apresentando como um “impeditivo para o crescimento humano”, para a liberdade de inovação, o conceito do risco individual acompanha a noção de interesse, e de desejo. Pressupõe-se, ao indivíduo, o “direito” de realizar as suas aspirações contabilizando culpas, perigos e responsabilidades para a valoração de seu capital humano. Da “assistência” social para o “mais trabalho”, da lamuria das perdas para a política de fomento ao desempenho.

O termo “reestruturação”, não incrementa somente a recente maneira de produzir no sistema capitalista. Impele também viçosas formas de pensamento. Reestrutura-se o imaginário da autoimagem voltada às responsabilidades. A vida decorrente escapa da incumbência coletiva para o encargo individual. A idealização de livre competição de mercado volta-se para o singular no formato de oportunidades. O neoliberalismo fez da concorrência um princípio vital, o preceito de uma índole forte. Naturaliza-se a disputa, o “competidor” como arrojo moral.

Objetivos pessoais preterem a solidariedade social na economia do flexível. O discurso neoliberal acompanha uma nova ordem do trabalho. Concorrência, desempenho, precarização e a sombra do desemprego e da descartabilidade escoltam a mão de obra “desregulamentada”. A uberização da liberdade, da autonomia de fazer por si, familiariza-se com o incerto, com a hesitação do adulto produtivo em apostar no “previsível”. A gestão da eficácia afiança efeitos de modernização, adaptar-se ao julgo recente é proceder no cauteloso, na esperança individual.

---

que aprouve chamar de “desregulamentação”, termo ambíguo que poderia dar a entender que o capitalismo não conhece nenhum outro modo de regulação, é na realidade uma nova ordenação das atividades econômicas, das relações sociais, dos comportamentos e das subjetividades” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.202).

É o Estado gerencial<sup>39</sup> sob a vigilância da eficiência do gasto público, e o adulto produtivo sob a vigilância de um novo ethos. A empresa de si coaduna a mentalidade do desempenho, da otimização, de fazer mais com menos. Nesse lastro, a prestimosidade voluntária “deve” acompanhar a performance por resultados. O “contrato social” da “governamentalidade” neoliberal atua como um Estado que se encarrega de encorajar o cidadão maximizado.

A proteção social exige contrapartidas por parte do adulto produtivo. Configura-se um formato de reorganização de aptidões. Um estágio de readaptação, de aquisição de novos condicionamentos para a competição. Uma tutela propositadamente temporária no sentido dos direitos sociais. Organiza-se a configuração regulamentar de “portas de saída” a fim de que o adulto produtivo esteja escudado da inércia do desempenho. São expectativas de comportamentos voltados com a intenção do retorno da crença em fazer por si. Prolifera-se a razão da meta, da motivação e do resultado na auto supervisão.

Dota-se, um status de valoração do sujeito integral. O reconhecimento é concedido como um expediente de poder (DARDOT e LAVAL, 2016). A operação do disciplinamento com destino a execução de tarefas, demove-se para o manejo dos desejos no resultado. O novo indivíduo acredita no desempenho sumptuoso, que caracteriza a sua singularidade na concorrência. Fazer-se raro em uma disputa, o cacifa no batalhado mercado da utilidade. Essa é uma tecnologia entreposta, a crença de que a “guerra” por resultado é exclusiva.

É uma face pujante e, ao mesmo tempo, sutil do discurso neoliberal. Influente porque sobrepõe os domínios do mundo do trabalho. O empenho por êxitos configura um status honroso para outras instituições. Há, por exemplo, compromisso no ócio, na saúde, na estética corporal, nos *likes*, na inteligência emocional, na concorrência de si para si. Graciosa porque carrega ao lado, a esperança egocêntrica na glória

---

<sup>39</sup> “Essa nova hibridização generalizada da chamada ação “pública” é o que explica a promoção da categoria de “governança” para pensar as funções e as práticas do Estado, em vez das categorias do direito público, a começar pela soberania. Ela remete a uma privatização da fabricação da norma internacional e a uma normatização privada necessária à coordenação das trocas de produtos e capitais. Ela não significa que o Estado se retira, mas que ele exerce seu poder de forma mais indireta, orientando tanto quanto possível as atividades dos atores privados e incorporando ao mesmo tempo os códigos, as normas e os padrões definidos por agentes privados (empresas de *consulting*, agências de classificação, acordos comerciais internacionais)” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.278).

personificada, ou no malogro peculiar. A construção estratégica foi dar à concorrência, significado na direção da liberdade individual. No entanto, a liberdade da auto decisão carrega austeridade, encargos de performance, e de autocontrole. Especificamente nesse ponto:

Para Alain Ehrenberg, o culto do desempenho leva a maioria das pessoas a provar sua insuficiência e conduz a formas depressivas em grande escala. É notório que o diagnóstico de “depressão” se multiplicou por sete de 1979 a 1996, uma verdadeira doença de “*fin-de-siècle*”, como foi a “neurastenia”. A depressão é, na verdade, o outro lado do desempenho, uma resposta do sujeito à injunção de se realizar e ser responsável por si mesmo, de se superar cada vez mais na aventura empresarial. O indivíduo é confrontado mais como uma patologia da insuficiência do que com uma doença de falta, mais com o universo da disfunção do que com o da lei: o depressivo é um homem em pane. O sintoma depressivo já faz parte da normatividade como elemento negativo desta última – o sujeito que não aguenta a concorrência pela qual pode entrar em contato como os outros é um ser fraco, dependente, que se suspeita não estar “à altura do desafio”. O discurso de “realização de si mesmo” e do “sucesso de vida” leva a uma estigmatização dos “fracassados”, dos “perdidos” e dos infelizes, isto é, dos incapazes de aquiescer à norma social da felicidade. O “fracasso social” é visto, em última instância, como uma patologia (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 366-367).

Na razão neoliberal, o indivíduo é resignadamente o epicentro das circunstâncias de si. Nessa tratativa, a ordem “psi” sustenta a instrumentalização de um sistema de identificações (DARDOT e LAVAL, 2016). A produção subjetiva na busca do sucesso é incessante, já que representa o desejo dentro de si. Identifica-se, nesse sentido, o adulto produtivo como o principal investidor de si. Guardar esperança parece estar em consonância com os discursos de “verdade” socialmente produzidos.

De fisionomia simultânea, o ordenamento *toyotista* de produção, para além da demanda, organiza a produção no consumo segmentado. De um mesmo produto, a partir das escalas de qualidade, o potencial de vendas abarca um leque de consumidores por meio de suas possibilidades de aquisição. No arranjo neoliberal, as aspirações são identificadas excluindo-se a contingência de finitude. Segmenta-se perfis, entretanto, o fulgor dos desejos individuais nas interações postas à autoajuda, recebe aparato e acolhimento para que o indivíduo não conteste o seu potencial.

A concorrência, que não sofre réplica nesse processo histórico, é cicatrizada nos propósitos subjetivos. Estabelece-se a norma da “condução das condutas”, o comportamento esperado do adulto produtivo no nexo de sua inserção. A lucidez do

“esforço” encarna o espírito daqueles que pressentem que do social não a mais o que esperar. A construção coletiva passa às mãos da construção individual com a compreensão de que a “mais” por realizar. Pesa-se que “as próprias bases do liberalismo “puramente político” foram minadas por um neoliberalismo que é tudo, menos “puramente econômico” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 390).

O culto do desempenho, a crença na concorrência, o adulto empresa e a governamentalidade vigente informam uma nova razão, a racionalidade neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016). Excede-se a comunicação ideológico social, as políticas econômicas, as decisões estratégicas de Estado, as escolhas governamentais para também preencher a condução cultural dos indivíduos. Um processo social que sobrecarrega a individualização e contempla a produção simbólica da liberdade. Cultura, poder e crença.

O propedêutico às subjetividades de autoajuda está no estabelecimento da liberdade de ação. O argumento da responsabilidade encontra conforto no discurso da possibilidade de livre-arbítrio do porvir. O “neosujeito” é fundado culturalmente na razão da concorrência, onde confina-se a crença do exequível. A imagem do “dom” existencial fortalece a harmonia do natural com o cultural. Apesar disso, não o “possuir”, não conforma, não é justificativa de impeditivo para a cultura de autoajuda ao lado da razão neoliberal em termos contemporâneos.

A animosidade para com os não “adaptáveis”, é disposta pela natureza do discurso da obrigatoriedade em triunfar. Nessa solução, não existem janelas para a desistência. Ao indivíduo anômalo, disponibiliza-se a assistência motivacional. A cultura de autoajuda dialoga com o futuro no tempo presente da concorrência. Auxilia-se da experiência passada como esteio de demonstração de experiências versadas. A mesma frui nos exemplos de cursos da vida que se enaltecem na glória da conquista, ou no recomeço de um resultado frustrado.

Plasma-se um encontro no modo de produção econômico concreto. A razão neoliberal, e a cultura de autoajuda anunciam o “lúdico” de uma competição recreativa “coagulando” motivações no adulto produtivo. A realização já se inicia em não constar fora do “jogo”, em não depreender apagado dos perímetros da razão, e da cultura empregue. É uma lógica que encanta e desencanta sincronicamente. Arrebata porque indica a manutenção do rastro “certo”, e acolhe em um recinto identificável. Excogita

porque dita a norma comportamental em uma exclusiva visão de mundo concorrencial e excludente.

A performance do *coach* na superfície da cultura de autoajuda, cerca-se de uma racionalidade. Corresponde à prática coerente de um tempo cultural. É próprio de um processo que toma a “concorrência” como mostruário moral. A secularização dotou o exercício da razão como um dever de mesura ética. Nesse sentido, a “nova razão” reboca o identificável de procedimentos adequados. O discurso neoliberal não se veste de amadorismo histórico, ao contrário, avigora significados de existência. É reformador no entretom do sistema econômico que deprecia o ser, e, no entanto, prevalece como “verdade”.

A cultura de autoajuda também voga nessa verdade. Dá eco aos sentidos de uma racionalidade atual, e que alarma com constância simbólica um imaginário individual. A performance do profissional *coach*, a literatura de autoajuda, os virais estratégicos da rede *web*, os engajamentos emocionais de esperança carregados de traços culturais, o encanto do positivo, a crença na felicidade existencial, o aplauso da concorrência, o culto ao desempenho, o altar da motivação adereça a fecundidade da “liberdade” do ser.

Nessa construção, ser racional é ser livre. É cumprir a “natureza” de um processo que se lança como a-histórico. Passado, presente e futuro balizam o “diário” do desempenho. Excercer-se do que impede a realização pessoal é libertário ao entendimento neoliberal. Envoltos aos adultos produtivos sucedem relações de poder, “pílulas” de um simbolismo de expectativas que não cessam. Verdades insinceras, ou experiências factuais, não se prestam a julgamentos, pois envolvem-se do aparato da “nova racionalidade”. Ela própria, porta a naturalização do absoluto.

Aos “infelizes”, aos “adultos não produtivos”, “insensíveis” de um tempo, as “oportunidades” contemplam mudanças de destino. O “como fazer” detém o predicado de uma cultura terapêutica que lustra a continuidade da esperança. Informa-se a “proibição” do esmorecimento “voluntário”. Socorre-se por meio da autoajuda partilhada àqueles que padecem da falta de compreensão racional. Do não entendimento de um tempo que exclui, mas acolhe na responsabilidade individualizada. Da culminação de relações de trabalho precárias que se permitem traçar a crença na esperança. Acolhimento, “neoesperança” e poder.

Testemunha-se contemporâneas esperanças para recém-adquiridos “estímulos” na esteira da concorrência. Na cultura de autoajuda, o teor valorativo do “desafio” corresponde a atender o que suplanta a nova razão. Rivalizar consigo atende a continuidade do identificável, do pertencimento de um pilar moral. Ensinamentos do tipo: “crenças são nossas verdades internas”; “mudar é uma decisão que requer coragem”; “desistir não é opção”; “quem acredita em si realiza”; “restaurar é curar”, “se você não existisse nessa vida faria falta para quem?”; “o importante é não parar”<sup>40</sup>, são saberes depurados de um contrato de consenso. O pacto não reside somente em ter, ou em consumir, a existência também se confere na razão de competir.

A cooperação da nova razão, com a cultura de autoajuda e escuta atenta para a performance do *coach*, ou as possíveis autodeterminações ostenta a representação de emancipação do ser. Liberdade para a conquista do mérito são condições “dadas” para que o comprometimento individual não seja refutado em argumento contrário. A norma subjetiva do sujeito precário, ou dos que experimentam a moderna individualização, instrumentaliza-se em “crenças”. A “pacífica” tecnologia do “acreditar no auto desempenho”, lavra comportamentos e confere para além da existência humana, a extensão da nova razão.

São crenças, a organização de emoções, afeitas da interpretação de uma “natureza universal”. Demanda-se a concorrência como um “instinto” a ser preparado para o melhor uso. O terapêutico “tecnificado” se dispõe ao processo de descoberta para o melhor bem-estar e com destino ao desenvolvimento da performance de si. Nesse alcance, as emoções são instituídas/etiquetadas e acompanham o arranjo cultural da nova razão. Ao lado, como espelho, a cultura da autoajuda desdobra-se em um dinamismo motivacional que estimula o propósito da bem-aventurança.

Na lente da nova razão, a autoajuda empreendedora e encorajadora abandona o posto coadjuvante no trabalho de caracterizar uma visão de mundo “auxiliadora”. Com tal característica, move uma forma alternativa de elucidar a configuração do que se aspira do indivíduo. Em relações corroídas (SENNETT, 2012), pela insegurança no “outro adversário”, dispor de um olhar domesticado com interpretações mais

---

<sup>40</sup> Frases publicadas na conta pessoal do *instagram* de José Roberto Marques (acessado em 15/03/2024).

“acessíveis” para novos funcionamentos sociais, pode abastecer uma forma subtraída de acolhimento<sup>41</sup>.

Com características pedagógicas (PEREIRA & SOUZA, 2018), a confiabilidade conferida à literatura de autoajuda percorre a estrutura da autoridade do educador para com àquele que anseia por um novo conhecimento. Situa-se um vínculo de associação emocional entre o autor e o leitor em uma conjugação de transferência. Compõe-se a organização de um poder que “autoriza” o *coach* contemporâneo a tecer orientações por meio de um discurso que entra em convergência com as identificações de uma época cultural. Os discursos são qualificados como verdadeiros a partir de sua correspondência do que se pode culturalmente ser dito, é um convir de um processo sociocultural.

A concorrência é “dita”, e empossa uma natureza emocional. À vista disso são relações culturais onde “todos” concorrem. Aos que “escapam” dessa inclinação, o status da invisibilidade reintegra uma também natureza universal. Não concorrer desvale o ser de estar na nova razão. A cultura de autoajuda se põe a devolver a normalidade em uma visada argumentativa, recorrendo a pulsões emocionais. Concorrer é a ancoragem de indivíduos socialmente situados na estrutura da razão neoliberal.

A dedicação ao *self* é a técnica individual de conciliação com o processo de gestão concorrencial (PORTO, 2023). Os instrumentos de regência da subjetividade se colocam a democratizar uma linguagem de saberes em um fluxo contínuo. A “traduzibilidade” da cultura de autoajuda integra o exercício de aproximar a renovação de esperanças de uma ideologia individualista<sup>42</sup>, com diferentes perspectivas do precário. Esta última passa a ser interpretada como de uma conformidade não social.

Ao “natural” precário, um recurso positivo de esperança. Tê-la, representa uma prática ética de seguridade moral no convívio da nova razão. Um instrumento de

---

<sup>41</sup> “O antigo ideal deve ser removido para dar lugar a um novo profissional, comprometido com o trabalho e, principalmente, com seus resultados; o intraempreendedor, capaz de perceber e agir, “o apóstolo da excelência”, segundo Wood Jr. (2001) e Paulo e Wood Jr. (2002, 2003). Assim, cunha-se, a base para a construção de uma nova ética que alimenta o mundo do trabalho e sustenta a busca do sucesso individual, prescrevendo métodos que funcionam como novas formas de empregabilidade e “curas” para os males da pós-modernidade. É essa nova ética que, mais recentemente, passou a legitimar o mercado de *coaching* no mundo dos negócios” (LEITE, 2019, p.925).

<sup>42</sup> “A ideologia individualista atribui ao indivíduo o estatuto de um ser moralmente autônomo, pré-social – isto é, como tendo uma existência logicamente anterior à sociedade – e, no limite, como um ser não-social, haja vista a tendência a obscurecer ou a suprimir o caráter social de sua natureza” (SALEM, 1992, p.63 apud PORTO, 2023).

destaque no curso da vida que se põe a concorrer. É melódico à presteza individual abastecer-se da cultura de autoajuda para a melhor confraternização consigo. Nesse exercício, a personalidade maleável, adequável, assumem a perspectiva do eu na nova razão. O imperativo neoliberal formulou a validade de sentimentos concorrenciais na disposição de emoções tratadas como universais. Sentimento, produção e rendimentos.

Na análise de Bosco (2001), os primeiros escritos da expressão *self-help*, na segunda metade do século XIX, ocuparam-se de uma cultura do caráter. Recortada como uma autoajuda partidária da ética da personalidade para a retidão moral. Princípios religiosos intermediavam as direções de um discurso, e de uma pedagogia comportamental. Já na segunda metade do século XX, a valorização da realização pessoal<sup>43</sup> pede passagem na interlocução dos tutoriais de procedimentos. A cultura de autoajuda nasce e reclama uma filiação moderna, da invenção individual.

Contemporaneamente os seus alicerces parecem constar. No capitalismo do “acolhimento”, as “soluções” permeiam a técnica híbrida. Idas e vindas conceituas, (re)utilizar para inovar não compõe um paradoxo prático. A representação do esforço individual permanece adensado no debate dos modelos sugeridos na determinação do eu (ALBUQUERQUE, 2015). A dinâmica de referência, que pauta o mercado de aconselhamentos, acompanham os sentidos históricos, e a organização ideológica que pairam nas relações sociais.

Nesse intermédio, a concorrência é expansionista no movimento da razão neoliberal. Entretanto, o credo terapêutico contemporâneo é diverso frente a complexidade das relações socioculturais existentes. A cultura de autoajuda, em sua profusão de atuação, encarrega-se de emoções, bem como se “faz” objeto de interesse da pesquisa científica. Picanço (2013) se propõe, especificamente no que concerne à variável literatura de autoajuda, a um resgate revisional das fisionomias acadêmicas mais presentes. Como a mesma sintetiza,

No que diz respeito a trabalhos que fazem da literatura de autoajuda seu objeto, foi possível identificar quatro linhas de estudo mais comuns. A primeira, ligada à noção de modernidade reflexiva de Giddens, Lasch e Beck (1997), considera a compreensão autoajuda um mecanismo de construção do eu de maneira reflexiva. Uma

---

<sup>43</sup> “Marco e síntese de um período histórico, a publicação de Dale Carnegie “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”, vê a personalidade não mais como fruto de um cultivo interior ou de uma mentalização positiva, mas como uma alteração interior orientada pela técnica, neste caso, pelas novas ciências das relações humanas e da comunicação” (BOSCO, 2001, p. 13).

segunda linha de estudos pode ser identificada em estudos que buscam compreender os usos terapêuticos da autoajuda. Uma terceira pode ser encontrada entre os estudos que se apropriam da teoria foucaultiana para compreender os usos e o fenômeno da literatura de autoajuda. Por fim, é possível perceber, em especial entre estudos de gênero, uma linha de trabalho que pensa essa literatura enquanto um agente midiático, um intermediador cultural (PICANÇO, p. 145, 2013).

A “imagem” acima, entre outras características, expõe a interposição desse segmento sociocultural na organização do individualismo na modernidade. O positivo, a “crença”, e a concorrência “fogem” da ilação sistematizada. Ao menos, não são tratados explicitamente como uma conjugação influente da autoajuda contemporânea. Com respeito a isto, esta pesquisa recorre a uma maior aproximação de uma nova autoajuda em uma nova razão, e possivelmente de relações individuais em novas dinâmicas. Não há o apego ingênuo/reflexivo por uma exclusiva autoajuda, ainda assim, compreendê-la no pêndulo esperança-desesperança guia o trabalho em questão.

O tipo ideal de *coach* contemporâneo aproxima, cria, se faz da autoajuda de seu tempo. Não o observar, também na forma única, é tentativa de não se aduzir em pretensões inadequadas, e regra uma decisão metodológica. Entretanto, orienta-se da idiossincrasia deste ator cultural similarmente na dualidade esperança-desesperança. O interlocutor José Roberto Marques fala de um lugar específico, da concorrência positiva à precarização naturalizada.

O Instituto Brasileiro de Coaching – IBC, possui em seu *portfólio* treinamentos, capacitações e formações<sup>44</sup> em uma ação instrutiva de margens frequentadas por um discurso sociocultural organizado em enunciados identificáveis. De tal sorte que: “Mudanças externas refletem, na verdade, mudanças internas. A sociedade só passa por essas transformações porque as pessoas que fazem parte da sociedade também passam. E você, querida pessoa, quais mudanças precisa promover na sua vida?”<sup>45</sup>. A espécie de “chamado” distingue-se no reordenamento da responsabilidade individual.

---

<sup>44</sup> A “imersão” Desperte o Seu Poder – DSP constituirá um destacável “terreno” empírico desta pesquisa.

<sup>45</sup> Texto estampado em primeiro plano na aba “comportamento” do portal do Instituto Brasileiro de Coaching – IBC. <https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/> (acessado em 15/03/2024).

## 2 JRM: a personificação do simbólico positivo na utilização da esperança em instrução

*Ouçá um bom conselho  
Que eu lhe dou de graça  
Inútil dormir que a dor não passa  
Espere sentado  
Ou você se cansa  
Está provado, quem espera nunca alcança*

*Venha, meu amigo  
Deixe esse regaço  
Brinque com meu fogo  
Venha se queimar  
Faça como eu digo  
Faça como eu faço  
Aja duas vezes antes de pensar*

*Corro atrás do tempo  
Vim de não sei onde  
Devagar é que não se vai longe  
Eu semeio o vento  
Na minha cidade*

*Vou pra rua e bebo a tempestade  
Vou pra rua e bebo a tempestade  
Vou pra rua e bebo a tempestade  
Chico Buarque*

### 2.1 – JRM, IBC e a “Demandatização” do DSP

A interlocução da autoajuda coexistente guarda, ao seu tempo, o traço da segmentação. Ocupa-se de uma abundância de assuntos correlacionados ao fazer individual esperançado. Sucesso e felicidade são o regresso, independente da modalidade. Nessa intenção, uma “ferramenta” ocupa relevo na aliança de José Roberto

Marques - JRM e o Instituto Brasileiro de Coaching – IBC. O *coaching*, a utilização desse processo, se apresenta como o salvo-conduto para a agremiação de oscilantes comportamentos na vida social.

A página eletrônica do IBC corrobora a informação de que o *coaching* corresponde a um:

Método de desenvolvimento humano, altamente difundido na Europa e nos Estados Unidos e, no Brasil, já é realidade. O processo tem como objetivo acelerar resultados através do desenvolvimento de habilidades, descoberta de novas competências e aprimoramento de capacidades, agindo nos níveis neurológico, psicológico, emocional e comportamental. O *Coaching* possui centenas de técnicas e ferramentas que visam a ampliação da capacidade humana, melhorando competências como: comunicação, inteligência e controle emocional, resiliência, foco, planejamento estratégico, visão sistêmica entre outras habilidades, com o objetivo de alcançar objetivos profissionais e também pessoais. Uma pesquisa realizada pelo IBC em 2014 com profissionais da área de Recursos Humanos e Treinamento & Desenvolvimento apontou que 94% dos entrevistados acreditam que o *Coaching* contribuiu para desenvolver talentos. <https://www.ibccoaching.com.br/sobre-o-ibc/o-ibc/> (acessado em 22/03/2024).

Em vista disso e em uma tentativa de aproximação, ao que se caracteriza como exercício do *coaching* na forma de auxílio prestado a outrem, uma certeza se impõe, a inexistência de um consenso (SILVA, 2010). Estimular os potenciais individuais por meio do ato de “educar” e treinar, transmitir o conhecimento na conjunção do aconselhar, em ordens práticas e emocionais, configuram um vocabulário empregue para esta designação. O uso do “estrangeirismo” na explanação dos conceitos, entre eles, *mentoring-consueling-coaching*, similarmente, contempla um ponto comum.

Mover pessoas, por meio do *coaching*, do estado “A” para o estado “B” desejado do indivíduo assistido, assenta uma generalização de classificação dos que assumem essa forma de estar, bem como conduz para um ponto de partida de um significado e um sentido utilizado. No entanto, Silva (2010) deduz que “dependendo da visão teórica e da postura adotada pelo autor, essas práticas podem assumir conotações similares, sobrepostas ou antagônicas” (p.307).

Adere-se a construção da imagem do *coaching* como uma passagem orientada a ser vivenciada aos que buscam se aprimorar em seus modos de vida em escala pessoal e profissional. Sugere-se trabalhar os potenciais individuais que se encontram

supostamente “anestesiados” para a conformidade de expectativas de auto rendimento. Instrui-se a crença do resultado na “descoberta de novas trilhas” (Silva, 2010) como maneira de uma vida em prosperidade e de uma tomada de cotidiano em bem-estar pessoal.

Para a ascensão da técnica individual de mudança, o profissional especializado é denominado como o mentor ou o *coach*, responsável por conduzir o passo a passo do caminho da transformação (SILVA,2010). É o que ilustra o repasse de conhecimentos pessoais já vividos, é o que dispõe, em autoimagem de convencimento, da experiência necessária para o encaminhamento do aprendizado de novas decisões individuais aos que demandam.

A técnica utilizada por profissionais denominados como *coach* se coloca a assessorar indivíduos, assim como grupos que se orientam por objetivos comuns, e se espalhou para espaços de formação aos postulantes que qualificam a escolha do método *coaching* como uma profissão. A proposta do Instituto Brasileiro de Coaching – IBC, mais especificamente o DSP como um dos seus produtos, carrega também essa marca e se estabelece com a bandeira do desenvolvimento humano com uma atuação inaugural no Centro-Oeste brasileiro.

Contando com nove décadas de sua formação, a cidade de Goiânia-GO nasce de forma planejada. Dentre os muitos setores, nome utilizado para significar os bairros da capital, o “Setor Jaó” assume os aspectos de um condomínio horizontal “sem muros”. Formado em sua grande maioria por casas de “grande porte” e de aspecto “moderno”, é recortado por avenidas largas, com praças e parques bem cuidados, incorporando a instalação de um importante clube social da cidade, o Clube Jaó, e onde está sediado o Instituto Brasileiro de Coaching – IBC.

Com a sua matriz na cidade de Goiânia-GO, o IBC foi fundado no ano de 2007 por José Roberto Marques. Endereçada na Av. Prof. Venerando Freitas Borges, uma das principais do Setor Jaó, é formada por três estruturas físicas onde estão edificadas a “Faculdade IBC”, a “Casa de Marketing IBC” e a “Sede IBC Coaching – Centro de Treinamentos”. As construções tendem para detalhes com a tonalidade da cor azul<sup>46</sup>,

---

<sup>46</sup> Na página do Instagram do IBC, as postagens de fotos de trabalhadores da instituição carregam a *tag* “sangue azul” (acessado em 20/06/2024).

geralmente com frases acompanhadas da sigla IBC, a exemplo de “IBC coaching – abraça a sua (trans)formação”.

Em primeira ida a campo ao IBC, em julho de 2024 na cidade de Goiânia-GO, dois prédios estavam fechados. O terceiro, a Casa de Marketing IBC, repercutia um ambiente silencioso, às 14h34 de uma quinta-feira, que dava o ritmo da inexistência do trabalho voltado ao público. Na recepção, ao adentrar por uma porta de vidro azul, constava no local uma mulher jovem atrás de um balcão com três computadores, uma placa escrita: “Aviso – aperte a campainha para ser atendido”, com a campainha de mesa de metal a frente, o mostruário de alguns encartes sobre o IBC, uma revista “Forbes de Portugal” com JRM na capa e na parede uma grandiosa fotografia do mesmo acompanhada da legenda: “Especialista em Líderes e Profissionais de Alta Performance”.

Figura 01: Sala de espera “Casa de Marketing IBC”



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Educadamente a jovem, depois de se levantar e atravessar uma cancela que separava os espaços, perguntou como poderia ajudar. Após solicitar informações sobre o IBC e o interesse na compra de um livro de JRM, a mesma anunciou que chamaria um profissional responsável para responder as perguntas feitas. Sentei em uma das duas cadeiras existentes, confortável e com ares de um escritório imponente, e por mais de

duas vezes, além de oferecer água, a mulher de pouca idade citou que em breve alguém iria me atender. Passaram-se por volta de vinte minutos quando Marcos<sup>47</sup> abriu a porta.

Ele trajava uma camiseta “básica” na cor azul, com um pequeno emblema do IBC, calça *jeans*, botina nos pés e um encarte do IBC nas mãos. Também muito educado, respondeu que os outros dois prédios estavam fechados em função do mês de férias. Que os livros comercializados se encontravam também “trancados” na Faculdade IBC e as principais referências sobre o Instituto constavam no encarte que acabara de entregar. Relatou que o prédio onde procedia o diálogo, Casa de Marketing IBC, era uma sede administrativa e de vendas. Especificamente sobre os cursos, além dos “rotineiros”, indaguei sobre o evento “Desperte o seu Poder – DSP”.

Foi confirmada uma formação na modalidade presencial, aos que desejassem uma “mudança de vida”, de três dias no mês de outubro de 2024 na cidade de Goiânia-GO com a “intensa” participação, segundo Marcos, de JRM. Começava ali a tentativa de fechamento de venda de um dos principais produtos anunciados do IBC, dada a “oportunidade de ser a única turma para esse ano”. Identicamente com esse, entre outros objetivos, foi solicitado o *Whatsapp* para a entrega promocional do DSP, já que seriam vagas limitadas, para o repasse de maiores informações com relação ao IBC e a resposta sobre a tentativa de abertura do prédio da Faculdade IBC para a coleta de livros para serem adquiridos, antecipando assim, o meu possível retorno.

Após essa conversa presencial, que não durou mais do que trinta minutos, “nasceu” um novo profissional no formato digital. O Marcos “virtual” compunha-se de uma personalidade muito mais comunicativa, articulada e incisiva na abordagem comercial do “time” que representava. Muito próximo das plataformas digitais do IBC e do JRM, agradeceu a “visita”, se colocou à disposição para futuros regressos e organizou a expectativa de uma resposta acerca da confirmação e participação no DSP com a “escolha” da “melhor” forma de pagamento para o “valor do investimento”.

Constituindo ainda mais a aproximação com o IBC, em referência a infraestrutura, o site do instituto informa a utilização de áreas físicas que somam “10.000m<sup>2</sup>, sem utilização de franquias”, que corresponde a toda estrutura dos imóveis no Setor Jaó em Goiânia-Go e um prédio de sua filial em São Paulo-SP. Soma-se mais

---

<sup>47</sup> Nome fictício de um rapaz, também, jovem.

seis escritórios nas capitais São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre e na cidade de Passo Fundo-RS.

Em 2013 foi criada a editora IBC, “um centro de pesquisa e inovação e desenvolvimento de conteúdos e ferramentas em *coaching* e desenvolvimento” que conta, conforme salientado no sítio eletrônico do IBC, “com mais de 30 obras publicadas”. Acompanhada dessa informação, revela-se que todas as “obras”, com diferentes tratativas, foram coordenadas e editadas por José Roberto Marques.

Para além do site oficial, o IBC também hospeda o “Portal IBC”, onde se agrupam 271 páginas de *banners* com conteúdo direcionados a ligação da “dinâmica” *coaching* com carreiras, finanças, psicologia, comportamento, mudança de vida, empreendedorismo, qualidade de vida, relacionamento, entre outras. Os títulos, que especificam a identidade do cabeçalho de cada *banner*, sugerem a gestão da conduta esperançosa.

Ressalta-se entre os diversos exemplos: “Autonomia nas decisões: descubra quem realmente escolhe o seu caminho”; “Como as suas desculpas afetam os seus resultados?”; “Gerenciamento de tempo: técnicas e ferramentas para aumentar a produtividade pessoal e profissional”; “Transformando sonhos em realidade: descobrindo o segredo do sucesso e da determinação”; “Quando alguém falar mal de você: técnicas para responder e crescer com críticas”; “A neurologia das emoções: como elas afetam a sua saúde?”; “Psicologia do dinheiro: os hábitos mentais que estão sabotando as suas finanças e como corrigi-los”; “Traição e seus reflexos psicanalíticos: uma análise comparativa entre Freud, Jung, e José Roberto Marques”<sup>48</sup>.

Similarmente, em acesso virtual, o IBC SHOP é um *marketplace* que conta com a comercialização de livros, cursos *online*, roupas e acessórios – capa de celular, bicho de pelúcia, caneca, caneta, chinelo de dedo, pulseiras com variadas pedras, oferta de eventos, combos promocionais, com a integralidade da assinatura da marca IBC e com dizeres voltados a identificação *coaching*. Entre os acessórios, do mesmo modo, é comercializado um “Box Card – caixa filosofal” com frases atribuídas a José Roberto Marques.

---

<sup>48</sup> A autoria dos textos de cada um dos títulos enunciados é creditada a José Roberto Marques como consta no “Portal do IBC”. <https://www.ibccoaching.com.br/portal/page/7/> (acessado em 24/06/2024).

A conta do *instagram*, @ibccoaching, em junho de 2024 dispunha de 4.524 publicações, 811 mil seguidores<sup>49</sup> e em sua *bio* posiciona a informação de ser o “maior instituto de desenvolvimento humano do Brasil; +15 milhões de pessoas impactadas; Pós e MBA’s reconhecidos pelo MEC”. Entre os botões de ação da conta, o de “celebridades”, apresenta depoimentos e fotografias de personalidades midiáticas, como artistas, atletas e empresários ao lado de José Roberto Marques.

Em termos quantitativos, em menção as pessoas que trabalham no IBC, existe a exposição de dois números. Uma informação manifesta, na aba “sobre o IBC”, a existência de “mais de 500 colaboradores” descrevendo que são “profissionais altamente qualificados com formações de diversas áreas do conhecimento para oferecer a você atendimento e serviço com excelência e maestria”<sup>50</sup>. Na aba “nossa equipe”, lista-se que “a família Instituto Brasileiro de Coaching – IBC conta com mais de 150 colaboradores em sua estrutura organizacional”.

Nesse mesmo ambiente eletrônico, “nossa equipe”, exibe-se a fotografia de José Roberto Marques, com um reduzido currículo<sup>51</sup>, seguida por mais dezessete imagens de profissionais em evidência. Adiciona-se em “facilitadores e palestrantes internacionais”, o mesmo padrão contando com quatro “especialistas”. Em sequência, surgem retratos

---

<sup>49</sup> Após o primeiro quadrimestre do presente ano, revela-se o número de 852 mil seguidores. (acessado em 13/05/2026).

<sup>50</sup> <https://www.ibccoaching.com.br/sobre-o-ibc/diferenciais/> (acessado em 25/06/2024).

<sup>51</sup> “*Master Coach Trainer* - José Roberto Marques é presidente do Instituto Brasileiro de Coaching – IBC. *Master Coach Trainer* certificado por renomadas instituições internacionais: *European Coaching Association* (ECA), *Behavioral Coaching Institute* (BCI) *International Association of Coaching Institutes*, *Global Coaching Community* (GCC) e *Metaforum International*. Foi treinado pessoalmente por Perry Zeus, criador do *Behavioral Coaching Institute* – BCI: uma das instituições de *coaching* mais seletas e respeitadas do mundo. É um dos pioneiros em *Coaching* no Brasil, com quase 15 anos de experiência atuando como *Coach*. Especialista em Linguagem Ericksoniana pela *American Society of Clinical Hypnosis* e *Global Institute for Trauma Resolution*. Fez diversos treinamentos, formações e certificações em: Psicologia, Liderança, *Coaching* e Programação Neurolinguística- PNL, em 04 continentes. Empresário e Psicoterapeuta com 26 anos de experiência no desenvolvimento de pessoas com Especializações em Gestão de Pessoas e Empresas. Criador de diversos instrumentos e ferramentas para desenvolvimento de pessoas e do Programa de Formação e Certificação Internacional *Professional & Self Coaching* – PSC, que é notadamente um grande *case* de sucesso no Brasil. Coautor do livro: *Manual Completo de Coaching*. Como *Master Coach* já atendeu *CEO’s*, *VP’s*, Executivos Estratégicos e Grandes Personalidades do mundo corporativo. Entre as centenas de clientes corporativos que atendeu como *Master Coach* estão empresas e instituições renomadas no Brasil e no mundo, como: *Leroy Merlin*, *Petrobras*, *Receita Federal*, *GVT*, *Sebrae*, *Bayer*, *Banco do Brasil*, *Grupo Gazin*, *Grupo Cencosud*, *Unimed*, *Polícia Militar*, entre muitas outras” <https://www.ibccoaching.com.br/sobre-o-ibc/equipe/> (acessado em 25/06/2024).

acompanhados das descrições de cinco ocupantes do quadro “corpo científico” em qual, a três, realça-se a sigla “Ph.D.”.

Concernente a um tempo de um mundo do trabalho “reestruturado”, o IBC informa como sendo a sua “visão”, “ser referência em *coaching* e desenvolvimento humano, transformando milhões de vida”. Com a “missão” de “formar pessoas e desenvolver organizações que mudam o mundo”. E, no que narra sobre os “valores”, ressoa-se “humanidade; lealdade; visão sistêmica; evolução contínua; resultados extraordinários”<sup>52</sup>.

A construção da imagem do IBC está para JRM, como a representação da imagem de JRM está para o IBC<sup>53</sup>. O encontro percorre em círculos se consumando através da divulgação e empenho da “apropriação credenciada” do *coaching*<sup>54</sup>. Afigura-se o IBC se fortalecendo de JRM e o mesmo sendo alicerçado por meio do IBC. As duas instituições se perfazem “reinventando/exprimindo” a “técnica” do *coaching*. Pactua-se um casamento de autopromoções, no qual o principal produto do IBC é a formação *coaching* de JRM e a “força” do interlocutor *coach*, se ancora no esforço da Instituição que se põe a naturalizar essa jurisdição.

São o resultado da inventividade de um tempo que anuncia a concorrência<sup>55</sup> como um status social. Se fortalecem no bojo de emoções historicizadas, alçadas por relações que requisitam a esperança como uma feição da vida humana “positivada”. Esperança como um requisito ético de destreza pessoal, auxílio indispensável para estar em movimento em um ambiente de vínculos sociais em que parar é sinônimo de indecorosidade. O IBC e JRM, ao se retroalimentarem, se fazem também o resultado de uma condição humana, a esperança para a motivação do presente e “laços” de coesão para o empreendimento de futuro.

---

<sup>52</sup> <https://www.ibccoaching.com.br/sobre-o-ibc/o-ibc/> (acessado em 25/06/2024).

<sup>53</sup> JRM recorre ao “padrão IBC”: “durante as sessões de *coaching*, o *coach* precisa se atentar a quatro princípios absolutos do *coaching*. É a observação desses princípios que garante o sucesso de todo o processo de *coaching* com padrão IBC” (MARQUES, 2022, p.35).

<sup>54</sup> Para José Roberto Marques, “*coaching* é um processo que visa aumentar o desempenho de um indivíduo (grupo ou empresa), trazendo efeitos positivos por intermédio de metodologias, ferramentas e técnicas conduzidas por um profissional (*coach*) em uma parceria sinérgica e dinâmica com o cliente, o *coachee*” (MARQUES, 2022, p. 15).

<sup>55</sup> Para novamente JRM, “nossa condição humana nos leva a um caminho de competição. Somos competitivos desde a corrida biológica para a fecundação. Porém, em um mundo que se forma por meio de uma rede, e não mais por meio de uma pirâmide, lidar com grupos tornou-se uma habilidade básica” (MARQUES, 2022, p. 10).

José Roberto Marques, em sua autoimagem, ao apresentar o seu inventário profissional dos últimos 30 anos, no que classifica de “desenvolvimento de pessoas”, também concorre com números. Na página “jrmcoaching”<sup>56</sup> expõe que “foram mais 5 milhões de pessoas treinadas; mais de 90 mil *coaches* formados; mais de 40 países com alunos; mais de 63 livros publicados”.

No mesmo local, em primeira apresentação, se denomina como “*Master Coach Senior e Trainer*”, presidente e fundador do Instituto Brasileiro de Coaching – IBC, a maior e mais conceituada escola de *coaching* do país. Com um estilo visionário e uma experiência de mais 30 anos em treinamentos comportamentais, JRM inovou ao desenvolver a exclusiva metodologia *Self Coaching*, que dá base ao *Professional & Self Coaching* – PSC, o curso de *coaching* mais completo e diferenciado do Brasil e do mundo”<sup>57</sup>.

Sustenta-se na exposição do dossiê da instituição JRM, a caracterização de pioneirismo da atividade *coach* no Brasil<sup>58</sup>. Para além dos números, fornece-se a imagem do conhecedor de soluções diante das adversidades “possíveis” de se defrontar. De um lado está a tradição e segurança personificada; de outro, o repertório de situações margeadas com a desesperança. Chama a atenção, a aba “especiais” da página “jrmcoaching”. Ao clicar na mesma, abre-se a subdivisão “gestão das emoções”; “inteligência emocional”; “livro inteligência emocional”; “ansiedade”; “depressão”; “estresse”; “meditação”; “medo”; “o que é coaching”.

Em cada um dos tópicos é apresentado conceituações concernentes ao “o que é?”. Seguido disso, o(a) “consumidor(a)” é convidado ao centro da responsabilidade e da possível solução. Especificamente em “depressão”, quantifica-se a mesma no Brasil e no mundo, descreve-se as principais causas, sintomas físicos e psicológicos, os impactos sociais, os variados tipos de depressão, o diagnóstico e o tratamento, e finaliza-se com “seja o foco”. Nele, em “seja o foco”, determina-se que:

Você também é responsável por si mesmo. Não existem grandes perspectivas, no que diz respeito a reabilitação de pessoas com depressão, em casos onde a pessoa não aceite ou queria tratar a

<sup>56</sup> <https://jrmcoaching.com.br/> (acessado em 27/06/2024). Os quantitativos expostos se mantiveram em 2026. (acessado em 13/05/2026).

<sup>57</sup> <https://jrmcoaching.com.br/> (acessado em 28/06/2024).

<sup>58</sup> <https://www.forbespt.com/o-mentor-da-mente-milionaria/?fbclid=PAAaY-nHKVRwRqUNPTGopxmSj6MIIiR1ZTUIXeFGxF4FNFz7FkJsdb7j2d1Xo> (acessado em 10/06/2024).

doença. Depressão é algo sério, capaz de gerar graves disfunções de caráter físico e psicológico. Não se abstendo disso ela pode levar a morte. Portanto, por mais que haja contribuição e apoio de amigos, familiares, sociedade e estado, a pessoa deve não somente reconhecer seu problema, mas se prontificar a querer combater esse mal. São mais de 320 milhões de pessoas que lutam diariamente contra a depressão. Lembre-se, você não está sozinho. <https://jrmcoaching.com.br/> (acessado em 28/06/2024).

No ano de 2018, a telenovela brasileira “O outro lado do paraíso”, produzida pela tevê globo, exibiu em um dos seus 172 capítulos a conversa entre duas personagens que falam a respeito da profissão *coach* e citam o nome de José Roberto Marques como a “principal referência no Brasil”<sup>59</sup>. No mesmo seguimento de *script*, o IBC também surge como uma “referência na área para se obter uma certificação de *coach*”. A cena também informa que não se trata de uma terapia convencional, já que o processo para a solução de um problema individual é mais rápido.

Além da ideia de “celebridade e celeridade popularizada”, trabalha-se com a ascensão de potencialidades exclusivamente individualizadas. “Ser de luz”, é um pronome de tratamento utilizado com recorrência por JRM aos que o “seguem”. O holofote já é direcionado de forma inata nesse procedimento de ver o outro. O “ser” em questão precisa apenas ser desenvolvido, “treinado” por um instrumental capaz de exprimir todos os “talentos” ainda não despertados. O “*coaching*” é ventilado, tanto por JRM em concordância com o que é ofertado pelo IBC, como o caminho e escolha cabida para o início desse processo. É a possibilidade dada às mãos de uma fisionomia factível de esperança.

O “*coaching*”, adotado por JRM, não é estanque, ao contrário, ramifica-se e se anuncia em “tendências necessárias” diante de (re)adequações. Um dos principais “produtos”, como já postulado anteriormente, anunciado por JRM e o IBC é a imersão em uma formação presencial de três dias consecutivos do “Desperte Seu Poder” – DSP<sup>60</sup>. Como “prometido”, por meio da autoimagem proposta, o DSP, que também é

---

<sup>59</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_VyH6WRamXM](https://www.youtube.com/watch?v=_VyH6WRamXM) (acessado em 03/06/2024).

<sup>60</sup> “Mesmo que você ainda não conheça o José Roberto Marques ou o IBC, você vai entender, de uma vez por todas, o porquê o DSP ser o primeiro evento de autoconhecimento com resultados comprovados cientificamente. O DSP é uma imersão de alto impacto vivencial que vai te ajudar a ressignificar medos, bloqueios e despertar a sua força interior. Para você ter uma ideia, o método do DSP já transformou a vida de mais de 5 milhões de pessoas no Brasil e no mundo. A

título de um livro publicado, funciona como um conjugado de conhecimentos provindos da estruturação “*coaching*” em um condicionamento rápido, que se proclama como profundo, mas que se diferencia por ter uma particularidade ritualizada.

Afiança-se uma transformação de vida, uma passagem para outro estágio. É comunicado que o “mecanismo” consiste em “desbloquear uma força interior já existente”, inata. O protocolo confere ao instantâneo, três dias dedicados aos que não possuem o direito da perda de tempo no julgo da concorrência. O “evento”, como é significado, convida ao debate das “crenças limitantes” que impediriam o “despertar de forças” que partem do eu interior para organizar o eu exterior. Lida-se com as emoções objetificadas, com a esperança inventada a partir do tempo presente.

JRM está no centro do processo, é o “motivador/treinador” colocado como responsável por trabalhar os aconselhamentos encarregáveis de avivar as estruturas de um “ser” condizente com o que se espera de um tempo que excede em positividade. Isso é tratado, através de JRM e do DSP, como uma “transformação única”. São cinco passos:

1-Enxergar e identificar tudo o que atrapalha você de prosperar nas principais áreas da sua vida; 2- Resignificar crenças limitantes e eliminar bloqueios que te impedem de viver a vida que sempre sonhou; 3- Transformar medos e fraquezas em força e autoconfiança para conquistar seus principais objetivos na vida; 4- Aprimorar as suas habilidades de liderança e identificar e criar novas oportunidades na carreira; 5-Resgatar seu verdadeiro “eu” e definir metas e objetivos de maneira clara, ao mesmo tempo que cria uma mapa para alcançá-los. <https://lp7.ibccoaching.com.br/dsp> (acessado em 02/07/2024).

JRM chancela a propaganda do DSP como a “esperança” renovada. Compõe-se a obra do criador a serviço da conversão pessoal. A autoridade de significado com o tempo vivido se encaixa no discurso emocional/terapêutico da esperança. Convoca-se para uma renovação de pertencimento para quem se encontra como “deslocado”. Estimula-se uma ferramenta de ordenação esperançosa mais *smart*, já que atende a exigência do imediato.

---

sua vida será dividida em dois momentos: antes e depois do DSP. Você, finalmente, poderá transformar em poder, todo o potencial em que vive, inerte, dentro de você, nas seguintes áreas: financeiro, profissional, conjugal, relacionamento e pessoal”. <https://lp7.ibccoaching.com.br/dsp> (acessado em 22/06/2024).

Infere-se que JRM e o IBC franqueiam-se no DSP, que “aclama” ser a representação itinerante e espontânea do *coach* contemporâneo desenvolvendo a ação *coaching*. É a autoajuda despida na ordem “autoritária” da gestão da emoção esperçada. Ambienta-se as “neopistas” dos discursos emocionais terapêuticos e positivos a serem percorridos ao encontro da concorrência de uma razão de ser. Nessa perspectiva, o “evento” se “impõe” como o campo a ser testemunhado por esta pesquisa. DSP, esperança e poder simbólico.

## 2.2 – “Aglomeração Organizada”, Imersão e Catarse em Condução

Após dois meses do último contato por *whatsapp*, retomei a conversa com Marcos, interlocutor do IBC, sobre o interesse em participar da “imersão” no DSP. Semelhante com as conversas passadas, de forma muito educada informou que estava confirmada a turma de número 84 do DSP correspondente ao período de 25 a 27 de outubro de 2024. O “investimento” original era de R\$2.497,00 (dois mil quatrocentos e noventa e sete reais), contudo, se eu fechasse a “matrícula” naquele exato dia, seria praticado o valor de R\$997,00 (novecentos e noventa e sete reais) para o pagamento a vista e a oportunidade de levar um acompanhante, ou seja, a promessa de duas vagas.

Marcos também insiste em uma pergunta, “do que eu tinha em mente para esse investimento?”, e completa o questionamento com: “para investir aí nesse conhecimento, investir em algo que trabalha diretamente a sua evolução pessoal, emocional e intelectual”. Passada uma semana respondi que não havia encontrado outra pessoa que dividisse o valor ofertado. Junto a uma ficha de inscrição chega a mensagem de uma nova proposta, fechar a participação por R\$497,00 (quatrocentos e noventa e sete reais). Solicitei um parcelamento em cinco vezes no cartão de crédito e o pedido foi aceito.

A expectativa para a observação na imersão que se aproximava, em certa medida, similarmente foi mobilizada por um “aviso de saúde” pautado nas informações de divulgação do DSP. Na página virtual<sup>61</sup> do encontro, o comunicado, entre outras informações, relatava que “este evento possui forte impacto emocional podendo

---

<sup>61</sup> dsp.ibccoaching.com.br (acessado: 02/10/2024).

desencadear crises”. Para além da instrução de comportamentos, esbarrava-se na representação da “preocupação”, bem como na ilustração do “manejo” de emoções individuais.

O *banner* informacional auto sustentava um compromisso de responsabilidade entre as partes. De um lado, a instituição que ofertará os recursos para o “despertar de uma mudança de vida”, acionando a esfera das emoções; de outro, a do indivíduo consciente e “apto” para absorver este processo por si só ou com a prescrição da chancela médica. É a imagem da “força emocional” dos recursos de uma experiência diante da crença na evolução individual. O aviso antecipava ao participante já uma primeira autoanálise de si e um convite para o auto desafio da possibilidade de transformação. Sanidade, esperança e DSP.

Figura 02: Aviso de Saúde



A programação trazia que a localidade seria “a casa do Zé centro de treinamento/eventos” no Setor Santa Genoveva em Goiânia-GO e com o credenciamento iniciando a partir das 07h do dia 25 de outubro. No dia 09 de outubro recebo um e-mail do “IBC Relacionamento” que figurava em seu corpo, além de outras informações, que “para melhor comodidade e pensando em lhe proporcionar uma experiência incrível, alteramos o local do evento Desperte Seu Poder – turma Desperte Seu Poder 84 – Imersão”. A informação igualmente dispõe que o Teatro Rio Vermelho no Centro de Convenções de Goiânia-GO é a nova localização.

No mês de setembro do ano de 1987, ocorreu em Goiânia-GO, precisamente onde estava instalado o Instituto Goiano de Radioterapia - IGR, o acidente com o Césio-137 ( $^{137}\text{Cs}$ )<sup>62</sup>. Com desdobramentos trágicos para a população goianiense, uma das estratégias de “apagamento da memória física”, adotada pelo poder público estadual, foi a construção do Centro de Convenções de Goiânia<sup>63</sup>, inaugurado em abril de 1994 nas demolições do calamitoso acidente. É neste local que exatamente foi sediada o “Desperte o Seu Poder – DSP”, uma imersão, como qualificada por JRM, e objeto de observação desta pesquisa.

Já nas imediações do Centro de Convenções de Goiânia, as ruas estavam ocupadas por gestos insistentes de um número considerável de “flanelinhas”. Os

---

<sup>62</sup> “O manuseio indevido de um aparelho de radioterapia abandonado, onde funcionava o Instituto Goiano de Radioterapia, gerou um acidente que envolveu direta e indiretamente centenas de pessoas. A fonte, com radioatividade de 50.9 Tbq (1375 Ci) continha cloreto de césio, composto químico de alta solubilidade. O  $^{137}\text{Cs}$ , isótopo radiativo artificial do Césio tem comportamento, no ambiente, semelhante ao do potássio e outros metais alcalinos, podendo ser concentrado em animais e plantas. Sua meia-vida física é de cerca de 33 anos. Com a violação do equipamento, foram espalhados no ambiente vários fragmentos de  $^{137}\text{Cs}$ , na forma de pó azul brilhante, provocando a contaminação de diversos locais, especificamente naqueles onde houve manipulação do material e para onde foram levadas as várias partes do aparelho de radioterapia. Por conter chumbo, material de relativo valor financeiro, a fonte foi vendida para um depósito de ferro-velho, cujo dono a repassou a outros dois depósitos, além de distribuir os fragmentos do material radioativo a parentes e amigos que por sua vez os levaram para as suas casas” <https://goias.gov.br/saude/historia-do-cesio-137-em-goiania/> (acesso em 05/11/2024).

<sup>63</sup> “Está localizado na região central da cidade, fato que proporciona fácil acesso e comodidade para o público, próximo a hotéis, restaurantes, rede bancária e diversos estabelecimentos comerciais. Possui 2 pavilhões para feiras um com 3.820m<sup>2</sup> e outro com 5.013m<sup>2</sup> no pavimento térreo, mais 1.861,60 m<sup>2</sup> de área para exposição no 1º andar, sendo que este engloba um auditório de 600 lugares e 12 salas confortáveis, que se dividem da seguinte forma: 2 salas de 65 lugares, 5 salas de 105 lugares, 2 salas de 165 lugares, 2 salas de 200 lugares moduladas e 1 sala de 400 lugares. Além dessas áreas, o CCGO possui ainda, 3 salas no pavilhão azul com capacidade para 50, 70 e 100 pessoas, 2 áreas externas dos pavilhões, 3 espaços multiuso, 1 restaurante de comidas típicas, 1 lanchonete e o Teatro Rio Vermelho – como 1.888 lugares, 8 cabines de tradução simultânea, 7 camarins, 1 sala vip e copa” <https://www.cngo.com.br/institucional/> (acesso em 05/11/2024).

mesmos trajavam um colete amarelo fluorescente que de certa maneira os “credenciavam” para a vigilância dos carros em espaço público. A quantidade destes trabalhadores anunciava o cenário de evento cheio. Um dia completo custaria R\$20,00 (vinte reais), mas foi oferecida a “promoção” de três dias por R\$50,00 (cinquenta reais) precedida da seguinte pergunta: “você vai para o curso?”.

Além dos “flanelinhas”, na frente de um dos portões de acesso ao Centro de Convenções, já havia instalada às 08h17, hora da minha chegada, barracas de alimentação que emolduravam letreiros com o anúncio da venda de lanches rápidos, bem como o almoço na modalidade “prato feito”. Algumas pessoas ao lado de um *banner* com a foto de JRM somada à *hashtag* “eu sou livre”, davam as boas-vindas aos participantes no portão principal.

Agora no piso superior, outros profissionais do IBC indicavam a fila do credenciamento, porém, provocavam uma parada momentânea ao entregarem um *flyer*. Tratava-se de um “passaporte *premium*”, que trazia a informação da comercialização em vaga única a R\$997,00 (novecentos e noventa e sete reais) ou vaga dupla a R\$1.497,00 (mil quatrocentos e noventa e sete reais), onde “investir-se-ia” em um acesso e participação *premium*. Tal aquisição proporcionaria a exclusividade de não esperar na fila “comum”, em se estabelecer na área *premium* destinada às primeiras fileiras de frente ao palco, mais brindes, um curso online “caminho do perdão” e um livro de JRM. Escutei com atenção a oferta, agradei e andei até o fim da fila do credenciamento.

Um grande *banner* com a divulgação dos cursos de Pós e MBA do IBC formava o pano de fundo de oito “consultores” que contavam com computadores para a conferência de CPF, impressoras para a reprodução da etiqueta adesiva dos nomes dos participantes e *kits* contendo um bloco de anotação, uma caneta, um crachá e uma pulseira que não poderia ser retirada até o final da “imersão”. A consultora estranhou um dos meus sobrenomes, quis saber a origem e emendou indagando com “qual grau de animação eu me encontrava para tudo que iria ocorrer dali para a frente na minha vida”.

Nesses primeiros minutos da minha entrada, já credenciado, a impressão é de um evento que detalha organização. Os que atuam profissionalmente estão uniformizados, uns com camisas polo com a logomarca do IBC na cor azul escuro, que os intitula como “consultores”, outros com camisetas pretas com a frase “qual a sua história” *silkada* em branco. Estamos em um saguão espaçoso que abriga banheiros, uma lanchonete, duas

portas para a entrada da plateia inferior e duas escadas para a plateia superior do teatro Rio Vermelho.

São 08h40 e escuto gritos de “uhull” de onde estou posicionado, encostado no balcão da lanchonete do saguão que acolhe um público em sua maioria de pessoas entre 30 a 40 anos, mas existem exceções extremas. Pouco a pouco, um número maior de pessoas começa a se aglomerar na porta do teatro que se encontra fechada. Como no meu caso, são raros os indivíduos que estão desacompanhados, já que me deparo com duplas, trios e grupos de participantes provenientes de empresas.

Figura 03: Saguão de entrada da “imersão DSP”



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Muitas *selfies* junto a um painel de um totem com uma foto de um sorridente JRM. Pelos gestos junto aos celulares, tornou-se um ambiente “instagramável”. O balcão da lanchonete me auxilia nesse momento aos primeiros registros escritos no bloco de notas entregue com folhas em branco, que pelo formato prático, foi adotado como o meu diário de campo. Olhares circulam, o que é de se esperar em um ambiente com gente em ares de expectativa. No entanto, percebo também a visão em mirada de alguns curiosos à minha movimentação ao manusear uma caneta azul mesmo antes de tudo se iniciar.

Compondo o ambiente “instagramável”, ao lado também da lanchonete, foi montado o que JRM nomeou mais tarde de uma amostra do IBC *Shop*. Existem livros, todos de autoria do principal interlocutor dessa observação, camisetas dispostas em uma “arara” com frases motivacionais e em referência ao universo *coach*, caixas com frases motivacionais, agendas e um outro totem de JRM em um espaço delimitado por pedestais com sistema de fita retrátil de tripla recepção. Ao meu lado duas mulheres, representadas como “bem vestidas”, se “ajeitam” arrumando o cabelo e dizendo que “irão tirar uma foto”.

Da minha posição, dentro da loja improvisada, ouço um vendedor explicando que “este curso – empreendimento inabalável –, título do livro, é fruto de um diálogo que o JRM obteve com alguns bilionários”. Continuo observando a movimentação do mesmo vendedor para com outros pretensos “clientes”. É perceptível a autoridade na divulgação do tema/assunto e a descrição da “serventia” principal de cada um dos livros em exposição. O rapaz também é um “caixa ambulante” ao portar uma “maquininha” de cartão. No e-mail enviado nos dias que antecederam ao evento, carregava a informação para que os participantes levassem cartão de crédito, pois “haveria oportunidades”.

São 08h57, as portas do teatro não abriram, as filas do credenciamento e do acesso que dará entrada à imersão crescem; o saguão já possui um barulho de conversação mais alto; formam-se grupos à espera do momento para mais uma foto em ambientes que fazem referência ao que estão prestes a vivenciar nos próximos dias; a loja é ocupada por outros interessados em conhecer tudo que se encontrava às mãos; os que estão envolvidos na organização se comunicam entre si de forma mais acelerada e a relação dos participantes com o celular se aviva.

Passados menos de cinco minutos vou ao encontro da fila para melhor “escutar”. A organização da mesma não é espontânea, existe um gerenciamento prévio por parte da equipe do IBC. A fila anda em ziguezague, me senti a espera dos que se aventuram em um brinquedo de parque de diversões. Em uma espiada panorâmica, as vestimentas dos participantes pouco oscilam, mas em média surge o formato do que se concebe de “esporte-fino”.

A fila para de andar, a movimentação era fruto de um novo posicionamento. Sustenta-se a imagem simbólica na porta do teatro, da aura de um evento que é “disputado” e que ostentará a lotação máxima. As “cabeças” estão abaixadas, mesmo os que conversam, não abandonam o celular. Logo atrás de onde estou localizado, três jovens se destacam. Eles aparentam menos de 20 anos, falam do “mundo” das redes sociais, riem, expressam felicidade e recordam em elogios a pregação de um pastor reconhecido por ambos.

O relógio informa que são 09h31 e a fila aumenta, no entanto, os semblantes se aquietam. Já se passam mais de uma hora na posição em pé e em um ziguezague com maior proximidade entre os corpos. As 09h41 a fila anda em função de um novo reordenamento, fica mais apertada, mas até então não há reclamações. Atinge-se 09h55, as portas de vidro continuam cerradas e escuta-se um som alto advindo do espaço interno do teatro.

Alguém próximo diz: “que preguiça disso, minha paciência está acabando”. Ao lado, uma mulher sorridente retruca: “ainda bem que está acabando, mas ainda não acabou”. Em gestos quase orquestrados, celulares ao alto filmando a “aglomeração organizada” com um sorriso que remete a um certo “orgulho” por estarem ali. Às 10h03 ainda estamos envolvidos com a fila, o que demonstra o início do atraso da imersão.

Do outro lado do vidro, pessoas também aguardam com uma comodidade maior. Similarmente é uma fila, porém as pessoas estão acomodadas e sentadas em um local com maior climatização. Nesse momento, o “muro” de vidro separa os *premium* dos não *premium*. Novamente aquele mesmo homem reclama da demora, deposita a culpa no Brasil, em uma referência a desorganização do povo como um todo, e arremata concluindo, “mas o Zé é muito bacana”.

Às 10h20 as portas foram abertas e gritos são exalados em expectativa superada, no entanto, gera-se uma outra fila antes de adentrar ao teatro. O pessoal da produção do

evento acelera o andamento das passadas na fila, som alto e gritos que sugerem empolgação. Nesse momento, o vendedor de livros grita: “bom dia!; mantenha o caracol; mais um passinho para frente; quem tá animado dá bom dia; um atrás do outro, por favor, como se fôssemos adultos”.

Exatamente às 10h34, após algumas idas e vindas em ziguezague, entrei no teatro. *Show* de luzes, batida pulsante em volume de som extremamente alto expunha a música *psycho killer* da banda norte americana *Talking Heads*. Lembrava o cenário de uma boate com corpos em balanço na correria para ir ao encontro da cadeira “adequada” e mais próxima possível do palco, braços gesticulando e ares de entusiasmo. Uma equipe organizava a chegada aos assentos e impedia que as pessoas se sentassem ao fundo da plateia.

No palco do teatro estavam posicionadas duas poltronas sob um tapete quadrado no canto direito, um *flipchart* em cavalete no canto esquerdo e mais próximo às poltronas havia um aparador com livros de JRM em exposição. Ao fundo, somavam-se, do chão ao teto, três telões que naquele instante replicavam uma foto de JRM. Visualmente toda plateia inferior está ocupada. Me sento no canto esquerdo da fileira “F” bem ao lado de um dos corredores. As três primeiras fileiras estavam com uma capa individual nas poltronas com a descrição “VIP<sup>64</sup>”.

Similarmente nesse momento, os celulares são as extensões dos corpos. Miram-se para fotografias do palco, na direção de si, em conjunto com quem se acompanha e volta-se para teclar. Repentinamente, a música cessa e um vídeo institucional do IBC começa a ser exposto nos telões com a narração da voz de JRM. Em termos audiovisuais foge-se do amadorismo, o teor conceitual da exposição é de transformação e evolução individual. Ao fim das imagens, uma mulher, que no terceiro dia foi classificada por JRM como o seu braço direito, ocupa o palco.

Ela entra de forma esfuziante solicitando palmas para os que assistem. “Levanta a mão e grita para eu ver se você está animado”; “vamos arrebentar as correntes”; “você escolheu uma oportunidade para si”; “uau, você está aqui”; “honre a sua presença e o seu sim”; “um dia eu também sentei nessa cadeira e foi uma troca de energia baixa por energia alta”. Muitos gritos de “guerra”, jogo de luzes e música “animada” direcionam o trabalho de primeiro aceno a plateia.

---

<sup>64</sup> Sigla em inglês para *very important person*.

A principal assessora começa a descrever como será a experiência a ser atingida. “Hoje é para você se conhecer; no segundo dia é para retirar as crenças limitantes e o terceiro dia é para decidir a sua ação e o seu foco”. Já nessa primeira aproximação com o público ela se intitula como uma discípula de JRM. Direciono para os lados e me volto para trás, o registro é de olhares atentos e a expressão de rostos em espera de uma contagem regressiva para a entrada de JRM. Novamente um vídeo e o mesmo adentra ao palco com um volume de som ainda mais alto.

Palmas, gritos, música dançante e a voz de JRM surge em conexão com o público, “quem está preparado diga eu”. Anuncia que os presentes farão uma viagem para dentro de si. Começou expondo a sua primeira “consulta” em atendimento de *coaching*. Externou nesse primeiro depoimento de trajetória de vida, a história do seu vizinho fumante com enfisema pulmonar que parou com o “hábito danoso” a partir do contato com JRM, conforme citado.

Logo após este relato, JRM exhibe a trajetória do crescimento na precificação do seu bloco de dez sessões de atendimento enquanto profissional *coach*. “Na primeira foi R\$1.500,00 (mil e quinhentos reais), hoje é R\$250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais) por 10 sessões”. Em seguida, descreve que o curso de *coaching* que carrega a sua chancela, até então gerou o faturamento de “dois bilhões de reais”. “Qual é o tamanho da sua fé em você?”; “vou contar a história<sup>65</sup> de um cara que estava fodido e Deus abençoou”.

O tom da fala é narrativo em histórias pessoais da infância à adolescência. Ostenta-se um palavrear informal por vezes esbarrando na utilização de “anedotas” e em contato com a imagem da proximidade íntima com Deus e com a presença de “palavrões” que pareciam não causar estranhamento do público. De tempos em tempos, um *videomaker* o acompanha no palco em sincronia com os deslocamentos que ocupavam toda a extensão de sua movimentação no tablado.

“Fui muito jovem ser um juiz de paz na minha cidade”; “em 2004 fui parar em uma UTI e Deus me falou, volta e ajuda as pessoas a serem melhores”; “gente, eu sou um cientista do comportamento humano”; “eu sou um bom profeta e já profetizo que esses três dias vão mudar a sua vida”. Alguém grita da poltrona do teatro – “eu recebo”.

---

<sup>65</sup> Reproduz a descrição das informações que constam no *website* do IBC.

“Gente, profetizar é imaginar, é querer, é desejar tirando a bunda da cadeira. Você anda profetizando?”.

À vista da alternância do microfone, a depender do interlocutor e da utilização do momento em específico, os relatos, a condução das narrativas, direcionam a prática do testemunho<sup>66</sup>. A passagem das memórias relatadas projeta uma performance da confissão tomada como “verdades” a ser contemplada e vivenciada. A instrução pessoalizada espraia o sentido universal da crença materializada, posta aos olhos de que se é possível existir diante de uma memória expressada.

Mobiliza-se a escuta compromissada na experiência resgatada em projeção de desempenho esperado. Decorre-se a exibição do conselho recontado por intervenção do exemplo a ser seguido em tomada de decisão e atitudes. O testemunho funda o chamado para a crença no realizável e monta um jogo de identidades espelhada em um pertencimento de uma causa comum. É o encontro da memória passada com a esperança futura e o suposto segredo revelado em “dádiva”.

Aos que se encontram posicionados no papel da audição, estrutura-se o exemplo disposto como a revelação que decifra a amostra a ser reeditada individualmente. Toma-se o testemunho como o leiaute da bem-aventurança que se alcança no passo a passo guiado. Atinge-se a formação de elos de uma instrução partilhada em presença física e na perspectiva de ofertar a gestão das vivências no porvir. O ato do auxílio em testemunho performativo (DULLO & DUARTE, 2016) pauta o suposto alcançável como um desafio íntimo.

Compõe-se uma prática de interação num testemunhar e perguntar concomitante. O meio exposto para a renovação individual é afetado em diálogo com o passado de um exemplo contemplado em sucesso e o futuro na expectativa da esperança colocada em ação. A informação pessoal pulveriza um entorno de sentidos e significados em comunhão e como uma destreza a ser reproduzida. O testemunho ocupa o elemento propiciador de efeitos subjetivos ao que o expressa tanto quanto ao que o escuta (DULLO & DUARTE, 2016).

---

<sup>66</sup> “A prática do testemunho corresponde um efeito sobre aqueles que o enunciam e que o escutam, capaz de transformar a percepção de si e modificar mesmo a noção de pessoa aí envolvida” (DUARTE & DULLO, 2016, p. 16).

A relação com os espectadores é próxima e contínua. “Quando você olha no espelho que história você conta?”; “começamos pelas suas principais memórias”; De vez em quando uma pausa para falar e qualificar a si próprio. “Gente, eu sou um cdf danado que lê e escreve todos os dias, eu tenho quinze mil artigos publicados na internet”; “gente, utilize sempre a estratégia de programação mental, se você chama o seu filho de inteligente, ele vai querer somente estudar”.

As falas introdutórias de JRM, representativas de uma apresentação da trajetória pessoal e profissional, possuíam a companhia da operação do áudio. Como revelado posteriormente, a sua principal ajudante quando não ocupava o palco, assumia a responsabilidade da sonoplastia. Orquestrava-se o aumento do volume de uma música instrumental após o julgamento de uma frase de “impacto emocional”. Geralmente, tal momento era sucedido por um pedido de palmas acionado pelo próprio JRM.

Em sequência, um “exercício” de resgate de memória é ofertado. Dinamiza-se um paralelo entre as experiências passadas do principal interlocutor com as lembranças pessoais dos ouvintes que estão em estado de atenção. JRM vai ao *flipchart* para descrever que a sua vida é a sua memória. “Mas o que essas memórias estão ou não nos empoderando?”; “nós somos o nosso passado”; “o futuro é a construção dos seus desejos no presente, você nunca vai viver no futuro, só vivemos no presente”.

Na dinâmica de andar de um lado para o outro no palco, buscando os olhares dos presentes, expõe que Deus lhe concedeu alguns dons. “Você está aqui agora porque recebeu um chamado de Deus para a sua história de vida”. Entre o uso do “sobrenatural” e a ação do “racional”, a lógica meritocrática vai margeando o discurso emocional. “Para de viajar na maionese”; “para de colocar a culpa no teu pai e na tua mãe, eles fizeram tudo, eles fizeram você”.

Diante de pessoas entretidas, os números e valores quando apresentados carregam o pressuposto superlativo. Por exemplo, JRM expressa que recusou trezentos milhões de reais na marca IBC, conta que na pandemia sofreu um desfalque de caixa financeiro ao deixar de faturar duzentos milhões de reais em cursos. Expõe esse último número como um momento difícil, mas que conseguiu superar individualmente. Sucede dizendo que Deus é maravilhoso e o concedeu o nascimento para ser “um agente transformador”.

Complementa com: “o primeiro a ser transformado tem que ser você” e em seguida desce do palco e começa a andar nos corredores em contato direto com as pessoas. “Mas a maior busca de todas é encontrar Deus dentro de você, nos sonhos buscadores”. A música instrumental continua, uma moça retornando à poltrona ao se deparar com JRM é abraçada. “Vem aqui para eu passar energia para você”; as pessoas aplaudem e o volume do som se eleva.

Na sucessão de falas, JRM confere o evento DSP como uma oferta de uma dádiva. “Essa brincadeira aqui custou quinhentos mil reais e eu paguei do meu bolso”. Expressa o valor financeiro ao dedicar esforços para a organização da imersão com o aluguel do espaço e apoio logístico, bem como os custos com o seu tempo devotados a servir. Até onde meu olhar alcança, não percebo constrangimento da parte de ninguém. Como já relatado anteriormente, o pagamento na forma parcelada, via cartão de crédito, foi efetuado para a efetivação da minha inscrição.

Após correlacionar dádiva com oportunidade individual, solicita para as pessoas anotarem “as sete riquezas do mundo”. Empenho um giro de contemplação e atesto o público seguindo o solicitado. “1 – Deus; 2 – teu pai e a tua mãe; 3 – teu corpo; 4 – conhecimento (ciência, método e técnica); 5 – relacionamentos; 6 – reputação (se faz com resultado); 7 – dinheiro”. Pausas durante a apresentação para oferecer abraços sempre precedidos no anúncio do nome do participante que consta no crachá. Os abraçados sentem-se premiados, sorrisos e gestos empolgantes são desferidos.

A narrativa é transferida para uma receita, de como fazer para trazer a evolução individual. O início do processo se dá com uma pergunta: “o que é sucesso?”. “Estou sempre entre os dez melhores autores do Brasil, eu tenho quinze milhões de livros vendidos”; “qual é a nova estratégia da sua vida?”; “você tem três dias para pensar sobre isso”; “ganhar dinheiro não é difícil, mas se você pensar assim, vai ser difícil”. Em continuidade, solicita que seja fotografado um *slide* que é o resumo do seu livro, “*Mindset* Milionário”, e pede para que publiquem nos *stories*.

Já novamente ocupando o palco, retira um dos livros do aparador, arremessa para a plateia e confere mais uma vez a informação de ser autor de setenta e quatro livros. “Eu vejo o mundo como a melhor fase do mundo, porque nunca se falou tanto de Deus, basta olhar para a internet”; “eu vejo o mundo muito melhor, o jeito que você vê o mundo é como será”. O conceito do “positivo” acompanha a demonstração de *slides*

com fotos pessoais da infância e da adolescência. Arma-se um discurso que expõe a si no modo assertivo acompanhada da interrogação: “e você?”.

Em termos pessoais e estéticos, citou que fará uma cirurgia plástica somente aos sessenta anos de idade. Mostrou a foto dos troféus que conquistou em premiações de recursos humanos – RH. “Estou contando uma linha do tempo”. Outra foto surge nos telões, dessa vez uma montagem de JRM fazendo uma palestra em um estádio de futebol completamente lotado. “Gente, dinheiro é benção, profetize isso”; a vida é aceitação até dos momentos difíceis, aceita isso e depois decida sair dessa situação”; “eu falo de dinheiro porque dinheiro é benção”.

As emoções, como entendimento na forma objetificada, surgem no discurso. “As emoções são reações automáticas do corpo”. Sugere uma série da HBO, “o atlas das emoções”, e classifica “as cinco emoções básicas do ser humano” como sendo: “raiva (estímulo para vencer um obstáculo); medo; tristeza; alegria e afeto”. Expõe as mesmas como encorajamentos para a superação de barreiras e a chegada na conquista.

Na sequência, atrela o pensador Sigmund Freud para explicar a força que a mente ocupa nas realizações individuais. Cita como exemplo que “a memória trágica pode ser remodelada para novos alcances”. Exatamente neste momento, uma prática não usual durante a “imersão” sucedeu. Um rapaz entre as fileiras em voz alta interrompe a fala de JRM e questiona “como se restauraria um trauma inconsciente?”. E o interlocutor imediatamente responde: “você está no lugar certo, você vai aprender isso”; “quando você está dormindo a única coisa que funciona na sua mente é a sua alma”.

De forma abrupta, o decurso da explanação volta-se para a carga genética que se origina no indivíduo repassados por pais e mães. A fala direciona o olhar para aspectos emocionais do ser e do existir que foram originados de geração em geração por meio da máxima de que o consciente aprende e o inconsciente sente. Entre as falas assegura que: “eu já estou ensinando muitas coisas para você aqui e vou ensinar muito mais”. O ensinar sustenta-se na aproximação de um método, de uma oferta terapêutica.

Nos três dias de evento, onde em cada um deles se “perseguiu” um objetivo individual de transformação em específico, ocorreram a dinâmica da meditação “especial” como um “recurso auge” dadivado por JRM. Eram momentos prolongados, com diferentes tentativas de “reconstrução de memórias” que se prometia, a partir desse rito de passagem, a mudança positiva do ser. A meditação tutelada por JRM era o

caminho para a retirada individual de bloqueios limitantes, a cura às mãos dos persistentes, a oferta aos aprendizes para tal feito e aos capazes para a entrega absoluta.

As luzes do recinto diminuíram e assumiram um tom violeta. Ele sentou em uma das cadeiras existentes no palco e solicitou que todos prestassem atenção na música calma que era entoada. O mesmo se utiliza de uma entonação de voz mais rouca, vagarosa e com ares “místicos”. “Ao inspirar tome consciência do ar que existe dentro de você”; “esse ar traz humanidade, bondade”; “ao expirar as coisas ruins vão saindo de você, indo embora”. Olho para atrás e para os lados e as pessoas estão com os olhos fechados.

A narração com a voz postada e o som instrumental continua. A fala remete ao dia de “domingo” como um significado importante para a relação afetiva com os pais. O som aumenta e o interlocutor grita a palavra “memórias”. Pede para que os presentes se imaginem caminhando por um lindo jardim. Recruta simbolicamente a representação das datas do carnaval, ano novo (surge, com a sonoplastia, o efeito de fogos de artifício estourando), o natal, a figura do papai noel (noite feliz é a música de fundo neste momento) e o nascimento de cristo como momentos importantes nas trajetórias individuais. “Qual o significado do natal em sua vida?”.

JRM dá saltos e gritos no palco com o volume da música ainda mais alto e a voz postada de forma diferente. “Constrói a restauração da sua família, profetiza”; “constrói o natal da sua vida”. Passou para o dia de finados como um dia de saudade e a ideia de perdão retorna pedindo para que o público relembre como era aos vinte anos. Cronologicamente, a idade reassumida começa a regredir na performance da meditação. Estamos já em nove anos falando dos brinquedos e brincadeiras individuais. Durante todo o processo, *videomakers* circulam entre as fileiras filmando a reação das pessoas.

Gritos de, “tudo o que o seu cérebro construir é capaz de ocorrer”; “porque eu sou importante para Deus?”; “porque sou importante para a minha família, para a minha comunidade?”, dão o tom. A caminhada figurada volta-se para a imagem de uma criança de três anos que é a concepção correlacionada da mãe dos que escutam. “Recebe a tua história, restaura a relação com a sua mãe”. A mesma performance é feita com a representação de um “pai criança”, onde os gritos agora ecoam a palavra “restaura”. Nesse instante, JRM expõe que fomos escolhidos para estar naquele local para restaurar as nossas relações com os nossos antepassados.

Surge a terceira criança como a ilustração dos avós ou de gerações em linhas genealógicas mais longínquas. Pede-se similarmente a restauração do que foi traumático e o perdão simbolizado como forma da cura para o presente positivo. A apoteose da performance é o aparecimento da quarta criança que também tem que ser perdoada e restaurada. “A quarta criança é você”. Finda-se a narração de JRM e uma música gospel com o volume excessivamente alto começa a ocupar o teatro. A música, inaugural deste “ápice”, fala de “o indivíduo querer viver algo novo”.

As pessoas se levantam, cantam fervorosamente, as mãos estão ao alto e algumas choram copiosamente. Já é a quarta música gospel em sequência, vejo um representativo número de pessoas que se abraçam com os refrãos cantados em capela. Aplausos ocupam o ambiente e JRM pede ainda mais palmas e orienta que as pessoas se abracem ao cantar alguns trechos no microfone, ele conhece todas as letras. A sequência musical faz parte da performance da meditação e se repetiu nas experiências dos outros dias. Meditação, memória, restauração e transformação.

Ao término da sequência gospel, inicia-se a música “vamo pula!” da dupla Sandy e Junior. Um “rito de festa” retrata o lugar como um todo ao expor dança, pulos e gritos ao final. “Quem está sentindo que o seu poder vai ser despertado?” é a pergunta feita por JRM já sem as músicas em volume alto. Ele sugere tirar uma *selfie* do palco com a plateia de fundo. Novamente requisita uma sequência de palmas solicitando para que se olhe para quem está ao lado e diga: “você vai despertar o seu poder”. Surge um vídeo com uma edição/recorte do filme “extraordinário” e JRM apela para que todos fiquem em pé para serem auto aplaudidos no que referencia essa posição.

São 15h30 e a saída para o intervalo do almoço é antecédida com as instruções de um grito de guerra para que fosse utilizado em momentos futuros do DSP. O arquétipo do “guerreiro” é entremeado ao novo aprendizado. É anunciado também que o retorno para a continuidade do DSP se dará às 17h. Andei alguns quarteirões para encontrar algo para comer naquele horário. Na mesa ao meu lado, três mulheres conversavam quando uma delas apontou que: “é, mas naquela vez não tinha tanto impacto emocional”. As três estavam com o crachá do DSP.

Me sinto cansado fisicamente nesse momento e com os pensamentos acelerados sobre o que havia presenciado. A primeira parte deixa a impressão da tentativa do diálogo com crenças existenciais na interlocução com os participantes. Olho para o

relógio e as 16h34 retorno para o saguão. As portas do teatro estão fechadas e a mesma “tecnologia” da fila começa a se formar. Neste momento, reparo a presença de idosos e crianças acompanhados na fila. Beijos e abraços, ao mesmo tempo, destacam a presença de alguns casais.

Novamente com o volume do som muito alto e com alguns gritos do neto de JRM que empunha o microfone no palco, às 17h10 sento em uma outra região do teatro para a segunda parte. A plateia que vai tomando assento aplaude, gesticula e tenta chamar a atenção da criança que os recepciona. Nos telões começa a rodar as imagens de um *reality show*, “A Casa do Zé”, comandado por JRM. Depoimentos parecidos com a performance do simbólico “pai” e “mãe”. Os recortes dos vídeos estão em sua maioria exibindo a mobilização da emoção dos que atuam.

A metodologia demonstrada nas imagens é a mesma no formato presencial vivenciado, a exemplo da entonação da voz de JRM nos ritos regressivos com a meditação proposta. A ideia do “despertar” remonta a exigência da entrega e da confiança do “experimentado” aos direcionamentos e determinações do *coach*. Passados 35 minutos de vídeo, a movimentação do *staff* de JRM com as luzes apagadas, revela uma transitoriedade de funções, no modelo do “circo moderno”, onde o trapezista também vende alimento. A cerimonial sobe ao palco dando início a segunda parte.

Ela fala com maior efusão do IBC e sobre as descobertas dos seus talentos pessoais que estavam escondidos. A utilização da interjeição “uau” é recorrente no diálogo com o público. A mesma propõe uma atividade, “um convite para você se escolher todos os dias”. Sobem no palco os “executivos de venda” do IBC que possuem em média vinte e cinco anos de idade. A dinâmica exprime os exercícios de olhar para alguém ao lado para “quebrar a vergonha”, uma movimentação para deixar o corpo mais flexível e solicita gestuais das mãos para levar raios de energia para outras pessoas.

Ensaia-se uma dança com sete movimentos coreografados em tempo real com, os agora, modelos humanos que estão no palco. A luz diminui e a prática começa com pessoas contagiadas seguindo tudo que é solicitado. “Declara pra você aí dentro que você está pronto para ter a sua felicidade de volta”. As palmas e os gritos em potência se oferecem como sinônimos de energia e força para a transformação. Às 18h34 JRM pisa no palco entoando o grito de guerra anteriormente ensinado.

A exposição é retomada com a explicação de como o cérebro funciona em uma frequência cerebral ligada a velocidade do pensamento. “Tudo o que você pensa reverbera no teu corpo na hora”; “para mudar o mal-estar do seu corpo pense em coisas boas”; “mudar a imagem mental consertando a natureza energética do seu corpo”. Surgem nos telões dados neurológicos sem as fontes. Sem demora, uma outra performance com um exercício para escutar a respiração com a voz de JRM postada em rouquidão.

“Por exemplo, a frequência “theta” é um ciclo de respiração para a meditação”. A música alta é interpretada como sons de altíssima frequência. Nesse instante, o volume de som se eleva, música gospel, seguido de um grito performático de JRM para explicar o que é a frequência “gama”. O interlocutor começa a tecer sobre a “programação mental positiva” como leis da sugestão que é a “capacidade de plantar uma ideia”.

Nesse enlace, ao apontar a força que a mente possui, cita a parceria de Sigmund Freud e Émile Godé e aconselha uma programação mental para os presentes. “Todos os dias de todas as formas eu sinto que estou me curando”; “porque você não ganha três vezes mais? Porque você não pensa, planeja e não age como quem ganha três vezes mais?”. Nesse estágio, a oferta terapêutica do DSP vai para além da exclusividade emocional. Acionando o lado pragmático/financeiro individual e mobilizando a (re)programação da mente para a retirada dos impeditivos existentes, cogita a abertura de novos caminhos que levem a prosperidade.

Entremeados aos esclarecimentos, os palavrões continuam existentes, principalmente o “fodeu”. O que também se apresenta como uma rotina, nos momentos em que JRM desce do palco, é o apelo ao abraço quando se cruza com o *coach*. Às 19h22 um homem aparentando quarenta anos de idade levantou da sua poltrona. Nitidamente emocionado foi ao encontro de JRM, o abraçou por alguns segundos com o operador da mesa de som aumentando o volume da música de fundo e em um gesto destoante, apanhou as duas mãos de JRM e as beijou.

De tempos em tempos, unida ao andamento do DSP, JRM recorre a lembranças de memórias de eventos pessoais. Declara que há mais de dez anos em uma meditação presenciou a imagem de três crianças refletidas em um lago. Narra com a voz novamente em rouquidão a descoberta, neste exercício de meditação, que “uma

memória positiva e profunda pode restaurar centenas de memórias negativas”; “meditar é fazer um único registro positivo de memória afetiva”. Explicita que a “escolha” de obter uma emoção mais forte, “negativa” ou “positiva”, é do indivíduo.

Posteriormente duas pessoas se levantam e vão ao encontro de JRM, que ainda se mantém entre os corredores da plateia, e o presenteiam respectivamente com um biscoito de polvilho e um pote de doce de leite. Emendam com um pedido de *selfie* que ocorre na sequência. Não que não se ofertasse anteriormente, no entanto, aos poucos e em latência, a áurea de celebridade aos que se deparam fisicamente pela primeira vez com JRM no DSP vai se idealizando. Em observações, que por vezes faço do “ao redor”, ele é o centro dos olhares atentos.

Ao remontar, em esclarecimento, a organização de uma outra forma de performance pertencente a sua trajetória *coach*, o interlocutor direciona o discurso emocional à técnica da “constelação”. “Constelar é buscar um reposicionar em cada sistema que se faz parte”. Ele cita que nasceu com o dom de dirigir este processo e relata o exemplo de uma pastora que parou de tomar remédios após a participação em um curso de sete dias, conforme relatado. “A constelação feita em grupo é uma overdose de emoções”; “as pessoas se curam e adoecem num movimento interno”; “eu sou um cientista que estuda a emoção”; “você nasceu para ser próspero e feliz”.

Diante dessas afirmações sucede-se a explicação do significado de catarse. “É o poder de picos emocionais que podem surgir em nossos cursos”; “emoções profundas duram no máximo noventa segundos”; “gente, vocês já viveram isto hoje, a catarse”; “por exemplo, em um filme eu posso ter uma catarse; eu programo o meu cérebro de forma positiva ou negativa”. São 20h10 e houve um corte repentino no andamento do raciocínio quando JRM diz que: “agora eu quero falar dos meus livros, eu quero falar de oportunidades”.

JRM abre essa nova fase citando o nome dos livros de sua autoria com ênfase nos números de comercialização editorial. Segundo relata, o primeiro título das suas publicações, “Seja a solução dos seus problemas”, vendeu até o momento quatro milhões e setecentos mil cópias. “Oh, você não pode ir embora sem comprar o livro DSP”. Em sequência, anuncia que irá escrever um livro em inglês. “Eu toco a alma das pessoas com a ciência das emoções, porque eu não posso ser um prêmio nobel da paz se eu curo os traumas impactando as pessoas no mundo”.

“Estou dizendo isso porque a maioria das pessoas que foram bem-sucedidas no Brasil foram meus alunos”. Ao falar do país similarmente expõe que a sua residência é uma das maiores da nação. Nos telões, os *slides* caracterizam as capas dos livros de autoria de JRM acompanhadas dos respectivos preços e de selos com a indicação dos que são anunciados como *best-sellers*. JRM soma a informação de que o DSP, a imersão, surgiu exatamente depois que escreveu o livro que encabeça o mesmo título.

Indicados os livros, é aberta por JRM uma espécie de “gincana”. Nesse instante, alguns “executivos de vendas” do IBC se posicionam ao redor do palco no piso da plateia. Em tom promocional é anunciado no microfone que as cem primeiras pessoas que chegassem mais rápido ao encontro dos consultores, adquiririam um combo de quatro livros por R\$100,00 (cem reais). Observo pessoas levantando repentinamente e surge uma corrida até a “oportunidade” relatada.

Ao som das batidas da música *intro de xx* do grupo *The xx*, formava-se as filas para a “tentativa” de conquistar os livros que em valores praticados por R\$299,00 (duzentos e noventa e nove reais) cairiam, com o desconto, para cem reais. Confere-se também a ocasião para uma proximidade maior com JRM, que se encontra mais acessível fisicamente por estar junto aos consultores. Estes últimos carregam as sacolas que envelopam os livros, bem como portam as “maquininhas” de cartão de crédito para o ato da venda.

Um dos participantes que vai ao encontro de JRM, nesse ensejo menos protocolar, confessa ao mesmo que não possui muita paciência com o ato da leitura. Solicita se há alguma “dica” para vencer esta forma de ser. JRM relata ao microfone o incômodo e o pedido solicitado e diz deter uma estratégia para ler um livro de mais ou menos trezentas páginas em 01h e 15minutos. Junta a essa confissão, a informação de que para baratear os custos de publicação de um livro, fundou a própria editora com o intuito de um número maior de pessoas ter acesso aos seus exemplares.

Desfeitas as filas, com os clientes dos combos retornando aos seus assentos, às 20h40, logo após a reprodução de um vídeo ao modelo de um cartão de visitas, sobe ao palco a primeira convidada anunciada no material de divulgação do DSP. Ela é uma das apresentadoras de um *reality* televisivo conhecido pelo formato de investimentos financeiros. “Quanto mais forte o boa noite, mais a gente ensina a ganhar dinheiro”;

“vamos falar de dinheiro”; “o Brasil assume a cultura do endividamento e não do investimento”.

Coaduna-se um DSP de ofertas terapêuticas pautadas em discursos emocionais aliados com a face pragmática da responsabilidade individual na perspectiva da prosperidade financeira. “Você tem que ter independência financeira para ter liberdade”; “como estamos com as oportunidades na crise?”; “você podem ganhar dinheiro com os movimentos dos segmentos, não seja refém de uma única coisa”; “temos que ser multireceitas, como ter receitas passivas”. Nesse contexto inicial, deu o exemplo da possibilidade de se investir na bolsa de valores e trouxe a propaganda de uma de suas empresas especializadas a ensinar as operações básicas na bolsa.

Destacando a bolsa de valores como “um grande *shopping*”, afirmou que os brasileiros não ficam milionários por uma questão de “vício cultural”. “O que nos mantém vivos é o poder de aprender executar”. Com a fala recheada de termos técnicos do universo financeiro, a exemplo de *day trade*, crava que “o problema não é ser um investidor, mas o problema é não estudar”; “ganhar dinheiro é muito bom, mas tem que ser do jeito certo”. Anunciou, seguido por muitos aplausos, o produto elaborado por uma de suas empresas, um desenho animado que ensinará educação financeira para crianças e que ocupará gratuitamente as escolas públicas do país.

Fez a divulgação de uma palestra que ministrará ao lado de um reconhecido maestro na cidade de São Paulo, solicitou aos técnicos de som a entrada de uma música “autoral” produzida com o auxílio de uma inteligência artificial – IA, que (re)força o mantra de “acreditar em você” e, às 21h38, se despede questionando a plateia: “bora mudar o Brasil?”. Luzes intensas clareiam o público e revelam a existência de empresas que inscreveram sua mão de obra trabalhadora e as uniformizaram com as respectivas marcas e *slogans* para o DSP.

JRM, às 21h41, retorna ao palco apresentando as “três ordens do amor” por meio de “leis sistêmicas”. Expressa um compêndio de “verdades” para se fazer o bem nas relações sociais que oportunizam “coisas boas para si”. São 21h56, as pessoas batem palmas com menos intensidade, no entanto, o teatro visualmente demonstra que poucos foram os que se retiraram do recinto. Dando continuidade, JRM traz similarmente as “cinco ordens do amor na família”, mais precisamente na relação entre pais e filhos.

Entremeado aos novos ensinamentos, conta a história do avô no que corresponde ao conceito pessoal de prosperidade na organização do mérito. “Meu avô passou a metade da vida dele dormindo por apenas três horas todas as noites”. A utilizou como o início de uma fala de encerramento do primeiro dia do DSP. Completou dizendo que no próximo dia o norte da imersão seria falar sobre “crença”. Às 22h09 chegou ao fim o primeiro dia sendo embalado pelo volume de som alto com pessoas gritando ao mesmo ritmo.

Estou exausto, em casa e deitado, olho para o relógio e já se passam das 02h da manhã. O pensamento acelerado diante das sensações experimentadas, com o olhar e a escuta em exercício ainda em atenção. O dia parece não querer terminar, bagunça-se o retorno de muitas memórias igualmente em velocidade de excitação. As músicas em latência recuperam alguns momentos em específico com a impressão de um discurso homogeneizado no passo a passo. Os gritos são lembrados e a imagem dos rostos emocionados em diferentes perspectivas insistem em ficar.

### 2.3 – Emoções em Confinamento, Meditação em Continuidade de Regência e Crença na Transformação

Na manhã de sábado, 26 de outubro de 2024, às 08h56 me posiciono novamente na fila em ziguezague. Entre os últimos recados da noite anterior, JRM prometeu iniciar às 09h30. Pergunto a um casal de amigos que se encontra próximo da minha posição na fila, se tinham ficado até o final do dia anterior e prolongo também indagando sobre uma primeira impressão. “Sim, ficamos o tempo todo”; “achei diferente, mas curiosa a ideia do autoconhecimento de retornar”; “é interessante fazer um exercício de memória, mas é hoje que será o da transformação”.

De repente desconversaram e adentraram em assunto comum aos dois. Contudo, o rapaz arremata que amou a ideia de abraçar o próprio pai no exercício de meditação no “formato *kids*”. “Pirei em saber como o cérebro realmente funciona”; “muito louco a neurociência e o diferencial de JRM é de ser um cara que estudou muito”. Dois homens e uma mulher fazem uma *live* durante o andamento da fila. Um rapaz jovem comenta que o formato com que a fila é armada é um cuidado com as pessoas.

A fila não é estanque, por vezes é cansativa, oferece a sensação de ambiente lotado, gera tédio e gera expectativas, como também para alguns é vista como oportunidade de negócio, empreendimento e intervalo para concorrer. Postando uma voz forte, um dos participantes que similarmente como todos, se ocupa da espera, anuncia a sua empresa de construção de piscinas. Reconheço como um dos homens mais empolgados do dia anterior. Além de vender o seu produto na forma materializada, comercializa uma assessoria/mentoria de como fazer bons negócios no mundo digital. É interrompido educadamente por um dos membros da organização do DSP.

Por instantes, divido a minha atenção de observador rivalizando com a memória de episódios do dia anterior. Os rastros de ideias anunciadas no primeiro dia posicionam a oferta da terapia regressiva com um critério de coerência com o tempo que divulga o rápido, o dinâmico e o *smart*. Dialoga com a necessidade do imediato vivenciado, com a solução que se demanda na presteza da responsabilidade individual. Na idêntica presteza da escolha da esperança positivada e ao alcance.

Ecoado por um dos integrantes do IBC, gritos “empolgantes” surgem ao longo do deslocamento da fila. Habito novamente uma outra região do teatro às 09h43. Não sei ao certo se consta uma confusão pessoal, porém, parece que o volume das batidas do som no ambiente fechado está ainda mais alto. A “*intro (rework) [feat.ashibah] [remix]* de *vintage culture* é a música que recepciona os participantes em uma sensação de “balada noturna”. Luzes acompanham as batidas da música e emolduram a organização de um espetáculo no porvir.

Nos três telões começa a rodar um vídeo de um filho perdendo o pai com a presença de JRM na cena. Nas imagens apresentadas é narrado pelo mesmo que “a reação química do corpo não vem da realidade, vem do pensamento”; “o abraço é ritualizado como troca de energias para a restauração do passado”. Findada a sequência de cenas, às 11h a principal cerimonialista sobe no palco parabenizando o público por ter chegado ao segundo dia para “eliminar barreiras internas que impedem a verdadeira transformação”.

A mesma reafirma a existência de uma força interna que irá inevitavelmente aparecer ao longo da experiência que será vivida no teatro. Em um desabafo pessoal expõe como foi o primeiro contato em uma imersão com JRM. Conta que era uma enfermeira que gostaria de uma transformação rápida dentro de si para liderar e

melhorar vinte e três unidades de saúde sob a sua responsabilidade. Acrescenta no relato as dificuldades que possuía na relação com a mãe. “Prosperidade é obter aquilo que se deseja”; “não existe a transformação se você não tomar uma decisão”.

Na sucessão de informações pessoais, começa a ensinar o que fez na prática depois do encontro com a mãe e o pai imaginários de três anos conforme o rito da meditação. Em conformidade e orientada com os diagnósticos das “cinco linguagens do amor”, título de um livro, passou propositadamente durante sete dias a dizer “eu te amo” para a mãe. Conta que no último dia por uma eventualidade de compromisso se apressou até o carro na garagem e esqueceu de cumprir o tal gesto. Foi surpreendida, com a mãe impedindo a passagem do carro, escutando pela primeira vez da mulher que a criou, o anúncio de um “eu te amo”.

Há pessoas comovidas em algumas fileiras do teatro diante da confissão pessoal expressada. Surge a interrupção espontânea por parte dos que questionam sobre como “restaurar” a relação com a mãe e irmãs. Reverbera por algumas vezes o “como eu faço para?”. Explicita-se a ideia da meditação operacionalizada como um mecanismo de utilização para o auto acolhimento. É a performance da construção simbólica da porta de entrada para o encontro com uma nova esperança. Ela solicita para todos seguirem as redes do IBC, de si própria e do JRM. “Vocês irão ver o que ocorrerá ao final do dia de hoje”.

Antes de deixar o palco, pediu encarecidamente o cuidado com os “cortes” de vídeos curtos que eram filmados e supostamente postados nas redes pessoais dos participantes. O pedido se deu em função dos “palavrões” anunciados ao longo das exposições. Às 12h16, JRM inaugura o segundo dia da imersão. Som alto, palmas e gritos. “O seu poder começa pelo seu nome, é o som mais poderoso para o seu cérebro, é um mantra”; “na comunicação o contexto é mais forte do que o conteúdo”; “comecei a trabalhar com doze anos, mas eu sou preguiçoso, pois a minha mãe começou com seis”.

Solicitou que todos apanhassem o celular e pesquisassem o significado dos seus nomes próprios. Pediu uma salva de palmas para a definição de cada um dos nomes encontrados. “Eu sou um amante das religiões, eu sou um teólogo também, a religião do mundo é o amor”. “Pra ser melhor, eu preciso resolver ser melhor”. “Eu sou muito intenso, então não posso ser exemplo para ninguém, mas eu posso ser inspiração”.

Passa-se ao estágio para um olhar para dentro e a aproximação de uma preparação para concorrer.

As falas desse momento ocorrem com frases de “efeito” acompanhadas de imagens simbólicas passando no formato de *slides* nos telões. Intensifica-se o discurso do indivíduo como o responsável maior de si e da realidade que o rodeia. Utiliza-se a concepção do livre arbítrio como a capacidade existente de mover tudo, inclusive a aceitação da mudança interna que está ocorrendo ao tempo do próprio DSP. “Aceita e para de viajar na maionese”; “aceite, se cure, mas não fique parado”; “a cada cem milionários, noventa e oito vieram do merecimento”; “plantar e colher”.

O esforço pessoal é posto como condição primeira para presenciar a oferta de positivação. Posiciona o mérito como um circuito de causa e efeito individualizado. “Para de encontrar culpados”; “Deus não te pôs na terra para você ganhar R\$1.200,00 (mil e duzentos reais)”; “você tem que se esforçar”. Concebe-se que a realização de desejos esbarra em uma aposta nos entendimentos cedidos pelos especialistas em neuropsicologia para a mudança do comportamento. “Eu sou um cientista e não um pastor, mas eu sou um espiritualista”.

JRM entremeia-se no fortalecimento da representação do valor dado ao estado de positivação individual às mãos na contemporaneidade. O discurso emocional em oferta terapêutica é anunciado para os dispostos em aceitar a aptidão para competir. Uma luz laranja invade o recinto, trilha sonora de piano e a voz de JRM organizada em tom grave. “O meu chamado é ir no lugar e tocar a vida das pessoas”; “eu tenho um curso para ensinar a ganhar um milhão de reais que é a coisa mais fácil do mundo”; “não aceite ser fodido, seja próspero”; “trabalhar a autoimagem é poder, é coerência do lado interno com o externo”.

A ideia da construção da autoprogramação mental é alicerçada durante a exposição na perspectiva do ato voluntário. Para tanto, é necessário a preparação do ritual de específicos aprendizados. Os cursos ministrados por si, bem como os que preenchem a grade curricular do IBC, por vezes, são acionados discursivamente somados a elogios direcionados à plateia. Em repetição ao dia anterior, cifras em relevo são destacadas. Expõe que o filho mais velho no momento atual caminha por si só, já que antes ganhava R\$250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais) mensais ao trabalhar para o pai. E hoje, por dia, faz jus do mesmo valor ao empreender sozinho.

Repetindo do mesmo modo o formato da experiência já passada, às 15h10 inicia-se uma preparação. Com dizeres de empoderamento e à luz do início de uma nova meditação, a regressão individual e a projeção com o encontro com as “quatro crianças” são acionadas. Inova-se com o áudio das batidas de um coração em som alto e com o simbólico do “você” dentro do ventre da mãe. “É o som da vida”. Existem pessoas chorando no auditório, fica nítido quando há uma pausa repentina no som. As palavras “restaura” e “concebe” são recorrentes na fala direcionada.

Uma vez mais com o uso do recurso da sonoplastia, o choro de um rebento é posto em volume alto. Insere-se a narração de JRM falando do “dom da vida” sendo emoldurado com um piano de fundo que embala a cantiga “nana neném”. Em meio a renovados choros da plateia, ritualiza-se um novo nascimento para os aptos e que estão em preparação para a transformação de si. É narrado o termo “nova criança”, bem como a perspectiva de que o cérebro não sabe diferenciar o “imaginário” do “real” e é nesse sentido, que se propaga a restauração individual.

Reprisa-se a música gospel, pessoas levantam e colocam as mãos ao alto. Os choros se inflacionam em conquista e simbolizam um prêmio de merecimento pessoal, um “cheguei lá”. “Nunca mais serei vítima, hoje eu começo uma nova vida, uma nova história, hoje eu acolho fazer da minha dor o meu antídoto”; “uma única emoção pode reconstruir uma vida”. Mais música gospel em volume alto com o pedido para abraçar a pessoa que está ao lado por ao menos um minuto.

Rogou para que ligássemos a câmera do celular de maneira frontal como um artifício de espelho às mãos. “Olha para você, olha para dentro de você, reconhece tudo que é bom em você”; “olha para a criança, ela está dentro do telefone”. Fecha-se, para a pausa que ocorrerá para o intervalo do almoço, com JRM invocando uma salva de palmas como uma “apoteose” da transformação com a orientação técnica, no entanto, voluntária e com o resultado da preparação emocional no modelo *smart*.

Às 16h45 todos saem para o almoço. No regresso, me encontro às 18h19 sentado em uma das poltronas da plateia inferior do teatro e envolto as anotações para o segundo momento. Som em volume alto, música sertaneja e *funk* recebem e dão o tom da recepção. Nos telões, um vídeo de um ator de renome nacional apresentando a experiência pessoal diante do contato com JRM. Propaganda, gratidão e reconhecimento

se misturam. A frase, “legado é influenciar valores no presente para o futuro” é projetada para compor a entrada às 18h35 da assessora principal com o ritmo de *funk*.

Ela inicia falando do termo “resgate” e do entendimento que os participantes estão recepcionando por meio da descoberta de desejos individualizados. Caracteriza que uma das funções do DSP é proporcionar aos indivíduos descobertas que estavam intimamente escondidas. Exalta que isso somente é possível porque em algum momento específico tivemos um segundo cronológico de coragem para tomar a decisão de estar ali para a imersão de transformação pessoal/individual. Sua presença funciona como um “aquecimento” do público para a entrada de JRM.

Com mais uma entrada organizada em expectativa, às 19h01 o *coach* interlocutor indaga: “como eu dou mais plasticidade para o cérebro?”; responde ao próprio questionamento dizendo ser “numa matriz de pensamento”. Situa que após o contato com oitenta e dois pensadores, especialistas em programação neurolinguística – PNL, desenvolve um método próprio para o processo de estágios da evolução individual. São sete: sobrevivência, relacionamentos, conhecimento, significados (crenças), identidade, posicionamento e legado.

Abre-se a construções discursivas que elevam o cérebro humano ao posto de um determinante subjetivo (AZIZE, 2008). É nele, cérebro dispositivo<sup>67</sup>, que aponta-se as condições para a formação de uma recém identidade que construirá novos percursos nas relações individuais. Concebe-se o mesmo como um órgão em separado e com autonomia suficiente para o comando de histórias de vida. O “equilíbrio” humano é dependente do funcionamento químico estável dele.

Emoções são tratadas em organização com o ritmo de uma valência cerebral harmoniosa em seus efeitos individuais. O “comando” para o comportamento “adequado” parte do neuronormativo racional para o ideal nessa perspectiva. Preceitua-se o cuidado com o órgão em função da autogestão do indivíduo em seus estados interior e exterior, ou seja, a vida com a regência cerebral também nos elos socioculturais de existência.

---

<sup>67</sup> “Acredita-se estar no cérebro o lugar da mente, da consciência, da memória; das doenças do mundo psi; a ideia de que o cérebro é condição suficiente para a existência do que entendemos como “indivíduo” parece ter entrado para o mundo dos fatos científicos, que repetimos cotidianamente quando falamos sobre os estados de saúde/doença mental” (AZIZE, 2008, p.7).

Filia-se a um uso fiscalista para a vida em performance na consonância com a esperança prática. A observância para a saída do estado atual se dá em auxílio, no entanto, a execução da movimentação em si é armada em prerrogativa individualizada. Aprende-se a como realizar a organização dos parâmetros para um outro período “desejado” por meio de modelo(s)/método(s) em prescrição e adere-se a ideia da autonomia assistida.

O melhoramento de si parte do entendimento a respeito das forças que ocupam o funcionamento da combinação entre cérebro-mente (AZIZE, 2008). Esse entendimento corresponde a um primeiro passo na busca de uma vantagem individual possível. A boa notícia anunciada é a existência de um cenário de preparação, ou melhor, a chance de aumentar o condicionamento e as capacidades do cérebro para o melhor dos usos dessa “ferramenta”.

JRM “teoriza” que o seu método é diferente por “alavancar”, encurtar o processo de evolução individual entregando em sete dias o que o mesmo levou quarenta anos para adquirir. O “segredo” é se capacitar no método desenvolvido para conseguir “acelerar” a prosperidade individual. Citou que foi o único brasileiro que recebeu o convite para participar de um congresso com o precursor, Martin Seligman, da psicologia positiva. Aproveitou a auto menção para agregar que o IBC possui uma pós-graduação, igualmente, em psicologia positiva.

Em seguida, referenciou o “mito da caverna” de Platão e construiu uma ligação entre a “luz” e a “prosperidade”. “O DSP, o que estamos vivenciando aqui nesses dias, gente, é deixar a caverna”. Reitera a importância de ter um método e poder repassar a “aprendizagem acelerativa”. Enquanto ele “lança” mais um livro presenteando o público, os “executivos de venda” se posicionam outra vez na frente do palco no mesmo piso da plateia. Ele começa a descrever o seu método desenvolvido e como foi criado o curso *professional and self coaching* – PSC.

“Eu consigo te levar onde você quiser em quatro meses, mas também é possível em sete dias”. Coaduna-se com o oferecimento de uma preparação individual para o enfrentamento presente e o alcance de desejos futuros em uma plataforma original e *smart*. Salienta que após dez anos da última versão, realizará um PSC na cidade de Goiânia. Na sequência, três mulheres são convidadas para subir ao palco para dar o

“testemunho” de como as suas vidas foram “impactadas” logo após o contato com o PSC. “Qual o poder da formação PSC?”.

A primeira história parte da aceitação de uma tragédia familiar. A superação do assassinato de um filho de dezessete anos de idade. “O Zé me ensinou a olhar o meu filho na luz e não na forma morta”. Junto do relato do momento delicado vivido, anuncia que se tornou uma psicóloga de formação e que utiliza para o tratamento de seus pacientes o *coach* como base para a mudança da vida das pessoas. Registra similantemente a parceria que possui com JRM em esfera profissional.

As luzes que compõe o teatro nessa ocasião estão no modo “claridade”, o que deixa nítida as reações de comoção e atenção às histórias compostas. A segunda mulher confessa que aprendeu a lidar com o pavor de pensar em perder a própria mãe, com uma meditação muito profunda de enfrentamento de traumas pessoais durante a participação de um curso de PSC em um dos sete dias de preparação. A terceira, devido ao seu carisma, preenche com maior vigor os olhares do público. Arranca choros, risos e propõe a restauração da esperança no contato com o PSC.

Inicia contando que sofria de depressão e síndrome do pânico desde os onze anos de idade conjugada com uma convivência muito difícil com o pai. Após o seu casamento, já com um filho de seis meses, com a continuidade do quadro depressivo e reiteradas buscas por tratamentos diversos, parte de ônibus de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, sozinha, para fazer o PSC no município de São Paulo. Expôs que considerou o curso caro, mas ponderou a quantia com o que gastava com psiquiatra, em remédios e com psicólogo.

Continua dizendo que também fez com JRM o curso de “constelação” e ao ser constelada enxergou a humanidade do pai, concedendo assim o perdão. Nos momentos que as mulheres assumiam o microfone, JRM estava ao lado com expressões faciais que representavam concordância. Ela encerra dizendo que “se vocês se derem essa oportunidade eu tenho certeza que serão vocês em breve a dar o testemunho num palco igual a esse”.

JRM retoma a fala, ainda com a presença das três mulheres no palco, reforçando as consecuições do PSC. “Gente, é uma forma que fazem as pessoas evoluírem mais rápido e em sete dias”. Citou que contratou a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ para investigar o que ocorre com as pessoas depois que fazem o PSC. Apresentou

slides sobre o que é o PSC e a “aprendizagem acelerativa”. Um pouco antes deste registro, os “executivos de venda” do IBC em uma movimentação organizada completam em maior número a presença em volta do palco. Em outro slide surge a palavra, investimento, qualificando o preço do PSC em R\$17.997,00 (dezessete mil e novecentos e noventa e sete reais).

Ao apontar a presença dos executivos de venda, convida o público para correrem até os mesmos, se posicionarem e, “no escuro”, obter uma promoção no valor final do PSC. Visualizo em gestos repentinos pessoas se levantarem e andarem rapidamente até a frente do palco. Filas foram se formando antes mesmo do anúncio da promoção. Com o auxílio de um cronômetro exposto em um dos telões em contagem regressiva, JRM estabelece o prazo de dezessete minutos para que o investimento promocional fosse concretizado.

A promoção é a redução considerável do “investimento” de um curso que quase beirava o valor de vinte mil reais. O mesmo é ofertado por doze parcelas de R\$497,00 (quatrocentos e noventa e sete reais). São filas menores do que a anterior promoção de livros, mas mobilizou compradores. Do palco, ele continuou narrando a importância do PSC enquanto decrescia os dezessete minutos. Recordei as narrações de “promoção relâmpago” em supermercados de grande porte. Algumas pessoas ao fecharem a compra se dirigiam até a beira do palco para realizar uma *selfie* com JRM.

O mesmo assegurou que aqueles que adquirissem o PSC naquele exato momento, no outro dia subiriam ao palco para fazer uma foto “diferenciada” com ele. Passada a fala deste compromisso, às 22h32 JRM convida para assumir a exposição, testemunhando a experiência do seu sucesso no mundo virtual, a palestrante do dia, uma digital *influencer* que foi uma das mulheres a dar no mesmo palco um relato anterior. Falou de sonhos, realizações pessoais e sua trajetória de vida na internet.

Às 23h37 de um sábado, o teatro não está completamente ocupado, mas com um grande quantitativo de pessoas. JRM volta ao palco e reinicia passando um vídeo que recupera os registros de imagens que ocorreram durante todo o dia de evento. A edição sugere a mobilização da “esperança particularizada”. As falas, contadas por modelos vivos, recorrem a “certeza” de uma transformação diante de uma preparação orientada e acolhedora, um modelo de uma esperança *smart* e às mãos. JRM caracteriza que por se

tratar de um domingo eleitoral, “amanhã daremos início às 10h30”. O segundo dia é encerrado às 23h42 com gritos, som alto e luzes coloridas.

Domingo, dia de eleições municipais e o terceiro<sup>68</sup> dia de DSP com a promessa estabelecida de uma imersão voltada para a temática da “ação” individual. Adentro no saguão principal às 09h58 e já existe um número considerável de pessoas na fila em ziguezague. Diferente dos outros dias, uma performance em grupo destoa. Um jovem empunhado de um violão com um coro de louvores evangélicos ao ritmo de palmas, “fervor” e celulares às mãos para mais um registro na fila.

A atendente da lanchonete, onde me encontrava encostado no balcão, veio me perguntar se o evento “tinha uma pegada presbiteriana”. “Eu fico escutando daqui e parece que às vezes tem muita música durante o dia com as pessoas empolgadas”; “eu acho bom escutar, me dá uma coisa boa”. Após um café rápido ando até encontrar o final da fila. Duas mulheres um pouco a minha frente conversam e uma dispara que “hoje o trem vai pegar fogo”.

---

<sup>68</sup> Ao final da noite anterior, ao transitar por um dos corredores do Centro de Convenções, me deparei e reconheci, por específicas características físicas, um antigo conhecido que não mantinha contato a mais de duas décadas. As roupas que o mesmo trajava se diferenciavam em muito da memória que eu possuía de um contato do passado. Não sei se por conta das expectativas do evento, mas ele estava com a aparência “formal”. Nos cumprimentamos, o mesmo me apresentou a sua esposa, revelou que já possuíam duas filhas, que a muito tempo não morava mais em Goiânia e me questionou se eu também era seguidor do “Zé”. Respondi que eu havia me inscrito na “imersão” por estar realizando uma pesquisa sobre “esperança”. Aproveitei, no encontro rápido de corredor, para perguntar se em outro momento era possível o casal me responder algumas perguntas sobre o evento. Ele me passou o contato do seu celular e ficou acordado que eu enviaria as questões via *whatsapp*. O antigo conhecido afirmou que os dois responderiam o requisitado, mas o encaminhamento demoraria por volta de quinze dias, já que no outro fim de semana estavam compromissados com uma outra imersão na cidade de Brasília-DF. Posicionou que naquele momento da sua vida estava investindo mais em alguns tipos de conhecimento. Agradei, expressei que o nome de ambos se manteria em sigilo às respostas dadas e nos despedimos com o mesmo dizendo que acreditava que mudaria a vida de muitas pessoas em Caldas Novas-GO, cidade em que residia e trabalhava, com os conhecimentos por hora colhidos. Passados oito dias enviei as seguintes questões: “1- O que vocês procuravam no evento DSP? Porque tomaram a decisão de participar?; 2- O que chamou mais a atenção de vocês durante os três dias? Do que vocês mais se recordam?; 3- Qual a importância dos ensinamentos dos palestrantes, principalmente dos oferecidos por José Roberto Marques?; 4- O que ficou de principal vivência na opinião de vocês?; 5- E por último, vocês acreditam que estão com mais esperança depois de ter participado do DSP?”. Após dois dias, o antigo conhecido respondeu me pedindo para que eu aguardasse mais algum tempo, mas que em breve enviaria as respostas dele e da sua esposa a exatamente todas as perguntas. Depois de duas semanas e meia, sem receber qualquer contato, o “provoquei” novamente a respeito das memórias da imersão vivenciada. O pretenso interlocutor pediu desculpas pela demora, disse que faria uma viagem rápida de lazer no fim de semana que se aproximava e que ao seu retorno enviaria tudo que havia sido solicitado. Já se passaram alguns meses e as respostas não foram obtidas para esta pesquisa.

A mesma conta para a suposta amiga que não ficou na parte da tarde e soube que perdeu a oportunidade dada com a baixa do preço do PSC. Comenta que a regressão feita no dia anterior a fez lembrar de coisas que achava que já tinham sido (re)significadas. Um jovem do staff nos direciona na fila, que agora está sendo filmada pela equipe de gravação, e solicita para que todos respondam com a palavra “surreal”, logo após ele questionar: “como está sendo a imersão do DSP?”. Os integrantes da fila em sua totalidade atendem ao pedido e gritam, em resposta, de forma entusiasmada.

As mulheres retomam a conversa e falam da importância de passarem pelo menos uma vez por ano por essas imersões para a continuidade da transformação pessoal. Citam as experiências com outros profissionais e como também foram muito proveitosas para o crescimento individual. Consideram esses momentos como uma oportunidade divina e que de forma alguma deve ser desperdiçada. Indica-se as carências confessadas e o entusiasmo esperado por serem de alguma maneira acolhidas e participarem de mais uma oferta terapêutica.

Às 10h46 sento em uma das poltronas da fileira mais próxima ao palco que não é designada aos clientes *premium*. O volume do som de forma inflacionada é uma representação que marca o DSP, principalmente no que antecede a entrada de JRM. Ao som de “balada noturna”, a música da vez é “*do it to it – acraze*” de Cherish que proporciona o movimento do balanço de corpos sentados, mas com algumas pessoas levantando e expondo a performance de uma dança.

Logo na sequência, o ritmo da música se modifica, mas a letra cantada de forma dedicada chama a minha atenção. É um pagode, “em busca da minha sorte”, interpretado por Thiaguinho e Billy SP. Entre outras passagens a letra imprime a busca esperçada: (...) “eu tive medo, mas eu fui com medo mesmo; um dia eu sonhei com tudo isso aqui; se não aconteceu ainda tá por vir; tô na minha *vibe*, numa boa, eu sei que eu vou chegar, o que é meu ninguém pode tirar”.

Não sei ao certo se foi uma repetição propositada do operador de áudio, no entanto, o refrão da referida música foi repassado por diversas vezes com uma durabilidade de tempo que mobilizou quase a totalidade dos presentes. (...) “É, eu vou seguindo de cabeça em pé; eu perco tudo, mas não perco a fé; eu tô em busca da minha sorte, eu tô no corre; não desista antes de acontecer, tem alguém que se inspira em você, e por mais que a noite pareça escura, tá perto de amanhecer”.

A comoção neste momento foi diferente de outros recortes musicais. Mobilizou a representação do entusiasmo de pessoas que estavam conquistando “algo para si”. Foi a demonstração de um “sincretismo esperançado” que acolheu as feições naquela etapa do DSP. Pulos e gritos, sorrisos abertos e rostos olhando para cima. Não conseguiria precisar em decibéis, mas a sensação foi de um volume de som, bem como uma demonstração sonora do ambiente como um todo, de uma escala nunca presenciada por minhas experiências pessoais.

São 11h06 e os telões rodam as imagens de um vídeo de “celebridades” empunhadas da “revista forbes” com JRM na capa, onde cada figura pública tece pequenos comentários entre os quais: “você é alguém que ama as pessoas”. Emenda-se, com vídeos de edições do *reality* “a casa do zé”, em momentos específicos de felicidade dos participantes, especificamente a cena de um churrasco na piscina com a presença de JRM. Sem, como de costume, a aparição de um cerimonial humano com o papel de elevar a apresentação, às 11h37 JRM ocupa o palco.

Na arquitetura demonstrada até então, o DSP envolve práticas em dinâmicas ritualizadas que (re)acionam a esperança individualizada com ares de acolhimento. Ele, JRM, inicia dialogando sobre uma teoria de uma enfermeira australiana, “os cinco arrependimentos que a pessoa possui antes de morrer”: “1- eu gostaria de ter tido coragem de viver uma vida fiel a mim mesmo; 2- eu queria não ter perdido tempo com momentos rasos e perdido outros momentos importantes; 3- eu queria ter tido a coragem de demonstrar meus sentimentos pelas pessoas; 4- eu queria ter mantido mais contato com meus amigos; 5- queria ter realizado meus sonhos e tido uma vida mais plena e feliz”.

Entre a exposição dos arrependimentos, JRM relembra novamente uma cena em memória pessoal que esteve a vinte anos atrás em uma UTI em uma “experiência quase morte” – EQM. Postula que agir é uma posição imediata de quem não pode se dar ao luxo de ter tempo a perder. Opera a ideia de que a ação é antecedida por uma exclusiva decisão pessoal para o início do processo de transformação. Às 12h07 retomou o assunto da “promoção” do seu curso PSC ofertada no dia anterior. “Vocês gostaram da minha quase doação de ontem?”.

“Não dá pra aceitar você não investir menos de quinhentos reais por mês para mudar a sua vida”; “prosperidade é benção”. Às 12h10 revela que virá um convidado

especial surpresa falar de investimento financeiro e cita que é alguém também especializado na bíblia. São 12h13 e sobe ao palco um outro *coach* que possui como uma de suas marcas pessoais ter conquistado o seu primeiro “milhão de reais” aos vinte e um anos de idade e partindo do “zero”. Ao fundo, um *slide* com a foto do convidado somada a frase: “mentalidade próspera gerando riqueza”.

A sua exposição inicia com um questionamento: “quem quer dinheiro?”; “o dinheiro é a coisa mais importante que existe”; “impossível ser feliz sem dinheiro”; “a bíblia tem 1152 versículos diretos que falam sobre dinheiro”; “somente 1,25% da população brasileira investe na bolsa”; “você quer ficar rico, tem que olhar para quem é rico; o que o rico ler, leia e o que o pobre ler, não leia”; “Fulano, eu tenho trinta anos de trabalho e não tenho nada, significa que você é nota zero em produtividade”.

“Como eu joguei banco imobiliário quando eu era criança, eu achava fácil ganhar dinheiro”. Postula, orienta e ensina, que a depender do governo se de esquerda ou de direita, qual movimento individual se deve utilizar para empreender. Entoa um discurso emocional a respeito da importância da relação com o dinheiro para a prosperidade e a “independência financeira” dos indivíduos. “O PSC é exponencial; se você quer prosperidade, a primeira coisa é se tornar *coach*”. Um piano de fundo começa a acompanhar a sonoridade do discurso.

“O *coach* vai te trazer ferramentas para espalhar para as pessoas”. Ele destaca, aproveitando o ensejo do período eleitoral, a propaganda da exponencialidade da “grandeza financeira” de um candidato à prefeitura de São Paulo-SP. “Com o PSC, você pode ser também esse cara”. Um corte na fala e recupera a oportunidade que ficou sabendo que foi dada ontem com a promoção do preço do curso PSC de JRM. Os “executivos de venda” começam a beirar o arredor do palco.

Atrelada a fala, um vídeo apresenta o encontro de dois empreendedores de “sucesso” e reconhecidos no universo das redes sociais em um *podcast*. A conversa expressa a importância que foi para ambos, os conselhos dados pelo *coach* que ocupa o palco neste momento, quando prestou assessoria e ensinamentos para o impulso de suas transformações pessoais e financeiras. Poucos instantes antes do término do vídeo, o convidado apanha uma folha de papel que se encontrava em um aparador e começa a amassa-la.

Enquanto repete o gesto com as mãos, intensifica a ideia de que as oportunidades estão aos nossos olhos a todo momento. É decisão individual toma-las para si. De repente dá início a uma dinâmica de grupo com a “bolinha de papel”. “Eu vou jogar isto aqui e repitam o meu gesto, vai passando”; “isso, vai jogando, vai arremessando a bola, não para”; “isso mesmo, correndo todo o teatro, vai jogando”. A duas fileiras da que estou acomodado, um rapaz segura a bola e faz menção de que irá retê-la.

O convidado o questiona, “você não vai passar a bola para ninguém, vai ficar com ela para você, vai guardar de lembrança?”. Ele responde aos questionamentos gesticulando a cabeça na alusão positiva. Nesse momento, é convidado a subir ao palco com a bola de papel. “Então quer dizer que você foi egoísta ou será que tomou de uma vez a sua oportunidade com as próprias mãos”; “a oportunidade foi passando de mão em mão, mas você decidiu ficar com ela para você”; “então, desamassa por favor essa bolinha e lê aqui pra mim o que está escrito”.

O participante assume o microfone e começa a ler o que estava descrito no papel. “Por não deixar a oportunidade passar, você acabou de ganhar o curso PSC de JRM”. O convidado premiado, em rápida entrevista, diz que possui a profissão de motorista em uma repartição pública e confessa estar muito feliz com o prêmio e com a certeza de que a sua vida irá se transformar ainda mais. Os “agentes executivos” do IBC continuam posicionados na beira do palco. “Até quando vocês vão jogar fora e deixar a oportunidade passar na vida de vocês?”.

“Quantos de vocês ontem perderam a oportunidade de entrarem na porta do PSC?”; “quem aqui se arrependeu de ontem não ter adquirido o PSC?”; As filas para uma nova rodada de comercialização do curso PSC uma vez mais começaram a se formar na frente dos “agentes executivos”. De forma concomitante o *coach* convidado continua com o microfone a postos. “Se você não tem dinheiro para fazer o PSC, vende a geladeira, porque o que adianta você ter geladeira, mas não ter conhecimento para a sua independência financeira?”.

Ao me retirar por alguns instantes, no banheiro um homem de meia idade ovacionava a técnica de venda que estava sendo presenciada por todos, “temos é que colar nuns caras desse”. O *coach* convidado ficou bons minutos fixando ao microfone a importância do PSC enquanto ocorria o processo de venda. Às 13h57 ele encerrou com

uma oração em agradecimento ao que estava ocorrendo com todos ali naquele local. Passados exatamente dois minutos, JRM está de volta ao palco.

Reassume falando do quanto investiu em suas capacitações particulares mesmo em uma época pessoal de dificuldade financeira. Observo um estado de euforia das pessoas que acabaram de adquirir o curso PSC com os “executivos de venda”. Nos telões, um novo *slide* comunica as “atitudes geradoras de riqueza: 1ª- seja justo ao pagar pelo trabalho das pessoas; 2ª- valorizar e apoiar pequenos empreendimentos; 3ª- ajudar a desenvolver as pessoas ao seu redor; 4ª- ensinar o que aprende e 5ª- honrar e respeitar os sistemas que você faz parte”.

Citou o exemplo do rápido retorno do investimento de quem contratou o jogador de futebol Neymar. Deu ênfase para além da riqueza, na esperteza do *sheik* investidor ao entender a força que possui uma “imagem” nos dias de hoje. “O que você deseja na tua vida?”; “eu amo a espiritualidade, mas Deus me colocou na terra para ser cientista”. Prossegue contando a proximidade, revelando nominalmente, que possui com alguns bilionários brasileiros. Especificamente inflaciona a imagem de um deles.

Conta a história de que certa vez, em um encontro entre bilionários, este último, repentinamente disparou para os que estavam próximos que o primeiro que o repassasse o valor de R\$40.000,00 (quarenta mil reais), ganharia a oportunidade de um almoço para uma mentoria exclusiva. JRM confessa que sem pestanejar repassou imediatamente uma transferência bancária por TED, transferência eletrônica disponível, para obter o contato que abriria futuramente muitas portas.

Esclareceu, que além dos inúmeros aprendizados obtidos no momento do almoço, contou com a construção de um elo de parceria daí em diante com o referido bilionário. Exemplificou que foi convidado posteriormente, com direito ao traslado em um avião particular, para um jantar informal em uma das casas do referido bilionário na cidade de Orlando nos EUA. Mencionou que mesmo com poucas aparições públicas, o bilionário fez questão e cedeu um momento de muitas revelações no *podcast* de JRM, o *podzé*.

Às 15h16 um ajudante de palco pisa no mesmo transportando uma mala da marca *Louis Vuitton* e a entrega para JRM. “Gente, quanto vocês pagariam para almoçar com alguém especial e ganhar o que está dentro desta mala?”. Em nova feita, os “executivos de venda” vão se organizando em linha na frente do palco. JRM confessa

que no almoço vai falar sobre empreendedorismo. Expressa que não precisa vender almoço, mas que deseja honrar as pessoas que estarão com maior proximidade com ele.

Nos telões o almoço é precificado em R\$997,00 (novecentos e noventa e sete reais). Em movimentos rápidos e espontâneos pessoas se levantam e vão ao encontro dos que portam as “maquininhas” de cartão. A esperança posta em comércio varejista não se aproxima da imagem de constrangimento de quem pratica e de quem participa. Conta-se com a oferta e a demanda de acolhimento. Com mais uma ida ao banheiro escuto dois senhores falando que são praticados valores exorbitantes para almoçar com pessoas milionárias.

A cena observada é de algo comum e corriqueiro aos que podem “investir” para a busca de “modelagem”, termo adotado aos que espelham pessoas prósperas, aprendizado e mentoria da esperança. Por ser domingo e já bem próximo das 16h, eu presumia que não encontraria restaurantes abertos na vizinhança. Me dirigi para a lanchonete do saguão do teatro e almocei dois salgados com um refrigerante de cola.

Com essa decisão foi possível perceber que muitos não saiam do espaço para se alimentar e já ocupavam, sentados no chão e comendo lanches rápidos, a fila em ziguezague. Em reiterados momentos, partindo dos que assumiram o microfone em algum momento, foi anunciada a promessa da “meditação final” como o ponto auge da razão de ser do DSP. Já havia na fila antecipada, a expectativa por este momento como confessavam alguns participantes.

Ao som de outra música “pulsante” e de balada, *down illusionize (mix extended)*, me posiciono às 17h16 e observo uma ocupação em quase sua totalidade para o último período da imersão. Uma outra mulher, um rosto muito presente no *staff* e no corre-corre da organização do evento, assume desta vez o palco às 17h33. Começa a tecer um depoimento do seu encontro pessoal com o DSP. Confessa que era capitã (temporária) do exército brasileiro sem ter encontrado um sentido para a sua vida. Discorre ao longo da exposição a respeito de liderança, comportamento e comunicação humana. “Liderança começa com auto liderança”.

Relata que tanto na vida como em uma organização, “somos únicos, somos diferentes, somos 30% D.N.A, somos 20% ambiente e 50% nossas escolhas”. Em seguida, chama o público para uma dinâmica corporal que envolve, entre outros trejeitos, pular da cadeira e gritar para, segundo ela, ativar a energia do lado executor de

cada um dos participantes. “Em alguma medida e com estilos diferentes todos nós somos executores, comunicadores, planejadores e analistas”.

Similarmente para a preparação de uma outra dinâmica de grupo que evoluiu a tarefa de anotarmos um desejo em uma folha de papel, a principal cerimonialista retorna ao palco com gritos característicos às 19h09. “Vamos construir o futuro no presente”; “tudo é possível se a sua mente parar de te limitar”; “estamos aqui para desenvolver a capacidade de ser mestre de si mesmo”. Os lembretes, entremeados durante este momento, cadenciam ora de maneira sutil, ora sem “meios termos”, o reforço da responsabilização individual.

No movimento da última aparição, JRM retorna ao espaço do palco às 19h57. Requisita um pedido para que todos os presentes acendessem a lanterna dos respectivos celulares e pulassem diante de um comando seu para que a equipe de filmagem produzisse um efeito de edição do evento. Ao término, surge no palco a “tal mala” a fim de demonstrar que existiam livros de sua autoria que foram entregues aos que “investiram” no almoço em exclusividade com JRM.

Em um ato, não comunicado anteriormente aos participantes, JRM convida para se manter ao seu lado no palco, um antigo amigo que é apresentado como o idealizador de um renomado cantor sertanejo da indústria cultural brasileira. Em tom de testemunho, o amigo remonta a evolução pessoal e profissional com o emblema de “homem empreendedor”. Fala que fez questão de pousar o seu avião particular em Goiânia antes da ida ao seu destino final para dar um abraço no amigo *coach* e para parabenizar os que tomaram a decisão de mudar de vida ao investir no PSC.

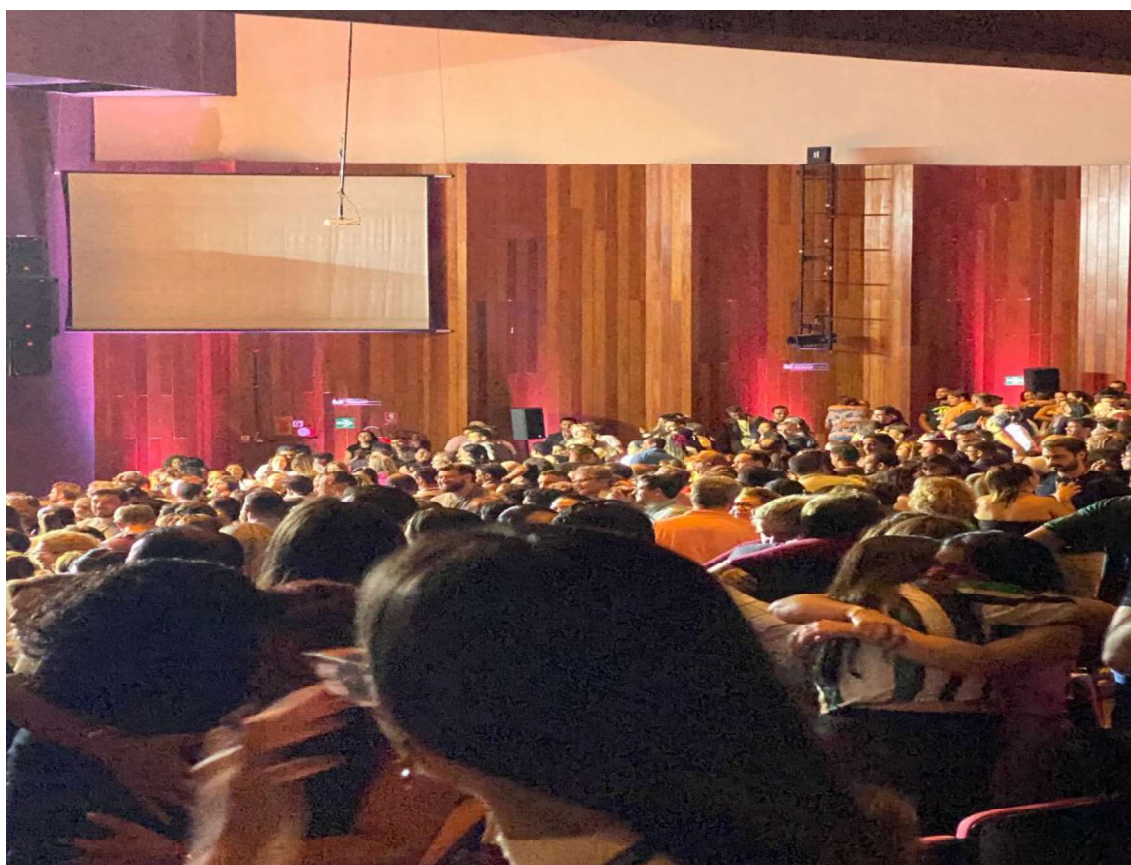
Depois do “amigo empreendedor” descer do palco, JRM apresenta uma teoria referente aos três tipos de perdão já em preparação da meditação que virá. JRM orienta para que todos com os olhos fechados pensem em uma pessoa. A meditação corresponde ao mesmo ordenamento e roteiro das realizadas anteriormente, mas com a roupagem do perdão. A medida que o volume do som se eleva e as falas buscam inflamar os participantes, surge a voz postada em tom grave de JRM requisitando para as pessoas se levantarem e despertarem o seu poder.

O espaço é “invadido” por uma performance diferente de comoção das pessoas em comparação com as outras meditações já vivenciadas. Assisto choros mais dedicados, uma maior eloquência ao acompanhar o momento dos louvores gospel, a

atitude física com as mãos ao alto e a gesticulação corporal expressam a sequência de movimentos mais vivaz, as mudanças repentinas do jogo de luzes se intensifica e por vezes JRM grita a palavra “perdoa” ecoada como um chamamento em uma sonoridade que estipula “estrondos” em um tempo alongado e dedicado a esse último ritual.

Quando gritos e choros se aquietaram um pouco mais, ressurge a música que repetidamente dedicou inícios e términos temáticos, *turn it up* de Armin van Buuren, suplantando o pedido de JRM para que olhássemos nos olhos da pessoa ao lado como uma “ginástica” do perdão. “Existem a partir de agora células samurais em sua corrente sanguínea”; “abraça a pessoa ao lado, abraça a pessoa da frente, abraça qualquer pessoa, mas abraça, abraça”.

Figura 04: Esperança, acolhimento e abraço



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Véspera de segunda-feira às 22h14, quem adquiriu o curso PSC de JRM é convidado a subir ao palco para a prometida foto especial. Um a um vão se acomodando e ocupando a totalidade do tablado do palco empunhados de uma sacola com o emblema do IBC. JRM agradece, diz que compreende quem ainda não havia tomado a decisão de

fazer o curso, mas sustenta saber que será provisória. Elucida que são um pouco mais de duzentas pessoas que estão se emoldurando ao seu lado naquele instante. “Eu não falei que era fácil fazer R\$1.000.000,00 (um milhão de reais)”.

#### 2.4 – Acolhimento, Providência Solitária e Renovação

Extrapolando a função de um dispositivo cênico, o DSP se faz da construção de um imaginário em imediação franca com a realidade. Institui-se em uma via de acesso de comunicação com um real imediatista, que individualiza escolhas, advoga por renúncias, que se pressupõe eliminar influências negativas ao ser e reaviva a esperança como o instrumento indispensável para continuar. O evento para o “despertar” do “âmago do ser” interage em contornos da ação prática, que exige o comprometimento individual, no mesmo momento em que estabelece elos de acolhimento.

Revelou-se a estrutura de dinâmicas onde o preparo ofertado, ao ser participante, fixa uma providência solitária. O resultado ao indivíduo, após a imersão em experiência contínua, aparenta o povoamento de soluções coerente com a representação da dedicação que transforma e alcança a saída possível de um suposto “estado A” para um desejável “estado B”. O narrado se articula com a feição do real e com a presença da esperança que é prática, orientada e que protege.

A descrição cronológica das horas diversificadas e segmentadas nos três dias, parece não atestar com exatidão a relação sentida. É um cálculo subjetivo, no entanto, por se apresentar em consonância com a realidade posta, o DSP se presta a um “sempre” cotidiano deixando a sensação de um pacto atemporal na ordem vivenciada pelos participantes. Confunde-se a intensidade da vida real com o ímpeto dos instrumentos utilizados para o condicionamento de um enfrentamento de mudança. Transição, arreoubo e esperança.

O acolhimento inferido pauta o pertencer individualizado a um modo de vida compartilhado pelo sentido de projetos pessoais a se alcançar. Ampara-se ao se falar de um espaço que se utiliza de um “idioma” que decifra e dialoga com um imaginário comum. O mosaico individual, formado por meio da performance dos que se fazem da

posse de um saber, se encaixa com o aprendizado da esperança prática e por comungar entre os pares a percepção de uma repetida “verdade” comum.

Organiza-se em um tempo/espço coordenado, dedicado a participação na imersão, a “maravilha” de uma “comunidade individualizada”. O paradoxo do termo é deixado de lado por um jogo simbólico em que se cabe a união entre a concorrência e a comunhão das estratégias para se pôr em disputa. Sucede-se a aproximação dos que coparticipam o mesmo propósito se colocando em grupo, no entanto, pautado na condução individual das escolhas, méritos e resultados.

A tecnologia do esteio, da identificação individual para um pertencimento, reúne fundamento na proximidade dos discursos efetivados com o artifício do exemplo ao encontro de uma realidade imaginada e, similarmente, construída/recortada com o objetivo de uma adesão. Adequa-se a montagem simbolizada dos acessórios necessários para o indivíduo estar de posse de uma crença exclusiva e capaz de suprir uma realidade projetada em concorrência naturalizada.

O imaginar não provém de uma espontaneidade subjetiva do ser em imersão. Ele é anterior a esse exercício, adotado na realidade compartilhada, que se caracteriza em uma ordem de construção sociocultural. O subjetivo e o objetivo se fortalecem em “confusão” nesse caso, em uma unidade de um contexto que se apresenta e é sentido na forma de uma propriedade nativa. A esperança praticada se faz do irreal e se protege em trocas simbólicas de um real significado.

O poder alocado é encorajado, em primeiro passo, com a destinação individual em reter as minúcias do conhecimento daquele que se dispõe como extraordinário. Em continuidade, com a aplicação da esperança prática na ordem da rotina como um terreno propício aos resultados particulares almejados para a transformação. O encorajamento que impulsiona a decisão pessoalizada é legitimado por um real que atesta o irreal e confronta o indivíduo com a sua responsabilização.

Abona-se o “despertar” com a tomada de consciência do indivíduo para um imaginário esperançoso que pouco afeta, se racional ou irracional, ao discernimento do ser. A importância alcançada se destina ao movimento da crença, da circunstância assentida e da esperança posta em atividade com a repercussão de um sentido de vida. É o encontro da comunicação do *coach* no serviço de decifrar, em perspectiva de exatidão, o real ao indivíduo que se vê acolhido nessa lógica.

A esperança posicionada em prática no tempo da rotina presente, similarmente, se faz da esperança como uma proposta futura, do esperar “o que virá”. Em ambas perspectivas, do “ser” aliado a este fazer, o imaginado se amplifica a partir de uma realidade construída em referência ao andamento do ser que “despertou” para uma recente maneira de se relacionar consigo e com o real. A crença nesta possibilidade se dá em auxílio e em garantia do postulante decodificador dessa nova realidade. Para Crapanzano,

Assim, estou particularmente interessado nas vias paradoxais pelas quais a irrealidade do imaginário imprime o real na realidade e por que o real da realidade compele a irrealidade do imaginário. Essas vias não podem ser separadas. São como amantes que, de tão emaranhados, tornam qualquer delimitação de um corpo – ou alma – singular quase arbitrária (CRAPANZANO, 2005, p. 365).

A esperança é agenciada como uma facilitadora do encontro/combinação do irreal com o real. Este último aparece como o contexto do alcançável diante das determinações do passo a passo. Em solo declarado em concorrência<sup>69</sup>, o imaginário do porvir constitui a forma individual e prévia de encarnar uma vida em essência na crença do possível desejado. A sombra desse processo é o suplemento do ultimato da sensatez individual para estar pronto.

Nesse caso, a esperança é atrelada à necessidade de um “condutor moral” para a sua efetivação (Crapanzano, 2003). A concorrência oferta esse parâmetro ao justificar a prática do que virá como um utensílio para as circunstâncias em rotina que referenda o desejo de conquista. Norteia-se que independente da interpretação ou utilização da crença individual, o tempo manuseado em expectativa é subordinado a uma compreensão histórica e culturalmente adotada.

Persegue-se a prática da esperança e de confinar as relações humanas em um *ethos* do aguardo pelo futuro em uma ancoragem simbolizada na aspiração individual de alteração. Vislumbra-se a resignação dessa passagem em um efeito diluído com proveito das orientações postas por quem funda uma noção “real” da travessia. O condutor/*coach* se responsabiliza pelo conhecimento, bem como pelo andamento individual que não recolhe o sociocultural para estas ações.

---

<sup>69</sup> “Aqui, desejo salientar que o escopo dos horizontes imaginários não é limitado apenas por nossas capacidades psicológicas ou por nossas convenções estéticas, mas também por arranjos socioeconômicos, políticos e culturais” (CRAPANZANO, 2005, p.369).

O tempo do “ainda não” reforça a postura adotada por uma irrenunciável execução de esperança utilizada como forma de se dirigir. Esse imaginário, que desfruta do *coach* como um produto e um produtor, realça a vontade individual de mudança em assistência como uma moral próspera e assertiva. Compõe-se da esperança como uma ética compulsória, reveladora e que pressupõe uma metafísica (Crapanzano, 2003) para uma jornada anunciada.

Habilita-se a estimativa de uma segurança ao indivíduo por meio da idealização do trânsito entre o imaginário da crença aplicada e a realidade anunciada em disputa utilitária. Nessa forma de conduta humana, a esperança prática se dá em aquisição exponencial, ou melhor, aprende-se que quanto mais tê-la em conhecimento por formação adquirida com a experiência de outrem, maior é o donativo a si próprio para a realização dos desejos imaginados.

O intercâmbio entre o imaginário do real e irreal em prateleira concomitante, facilita a dinâmica da esperança exercida de forma prática em propositura de acolhimento. Fortalece-se a concepção de uma única representação de uma descoberta de conhecimento aplicável por parte do ser em formação, de como fazer parte de uma “comunidade” de indivíduos que se reconhecem em disputa, mas que se fazem de um andamento em espelho.

Caracteriza-se as “possibilidades imaginadas”, individualmente, na forma conjunta dos que partilham e se reconhecem no mesmo propósito. Honra-se o êxito dos desejos, do reconhecimento e “vitórias”, similarmente imaginados como pessoais, alocados no futuro estabelecido do tempo que virá em organização de “certeza” diante da esperança praticada em decurso presente. Conhecimento adotado, prática e mentalização se entrelaçam no jogo de estado permanente entre o agora e o realizável posteriormente em ordem futura.

As emoções mobilizadas na crença do “despertar” envolvem a condução de imaginar um tempo onde o inalcançável do momento chegará a partir de etapas prestadas pelo ser que almeja. Para tanto uma personificação é acionada, a do condutor extraordinário que se veste de detentor exclusivo de técnicas apresentadas em uma áurea mágica<sup>70</sup>. Nessas condições, a arena do DSP oferta o alicerce necessário para a

---

<sup>70</sup> Mauss (2003).

descrição em primeira e terceira pessoa de JRM como um “encantador” de um tempo que virá.

O esperar é concedido na doação singularizada por meio do extraordinário simbolizado em intimidade. É a estruturação de uma proximidade de poder *smart* que conduz ao reforço do acolhimento. Fascina-se em duplicidade, no contato imediato com aquele que dispõe da visão extra para se destacar na realidade ordinária e com a adoção da crença em formação de uma tecnologia capaz de alcançar os saberes necessários para o indivíduo filiar o presente, como a preparação para o encontro de si com uma outra versão no futuro.

A concepção de um tempo do “ainda não” é o suprimento de renovação do ato permanente de esperança individual. Destitui-se a ideia de não a ter em constância como uma bandeira a ser considerada na rotina auto desafiadora. Encaminha-se o porvir como a matéria da persuasão lúdica que atesta a crença na esperança como a realização do desejável em estágio próximo. O sentimento de esperança é trabalhado na correlação de posicionar variáveis de notoriedade capitalista como uma versão “crível” no imaginário existente.

Sucesso, destaque e reconhecimento partem e se reforçam individualmente, em primeiro seguimento, na existência da esperança mobilizada em sentimento. Figura-se nesse exercício a condução do irreal coletivizado em consonância objetiva de um real possível ao indivíduo que anseia “corretamente”. Dotar esperança, por meio de um aprendizado contínuo, é ato de “inteligência emocional” como artifício de prontidão para oportunidades e revezes pré-imaginados. O DSP dedica fomentar a via, no jogo do irreal com o real, de acesso ao prestígio pretendido.

### 3 Conforto Momentâneo: o estado de materialização da autoajuda em exacerbação do aumento de “certezas”

*Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano  
 Vive uma louca chamada Esperança  
 E ela pensa que quando todas as sirenas  
 Todas as buzinas  
 Todos os reco-reco tocarem  
 Atira-se  
 E – ó delicioso voo!  
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,  
 Outra vez criança...  
 E em torno dela indagará o povo:  
 - Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?  
 E ela lhes dirá  
 (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)  
 Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:  
 - O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...  
 Mário Quintana*

#### 3.1 – Despertar “de bolso”, Comportamento Devocionário e Potência em Segredo

Pelo manuseio do pacote entregue no meu endereço residencial, era de se presumir que se tratava da publicação do livro “Desperte o Seu Poder” (2017) de JRM. Nessa data, a inscrição para a “imersão” presencial do DSP, que carregava exatamente o mesmo título do livro, já havia sido efetuada. Deparei-me com o fascínio em desvelar os dados que possivelmente se apresentariam com a leitura, mas a decisão tomada foi por adentrar as sensações do DSP, em sua categoria presencial, como um “iniciante” em um ritual desconhecido. Dessa feita, o livro foi renunciado por alguns meses, recuperado e envolvido similarmente como uma proposta de objeto de análise da esperança.

O “despertar”, na forma editorial, contorna os usos de descobertas “internas”, por parte do leitor, que partem na qualidade isolada e de propriedade individual. Dispõe-se que o poder interno é a faculdade que se encontra “adormecida” e necessitada de ser alvorecida para a transformação, sendo capaz de resultar na liberdade do ser. O

percurso caracteriza uma preparação tutorada no passo a passo por comandos que ao mesmo tempo que singularizam a entidade pessoal, universalizam a capacidade individual. A esse respeito,

Temos dentro de nós uma potência. Potência é força em inércia. Parada. Dentro de nós há um universo inteiro, clamando por ser explorado. Quando transformamos essa potência em ação, ela se torna poder. Nosso poder interior é uma energia impulsionadora, que nos leva a descobrir esse universo interno, latente, virgem. São regiões dentro de nós que sequer sonhamos que existem (MARQUES, 2017, p. 05).

A representação da exploração por descobertas internas e facilitadoras do nascimento de um novo ser é dada aos leitores como “segredos”. Estes são revelados na conferida direção das páginas que instruem modos que, segundo o autor (2017), não se submetem à mudança do mundo. O destaque dado é na conversão da forma individual de pensar que se inicia na fala “compromissada”. Na página dezesseis (2017), JRM convida os leitores a preencherem uma “carta de intenção”. Existem espaços destinados as respostas de cada pergunta e que correspondem a “ativar o *self*”, conforme orienta o início do “exercício”.

“Qual é a área da minha vida que eu quero melhorar?; quais são as 3 grandes melhorias que eu desejo para a minha vida?; o que eu realmente preciso mudar ou parar de fazer? e o que significa eu estar aqui?” (MARQUES, 2017, p.16) são questões que formariam a base dos primeiros pensamentos orientados para um (re)posicionamento inaugural do leitor. A exemplo das observadas “perguntas poderosas”, repetitivo mecanismo do segundo livro de JRM analisado como objeto de pesquisa, essa publicação mais uma vez remete o modo de condensar uma “esperança instrumentalizada”.

As narrativas de esperança são mobilizadas na crença individual, no acreditar do possível realizável que deve ser trabalhado por meio da linguagem. A expressão da fala e a verbalização para si é um condicionamento mental para o despertar de um poder interno e existente em cada indivíduo. É o procedimento adotado para a mudança individual e a conquista dos desejos almejados. Nesse modo, JRM orienta que:

A linguagem está fortemente relacionada com nossa mente, ela se processa na nossa mente. Assim, ela ativa tanto nossa reflexão quanto nossa ação. Ela organiza nossas ideias especialmente quando usamos a linguagem escrita. Toda psicotecnologia é uma tecnologia que, por

meio da linguagem, constrói uma conexão do indivíduo com o seu interior (suas potencialidades e o exterior: a vida). A psicotecnologia muda tanto as pessoas que a usam quanto as outras à sua volta (MARQUES, 2017, p. 18).

O artifício “tecnológico” se inicia com a projeção de uma atividade de “reprogramação da mente”. Como muito divulgado no DSP presencial, a necessidade de desbloqueio de “crenças limitantes” similarmente é difundida no DSP editorial como uma escolha voluntária para fomentar a base de uma libertação. Nesse caso, a esperança é construída em uma montagem que atesta a caminhada de mãos dadas do *coach* com o *coachee*<sup>71</sup>. O indivíduo a ser transformado deve agir mediante os ordenamentos sustentados na experiência e conhecimento do *coach*/tutor.

O ponto a ser produzido, na instrução ofertada, é a mudança de comportamento individual. Para JRM, isso se dá operando uma transformação de fundo, a autoimagem do indivíduo. Segundo essa “técnica”, a imagem que os seres fazem de si resultará no formato de suas ações e conquistas ou não de seus objetivos pessoais. A interlocução, a linguagem positiva e esperançada é o que oportunizará a mente humana no trabalho de formar novas autoimagens.

Preza-se pela “organização aconselhada” de uma competência emocional considerada como inata ao indivíduo. Significado no contexto positivo, o “poder” individual existente acompanha, em termos ideais, a forma coerente de se colocar em relações marcadas na continuidade dos usos da atitude esperançosa. Ensina-se o formato prévio de uma preparação para estar consigo, um primeiro estágio para a evolução do “despertar” para condições melhores de existência.

O livro apresenta em algumas passagens, questionários para que o leitor preencha com a justificativa de que o pensamento, a fala e a escrita geram mudanças internas mesmo sem a percepção imediata do ser em renovação<sup>72</sup>. Coloca-se que o

---

<sup>71</sup> Os termos *coaching*, *coach* e *coachee*, comuns ao objeto da pesquisa, serão melhores especificados, no que corresponde a terminologia adotada, na análise do livro *Leader Coach: coaching* como filosofia de liderança (2022) de JRM.

<sup>72</sup> “Não sei se foi fácil ou difícil responder a essas perguntas, mas de uma coisa eu tenho certeza, se você respondeu de forma genuína, o desejo de encontrar e assumir o que há de melhor em você já está desencadeando um processo de mudança interior, mesmo que você ainda não perceba. Quando escrevemos e falamos o que acreditamos sobre nós, é construída uma energia poderosa, porque conectamos os sentidos, a fala e os pensamentos; e, ao assumir o que foi

poder que cada indivíduo possui está “adormecido” ou é acarretado de crenças distorcidas. O jogo estabelecido e orientado pelo trabalho *coach*, é posicionar as mesmas em uma morada positiva. A responsabilidade do efeito final é do indivíduo, o que determina o caminho para a mudança almejada é a representação composta de esperança.

As páginas tecem uma conversa direta entre JRM e o “*coachee* universal”. Os leitores são organizados/tratados como aprendizes da esperança positiva acionada por meio da crença na linguagem dirigida. Monta-se a percepção de que uma transformação é necessária, que há um deslocamento com a expectativa de um mundo que oportuniza aos que se doam ao efeito da coerência esperada. Em mais um teste pede-se que:

Pronuncie em voz alta:

“Eu, (reafirme seu nome), sinto-me cada vez melhor a cada dia que passa.

Eu, \_\_\_\_\_, sou um sucesso.

Eu, \_\_\_\_\_, sinto-me totalmente saudável e feliz.

Eu, \_\_\_\_\_, sou um milagre da natureza.

Eu, \_\_\_\_\_, permito-me ir além, mais e mais!” (MARQUES, 2017, p.34).

Protagoniza-se a imagem do indivíduo como o “controlador” absoluto e responsável ao “produto” social de si. “É preciso ser o autor da própria história, líder e senhor de si mesmo e não vítima das circunstâncias” (MARQUES, 2017, p. 40). Se há uma técnica de radiografia para detecção das limitações, ferramentas de empoderamento individual por meio da linguagem e um tutorial às mãos, divulga-se a inexistência de justificativa para o não acometimento de “sucesso” individual. Propala-se um contexto positivo, o mecanismo da esperança, a transformação por meio da expressão da linguagem individual e o *coach* experimentado como o tutor dessa estruturação.

A ordenação remete ao acolhimento de quem se encontra, dentre uma representação social acionada, necessitado de um modelo de ação. Incumbe-se ao indivíduo a tomada de decisão para a inauguração dos novos meios de uma possível transição. Enunciado de outra maneira, exige-se o encaixe de atitudes para uma postura

---

idealizado, é muito provável que as atitudes sejam direcionadas ao que foi assumido como verdade” (MARQUES, 2017, p.28).

positiva e esperançosa de vida. No entanto, ao lado da coerção, aprecia-se a imagem do “conforto subjetivo” de poder contar com ideias/técnicas que amparam por meio de ensinamentos protocolares, receitas e exercícios de preparação, e com o símbolo personificado da vivência de quem “sabe” o que está propondo.

O DSP presencial em Goiânia-GO resgatou descrições específicas do que está publicado no livro, a exemplo dos “cinco arrependimentos de quem está morrendo” (MARQUES, 2017, p. 43). Cria-se a atmosfera que entende que, para o indivíduo em transformação, não há tempo a se perder. A provocação é dada no questionamento que envolve diretamente perguntar: “quais os arrependimentos se teriam ao morrer exatamente hoje?”. O despertar similarmente incide em “exterminar” a forma inadequada de existir. Em deixar para trás os hábitos que impedem a “evolução” na esteira da esperança positiva.

O “despertar o seu poder” propõe-se a uma alegoria de um ritual de abandono com o que não se ajusta ao contexto positivo de existência. A ideia de renúncia assistida para o novo nascer, do interior para o exterior do ser, não descarta a caracterização das histórias individuais de trajetórias de vida. No entanto, delega-se o cumprimento de iniciativas para a “cidadania esperançosa”. Incide-se a premissa de que a prosperidade é um “direito” inato e um dever dos que necessitam mudar as atitudes e as maneiras de viver. JRM orienta que:

Pense agora, você mesmo, o que poderia ter feito de diferente até agora e ainda não fez? Se tivesse apenas 5 minutos de vida, quais seriam suas atitudes, quais seriam seus pensamentos? O que você diria? Com quem gostaria de estar? Provavelmente, ainda há tempo para mudarmos atitudes, comportamentos, pensamentos, talvez ainda haja tempo para darmos um novo rumo à nossa história. Os dias são como presentes que o universo nos deu (MARQUES, 2017, p. 49).

A dúvida nos questionamentos postos na citação, novamente responsabiliza o indivíduo que busca amparo. O vocábulo “talvez” exime a técnica *coaching* do resultado negativo, não planejado e reproduz o elo de continuidade. A persistência diante adversidades é um recurso extenuado para novas tentativas. Guia-se a não cessar atuais recomeços deparando-se com recentes frustrações em um ciclo contínuo de acolhimento para o julgo da transformação pessoal.

Em exatas 205 páginas o DSP, em seu formato editorial, carrega um número<sup>73</sup> expressivo de propostas de preenchimento escrito de exercícios que prometem a reprogramação mental e comportamental. O treinamento assessorado<sup>74</sup> prevê uma tomada de decisão por parte da pessoa assistida. Em momentos específicos, a “voz” de interlocução do livro expressa que mesmo sem a pessoa perceber, no exato momento logo após a entrega a um teste proposto, alguma mudança interna já foi operada.

O DSP editorial coloca-se como um guia/manual a ser revisitado diante das necessidades individuais aparente. Os exercícios mencionados a serem praticados como um hábito<sup>75</sup> do leitor, se aproximam do método da meditação do DSP presencial. Baliza-se a técnica *coaching* a serviço da mudança *smart* dos que se põe na esperança de vínculos que propiciem a modificação. A mensagem do treinamento às mãos<sup>76</sup> ampara de forma ritualizada, ensina em detalhes e dá sentido coerente ao estado positivo com o uso da esperança.

As emoções, sublinhadas culturalmente e lidadas no aceno da exclusividade individual, são propostas como o ponto determinante para o rompimento de entraves pessoais. Instrui-se comportamentos rotineiros, na expressão da linguagem e do pensamento interior, como o padrão a ser adotado no universal positivo. A condução da prática individual formaliza o aprendizado de uma competência emocional debatida como um procedimento para se inserir no mundo.

---

<sup>73</sup> “Carta de intenção” p. 16; “reprogramando a sua imagem” p. 26; “a importância de definir o seu estado desejado” p. 36; “seja o protagonista em sua própria história” p. 40; “*cine coaching* de si mesmo (os filmes da sua mente)” p. 58; “as 5 emoções básicas do ser humano” p. 63; “a comunicação na nossa transformação pessoal” p. 109; “teste a resiliência” p. 116; “mudando a sua realidade” p. 109; “sete passos para definição dos seus sonhos” p. 140 e “você é uma pessoa de ação?” p. 160 (MARQUES, 2017).

<sup>74</sup> “Mente crítica: 1. Pare por um momento e fale consigo mesmo, com sua voz crítica, dizendo todas as coisas desagradáveis daquele momento, no mesmo tom de voz nada acolhedor. 2. Agora perceba de onde vem essa voz. É uma voz que vem da sua mente ou é do ambiente onde você estava? 3. Estenda o braço e levante o polegar. 4. Onde quer que a voz crítica esteja, faça-a percorrer o seu braço até a ponta do polegar, para que ela fale com você dessa posição. 5. Em seguida, desacelere-a e mude o seu tom. Faça-a soar serena, ou acelere-a para que soe como uma voz abafada como a do *Scooby-Doo*. Ela soa muito menos ameaçadora, certo?” (MARQUES, 2017, p. 83).

<sup>75</sup> “Convido você a usar essa técnica diariamente. Comece a se olhar mais no espelho. Elogie-se. Aceite elogios. Aprecie suas qualidades de maneira mais completa, isso o ajudará a fortalecer a sua autoestima também. E não se surpreenda ao perceber o quanto se tornou carismático, confiante e atraente naturalmente” (MARQUES, 2017, p. 90).

<sup>76</sup> “Para se manter com a mente sempre confiante, pratique esses exercícios sempre que precisar. Revendo seus cenários na sua imaginação. Você se sentirá mais seguro no seu mundo real” (MARQUES, 2017, p. 88).

Congraça-se a negatividade, tratada como algo comum nas pessoas, na tradução de um obstáculo a ser superado para o alcance dos estágios de autonomia individual e positiva. Isso se faz com a insistência do pensamento na tarefa de contrariar as “imagens negativas” que a mente pode produzir. O ideal positivo tratado em ambos os modelos de DSP é conexo com a representação cultural que oferta a condução de vidas em direitos e deveres positivos. Exclui-se a possibilidade de desistência individual, porém, carrega-se o despertar o poder “perene” ao indivíduo em uma promessa técnica e ao mesmo tempo acolhedora. Dessa forma,

Se eu digo “nada dá certo na minha vida afetiva” eu instauo uma verdade no mundo. O pensamento foi construído, eu verbalizei, meu cérebro ouviu – ativando outro sentido – e registrou essa informação como sendo verdadeira. As afirmações são igualmente eficazes, tanto as negativas quanto as positivas. [...] muitos manuais de Programação Neurolinguística (PNL) e mesmo a Psicologia Positiva concordam que devemos sempre utilizar o tempo presente e a forma positiva, por exemplo: “vivo doente” trocado por “nunca adoeço”, “nada dá certo” por “tudo está indo muito bem”. Não, não se trata de mentir para si mesmo! É apenas uma forma consciente de utilizar o pensamento e a linguagem para interferir na realidade [...] (MARQUES, 2017, p. 102).

A utilização da pedagogia da linguagem positiva adotada por JRM é alocada como o caminho para o encontro da esperança, armada em ação individual, com a aferição dos desejos futuros em contexto positivo. A instrução, tida como técnica inaugural do compêndio *coach*, manifesta eco de relações culturais marcadas por discursos emocionais de condutas do “positivo próspero”. Ser próspero é inerente ao ser positivo enquanto ação, no manuseio da “mente” em preparação e na linguagem (re)programada na forma pronunciada a si e a outrem.

Almeja-se, enquanto emoções objetificadas, a crença de que o “descontrole” quase sempre existente é interior, em termos subjetivos, e personificado na imagem dos que destoam de um simbólico que oferta o cenário de oportunidades em latência aos que excluem, em escala moral, a negatividade no feitio de se colocar em desafio. Uma pessoa negativa é uma pessoa combatida à representação cultural que se põe a competir. O “devaneio” de emoções inadequadas pode ser “curado”, à luz de JRM, com emoções que impactam<sup>77</sup> e encobrem emoções que não se aproximam do estado positivo<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> “A terceira lei da sugestão nos traz a lição de que uma forte sugestão emocional sempre prevalece sobre uma sugestão mais fraca. Quanto mais intensa e relevante é uma ideia, maior a

No DSP editorial os “exercícios de preenchimento” funcionam como o método sugestivo para a transformação de um ser negativo em positivo. O vivenciado no DSP presencial, assumia as “meditações” conduzidas por JRM como o mecanismo de aplicação *smart* para a recondução de uma trajetória existencial. Nos dois produtos de JRM, anuncia-se um novo nascimento do indivíduo. O “rebento positivo” é alguém pronto para a representação de traçados culturais similarmente positivos. A transformação esperada é tida como certa, ao contrário, continua-se a insistir.

Por mais doloroso que seja este processo, acredite: perder faz parte da vitória, do crescimento e do processo evolutivo de cada ser humano. Sem isso, não haveria motivos pelos quais perseverar, lutar e continuar acreditando em nossa força, em algo a mais. Fracassar é como perder o ônibus: perdemos um, mas em seguida vem o próximo, e com ele uma oportunidade nova de seguir em frente e fazer diferente. Só fracassa quem ousa; quem tenta; quem busca crescer (MARQUES, 2017, p.123).

O fluxo positivo é contínuo e o fracasso, apesar de repetidamente conformar a autoria individual, assume o relativismo acolhedor, que conforta os que tangem a ação de persistência como uma bandeira no campo concorrencial. É o diálogo de uma perspectiva individualista, que aponta “defeitos” emocionais do ser, com o recomeço similarmente individual, no entanto, domiciliado o alicerce da associação em elos de “esperança *coaching*”<sup>79</sup>. Comunhão, despertar e transformar.

A tarefa é de recriação, de uma nova gênese onde surge a tomada de decisão para uma ulterior postura diante da vida. Supõe-se a constituição guiada de novas subjetividades, com a presença de uma tecnologia do eu (MIRANDA, 2014). Disciplina-se, aos termos de Foucault (2008), para uma forma de ser que não aparta, mas que se inclui no diálogo com a norma esperançosa. Apresenta-se a conduta

---

sua propensão de firmar seu espaço, delimitar sua atuação e ser seguida por um ou mais indivíduos” (MARQUES, 2017, p. 106).

<sup>78</sup> “A autoterapia (autotranse) consiste em programar a sua mente positivamente, por meio de sugestões pós-hipnóticas. As sentenças são formuladas no modo afirmativo, evite usar “não”. Reafirme constantemente o seu nome” (MARQUES, 2017, p. 108).

<sup>79</sup> “Ninguém disse que seria fácil, mas nada é impossível para quem acredita verdadeiramente em si mesmo e nos seus sonhos. Ponha-se a caminhar, enfrente os seus medos, encare as adversidades e os problemas como oportunidades e siga em frente. Seu futuro de prosperidade e riqueza espera por você, construa ele hoje e honre seu direito de ir buscá-lo. Permita-se!” (MARQUES, 2017, p. 153).

orientada como um artifício disponível para o acolhimento e o pertencimento de uma causa comum.

O tratamento dado a força produtiva, simbolizada como pertencente a cada ser, é mobilizada para o condicionamento em esperança prática. Aciona-se o ensinamento das etapas a se cumprir em auxílio na apresentação de um trajeto contextualizado e com significado diante dos parâmetros normativos expostos. Propõe-se o tratamento de habilidades específicas no auto desempenho para o encaixe de relações vinculadas com o objetivo de performance nos resultados individualizados.

Sugere-se como forma de driblar possíveis derrotas pessoais, lançar o olhar para “dentro”<sup>80</sup>. O conhecimento assessorado de si é chave para ações assertivas no terreno externo. Este último, campo social envolto do ser, não pode, nas recomendações estruturadas por JRM, ser caracterizado como determinante nos “sucessos” ou “insucessos” do indivíduo que ambiciona a transformação do estado presente. A dedicação subjetiva é onerada para que o poder, dado como certo, que endereça o lado de dentro possa florescer em sua totalidade.

Assume-se que todos os indivíduos portam poderes “especiais”, que a todos é dada a possibilidade de mudança em algo ainda não existente, porém, a variação de comportamento exige o compromisso da prática ritual. “Envolver-se na jornada é o que nos traz felicidade. Veja tudo que tiver que ver, ouça tudo que tiver que ouvir, sinta tudo que tiver que sentir. Não desista! Tenha fé e esperança.” (MARQUES, 2017, p. 176). O estado positivo sempre está por vir, a transformação em algum momento chegará e a constância de envolvimento na forma de pensar é salutar nesse processo. Nesse sentido,

Convido você a imaginar uma enorme riqueza fluindo em sua direção naturalmente, sem dificuldades. Pode ser cédulas, cheques... Você pode sentir-se bem com o fato de que você merece essa riqueza. Imagine o quanto é agradável usufruir completamente da independência financeira. Imagine o conforto que uma grande riqueza lhe proporciona e a diferença que você pode fazer neste mundo (MARQUES, 2017, p. 198).

Nos exercícios de “imaginação” ao longo do DSP editorial, destaca-se o plural, recorro a voz de JRM na performance das meditações do DSP presencial. A dinâmica

---

<sup>80</sup> “Em todos esses casos há um problema muito sério, a falsa crença de que as soluções para os problemas ou sonhos está fora de você. Está nas empresas, nos cursos, nos remédios... ou talvez na ideia de que você não consegue algo porque o mercado está em crise ou porque seu signo tem a característica de ser acomodado” (MARQUES, 2017, p. 158).

orientada prometia a renovação do indivíduo mesmo sem a percepção do mesmo, pois garante-se que algum grau de oscilação interna sucedeu. Cabe ao indivíduo praticante crer na mudança por meio dos “desbloqueios” de limitações e carregar a certeza da prontidão para os objetivos desejados.

O treinamento da “mente inconsciente”, o desmonte de sabotagens internas ao ser e o resgate de memórias positivas de felicidade formulam um tripé significativo nas indicações dos exercícios assessorados. São recomendações dadas para somar-se a ferramenta determinante, a “persistência” do indivíduo que opera por si<sup>81</sup> as tratativas adquiridas na tutela *coaching*. É uma prática de esperança que crê na manutenção do olhar no por vir. A responsabilidade do profissional *coach* ao sucesso terceiro é posta como limitada, ou melhor, é transplantada ao comprometimento periódico do *coachee*.

Promete-se, por meio de um efeito extraordinário que JRM intitula como “mágico” (MARQUES, 2017), o ultrapassar de uma fronteira que se divide em obter um maior controle sobre a própria vida ao despertar o poder existente em cada um. O despertar é a aproximação com o “positivo” sociocultural, é intensificar o reflexo identitário com o simbólico positivo e concorrente. O que conduz a tentativa dessa transformação/transferência é a esperança que representa o caminho entre o estado presente e o estado “desejado” do indivíduo.

As duas experiências do DSP incluem o diálogo entre o trabalho de emoções que “necessitam” serem reparadas para a concorrência em ares positivos. No meio, o discurso emocional da esperança acolhedora designada na forma das orientações do *coach* “extraordinário”. Trabalha-se com os discursos emocionais da crença individualizada na “potência transformadora”, que faz parte da representação do poder despertado, e as narrativas da esperança que identificam o indivíduo em segurança com o tempo presente.

Os DSP’s atuam na proposta de aquisição de novos comportamentos por meio da ferramenta *coaching* no arranjo *smart*. Parte-se de um trabalho de autoconsciência na caracterização de “distorções” individuais com o tempo que exige o positivo. A esperança significa o elo de acolhimento que une os direcionamentos do *coach* com o

---

<sup>81</sup> “Despertar o seu poder interior é uma decisão unicamente sua e que pode mudar completamente o cenário da sua vida. Quanto maior se torna o controle que você tem sobre sua própria vida, mais medos e crenças limitantes serão eliminadas dela” (MARQUES, 2017, p. 205).

ser em preparação para o desapego de si. Essas são especificidades de um produto, seja na forma editorial ou presencial, que caracteriza a existência e o emprego de uma emoção culturalmente circunscrita para a passagem à uma emoção subjetiva.

### 3.2 – Sentimentos Fixados, Ativez Individual e Subjetividade Instrumental

Os direcionamentos acima, adotados como “revelação” aos “atraídos” à cultura de autoajuda, posicionam o elo entre a emoção convencionada socialmente na disposição de delimitar posturas individuais de sentimento. O jogo entre as mesmas, gestadas na perspectiva da esperança prática, conduzem o entendimento de um processo regular. Atendem a expectativa sociocultural de um contemporâneo que racionaliza o sentir em domínios de otimização e ressoam, a depender da esfera de resultados, regras de sentimentos<sup>82</sup> (HOCHSCHILD, 2012).

Induz-se a crença na esperança por meio de um condicionamento pessoal a ser treinado e conquistado individualmente. Remete-se a ideia de um sentimento inerente ao ser que necessita exaltar o melhor uso dessa força na rotina de sua existência. A descoberta, do “bom uso da esperança”, faz parte da faceta do poder que encoraja a intenção de ser despertado gradualmente no método disponibilizado. Uniformiza-se a ideia, hermeneuticamente, de uma forma de sentimento exclusiva do ser que se propõe a praticar.

A assinatura, dos condicionantes do “ato de despertar”, constrói a interpretação de um sentimento exclusivo do indivíduo a ser trabalhado. O tutorial de ação enfatiza o percurso de reorganizar, sob o ensinamento prestado e a responsabilidade dos que aspiram a transformação, o sentir de “dentro”. No entanto, ambos os pertencentes dessa relação estão sujeitos, participando e sendo abrangidos, a regras de sentimentos que

---

<sup>82</sup> “Uma cultura emocional é um conjunto de rituais, crenças sobre sentimentos e regras que regem os sentimentos, induzindo um foco emocional e até mesmo um senso do sagrado. Esse senso do sagrado seleciona e favorece alguns laços sociais em detrimento de outros” (HOCHSCHILD, 2003, p. 203). Para a autora, as regras de sentimentos são construções sociais do que devemos, compondo a intensidade, ou não sentir na relação direta consigo, com outras pessoas ou ao expressar os mesmos publicamente. Estabelecem os parâmetros socioculturais para a nossa exposição sentimental.

instruem as emoções partindo de uma escala sociocultural para o sentir “interno” individual.

As formas de sentir são fixadas a depender de códigos culturais que envelopam contextos, circunstâncias e instituições sociais. Nesse sentido, o sentimento dado à exclusividade individual parte de um aprendizado, de um processo de socialização que oferta parâmetros morais para a expressão pública do sentimento, assim como no exercício interno e solitário de arranjo sentimental (HOCHSCHILD, 2012). Rege-se a forma do sentimento com a indubitável certeza de uma emoção única e individual, no entanto, subsidiada em processos culturais.

Nesses termos, a esperança reflete uma interpretação, na forma convencional, de um(a) sentimento/emoção que se depara com a assertiva da privacidade dada ao ser que crê, mas conjuga-se a defesa de específicos treinamentos, partindo dos que se intitulam como mentores capazes de operar o despertar para uma transformação, ao encontro dos sentimentos já tidos em regras sociais. O discurso acionado, disposto como inaugural, condiz com as características de uma das facetas sociocultural e capitalista de emoção.

No anseio de estruturação da ação individual, inspirada para a rivalidade em harmonia, o sentimento regrado para a competição carrega as virtuosidades do ser que deve se preparar para a esperança na conformação otimizada. Valoram-se emoções que representam o papel da altivez individual e exclui-se as que esbarram em sinais de fraqueza do ser que concorre<sup>83</sup>. O aspecto desejável é que o indivíduo em preparação se ampare em uma órbita de sentimentos que ofereçam a continuidade da esperança prática e o poder para o “despertar”.

Os procedimentos entregues, na técnica da cultura do *coach*, acionam memórias sentimentais normatizadas que constituem a luta simbólica de parâmetros de existência. Os trejeitos da esperança prática, os ensinamentos determinantes de comportamentos individuais, naturalizados na composição do indivíduo a ser despertado para se estabelecer em competição, conformam e são conformados por comportamentos de emoções ordenadas em representações motivadas em disputa.

---

<sup>83</sup> Como exemplo, recria-se o agenciamento de narrativas que pendulam entre o entusiasmo/prontidão e o desânimo/desistência.

As emoções “despertadas” assumem o seu significado em contextos socioculturais específicos. Não partem de uma inventividade do mentor em ação, no entanto, carregam o controle, ou melhor, as referências do que se deve sentir ou não, bem como o patamar de intensidade de sentimentos tidos como oportunos para ocasiões determinadas. O indivíduo em elaboração é consciente, diante dos aprendizados ofertados, dos seus sentimentos e os organiza a depender das regulamentações emocionais apreendidas. Na perspectiva de Hochschild,

Os atos de gerenciamento das emoções não são simplesmente atos privados; eles são usados em trocas sob a orientação de regras de sentimento. As regras de sentimento são padrões usados em conversas emocionais para determinar o que é devido e o que se deve na moeda do sentimento (HOCHSCHILD, 2012, p.18)<sup>84</sup>

Nesse aspecto, a esperança prática é uma atitude roteirizada externa e internamente ao ser que aprende a crer nesse artifício para viver. O sentimento antecede (Hochschild, 2012) a ação do exercício ritualizado de usos da esperança por parte do indivíduo. Fundamenta-se como um destacável acessório direcionador das proposituras socioculturais, pois une a crença subjetiva às interpretações dadas em verdade na escala moral.

Os sentimentos, estimados como objeto cultural ou em pertencimento individual, organizam-se como uma categoria instrumental que reproduz e presta auxílio aos ordenamentos de uma regência capitalista, a saber, que opera as atitudes tomadas em postura de otimização para a produtividade individual. Reforça-se a crença da busca por objetivos tidos como específicos e em auto rendimento. Os sentimentos são treinados na perspectiva da observância de objetivos a serem cumpridos para a entrega produtiva.

Racionaliza-se a forma de sentir a concebendo como um aspecto genuíno da subjetividade individual. A cultura de autoajuda não distingue os sentimentos como normas socioculturais, mas pauta a necessidade do aconselhamento para os melhores usos de emoções que elevem a performance individual. Com este propósito, estabelece-se o encontro da “subjetividade instrumental” com a “certeza” da emoção espontânea. Posiciona-se, assim, a ideia do “despertar do poder”.

---

<sup>84</sup> As citações das obras referenciadas da autora Arlie Russell Hochschild são utilizadas em tradução livre.

Os manuais, ao materializarem a linguagem da cultura de autoajuda, promovem regras de sentimentos (HOCHSCHILD, 2012) que postulam imaginários de comportamentos do objetivo para o subjetivo sentimental. Repassa-se o direcionamento da identidade das emoções<sup>85</sup> que são ou não permitidas para pertencer a camada dos “eleitos” ao sucesso. Ao indivíduo, pleiteia-se a tarefa de trabalhar dentro de si o sentimento revelado na emoção<sup>86</sup> adequada a depender da circunstância exigida.

O comportamento físico e estético, similarmente trabalhado, é extrapolado por adaptação de comportamentos sentimentais. O corpo externo também é orientado a expressar premissas emocionais que exponham a imagem da força despertada para o enfrentamento dos desafios “benvindos”. O sentimento/emoção de esperança prática é padronizado para acompanhar um corpo que aprenda a expressar representações de força e que entregue a imagem de emoções de quem obterá a pretensa “vitória”.

As prescrições da autoajuda ofertam os usos de um “disfarce/representação” cultural tanto nos empregos de termos da linguagem, do mesmo jeito que na construção de emoções qualificadas como espontâneas. Remete-se a elaboração individual de um esforço físico dos sentimentos a serem apresentados internamente a si e publicamente a outrem como imagem fortalecedora em exposição. Há um formato, esquematizado na cultura de autoajuda, que esboça o jeito de expressar os sentimentos.

Rege-se o interior individual com propósitos específicos em organização técnica de esperança prática. Regras objetivas condicionam elementos subjetivos para o retorno ao contato exterior e encontro com a representatividade tomada em expectativa. Decora-se a iniciativa de existir com moldes de sentimentos a serem adotados para a manutenção de si, no jogo do eu autêntico com o eu incerto (HOCHSCHILD, 2012), com a crença suplantando a “desarranjo” de se encontrar.

Explora-se a dedicação em seguir um padrão de sentimento ideal que coadune com as promessas socioculturais para o desempenho e produtividade. São sentimentos, descritos em previsão na correlação que se deve sentir ou trabalhar internamente para se

---

<sup>85</sup> “Por que a experiência emotiva de adultos normais na vida cotidiana é tão ordenada? Por que, de modo geral, as pessoas se sentem alegres em festas, tristes em funerais e felizes em casamentos? Essa questão nos leva a examinar não as convenções de aparência ou comportamento externo, mas as convenções de sentimento” (HOCHSCHILD, 2003, p. 87).

<sup>86</sup> “Por emoção, devo dizer, refiro-me à consciência da cooperação corporal com uma ideia, pensamento ou atitude e ao rótulo atribuído a essa consciência. Por “sentimento”, refiro-me a uma emoção mais suave” (HOCHSCHILD, 2003, p.75).

aproximar do estereótipo de como se portar para que se atinja a organização aparentemente desejada. Observa-se a gestão dos sentimentos<sup>87</sup> sendo comercializada como um necessário artifício de obtenção de esperança.

O DSP, nas performances adotadas, suscita essa correlação ao engrenar em um mesmo mecanismo o talhe de adequação dos sentimentos, o despertar do poder inerente ao indivíduo e a esperança como esteira condutora para esta decisão individual. A proposta do método do DSP dispõe a presença de “regras subjetivas” onde aponta-se que seguir os parâmetros compatíveis ao ordenamento ofertado, trará a força necessária para a conversão do existir.

A mudança é designada de “dentro para fora” na perspectiva do ser. Trabalha-se a ideia de reorganização das emoções e sentimentos distorcidos para que a presença da força existencial pertencente a cada um possa emergir. Cria-se a vinculação de uma comunidade que comunica o acolhimento para tratar as emoções em crise, combinando informações já comuns em regras de sentimentos pertencentes ao modelo concorrencial e de auto produtividade.

Assume-se coerência em resgatar o preparo de emoções em consonância com regras de sentimentos de uma cultura concorrencial. Há uma forma “certa” de externar o sentir no mercado de disputa performática para a produtividade. No capital das emoções, sentimentos de maior ou menor força existencial traduzem a representação de “vencedores” ou “perdedores” e a ideia da necessidade de um contínuo aprimoramento para o equilíbrio das emoções de encontro com as “bem-vindas” adversidades.

Os sentimentos adotados para o desempenho da “vitória” individual são “políglotas”, a depender dos desafios impostos em um sociocultural concorrencial. Justifica-se o despertar do poder interno como uma demanda prioritária para o acesso de emoções capazes de direcionar o “sucesso” individual. Sentir o “despertar” é a busca condizente para a precisa tarefa de estar pronto para concorrer a qualquer circunstância que exija presteza e rendimento.

Enquanto regra de sentimento, observa-se um padrão em que ter acesso a determinadas emoções se traduz em impulso essencial para constar em uma sociedade pautada na rotina que esmorece diante da velocidade das relações, em um tempo

---

<sup>87</sup> A diferença do que eu sinto e do que eu deveria sentir é onde se posiciona as convenções emocionais (HOCHSCHILD, 2012).

presente que se modificou. Excita-se o contato com os aprendizados que se colocam como facilitadores de alcançar os sentimentos a serem obtidos na representação naturalizada. Prepara-se a base de “cartilhas” emocionais para o cumprimento de expectativas duradouras.

São regras de sentimentos forjadas e que são ofertadas em treinamento para a consecução da “ação direcionada” (HOCHSCHILD, 2012) para o rentável. Traduz-se, na perspectiva da autora (2012), a reprogramação, em ares de “espontaneidade”, do eu subjetivo que é posto na crença para o desempenho. Categoriza-se atividades emocionais especializadas para o cumprimento de posturas de repreensão ao acesso de sentimentos que podem frustrar no encontro com ares supostamente derrotistas.

Nessa instrução, acompanha-se mais uma vez o entendimento da esperança prática como uma função salutar para a crença ininterrupta do êxito vindouro, da mesma maneira que para a persistência em ultrapassar as barreiras que sucedem o fracasso tido como momentâneo. A ela, esperança prática, promove-se à função instrumental<sup>88</sup> de gerenciar as emoções a medida de seus aparecimentos. Carregar esperança é ato de inteligência emocional no consentimento de sentimentos regrados para os resultados postulados. Sendo que,

Tanto o ato de “entrar em contato com o sentimento”, quanto o ato de “tentar sentir” tornam-se parte do processo que faz com que o sentimento com o qual entramos em contato se torne o que ele é. Ao gerenciar o sentimento, o criamos em parte. Por meio da maneira como nos faz ver as relações, definir as experiências e gerenciar o sentimento, a cultura do capitalismo insinua-se no âmago do nosso ser (HOCHSCHILD, 2003, p. 125).

As regras de sentimentos reificam os valores em disputa de um tempo sociocultural em específico. Sugerem, para além dos trejeitos comportamentais na expressividade subjetiva, as dinâmicas que contornam as estruturas objetivas que atuam por meio de relações de poder. Naturaliza-se, assim, os modelos sentimentais como genuinamente constituídos em fôrma humana e, com isso, são abertos os caminhos para que a esperança empreenda, para que o poder adormecido no íntimo individual possa ser despertado e a crença na transformação do ser seja uma verdade manifesta.

---

<sup>88</sup> “O capitalismo encontrou uma utilidade para o gerenciamento das emoções e, por isso, o organizou de forma mais eficiente e o levou adiante” (HOCHSCHILD, 2012, p. 186).

Não somente admira-se o “espírito” do competidor, do empreendedor, do ser que trabalha de maneira incansável e viciada em fazer sempre mais (*workaholic*)<sup>89</sup>, mas esforça-se para que este modelo regrado surja enquanto sentimentos irrefletidos. Batalha-se, subjetivamente, para a criação de emoções que representem a dedicação dos esforços individuais em um estado de rivalidade externa diante do outro, em comparação, e com o próprio eu apático.

Os parâmetros de sentimentos, o que se deve sentir em estados específicos, ocasionam expectativas de pertencimento sociocultural na concepção de Hochschild (2012). As identidades são expressas da escala subjetiva para o espaço de demonstração objetivo na atitude sentimental que “deve” ser posicionada. Joga-se a vivacidade sentimental como um registro oportuno de quem se é no mercado existencial. Reter capital sentimental é atitude protetora ao estabelecimento concorrencial.

Sucede-se, enquanto efeito prático, a interferência no gerenciamento privado dos sentimentos a partir de regras organizadas em acomodação sociocultural. Neste seguimento, incluído substancialmente ao mundo do trabalho, molda-se, em características físicas e subjetivas, a classe trabalhadora sujeita aos efeitos de adesão do trabalho emocional. Como organiza Hochschild,

Utilizo o termo trabalho emocional para designar a gestão dos sentimentos com o objetivo de criar uma expressão facial e corporal observável publicamente; o trabalho emocional é vendido por um salário e, portanto, tem valor de troca. Utilizo os termos sinônimos trabalho emocional ou gestão emocional para me referir a esses mesmos atos realizados em um contexto privado, onde tem valor de uso (HOCHSCHILD, 2012, p.7).

O trabalho emocional refere-se ao ato de desempenhar, nas funções profissionais e a partir do controle “treinado” das emoções, uma atuação sentimental que seja capaz de perseguir presteza para o alcance de resultados que gerem a maximização do lucro (HOCHSCHILD, 2012). O indivíduo, ao julgo da rotina do trabalho emocional, é posto a armar os sentimentos e emoções privadas para o cumprimento de metas e atitudes que mobilizem o seu entorno. São “convites” a gestos, frases prontas com características

---

<sup>89</sup> Termo utilizado para denominar pessoas classificadas com dependência psicopatológica em relação a compulsão por trabalho estando entre as principais causas de adoecimento físico e mental dos trabalhadores (BARBOSA *et al*, 2024).

autoritárias ou acolhedoras, exposição de sorrisos<sup>90</sup>, a saudação cortês, que configuram a colocação de sentimentos representados.

Propõe-se, caso necessário, o distanciamento de si mesmo para a consumação das tarefas propostas antecipadamente. Os usos dos sentimentos configurados são relativizados à consciência individual, dos envolvidos institucionalmente, com o intuito de aproximação da ideia de se “expressar naturalmente”, ao encontro de uma montagem emocional em esforço laboral. Ser simpático ou ser ríspido, como performances dispostas, condiz com o “perfil” forçoso em execução.

Toma-se as emoções individuais, no empreendimento dos ofícios determinados, como mercadorias que se encarregam das finalidades vantajosas na presença de uma “autonomia” tutelada. O trabalho emocional é requerido em exigência ao lado do trabalho físico, com a característica de absorção de emoções que pareçam genuínas por parte do indivíduo preparado para atuar. Essa categoria de trabalho é delimitada por regras de sentimento (Hochschild, 2012) estruturadas em especificidade cultural.

Nesse sentido, o DSP, na relação intrínseca com o ideal de esperança prática, conjuga o engenho entre os sentimentos convencionados e a preparação do trabalho em performance de emoções. Aciona-se o modelo da expectativa da prática sociocultural em sentido concorrencial, com a descrição pedagógica detalhadamente para a “bem-acabada” postura de exteriorizar as emoções. O poder despertado é a crença ao atendimento da lógica<sup>91</sup> sentimental adotada.

Observa-se, na análise da passagem dos formatos de DSP, regras sociais “interferindo” nos sentimentos individuais que são anunciados, a depender do recorte cultural, com afetação exclusiva e a partir da subjetividade humana. Ao interlocutor, essa projeção somente é possível diante de sua experiência acumulada e extraordinária,

---

<sup>90</sup> “Os funcionários com quem conversei frequentemente referiam-se aos seus sorrisos como sendo parte deles, mas não deles” (HOCHSCHILD, 2012, p. 8). A pesquisa da autora colheu dados a respeito do cotidiano de comissários de voo e profissionais de um departamento de cobranças de uma companhia aérea que desempenhavam reconhecidamente um trabalho emocional.

<sup>91</sup> “Fica a cargo da motivação (“o que quero sentir”) fazer a mediação entre a regra de sentimento (“o que devo sentir”) e o trabalho emocional (“o que tento sentir”). Durante algum tempo, muitos de nós podem viver com certo grau de dissonância entre “ter de” e “querer” ou entre “querer” e “tentar”. Mas as tentativas de reduzir a dissonância emotiva são nossas pistas periódicas para as regras de sentimento (HOCHSCHILD apud COELHO, 2013, p. 193).

bem como traduzida na excepcionalidade que o próprio evento/publicação é capaz de ocasionar.

A realidade social, no que se conduz a pensar a respeito das interpretações do fenômeno dos sentimentos, é exprimida simbolicamente em efeito “mágico” ao creditar-se o resultado da nova roupagem emocional, do ser participante, a um só indivíduo ou ao rito chancelado pelo mesmo. O novo nascimento do ser, assente da perspectiva dos sentimentos, é responsável pelo despertar de um poder inerente ao indivíduo, no entanto, “dado à luz” em governança *coach*.

Propõe-se o auxílio do gerenciamento privado das emoções para a manifestação “espontânea” da atuação do uso a si em trabalho emocional. O poder desperto é sinalizado em expectativa de rompimento de artifícios secretos anteriormente em desuso. Infere-se a presença de um sistema de recompensas a datar de um novo entendimento que compõe, para além da utilização da eficiência física, a produtividade emocional.

O eu autêntico é encorajado a metamorfose emocional em prospecção de uma cultura de trabalho concorrencial. Essa projeção, para a mudança existencial, carrega a esperança como o sentimento medular, ou melhor, um ativo de capital emocional para o leque de possibilidades que dita a necessidade de convencimento para a representação dos sentimentos em espaço público. O trabalho emocional, submetido individualmente<sup>92</sup>, desloca o emprego das emoções de si para o atendimento dos interesses institucionais.

Estimula-se a ideia de que o renascimento das emoções, elenca a retenção de conhecimentos dados em treinamento para a distinção entre os sentimentos genuínos, que pode constar de inadequação, e entre os “renovados” para a adesão do que se deve e como sentir a depender do ambiente oferecido. Induz-se e suprime-se, em grandeza emocional, o despertar de regras sociais de sentimentos com a informação de que sejam sentimentos “naturais” a serem trabalhados para o melhor encontro de aparência sociocultural dos mesmos.

---

<sup>92</sup> “Aqueles que realizam trabalho emocional no decorrer da prestação de serviços são como aqueles que realizam trabalho físico no decorrer da fabricação de coisas: ambos estão sujeitos às regras da produção em massa, mas quando o produto – a coisa a ser projetada, produzida em massa e sujeita a acelerações e desacelerações – é um sorriso, um humor, um sentimento ou um relacionamento, ele passa a pertencer mais à organização e menos ao indivíduo” (HOCHSCHILD, 2003, p. 198).

Consta-se a presença de regras/convenções de sentimentos (Hochschild, 2003) incidindo na orientação do trabalho emocional em formatos subjetivos de ocupação laboral para a performance em concorrência. As “leis do *coach*” operam o reforço e reificam códigos morais de experiências emotivas que aparentam correspondência de “normalidade”. O “despertar” é pré-existente ao discurso *coach* a respeito de afetividades e é externo ao caráter subjetivo individual. Comporta significados e sentidos socioculturais para o “aceitável” da subjetividade humana.

São informações, postas em efeito de verdades exclusivas, da cultura de autoajuda, que conduzem a atenção para o aconselhamento<sup>93</sup> do que já se dispõe em ordem sentimental normativa. Sugere-se exercícios de imaginação sentimental para o reencontro com acordos sociais que ofertam as perspectivas do “melhor de si” na atuação de um mundo do trabalho em arena de disputa. Oferta-se o jeito “certo” de sentir nas relações profissionais como o jeito extraordinário, em tese, elaborado em cultura de autoajuda.

O “despertar”, similarmente, mimetiza um jogo de aprendizados para os melhores usos de atuação dos sentimentos. Estimula-se o indivíduo a atuar sobre si mesmo com o objetivo de utilizar a performance ideal para o uso eficiente no que condiz com a exteriorização pública dos sentimentos. Aloca-se o pertencimento social de forma conjugada com a rotina de representação dos sentimentos. Regras de sentimentos, discurso *coach* e trabalho emocional.

No sistema capitalista, as organizações se utilizam de técnicas de formação teatral (Hochschild, 2012) para a capacitação de colaboradores no que se conduz a atuação profunda da imaginação, atrelada ao sentir do “espontâneo planejado” dos mesmos. Isso ocorre para que o trabalho efetuado com entrega emocional se avizinha do autêntico em espaço público. Nesse sentido, as emoções entregues fazem parte de um produto comercializado e com aferição<sup>94</sup> de produtividade e lucro.

A quantificação de êxito, também pautada como defesas contra a incerteza aos olhos da cultura de autoajuda, desta modalidade de trabalho, a entrega emocional às

---

<sup>93</sup> “Ao contrário de outros consultores comerciais, os autores de livros de conselhos atuam como consultores de investimento comercial. Eles fazem leituras de condições sociais amplas e recomendam a leitores de vários tipos como, quanto e em quem “investir” atenção emocional” (HOCHSCHILD, 2003, p. 14).

<sup>94</sup> “Os supervisores monitoram o fornecimento de trabalho emocional. Eles corrigem falhas e relatam avarias à empresa” (HOCHSCHILD, 2012, p. 118).

regras sentimentais de produtividade/concorrência e a atuação teatral singela – gestual -, ou em profundidade por parte do indivíduo, vai ao encontro de um exercício contínuo de desenvolvimento de esperança prática. Esperança como um “utensílio” para todos os instantes e que deve ser renovada em compromisso de formação emocional.

A esperança prática diminui os custos estruturais de alienação e exploração dos indivíduos na periodização de trabalhos emocionais. Inverte-se papeis ao projetar culpa aos que não são fortes emocionalmente o suficiente em um padrão sentimental estabelecido. Esgota-se o olhar consciente para este contexto ao alinhar a esperança como um sentimento de rol sagrado, como sinônimo de postura ética e alcançável aos que são interessados.

Ter esperança é fazer parte de um sistema de recompensas em que o capital emocional disponibilizado, por parte do indivíduo, se integra à imagem de participação dos termos da cultura de trabalho concorrencial. Ameniza-se, assim, a invisibilidade/despropósito do trabalho emocional, na perspectiva de quem o produz, em critérios de reconhecimento material e reforça a imagem de uma solidariedade que contempla objetivos comuns.

As tarefas sentimentais, apresentadas em auxílio<sup>95</sup> na cultura de autoajuda, provém da interpretação oculta das regras de sentimentos com a tradução alocada em uma força interior e individual e que é necessária ser desperta para o reconhecimento na concorrência orientada. Atua-se, em corpo físico e sentimental, sobre como parecer pronto e imbuído de um poder já existente para a adaptação a regras que ditam o ritmo emocional da ação individual.

O DSP tece a proposta de “reprogramação mental”<sup>96</sup> do indivíduo para alicerçar a crença de que o poder existente, “rebentado”, possa estampar o melhor da imagem pessoal em relações sociais. O exercício proposto atende ao encaixe de regras de sentimento estruturadas para o condicionamento comportamental e com desembarque no trabalho emocional. O serviço de “mudança”, dos sentimentos, evoca do cognitivo

---

<sup>95</sup> “Cabe à motivação (“o que eu quero sentir”) mediar entre a regra do sentimento (“o que eu devo sentir”) e o trabalho da emoção (“o que eu tento sentir”)” (HOCHSCHILD, 2003, p. 98).

<sup>96</sup> “Certamente, a percepção da aeromoça de que “deve se sentir alegre” faz mais pelo lucro da UNITED do que pelo aumento do próprio bem-estar” (HOCHSCHILD apud COELHO, 2013, p. 205).

ao expressivo para o pretense convencimento no mercado de produtividade emocional. Estrutura social, cultura de autoajuda e gerenciamento emocional.

### 3.3 – *Coaching*, Perguntas Poderosas e TBC

O “Tire a Bunda da Cadeira – TBC”<sup>97</sup> é uma terminologia adotada por JRM para explicitar, aos seus olhos, uma técnica de motivação. Uma convocação para a mudança de atitudes dos “seres de luz”. A “técnica”, convizinha uma passagem histórica e não é anacrônica. Não é inaugural, não comporta a “verdade” de uma exclusiva descoberta e não compatibiliza com o registro “indubitável” de uma patente. É lançada e se faz dos “ares” da autoconcorrência, é compreensível aos estados de positivação, é instalada na projeção do porvir e do anúncio da esperança marcada culturalmente ao indivíduo desacompanhado no realizável.

O “*Leader Coach: coaching como filosofia de liderança*”, livro de JRM (2022) confeccionado com a capa de fundo preto, que estampa na cor dourada o selo de “autor *best-seller* - mais de 10 milhões de livros vendidos”, inscreve a autoimagem reflexiva de passagens e “autenticidades” compatíveis com o tempo existente. Dispõe-se da proposta de advertências voltadas a “alfabetização” da concorrência esperada a indivíduos postos ao “fundamento” da auto procura.

Trata-se de uma “visita”<sup>98</sup> de consciência do interlocutor que a intitula como “novos tempos” entre nós. Tempos que, na inclinação recomendada, requisitam a participação da preparação *coaching* para processos que se ocupam dos “desafios” de relações socioculturais afeitas de alterações. Esta constatação já se impõe como uma conclusão delimitada no segundo parágrafo do prefácio da nova edição. Com a mesma, imprime-se que:

---

<sup>97</sup> Termo recorrente na publicação *Leader Coach: coaching como filosofia de liderança* de JRM (2022).

<sup>98</sup> “A primeira edição de *Leader Coach* foi publicada no ano de 2012. Naquele ano, eu estava fortalecendo meus princípios de liderança e amadurecendo minhas metodologias de *Coaching* e, sobretudo, de formação de novos *coaches*. De 2012 até aqui, alguns anos se passaram e, na iminência de lançar a quarta edição deste livro, que já ultrapassou milhares de cópias vendidas, me pus a pensar sobre a trajetória do perfil do líder nesse pequeno intervalo de tempo e na atualização de conteúdo” (MARQUES, 2022 p. 9).

Minha primeira conclusão é a de que o *Coaching* como filosofia de liderança é algo absolutamente contemporâneo. As inquietações que marcaram tão fortemente o início deste novo século, com um processo de avanço tecnológico irrefreável, permanecem em nós. Estamos na efervescência da transição entre uma época e algo que desponta. O *Coaching* é um processo que compreende, motiva e participa das mudanças (MARQUES, 2022, p.9).

Figura-se uma “ferramenta” de condicionamento emocional apresentada de forma inerente ao entendimento do contemporâneo como uma face histórica formada e que requisita o contínuo “espírito” proativo. O *coaching*, como filosofia, é para estar presente como maneira de encaixe na interpretação do dinamismo de mudanças que desloca o pertencimento de um ininterrupto estável. Colocado como o discernimento “de bolso” para um cotidiano em alerta.

A esperança no futuro é confessada em união com uma emoção que reverbera o nostálgico. O amparo saudoso instala-se no acolhimento de poder contar com quem demonstra o passo a passo de um novo nascimento comportamental. Para tanto, o “matrimônio” da esperança do porvir com a esperança nostálgica, gere a “esperança prática”. O TBC evoca o “agora é com você”<sup>99</sup> em uma condensada responsabilização individual. Lembra que a concorrência é positivada, no entanto, referendada em distância da fixidez.

Na oferta de JRM, a “esperança prática” é um aprendizado para os resultados desejados. Trabalha-se com uma força interna do indivíduo, onde a solução está alocada no processo de imersão do *coaching*<sup>100</sup> como um artifício para “desbloquear” sentimentos “limitantes”. A construção dos “resultados”, na perspectiva adotada, ocorre com a disposição para a “procura”, na forma positivada, e instruída por meio de uma dinâmica facilitadora. O livro se encarrega em demonstrar/organizar como essa manobra se estabelece no empreendimento individual. Assim,

---

<sup>99</sup> “Dessa maneira, percebemos que tudo depende apenas de nós para que a mudança de fato aconteça, para que consequentemente descubramos que todas as respostas estão dentro de nós. O *Coaching* é o suporte de que precisamos para encontrar tais respostas” (MARQUES, 2022, p. 16).

<sup>100</sup> “O aumento de performance gerado pelo *Coaching* eleva o nível de resultados, proporcionando mais satisfação pessoal e profissional bem como equilíbrio interno. Se pudéssemos resumir em apenas uma palavra todos os benefícios e vantagens do *Coaching*, essa palavra seria “resultado” (MARQUES, 2022, p.18).

Somos, por excelência, os arquitetos de nosso próprio destino, de modo que fórmulas prontas, por mais bem-sucedidas que sejam, podem negar a cada indivíduo o toque particular de que sua história precisa para ser exclusivamente sua. Na perspectiva que adotamos no *Coaching*, aconselhar pode significar restringir opções, enquanto o que nos interessa é dar condições para que o *coachee* descubra por si só seu caminho, bem como a melhor forma de percorrê-lo (MARQUES, 2022 p.23).

Enquanto “discurso emocional”, que pretende convidar a atenção do leitor, o recorte da leitura em análise conduz ao paradoxal. A negação estimulada da “boa fórmula”, também declarada na conduta dada em prescrição. O conselho direcionado, porém, “não” aconselhando ao mesmo tempo. A exclusividade de uma história de vida, mas fazendo uso da intervenção de uma técnica terapêutica. Todavia, o que se depreende é o redizer do discurso de um processo em atividade, a tônica do compromisso individual.

A utilização do *coaching*, como percebe JRM em sua publicação, enroupa o expediente para as decisões em percurso pessoal e profissional. O *coachee*, pessoa classificada como a que absorve as direções dadas em um processo imersivo de preparação (MARQUES, 2022), é orientado por meio de procedimentos regulamentados na observância da estratégia do *coaching* a decidir por si. Isso se implementa a partir da intervenção da esperança posicionada em prática. Coordena-se a ideia de autonomia e fortalecimento da posse de soluções com a tutela do auxílio mercantilizado e precedente.

O livro fortalece essa perspectiva, da autonomia tutelada, trajando passagens que demonstram uma autoimagem do “impacto do *coaching*”<sup>101</sup> que se traduz em fazer o *coachee* aprender e saber executar a esperança prática para um futuro que, nesse propósito, abandonará o incerto “momentâneo”. Leciona-se que as limitações internas, assimiladas por extensões frustradas no curso da vida, deve ser removida subjetivamente em um gesto voluntário como consequência das ofertas terapêuticas disponíveis.

---

<sup>101</sup> “O *Coaching* é a mais poderosa ferramenta de desenvolvimento de pessoas de que já se teve notícia. Por trazer para dentro de si fontes variadas de conhecimento, ele se dá a liberdade de pinçar o que há de melhor em cada área de atuação e conhecimento, incorporando o que de fato tem a somar, bem à maneira, aliás, do que ensinamos a nossos *coachees*. Estes são encorajados a jogar fora tudo aquilo que não lhes faz bem, retendo, contudo, o que lhes proporciona coisas boas” (MARQUES, 2022, p. 32).

O abandono do passado, aos supostos erros de decisão cometidos pelo *coachee*, certifica o ritual de um novo surgimento. Idealiza-se um indivíduo acionado por uma recente socialização. De um a outro lado do abecedário do *coaching* na obra de JRM, traduz-se a instituição de um novo ser que reúne a esperança proveitosa e revoga os hábitos limitantes. A propositura é olhar para frente, volta-se ao “novo” como o dispêndio que vale à pena se envolver.

O futuro, como noticiado, informa outras possibilidades ao indivíduo diante da asserção de um novo comportamento. Os escritos de JRM honram o trabalho voltado a esperança prática inerente a escuta e absorção dos treinamentos<sup>102</sup> direcionados. Aqui, a esperança demarcada, é determinada pela “adequação do futuro” (MARQUES, 2022) conforme a replicação do *coachee* aos tratados vivenciados na experiência *coaching*. Estimula-se a confiança, sobrepondo outras “competências”, no ordenamento dado como a assertiva de uma transformação. Ou seja,

Enquanto para os entusiastas da terapia o foco é o olhar pelo retrovisor, para o passado, que molda e interpreta a realidade, para um *coach* o que interessa de fato é a paisagem que se anuncia pelo parabrisa, o futuro – e de preferência em um veículo conversível, para que não percamos nenhuma das possibilidades de contato com o que está por vir. O olhar para a frente é o grande diferencial. Aprendemos com o *Coaching* que é um gesto de imensa sabedoria honrar e respeitar a história de cada um, mas esse respeito ao passado não significa que nosso foco esteja direcionado para ele. Transformar e moldar o futuro da melhor forma é o grande desafio que *coach* e *coachee* se propõe a realizar. O cliente é sempre encorajado a alcançar metas, ajustando seus objetivos, obtendo novas conquistas e realizações sem perder de vista, nesse processo, que o passado pode ser um meio, mas nunca um fim (MARQUES, 2022 p. 25).

A alusão “crítica” à psicologia clínica, precisamente no recurso de terapia, circunscreve o direcionamento transferido à pauta da esperança. A conversão do futuro incide no exercício prático em atuar no projeto de olhar para a “vanguarda pessoal”. A correção é dentro de si, a história de vida é disposta em ressignificação, o sequente é exclusivo, voluntário e a esperança prática é a força de “empuxo” possibilitada na aderência com a rendição ao *coaching*.

---

<sup>102</sup> “Treinar é sempre fundamental, claro, mas importante mesmo é não perder de vista que é preciso agir e dar a cara a tapa, se for o caso, para que acertemos. E esse sentido de pragmatismo, gana e vontade de ir além nada nos fornece mais do que o *Coaching*” (MARQUES, 2022, p. 27).

A obra elenca, para além das conceituações do universo *coaching*, a proposta de uma aula aberta de JRM acionando o passo a passo das “sessões”, as experiências pessoais, o “como fazer” de um *coach* chancelado e as decorrências obtidas. Parte-se dos “princípios absolutos do *coaching*” que conferem, aos dizeres do interlocutor, o padrão IBC. Nessa proposta, são quatro os fundamentos apontados: “suspender todo tipo de julgamento”; “foco no futuro”; “ação” e “confidencialidade e ética” (MARQUES, 2022).

A experiência relatada por meio do exercício pleno das “sessões”, nome que corresponde ao contato entre o *coach* e o *coachee*, deve envolver a capacidade de aceitação e entrega entre as partes envolvidas. Isto se relaciona com o primeiro e quarto fundamento. Agora, o “afazer” dimensiona esperança prática a partir da ação e foco no futuro, a depender da capacidade de envolvimento do *coachee* para as “mudanças de comportamento”<sup>103</sup>.

O comportamento, desejado para a transformação do *coachee*, dialoga com a expectativa do condicionamento à concorrência. O “futuro”, nessas condições, é um “local” a ser moldado em disputa com as ações de comprometimento do próprio envolvido. Nesta ocasião, o que se quer conquistar, a “evolução”, é o entendimento do abandono do ser que não corresponde ao contemporâneo e aonde se quer estar, diante do novo comportamento e as novas respostas, estão “dentro” do *coachee*.

O *coaching*, no eco denotado por JRM, é a alegoria do guia que indica o “como se deve agir”. Impelido pelo *coach*, ao gerir a iniciativa do *coachee*, o efeito é possível de ocorrer. Representa-se, assim, a condução tutelada da conduta combinando com o indivíduo auto maximizado. A evidência da “nova vida” é para ser encontrada em um despertar unitário. O alimento/impulso da esperança prática também vem da

---

<sup>103</sup> “E, como *coach*, é mais provável você provocar a mudança de comportamento se: a pessoa formar uma forte intenção positiva, ou assumir o compromisso de executar o comportamento; não houver nenhuma restrição ambiental que torne impossível acontecer o comportamento; o *coachee* perceber que tem as habilidades necessárias para desempenhar o comportamento; o *coachee* perceber que as vantagens de executar o comportamento ultrapassam as desvantagens; o cliente sentir uma pressão mais forte para executar o comportamento do que para não executar; a pessoa acreditar que o desempenho do comportamento é mais consistente que inconsistente com sua autoimagem, e não violar padrões pessoais; a reação emocional da pessoa, ao desempenhar o comportamento, for mais positiva que negativa; a pessoa perceber que tem a habilidade para executar o comportamento dadas várias circunstâncias” (MARQUES, 2022 p. 40).

“arrumação” subjetiva e se confere no acreditar, na crença que “todos” em alguma medida possuem. Como julga JRM,

Uma crença é maior do que qualquer conhecimento do mundo. Não há conhecimento que seja suficiente para demover um ser humano das coisas nas quais ele acredita. Se o conhecimento não esbarra em nenhuma crença que o contradiga, ele funciona; caso contrário, ele é repellido de nosso plano cognitivo. A boa notícia é que as crenças podem ser trabalhadas, tanto aquelas que nos limitam quanto aquelas que nos permitem evoluir – as que já temos e as que precisamos criar (MARQUES, 2022 p. 47).

JRM, também nessa confissão, exacerba a “crença interna” como decisiva para a mudança interior e em consequência, o que rodeia o indivíduo de maneira externa. Sentencia como uma propriedade superior diante de uma realidade dada. Ela, a crença, pode acionar o movimento evolutivo do indivíduo, ao mesmo tempo que pode operar como um mecanismo de retração. A mesma aumenta ou diminui a capacidade de concorrência individual e garante mais ou menos felicidade.

Apesar do dualismo na proximidade da crença com as “escolhas” individuais, JRM repercute uma saída em estado de positividade. A “boa nova” é que a imersão no *coaching* oferta um alinhamento nos usos do acreditar subjetivo. Opera-se a possibilidade de dosar ou potencializar os “padrões” por parte do indivíduo. Ou seja, por meio de uma estrutura de conhecimento é dada a possibilidade de excluir o que limita o indivíduo e transferir maior competência para a disposição “evolutiva”.

O mesmo recorte traça a existência de crenças que precisam ser criadas internamente. Adentra-se o posicionamento do indivíduo em uma expectativa de um ordenamento de um tempo em específico. O tempo inflacionado no suporte positivo, da concorrência como a razão principal, da felicidade como importante objetivo rotineiro e o sobre-estimar voluntário como a forma de existir.

A crença nessa visão de mundo não encontra réplica diante de contextos adversos. O hostil é criado subjetivamente por outras crenças que sabotam a “evolução”. O contorno dado, a solução para a saída deste “problema” individual, é o autoconhecimento substanciado na lógica da esperança que é prática e amarrada ao futuro. A tecnologia para o andamento “a ser reparado” é reafirmar mais uma crença interna, a imersão no *coaching*.

Alcança-se da mesma maneira nessa publicação de JRM, a construção e o que se espera do perfil do novo “líder” responsável por despertar formas mais inteligentes de otimização da produção dos liderados. O preparo para tanto está no desenvolvimento, por intervenção do *coaching*, de habilidades para além das já consagradas<sup>104</sup> no perfil do indivíduo que se põe a liderar. Pauta-se que mesmo diante de características “inatas” que fazem referência ao ordinário da personalidade em exclusividade, é possível treinar atitudes para o extraordinário.

O livro sustenta as classificações geracionais para se valer das acomodações necessárias para o processo evolutivo da concorrência. Independente do recorte cronológico comportamental, o recurso para “inspirar comportamentos” (MARQUES, 2022) passa em reter a cultura da esperança na representação do *coaching*. Como primeiro exemplo, a “geração canguru” é citada como a de adultos que se ocupam tardiamente da casa dos pais.

Estabelece-se, diante da classificação dada, que a “motivação em postergar a saída” da casa dos provedores se deve a adultos que não cresceram para encarar a vida, não são focados o suficiente e não se estabelecem em trabalho algum por não aceitarem ser contrariados (MARQUES, 2022). As reflexões que dão seguridade para as especificações existenciais, reiteram as responsabilidades individuais. O crescer, o focar e o aceitar exige o “perfil” dos que estejam organizados para concorrer.

Prescreve-se que “entender a qual geração seus liderados pertencem pode ser muito positivo para desenvolver junto aos mesmos, as estratégias adequadas ao perfil de cada um, fornecendo o apoio necessário no decorrer desse processo” (MARQUES, 2022, p. 63-64). Pontua-se que em correspondência à diversidade de exigência técnica do mercado, poder contar com o conhecimento das caracterizações “inatas” de cada recorte geracional, é dispor de um artefato a mais para o (re)cálculo de novas rotas com destino a se concorrer.

Ao guiar esse olhar, conforma-se a geração *baby boomer* com a vantagem de serem profissionais com experiência episódica, capazes de “planejarem retomadas” e

---

<sup>104</sup> “Percebe-se então que a liderança foi, e ainda é, estimulada tanto por fatos ocorridos ao longo da história como por habilidades do indivíduo, que são inatas e essenciais para gerar desenvolvimento e motivação em seus liderados. Porém, nada impede uma pessoa de desenvolver habilidades e conhecimentos necessários para ser um líder extraordinário” (MARQUES, 2022 p.63).

com a “força” da superação trágica, já que nasceram após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, são relutantes a mudanças e “torcem o nariz para jovens que chegam ao local de trabalho com fones de ouvido” (MARQUES, 2022, p. 64). A geração X, nascidos a partir de 1965 e “fãs de histórias em quadrinhos” (Marques, 2022), contemplam o trabalho em equipe, entretanto possuem a dificuldade de partilhar os seus conhecimentos.

Tece-se, ainda, a geração Y como a primeira a “contemporaneizar” a tecnologia da informação desde a sua tenra formação, tornando-se pessoas pragmáticas, mas com o descrédito de serem imediatistas. No mesmo seguimento de categorização, a geração Z se estabelece, a partir da descrição de JRM, como a preocupada com a conectividade virtual das relações e são os que requisitam informações a todo momento. Em outro aspecto, similarmente, “inato”, todavia que depõe contra, possuem o entendimento de que as suas realizações ficam sempre incompletas.

Por último, JRM narra a geração *Google* como a que possui uma “capacidade supervalorizada” e a exemplifica, como a costumeira da tecnologia “Ctrl+C” e “Ctrl+V”. Atrela-se que “algumas correntes acreditam que essa ação está reduzindo o intelecto dos estudantes a níveis mínimos de sobrevivência” (MARQUES, 2022, p. 69). Sinaliza-se que diante da multiplicidade segmentada em ordem geracional e no curso da vida, é ato responsável se ater na direção de estratégias de adaptabilidade para os melhores ativos humanos de concorrência.

A concorrência avistada nessa perspectiva é a rivalidade interna, pleiteada no “consigo mesmo”. O não acreditar em si frente a esperança promovida é o antagonista a ser trabalhado. Para JRM, no que corresponde ao desenvolvimento de pessoas, o *coachee* iniciado possui um “inimigo” interno em constante movimentação. Nesse caso,

O intuito aqui é trabalhar nossa inteligência emocional, aprender a lidar com as adversidades e com o modo como elas nos atingem, para nos tornarmos indivíduos e profissionais de sucesso, para sermos líderes melhores e termos a habilidade de desenvolver pessoas melhores. No entanto, temos de estar sempre atentos ao adversário que vive à espreita, tentando nos prejudicar. Muitas vezes ele até consegue. Cabe a nós controlar e superar esses obstáculos, que nos impedem de atingir nossos objetivos. São pensamentos negativos, suposições às vezes errôneas que criamos em nossa mente e travam nossas ações. Com isso, é possível concluir que somos adversários de nós mesmos (MARQUES, 2022, p. 101).

Com relações em estado de positivação (HAN, 2015), estrutura-se o negativo partindo da consumação individual. O impedimento para a esperança prática na formação de uma inteligência concorrencial, faz-se de uma sabotagem por falta. A falta de um direcionamento adequado capaz de ler e constar no encontro com o contemporâneo interpretado como desafiador. A esperteza é a ação na esperança<sup>105</sup> que, além de prática, promove o status de adequação.

Em reparo da realização pessoal, para que as melhorias “desejadas” venham “automaticamente”, JRM explana o uso do TBC por parte do indivíduo. Face a face do conhecimento adquirido, de novas formas de pensamento “reorganizadas”, se traduz a inexistência de impedimentos futuros desde que o indivíduo haja. Movimente-se firmemente em torno daquilo que tramita a sua procura e lide com a eliminação de frustrações subjetivas. A tomada de decisão se pauta como uma escolha que parte de si nesse processo.

O “permitir-se” a mudança funciona como uma produção simbólica que intensifica a incumbência individual. A responsabilidade da escolha opera em um gesto. A ação de perseguir as orientações, comandos e modelos necessários para a aceitação de uma nova forma de vida. Guia-se a eliminar o “inimigo” interno como alicerce para as novas laborações exclusivas no porvir. O caos, na comunicação estabelecida, vem de dentro e o princípio para o novo, parte dessa primeira cura identicamente disciplinada na crença<sup>106</sup>.

Este livro de JRM condensa o total de 303 páginas voltadas a esperança prática através do caminho do *coaching*. Conserva-se os direcionamentos que assumem o receituário ao dispor dos indivíduos e como o processo da mudança interna em si ocorre. Nesse acesso, fixam-se questionamentos e respostas que propõem credenciar o interlocutor, asserções universais que pretendem incluir a quem quer que seja na “natureza” concorrencial e positiva de um modo contemporâneo de relação social.

---

<sup>105</sup> “Não podemos nos esquecer de que, para que isso aconteça, devemos assumir a responsabilidade, tomar a consciência de que as mudanças só ocorrem em nossa vida se nós as permitirmos, ou seja, tudo depende de nós. Devemos tirar a bunda da cadeira (TBC) e entrar em ação. Dessa forma, a mudança interna ocorrerá automaticamente, conseguimos mudar pensamentos, emoções e o adversário que temos dentro de nós, que nos deixa mais longe de nossa realização” (MARQUES, 2022, p. 102).

<sup>106</sup> “Crenças são as coisas nas quais acreditamos com tanta veemência que nos fazem entrar em ação, ou ficar paralisados, diante de determinadas situações” (MARQUES, 2022, p. 103).

A estratégia “ecumênica” se vale de caracterizar o indivíduo como um ser “especial” em sua essência, entretanto, as ofertas para a nomeada “evolução” partem das mesmas convicções. A concorrência interna – “dissolver o inimigo” -, a concorrência externa, elencada na ordem do mérito, o estado de pensar positivo como ferramenta do dia a dia, falam do modo de vida que inclui os à postos em deter a esperança e excluir o negativo como prática rotineira. Arma-se a “certeza” de que:

Se emanarmos apenas alegria e energias positivas, com certeza o retorno que teremos será só de coisas alegres e positivas em nosso caminho. Se, ao contrário, nossa programação mental for negativa e pessimista, e nossas ações forem voltadas somente para prejudicar quem está próximo de nós, no futuro os prejudicados seremos nós mesmos (MARQUES, 2022, p. 108).

Em mesmo consórcio descreve-se:

Mas precisamos entender que ninguém mais, a não ser nós mesmos, é o responsável por tudo o que acontece conosco. Somos nós que temos o poder de tomar as decisões mais importantes para nossa vida. Por isso, precisamos estar cientes das nossas ações para que estas tragam somente benefícios a nós e a todos que estiverem por perto (MARQUES, 2022, p. 108).

O recurso exibido para a postura individual a ser adquirida, detém-se na alegação de uma “reconfiguração” cognitiva. Chancela-se o pensamento individualizado na capacidade de conversão para o usufruto da conquista. Nesse caso, o positivo é o fulcro da esperança prática. Não há coincidência, o que se estabelece é a ação do “positivo” social convertendo-se na lógica do “positivo” individual. A “verdade” posta na “inspiração” de JRM se avigora em consonância com um recorte de tempo específico.

Aciona-se a prática individual em estado presente determinando o estado futuro. Janela de fundamento para ora a função do positivo como salvaguarda da esperança, ora essa última assumindo a especificidade dessa função. A esperança prática, no argumento depositado, é a ação individual como forma de cumprimento do ambiente<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> “Sua função é orientar, acompanhar, apoiar, mostrando ao colaborador que ele deve buscar em seus recursos internos o poder para a real transformação em sua vida. Ou seja, a responsabilidade para o desenvolvimento profissional acontecer é dele. O que quero dizer é que, se a pessoa não se empenhar para pôr em prática esses recursos, nenhum esforço que o líder realize adiantará. Toda a bagagem que o *Coaching* oferece será em vão, diante da apatia de

positivo disponível. Ostenta-se ao indivíduo um processo simétrico entre ambas. No caso de desengajamento, de “falha”, o ordenamento listado, é o (re)aprendizado dos modos<sup>108</sup> de pensamento.

“Desenvolvimento contínuo”, “treinamento”, “modelo de aprendizado”, “desenvolvimento de habilidades”, “processo de transformação”, “modelo mental”, se repetem nesta publicação de JRM. A utilização destes termos conjuga-se ao procedimento dos que “necessitam” da “intervenção” do acolhimento para a esperança prática. Ocasionalmente, o livro direciona a técnica do *coaching* como a fórmula necessária para o “êxito”. Em outros termos, a aplicação dos direcionamentos do *coach* e a aceitação por parte do *coachee* constituem a regra capital para a transformação individual.

Consta-se que os resultados primários, no que se pormenoriza como a “conversão” do indivíduo, se dá no feito da mutação do pensamento individual. Traça-se que o ser que pleiteia a mudança na familiaridade com o *coaching* deve exercitar, com o auxílio da “mentoria”, os pensamentos “adequados” para os objetivos pretendidos. Esse condicionamento é elevado num processo de repetição ao longo das páginas como uma “certeza” clínica.

Acomete-se uma pretensa “padronização na forma de pensamento”, na fala, nos gestos e atitudes daqueles que não utilizam as “crenças internas” para a otimização pessoal, profissional, bem como cita-se, a espiritual. Melhor dizendo, as atitudes, a esperança prática, só se condensa como uma “originalidade” conquistada, para o germinar de atitudes que “elevem” o ser, na retirada de pensamentos inoportunos e “instalação” de um recente formato.

No corredor dessas estruturas propostas ao longo das páginas, a certeza da “glória” é incontestável. A não ser que o indivíduo não desperte a competência “inata”. Entretanto, o âmago do método, de outra maneira, a manobra para que tal feito ocorra, o passo a passo de como os resultados buscados possam se efetivar, surgem com certo vagar. Os direcionamentos inaugurais falam da insistência do indivíduo em não desistir,

---

quem não deseja realizar ações efetivas e eficazes para produzir grandes feitos em sua história” (MARQUES, 2022, p. 142).

<sup>108</sup> “Hoje é um dia importante em sua vida. Comece este e os próximos dias pensando assim, e a forma como você passará a encarar sua realidade será totalmente diferente” (MARQUES, 2022, p. 111).

em permanecer em luta interna afrontando o auto sabotador que confere o lado “negativo” da inadequação.

A porta de entrada, onde se explicita o funcionamento operacional do *coaching* enquanto ferramenta necessária para a esperança prática, situa-se no atesto dado por JRM das nomeadas “perguntas poderosas”. Incide-se nesse ponto, o rudimento da fórmula dos usos do *coach* mobilizando o *coachee* para a persecução da esperança prática. É o cerne da atuação do profissional e do cliente que experimenta o *coaching* como autoconhecimento positivo<sup>109</sup> no parâmetro do otimismo, como instrução da esperança e como força extra para o ser que concorre<sup>110</sup> consigo em primeira instância.

As “perguntas poderosas” consistem, na linha adotada por JRM, em uma oferta terapêutica posta a mobilizar o participante da experiência dada em um espaço temporal denominado de sessão, a responder uma diversidade de questionamentos que levam, segundo o que se aponta, a “condução da conduta”. As respostas cumpriam o papel de desvendar entraves de pensamentos<sup>111</sup> responsáveis por impedir o sucesso da “pessoa” até então desperdiçado. Capacitaria, similarmente, em criar condições emocionais para o alcance das metas estimuladas nas próprias “perguntas poderosas”.

A iniciativa favoreceria o auxílio da descoberta de potenciais obtidos internamente ao “sujeito”. O *coach* se põe nesse instante como um gerenciador das emoções. O incumbido em mapear as crenças indesejáveis e projetar a instalação de atitudes ambicionáveis para a mudança do “ser”. O transcurso é intitulado por JRM

---

<sup>109</sup> “Há mais de quinhentas pesquisas que mostram que os otimistas têm menos depressão, resfriados, infecções, e os atletas resistem melhor às derrotas, além de terem um sistema imunológico mais robusto. Os vendedores otimistas têm mais sucesso em competições e em vendas, pois vendem de 20% a 40% mais que seus pares pessimistas, atingindo 84% em alguns estudos” (MARQUES, 2022, p. 170). As pesquisas e estudos citados não acompanham a fonte ao longo da publicação.

<sup>110</sup> “A partir do momento em que as coisas começarem a ser visualizadas dessa maneira, ou seja, a mudança como uma oportunidade e não como uma ameaça, tudo passa a concorrer de maneira mais fácil. Para isso, é preciso saber lidar com os novos acontecimentos, tanto os que foram planejados quanto, e sobretudo, os inesperados, pois o modo como você vai se comportar diante desses fatos fará toda a diferença e lhe dará vantagem perante seus concorrentes” (MARQUES, 2022, p. 152).

<sup>111</sup> “A habilidade mais importante para ter qualidade de vida é a capacidade de transformar adversidade em desafio gerador de satisfação – transformar ameaças potenciais em desafios satisfatórios. Esse estilo de personalidade tem algumas características básicas: busca tarefas desafiadoras que requerem suas habilidades, e a tarefa deve ter metas claras. A satisfação surge entre o tédio e a ansiedade, quando os desafios estão em equilíbrio com a capacidade de adaptação da pessoa” (MARQUES, 2022, p. 173).

como “a chave de transformação das pessoas e do mundo” (2022) para a geração de novas habilidades e competências.

No andamento do *coaching*, entre outras promessas, adota-se a exclusão do medo e a propositura do desafio na ordenação da concorrência com o foco no resultado futuro. Por interferência das “perguntas poderosas” reclama-se a tomada de consciência para o amparo de uma visão de mundo, “modelo mental”, conveniente com o presente. Em claridade, consta-se abaixo:

Figura 05: Perguntas poderosas, foco e possibilidades

| ETAPA I - ESTABELECE O FOCO                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PERGUNTAS PODEROSAS PARA GERAR FOCO</b>                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que você gostaria de ver como resultado desta conversa?</li> <li>• O que você, especificamente, quer ter ao final desta conversa?</li> <li>• Em poucas palavras, como você define seu estado desejado? E seu estado atual?</li> <li>• Qual é a situação ou o problema de negócio que você quer solucionar?</li> <li>• Que resultado você quer levar ao final desta conversa?</li> <li>• Que assunto gostaria de trabalhar hoje?</li> <li>• Onde você quer estar quando isto terminar?</li> <li>• Para você mesmo, o que mais precisa?</li> <li>• O que esta conversa pode fazer por você?</li> <li>• O que precisa acontecer nesta sessão para você?</li> <li>• Desses assuntos, qual é o de maior importância para você?</li> <li>• O que parece mais urgente para você?</li> <li>• O que você gostaria de ver mudado nesta situação?</li> <li>• Qual o melhor uso que se pode dar a esta reunião?</li> <li>• Você parece frustrado(a). Cite uma coisa que quer ver mudada.</li> </ul> |
| ETAPA II - DESCOBRIR POSSIBILIDADES                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>PERGUNTAS PODEROSAS PARA DESCOBRIR POSSIBILIDADES</b>               | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que precisa acontecer para você saber que...?</li> <li>• O que você já tentou antes que deu certo?</li> <li>• O que você já pensou em fazer antes que deu certo?</li> <li>• O que tem funcionado para os outros e que você acredita que pode funcionar para você?</li> <li>• Que resultado você quer?</li> <li>• Se fosse o super-homem/mulher, o que você faria?</li> <li>• Se soubesse a solução, qual seria?</li> <li>• Como isso funcionaria no passado?</li> <li>• Como outras pessoas responderiam?</li> <li>• Qual seria a primeira opção? Quais seriam as outras?</li> <li>• O que você já pensou/tentou?</li> <li>• O que funcionaria melhor? Fale mais sobre isso.</li> <li>• O que você já observou que funciona com outras pessoas?</li> <li>• Como se sente sobre isso?</li> <li>• Se pudesse fazer de novo, o que você mudaria?</li> <li>• Na sua opinião, o que está faltando?</li> <li>• Quais as possibilidades?</li> </ul>                                            |
| <b>PERGUNTAS PODEROSAS PARA EXPANSÃO DO ENTENDIMENTO</b>               | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como esta solução está relacionada com sua meta?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>PERGUNTAS PODEROSAS PARA EXPLORAÇÃO DAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais os possíveis resultados desta solução?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: MARQUES, 2022.

Figura 06: Perguntas poderosas, planejamento e transposição

| ETAPA III - PLANEJAR A AÇÃO                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PERGUNTAS PODEROSAS PARA FORMATAR OBJETIVOS                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que realmente você quer?</li> <li>• O que isso representa para você?</li> <li>• Quando você pretende concluir isso?</li> <li>• Aonde você quer chegar?</li> <li>• Com quem você deve contar para realizar isso?</li> <li>• O que precisa acontecer para você chegar lá?</li> <li>• Qual seria o produto dessa abordagem?</li> <li>• Como essas ações contribuirão para o alcance da sua meta?</li> <li>• Com quem você precisa falar?</li> <li>• Agora, o que é necessário fazer?</li> <li>• Se já tiver alcançado a meta, o que fez para conseguir?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| IDENTIFICAR SABOTADORES                                                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que você ganha com isso?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| IDENTIFICAR VALORES                                                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é importante para você?</li> <li>• Qual é a relevância disso para você?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| IDENTIFICAR ESTRATÉGIAS                                                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são as possíveis formas de realizar isso?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| IDENTIFICAR AÇÕES                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são os passos para você conseguir isso?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| IDENTIFICAR RECURSOS                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Do que você vai precisar para realizar isso?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| ETAPA IV - TRANSPOR OBSTÁCULOS                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| PERGUNTAS PODEROSAS PARA IDENTIFICAR FORÇAS, BARREIRAS, OBSTÁCULOS E RECURSOS | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem você gostaria de chamar para poder te ajudar?</li> <li>• Em qual parte dos projetos outras pessoas podem participar?</li> <li>• O que mais você pode delegar?</li> <li>• O que/quem pode impedir a finalização desse projeto?</li> <li>• O que teria de ser diferente para que você possa fazer acontecer?</li> <li>• Com quem mais você precisa conversar sobre isso?</li> <li>• Quais as barreiras que te esperam?</li> <li>• Que recursos serão necessários?</li> <li>• Quem mais você precisa chamar para cumprir essa fase?</li> <li>• A quem mais, na organização, você precisa comunicar isso?</li> <li>• O que está bloqueando seu caminho?</li> <li>• Com quem precisa conversar?</li> <li>• O que está faltando?</li> <li>• O que pode te impedir de cumprir o prazo?</li> <li>• Que outras áreas de sua vida precisam de mudança para que isso aconteça?</li> <li>• O que mais pode te atrapalhar?</li> <li>• Quem mais precisa estar envolvido para que esse plano seja executado?</li> </ul> |

Fonte: MARQUES, 2022.

Figura 07: Perguntas poderosas, recapitulação e responsabilidade

| ETAPA V - RECAPITULAR                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PERGUNTAS PODEROSAS DE RECAPITULAÇÃO                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que você aprendeu hoje?</li> <li>• Quais são as coisas que vai cumprir?</li> <li>• O que planeja finalizar nas próximas semanas? (Ou antes de nossa próxima reunião?)</li> <li>• Enquanto estava recapitulando, que outras coisas surgiram em sua mente?</li> <li>• Para você, o que está faltando?</li> <li>• Quão possível essa data é, em face do calendário de todos os envolvidos?</li> <li>• Quais outros compromissos você tem nesta época?</li> <li>• Quando podemos nos encontrar novamente?</li> <li>• Já que João estará conosco na próxima vez, quem vai coordenar as agendas?</li> <li>• Sendo você o responsável pela ação, como posso acompanhar o andamento do projeto?</li> </ul> |
| PERGUNTAS PODEROSAS DE VERIFICAÇÃO DE CONCLUSÃO            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enquanto estava recapitulando, que outras coisas surgiram em sua mente?</li> <li>• Para você, o que mais está faltando?</li> <li>• Que pontos soltos você ainda vê?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| PERGUNTAS PODEROSAS DE ESTABELECIMENTO DE PRAZOS           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quão possível essa data em face do calendário de todos os envolvidos?</li> <li>• Quais outros compromissos você tem nesta época?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| PERGUNTAS PODEROSAS DE ESTABELECIMENTO DE RESPONSABILIDADE | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando podemos nos encontrar novamente?</li> <li>• Já que João estará conosco, na próxima vez, quem vai coordenar as agendas?</li> <li>• Sendo você o responsável pela ação, como posso acompanhar o andamento do projeto?</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

Os quadros acima, representativos das “perguntas poderosas” na publicação de JRM, prospectam objetivamente o tempo futuro, as crenças, a organização da esperança prática, mas principalmente trazem o indivíduo ao centro. O pronome de tratamento “você”, configura em repetição e traça o uso da persuasão como discurso emocional de orientação. Entrelaça-se um “jogo” entre o estado desejado e o estado atual do indivíduo e aviva-se comparações com situações de outrem que tenham “dado certo” no rastreio de possibilidades.

Os questionamentos a respeito do passado individual é resgatado na ótica do desvencilhar das frustrações e hábitos malqueridos na organização de um “novo existir”. Esbarra-se em (re)aproveitar possíveis experiências bem sucedidas anteriormente no direcionamento interrogativo: “O que você já tentou antes que deu certo?”; “O que você já pensou em fazer antes que deu certo?”; “Se pudesse fazer de novo, o que você mudaria?”.

A reunião de indagações independe da exclusividade do cenário vivido, bem como do que se almeja em outro momento. O “método” aportado corresponde, na lógica adotada, para qualquer história de vida individual e cabe à revelia de processos sócio históricos e culturais. O limite existencial humano é ultrapassado no exercício do empoderamento lúdico - “Se fosse o super-homem/mulher, o que você faria?” – ofertando-se que as possibilidades estão facultadas.

Nas “perguntas poderosas” que intuem o planejamento da ação individual, a cena proposta caracteriza o auxílio de “personagens” que possam contribuir para a meta estabelecida, bem como o descarte dos “sabotadores”, inclusive no campo subjetivo, que supostamente impediriam o funcionamento gradual das estratégias a serem empregadas individualmente. O contributo do “outro” é para valer-se individualmente, ou seja, na autoimagem elencada, “O que você ganha com isso?”.

A “acareação” de si, envolve a pretensa eliminação dos “obstáculos”, objetivos ou subjetivos, que impeçam a meta ansiada – “O que/quem pode impedir a finalização desse projeto?”. Trabalha-se as ameaças para a identificação de “forças” e “recursos” que oportunizem a glória individual. Próximo ao negativo, de “perigos existentes”, o positivo é o percurso a ser pautado por meio de respostas encontradas em um processo solitário, ‘dentro de si’. O *coaching* é a ferramenta utilizada, o *coach* o mentor que inquer e o *coachee* o transformador da própria realidade.

Conforme apontado na publicação e no próprio arranjo de perguntas, a preposição de “autoconhecimento esperançado” sucede em um contínuo de sessões, ocasião para a aplicação de novas sequências de “perguntas poderosas”, que são direcionadas pelo *coach* a exprimir informações que alegadamente sugerem o caminho a ser ocupado por um modelo de ações pré-determinadas ao *coachee*. Ambiciona-se, margeado pelo positivo, a recondicionar a esperança pré-existente que necessita ser acionada por si só.

É uma “esperança”, alçada em perguntas, racionalizada, com planejamento de metas, prazos de execução e anunciada enquanto projeto. “Quão possível essa data em face do calendário de todos os envolvidos”?; “Quais outros compromissos você tem nesta época”?; “O que planeja finalizar nas próximas semanas? (Ou antes da nossa próxima reunião?)”; As “perguntas poderosas” reclamam a atitude de mudança aprazada de si e do que se rodeia.

O “poder das perguntas”<sup>112</sup> estende a representação de quem, aparentemente, detém o conhecimento do “novo comportamento”, o uso da “esperança apropriada”, a pedagogia para a “concorrência naturalizada”, a “cura” para o negativo, o discurso terapêutico do positivo, a performance da felicidade, a “sapiência” da otimização do tempo individual, ou seja, porta a imagem das respostas para um modo de vida instável. Caracteriza quem possui a chancela do *coaching* e simboliza o especialista da “esperança prática”.

A autoridade das perguntas, tratada por JRM, condensa a tentativa de continuidade do ciclo preparativo para a “esperança em desempenho”. O adensamento deste propósito não se conclui em poucas sessões. A gênese para a estruturação do “novo ser” deve proceder a anuência de estágios a serem transpostos com o respaldo da mentoria vicinal. O que não se destoa, é o signo da responsabilidade última do indivíduo em preparação. “Sendo você o responsável pela ação, como posso acompanhar o andamento do projeto?”; “Quando podemos nos encontrar novamente?”;

Estipula-se a vazão da imagem de um “rito de passagem” em que, a adesão das “perguntas poderosas”, com a continuidade da mentoria, com a “força de vontade” do

---

<sup>112</sup> “O *Leader Coach* dispõe de inúmeros recursos extremamente eficientes para melhorar a vida profissional do indivíduo. Um desses recursos são as perguntas. Por meio de questionamentos poderosos, podemos nos livrar de certos comportamentos que nos levam ao estresse e diretamente aos mecanismos de defesa” (MARQUES, 2022, p. 169).

*coachee*, a mudança virá. O cenário vai ao encontro de um plano no sentido de um percurso de posituação. O negativo momentâneo não se exclui – “Você parece frustrado(a). Cite uma coisa que quer ver mudada” –, a despeito de, reordena-se para mais uma superação.

Apesar da divisão das perguntas em etapas, com subdivisões de focos específicos, não há uma restrição de uma padronização racional. Ao passo que perguntas se repetem independente do momento de aplicação do expediente. Em especial isso é acionado na demarcação de “perguntas poderosas de estabelecimento de responsabilidade”. As três demandas deste bloco estão presentes no recorte da “recapitulação” que é anterior ao da responsabilidade.

Com exatas 45 utilizações na associação de assertivas, o pronome de tratamento você, como já citado, é coerente com a prerrogativa da ação individual, mesmo na presencialidade de outrem na preparação. “Garante-se” que o caminho da transformação é iniciado com a “inspiração” do profissional *coach* para o êxito. Em contrário, o torpor possui explicação, a insuficiência existente é alocada exclusivamente no indivíduo que já é considerado apto a um novo ciclo de instrução.

As “perguntas poderosas” impulsionam o “olhar para dentro”<sup>113</sup> como forma de identificação do “problema”. É a aproximação da “delação de si” com o que se dissipa da expectativa do tempo presente, do tempo em estado positivo e do tempo em estado de concorrência. É posicionar o indivíduo em um “espelho” coerente com a expectativa do sujeito “neo”. Congruente ao mesmo tempo porque retira do “externo” o revés das histórias de vida. Auto olhar, auto culpa e autocondenação.

Essa etapa é exposta na publicação como um momento “doloroso”. Mais um “estímulo” ao indivíduo no que compõe o autoconhecimento como um estágio de autopreparação do “interior” para estar apto aos quereres do “exterior”. Consta como uma tarefa de redirecionamento de “olhar” e de expulsão de preocupação com o externo em efeito de ocupação com o interno. No entanto, essa volta é provisória, pois a

---

<sup>113</sup> “Nas formações em Coaching, a ferramenta do Autofeedback é uma das que causam maior impacto nos participantes. Ela nos faz olhar para nós mesmos o tempo todo, mesmo que esse exercício seja, em alguma medida, doloroso. Temos nos acostumados a estar voltados o tempo todo para o exterior, vemos e julgamos o outro o tempo todo. Nosso olhar está todo para fora. Voltar o olhar para dentro é um movimento que, no primeiro momento será incômodo e superficial, porque olhar para si mesmo é um exercício de uma vida inteira” (MARQUES, 2022, p. 208).

reorganização não é exclusivamente para si, serve a iminência de estar em equivalência com elos positivos.

As “perguntas poderosas” afiguram a performance de um exercício de condicionamento emocional. Uma “ginástica” supervisionada pelo método “*coaching*”, onde o detentor do método conduz os questionamentos com destino a percepção das respostas em um ato voluntário e solitário do *coachee*. O segundo passo é o da conscientização da responsabilidade individual. As soluções são o pretense pavimento da ação e o agrupamento da prática cotidiana em conquista das “metas” almejadas.

O encontro do *coachee* com as perguntas são o ferramental que justifica a presença do *coach* na perquirida publicação de JRM. O profissional a que se defende, é o “onisciente” capaz de dar o tom no modo de colocar o roteiro demandador no tempo “correto”. Mesmo diante da prescrição já determinada, a representação do tutor é a chave da passagem da condução acertada do indivíduo que receberá os meios prestes a constar em andamento síncrono com o contemporâneo.

Em alguns ensejos, blocos de perguntas e “testes”<sup>114</sup>, com objetivos específicos, aparecem no livro amarrados a ideia de qualificação do profissional conselheiro. O que virá das respostas não aparecem com tanta ênfase. Não surgem “estudos de caso” que explicitem o andamento do processo. As mesmas são tratadas na universalidade como a tendência de um método “testado e aprovado” com o selo *coaching*. As respostas ficam para a autoimagem do indivíduo que passou em auditagem.

Elas, as respostas, são a representação da “condução da conduta” insociável. A tentativa do encontro do indivíduo com a esfera positiva de si. Vende-se a inauguração da identificação da posse da “esperança prática”. Anseia-se a revelação de potencialidades por parte do indivíduo com destino à prontidão da concorrência. É o suposto encontro com a versão “neo” de si, com a competência de um contemporâneo igualmente “neo”. Almeja-se um estado de coerência, é a necessidade de constar como alguém que se “encaixa” no curso da vida do adulto produtivo.

---

<sup>114</sup> “Teste: tipos de personalidade” (p. 73 a 79); “Identificação do estilo de liderança” (p. 80 a 85); “Você, autor do seu próprio livro” (p. 112 a 117); “Avaliação do estresse de vida” (p. 166 a 168); “Auto avaliação com relação à sua comunicação” (p. 179 a 181); “Modelo de diálogo do processo de *coaching*” (p. 191 a 194); “*Feedback* 360° projetivo” (p. 202 a 205); “Auto *feedback*” (p. 209 a 212); “Psicodrama em grupos empresariais” (p. 232 a 233); “Roda da vida” (p. 237 a 242); “Meu plano de ação” (p. 255 a 258); “Projeto de vida” (p. 259 a 263); “Teste: tríade do tempo” (p. 268 a 270) (MARQUES, 2022).

O livro devota as “respostas” como a lente que faltava para o início do realizável individual. As “perguntas poderosas”, na acepção de JRM, são o dispositivo que aciona a identificação do indivíduo com o “desenvolvimento contínuo”<sup>115</sup>. Naturaliza-se essa condição com a marca cultural do “imediatismo” e na “proibição” da “dormência” individual. Em outros termos, “somos seres dotados de todas as ferramentas que permitem o crescimento diário...Porém muitos se utilizam de muletas ao invés de assumir para si as responsabilidades de sua vida” (ZAPAROLLI apud MARQUES, 2022, p.235).

As emoções e o trabalho emocional, envolta de “esperança prática” neste livro de JRM, corrobora a personificação de papéis ao lado de convicções. Destaca-se a descrição das “perguntas poderosas”, das respostas, do *coach*, *coachee* e *coaching*, como fundamentos necessários com margem a transformação do “ser”. O enredo para tanto, é armado na faculdade individualizada da “crença”. Como arrebatada em “verdade” o interlocutor:

Se você quiser um lugar por onde começar esse processo, comece esclarecendo e questionando suas crenças. Nós somos fruto daquilo em que acreditamos, dos valores que cultivamos e das habilidades que desenvolvemos. Nossas crenças direcionam nossa vida, agindo tanto como permissões quanto como proibições de nossas ações. Nossa identidade pessoal é, portanto, formada não apenas pelo que conhecemos intelectivamente, mas sobretudo pelas coisas nas quais acreditamos. Nós somos produtos de nossas crenças e elas passam a balizar nossa existência. Nossa identidade pessoal, nossa missão de vida e nossa meta para os próximos anos são caminhos que convergem para o mesmo ponto. Na pirâmide dos Níveis Evolutivos, somos convidados a pensar nos papéis que assumimos em nossa vida. Quais papéis você exerce? Pense que nossos papéis não são mero fruto do acaso, mas resultado de como construímos nossa identidade e como conduzimos nossa vida (MARQUES, 2022, p. 252).

Regressa-se ao indivíduo como o direcionador de sua “obra” movido em “crenças” que podem ser lidadas em auxílio. A demarcação posta à concretude do desempenho é o desfrute do indivíduo que “reclama” a mudança. Acusa-se a existência das crenças limitantes como causadoras da inadequação do tempo “neo”. Universaliza-se o potencial individual com a riqueza interna e existente a ser otimizada. Em outras

---

<sup>115</sup> “Com a globalização, a tecnologia, o imediatismo e a concorrência cada vez maior, alcançar e manter um lugar de destaque no mercado torna-se uma tarefa diária” (MARQUES, 2022, p.215).

palavras, “a escolha é sua: quer ser o diamante bruto ou lapidado?” (Marques, 2022, p. 302). Crença, JRM e TBC.

### 3.4 – Pressa, Soluções Transitórias e Instável em Progressão

O destaque à otimização do tempo em ação individual, representada na alegoria do TBC, atende a um transcurso social-cronológico que se depara com um estado de tempo presente no formato abreviado (ROSA, 2019). Configura-se, individualmente, uma vida roteirizada pela sensação de estar em permanente atraso, em outras palavras, por sempre constar em dívida com o eu da existência proativa. O contemporâneo revela uma vida posta em velocidade para atender a perspectiva pessoal de conseguir continuar.

A passagem do tempo presente, no recorte da recente modernidade,<sup>116</sup> foi remodelada em comparação com o presente vivido em contextos de tradição. À rotina de relações individuais, submete-se um modelo sociocultural que dinamiza as etapas correspondentes de atividades funcionais em um ritmo de vida em aceleração (ROSA, 2019). A percepção de falta de tempo, por parte dos indivíduos, é tida em verdade mesmo diante de tecnologias que substituíram afazeres cruciantes em gradação humana.

Naturaliza-se a tentativa de acompanhar a projeção de mudanças em continuidade com o compasso posto em tempo escasso. O ideal de futuro é antecipado em soluções no “agora” a ser praticado enquanto se apreende a utilidade da circunstância inaugural, que será ultrapassada, em novos contextos de inovação. Exalta-se esse processo como sinônimo de retidão moral para um estilo de vida em tempos de aceleração. Cultua-se o tempo corrido como forma de pertencimento a um novo modelo social.

---

<sup>116</sup> “Portanto, gostaria de propor, aqui, a seguinte definição: uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir a sua estrutura. Assim, a tríade crescimento, aceleração e adensamento de inovações deixa-se compreender enquanto dimensão temporal (aceleração), material-factual (crescimento) e social (adensamento de inovações) de um único processo de dinamização, que, por sua vez, pode ser definido como aumento quantitativo por unidade de tempo” (ROSA, 2019, p. XI).

Nessa esteira, explicações a dúvidas que emergem como incessantes na presença de um alicerce que é estável na constância do movimento, extenua-se o entorno do auxílio tutelado em esperança prática no ritmo de uma previsibilidade, similarmente, afeita a conversão. Perguntas e respostas “poderosas” repetem-se ao andamento de uma cultura que providencia o agilizar fortuito perante a permanência do instável em progressão. Mais uma vez, o TBC anuncia um *ethos* em “reverência” ao que está dotado de aceleração.

Excede-se uma compulsão por soluções mais rápidas para constar fazendo parte de uma cultura que eleva o imediato ao acordo de um comportamento aceito. Nesse sentido, ultrapassar o próprio desempenho vigente é rotina esperada no fluxo de adaptação para a velocidade de transformação pautada. Concebe-se a temática de continuar apressado para ultrapassar a si mesmo e a se desafiar em periodicidade para estar em fluxo.

Nesse processo, a esperança é revisitada como forma de procedimento utilitário para o auxílio do movimento para a transição. Mas a mesma é configurada na forma “prática”, em outros termos, também é dotada com as características de contraposição ao efeito de inércia. É a esperança como ação de mobilidade e que deve ser revigorada conforme os novos impulsos de mudança de ritmo creditada. A lógica posta é acompanhar o presente que é portado de instabilidade.

Impera-se, individualmente, com uma realidade de escassez do tempo de ocupação de vida e na relação com o futuro a ser alcançável. A “pressa” individual vai ao encontro da noção de poder, ao menos, não ser ultrapassado por um contínuo que avança na forma acelerada (ROSA, 2019). Para as possíveis lacunas de estagnação promove-se mais uma vez a esperança prática mesmo para cenários que em pouco se modifiquem. Subjetivamente, o agir em esperança, reprime a autoimagem do fracasso em potencial.

O horizonte sociocultural, formado objetivamente por inovações estruturais em escala tecnológica, reforça o obsoleto como parte de um tempo que se modifica enquanto valores sociais e pressiona o ritmo de vida em aceleração ao determinar, simbolicamente, a lógica de “fazer mais em menos tempo” (ROSA, 2019). Caracteriza-

se a “asfixia” temporal em partilhar coletivamente o medo individual de “não constar” em contextos<sup>117</sup> que se anunciam em velocidade.

A integração social e o reconhecimento do pertencer individual na perspectiva de Hartmut Rosa (2019) é acionado por um contemporâneo determinado em aceleração do ritmo de vida. O trajeto vivenciado em rotina compartilhada é a experiência das relações em velocidade. Aproxima-se, assim, uma faceta concorrencial que requisita a disputa transformadora de estados desejados, acionando a salvaguarda da esperança prática e utilitária.

Aos excluídos deste processo, dessincronizados do ritmo de aceleração sociocultural, seja na perspectiva da “seleção social” imposta ou justificada nos critérios concorrenciais pertencentes ao mundo do trabalho, a cultura de autoajuda apresenta auxílio em interlocução incorporada nas saídas de responsabilidade individual e em expectativa de esperança prática. Anuncia-se que a mutação para acompanhar o mundo existente é possível. Da mesma maneira, aos que são auto interpretados como aptos a continuar a “corrida” cultural, exprime-se a renovação esperançosa.

O poder despertado, as perguntas e respostas poderosas e a esperança posta em prática são lidos como pertinentes ao encontro de um contexto, similarmente, oportuno de transformação no modelo que empurra aceleração. A interlocução acionada reverbera, também, a “pressa” em obter os artifícios “substanciais” para o convívio em um mundo “bem-vindo” em velocidade<sup>118</sup> maior. “Correr” é melhor do que ficar “parado”, pois representa a adequação de um propósito contemporâneo em rivalidade.

O tempo presente, composto por eventos em multiplicidade e na estada de concorrência, é recortado em intervalos de tempo de vida ou tempo de trabalho cada vez mais “apressados” (ROSA, 2019). Condiciona-se a celeridade como um efeito natural do contexto atual que adota o diálogo do objetivo com o subjetivo em aspiração para o

---

<sup>117</sup> “Indivíduos e Estados nacionais tornaram-se lentos demais para a velocidade das transações da Modernidade Globalizada; educação política e direito não conseguem mais acompanhar o passo das “evoluções do tempo corrente”. Ao mesmo tempo, grupos quantitativamente grandes, porém marginalizados, no chamado “terceiro mundo” – e também nas sociedades industrializadas – se tornam “dessincronizados”, de forma que se tornam excluídos de inovações estruturais e culturais determinantes” (ROSA, 2019, p. 41).

<sup>118</sup> “A aceleração do ritmo da vida compreende, assim, tanto um aumento da velocidade agregada da ação quanto a transformação da experiência temporal da vida cotidiana” (ROSA, 2019, p. 240).

ideal de se manter atuante. Cogita-se a substituição contínua de si como forma de adaptação ao novo que se aprende a desejar.

A recorrência de aparição de um contexto sociocultural inaugural e de novos estímulos para continuar o fluxo de vida acelerado, recria a responsabilidade individual de ajuste imediato a novas ofertas<sup>119</sup>. Estimula-se o inovar individual para seguir ao menos em mesmo patamar anterior, ou seja, o empreendimento de não ficar parado para não retroceder. É uma estagnação com a percepção do movimento que objetiva avançar ao estimulado socialmente. Na análise de Hartmut Rosa,

O medo de perder oportunidades (valiosas) e, daí o desejo de elevar o ritmo da vida são, como demonstrarei no capítulo VIII. 2, o resultado de um programa cultural desenvolvido na Modernidade que consiste na ideia do “gozar aceleradamente as opções do mundo” – isto é, aumentar o índice de experiências – para que cada um possa fazer de sua vida algo mais pleno e rico, realizando assim, um ideal de “boa vida”. Nessa ideia está contida a promessa cultural da aceleração. Ela tem, por consequência, o fato de os sujeitos desejarem viver mais rápido (2019, p. 268).

Esse programa cultural, onde se insere de mão dadas a cultura de autoajuda, extenua a correspondência do indivíduo veloz para se viver mais de uma vida em uma só experiência, ao mesmo tempo que se dispõe a prontidão para a concorrência com os pares que, similarmente, estão em ritmo frenético. Alcança-se a disputa em elo com a vontade de ir ao compromisso de oportunidades que aparentam ser múltiplas. Nesse cenário, otimizar a forma de viver é a conversão almejada.

Com essa emergência, a esperança prática é o recurso emocional a ser adquirido, treinado e com utilização em ordem momentânea para o proveito das passagens de vida em aceleração. É um instrumento para a corrida na perspectiva de uma chegada simbólica que se caracteriza na valoração do novo. A crença na esperança, anteparada objetivamente, preconiza a disciplina subjetiva para o reexame das condições que poderão produzir o aumento do desempenho.

---

<sup>119</sup>“Igualmente responsáveis por isso são, por um lado, uma quantidade crescente e complexificante da oferta de mercadorias e serviços, e, por outro, a desregulação, a flexibilização e desrotinização de práticas de ação. Sua consequência é que os processos de decisão em vista das diferentes opções que surgem em cada vez mais momentos de realização da vida e na prática cotidiana, se tornam cada vez mais complexos e com isso, consomem mais tempo, pois as consequências (interação) das decisões tomadas tornam-se incomensuráveis, forçando uma aquisição e elaboração de informações cada vez mais trabalhosa” (ROSA, 2019, p.248).

Reconhece-se, no modelo cultural adotado, a coerção temporal em uma lógica assertiva ao agrupamento do que se representa como a conquista de sucesso. Ter abundância de tempo estampa o desperdício de experiências não aproveitadas no jogo da concorrência posta. Expor o desprovimento temporal funciona como uma espécie de “cartão de visitas” para a apresentação da melhor versão de si. O indivíduo é exposto a um ritmo em precarização existencial<sup>120</sup> com a crença na decisão acertada.

A vida mais rápida é para a entrega e recebimento de resultados, também, mais rápidos. O contemporâneo organizou a otimização do tempo como uma postura “saudável” a ser praticada pelo indivíduo. Elogia-se os que optam por uma trajetória que anuncie a prestabilidade veloz no radar da disputa consigo e com outrem. O estado de atenção é uma característica inflacionada no estado presente. O ritmo se intensificou na vida, na concorrência, e, como consequência agregada, na esperança colocada em prática.

Sustenta-se que acumular experiências em aceleração é estado fortuito para o crescimento pessoal e aquisição de memórias, que geralmente não serão acionadas em virtude da lembrança inexistente (ROSA, 2019). O fundamento erguido de conduta moral é pautado na atitude individual de proceder a tentativa de continuar em aceleração. A plataforma cultural, na forma objetiva, impulsiona essa atitude em regras de sentimento, da mesma maneira que a cultura de autoajuda pauta a “proteção” utilitária ao ser.

Protege-se, enquanto deferimento de vínculo, ao se poder contar com uma instituição que providencia o convite ao indivíduo para fazer parte de uma coletividade “transformadora” e que é avizinhada por um ambiente de individualização e aceleração social. A cultura de autoajuda predispõe a assistência do comportamento individual em

---

<sup>120</sup> “Episódios de experiência curtos, repletos de estímulos, mas isolados entre si, isto é, que permanecem sem ligação interna, alternam-se rapidamente, de modo que, em certa medida, o tempo dispara em “ambos os fins”: ele passa rapidamente durante aquelas atividades que são percebidas enquanto breves (e muitas vezes enquanto estressantes), deixando a sensação porém, retrospectivamente, de ter sido “contraído”, como se dias e anos tivessem voado, nos dando a sensação de mal ter vivido, embora já possamos ser velhos. Vivemos, então, por assim dizer, (objetivamente) mais e (subjetivamente) menos ao mesmo tempo. Índícios objetivos de que, na sociedade presente, o tempo, em retrospecto, parece ter transcorrido mais rápido do que o esperado, são apresentados em uma pesquisa empírica de Michael Flaherty, na qual 366 analisados de três grupos etários que deveriam responder sobre o quão rápido o último ano passara, registrando sua opinião em uma escala pontuada de 1 (para muito devagar) a 5 (para muito rápido). A média das respostas resultou num valor de 4,216, ou seja, entre rápido e muito rápido” (ROSA, 2019, p. 289-290).

presunção de uma comunidade que se pode “contar”, identitariamente, para continuar em preparação para a vida rivalizada. Em contrapartida um contemporâneo que aciona o pertencimento “quebradiço”. Como tece Rosa,

Em sociedades tradicionais, com baixos índices de transformação, os indivíduos se encontram definidos por estruturas preexistentes e perenes, de modo que são definidos por identidades “intrageneracionais”, enquanto na sociedade tardo-moderna, identidades individuais estáveis e que se orientam pela duração não conseguem resistir ao elevado ritmo de transformação, e são, por assim dizer, “rompidas”, de tal modo a surgir uma “sequência identitária intrageneracional” (ou intrapessoal)” (ROSA, 2019, p. 298).

A cultura de autoajuda formaliza o amparo comunitário para a responsabilização individual. Propõe vínculos, em acordo tutelado, de uma preparação que disponha a orientação necessária para o ambiente de competição. Organiza-se um “refúgio” gregário para tempos de estímulos individuais em ritmo de aceleração para soluções transitórias. Recorre-se ao paradoxo de um espaço de abrigo na conjunção associativa em predisposição de “antagonismo” individual.

Gerencia-se a administração para formas de existência que determinam a flexibilidade do ser em decorrência das renovações singulares na busca de assertividade acelerada. Nesse propósito, a identidade individual é posicionada em um contínuo de perguntas e respostas “poderosas” para preencher as vicissitudes da vida mutável. O TBC ou a esperança prática envolvem a dinamização para além do que os indivíduos fazem ou precisam, mas justifica-se no que é condizente com a sua autoclassificação.

Em proporção ao ritmo de aceleração da vida, prescreve-se a ação, similarmente, veloz, individual e acompanhada por diretrizes de motivação de um futuro em aberto. Marca-se a ideia em não se dar ao direito da perda de oportunidades existenciais em função de um tempo que é operado em escassez. Ergue-se a ação para o combate do retrocesso individual que pode ser irreversível ao não se compatibilizar com o ritmo das variações ditado. A ameaça envolta é de sempre ter que se recuperar uma perda para a existência.

Esforça-se em constância por respostas<sup>121</sup> para a tentativa de ocupar o próximo estágio de mudança. Projeta-se a realização de uma vida em episódios de oportunidades para não serem perdidas. Viver em esperança prática, também em compasso acelerado, é uma estratégia postulada para abarcar o tempo presente em todas as suas capacidades. “Quem vive duas vezes mais rápido pode concretizar o dobro de possibilidades terrenas, alcançar o dobro de objetivos, realizar o dobro de experiências e acumular o dobro de vivências; quem assim o faz dobra o seu grau de opções terrenas” (ROSA, 2019, p. 367).

A intensidade de perguntas e repostas, a título de “poder”, correspondem a pretensa ocupação de um cenário a ser habitado em um tempo de vida que se “insinua” escapar. Em comunhão, se estende a utilidade, enquanto “motor” para o “acelerar”, da esperança prática traduzida no aconselhamento materializado do simbólico TBC. Com a integração de ferramentas dispostas, passa-se ao trabalho de transferência de obtenção do resultado de transformação a ser conquistado individualmente.

A conclusão de um contemporâneo pautado no episódico-veloz e não linear ao sujeito atuante, não define, por meio das experiências ofertadas, quem é o indivíduo em critérios de identidade. Não deixa claro onde se insere o lastro de pertencimento na variedade de fluxos de renovações postas em exigência e de maneira acelerada. Nessa lacuna, a variável esperança prática, forjada na cultura de autoajuda, se faz estampar em uniformidade com um sociocultural que desencontra o indivíduo da procura.

O tempo presente não “prende”, apesar de “encurtado”, o indivíduo em mudança acelerada a um único caminho, ao contrário, “empurra” em ritmo não sequencial e acelerado para acompanhar uma chegada a um contexto futuro que se prevê como hesitante. A auto compreensão dos indivíduos é estimulada ao mesmo tempo que ameaçada na própria velocidade da substituição impressa e assistida por uma fatura de circunstâncias que solicitam a presença do indivíduo em algum espaço da estrutura remodelada.

---

<sup>121</sup> “A sociedade tardo-moderna se caracteriza, em contraposição à “Modernidade Clássica”, por um aumento das incertezas e contingências provocado pelo impulso aceleratório tardo-moderno aqui identificado, em relação ao qual praticamente todos os diagnósticos do tempo são unânimes. Assim, impõe-se a conclusão de que a moderna necessidade de segurança é afinal sacrificada à escassez de tempo da necessidade de aceleração” (ROSA, 2019, p. 361).

À vista disso, a esperança é prática e deve ser praticada para a assunção de um TBC incessante na rotina que desconhece a sequencialidade<sup>122</sup>, no entanto, aumenta a densidade da sua expectativa de observância por parte do indivíduo que concorre. Por conseguinte, o “poder”, de perguntas e respostas, contrai sentido e significado com direção a auxiliar a tentativa da continuidade de existir nesses termos. Conforma-se a proposta de uma execução hermenêutica com o objetivo de apropriação de vínculo sociocultural.

O ponto de encontro é o “poder” da flexibilidade de perguntas e respostas, com um parâmetro de identidade individual, ao mesmo tempo, não mais imobilizada. Vincula-se expectativa e ocorrência, em prontidão de um tempo presente que se complexificou, no que se pode citar como quantidade de eventos possíveis de serem vividos, como destaca Rosa (2019). Prevalecem as “respostas” que se aproximem de uma prevalência em pauta situacional.

Para tanto, a cultura de autoajuda, em termos de estímulos à esperança prática, se vê ao mesmo ritmo de aceleração. Rompem-se novas respostas, técnicas e métodos na brevidade do estágio de seu desuso. Cumpre-se o mesmo fundamento de acompanhar o entendimento de um tempo presente que não espera e que exige fugacidade por parte do ser. Mais uma vez é o indivíduo que “não pode deixar de constar” em um mundo operado pela “oscilação” e que recorre a uma variável, que aparenta o compreender de si, nessa junção.

Promove-se a esperança prática, sincrônica, com as informações céleres de autoajuda, para a aferição, diacrônica, de se manter em curso no processo sociocultural em movimento. Estimula-se o “entendimento” dos impulsos situacionais para a formação biográfica num tempo presente e atravessado de maneira flexível. Motiva-se

---

<sup>122</sup> “O que há de novo nessa situação é, portanto, tanto a progressiva dissolução dos “clusters” nos quais características identitárias ocorrem, com grande probabilidade, juntas – gerando uma diferenciação das situações particulares de vida -, quanto a perda da previsibilidade do desenvolvimento biográfico após uma decisão individual em um âmbito específico da vida. Pois revisibilidade não significa, aqui, temporalização da identidade pessoal; quem alguém é não pode ser inferido por meio de um modelo de ordenação cultural e social determinado pela tradição, que o transmitiu por várias gerações (como no período pré-moderno); porém também não pode mais ser determinado a partir de uma apreensão da vida como um todo (como na Modernidade Clássica); mas depende, antes, do específico ponto no tempo no qual alguém se encontra no decorrer da vida. A identidade se torna, assim, transitória, ela se transforma numa velocidade intrageracional” (ROSA, 2019, p. 468).

no exercício de poder compor uma rotina de atividades que cumpram expectativas de um pertencimento em transformação ininterrupta.

A esperança prática expressa a determinação de uma “identidade situacional” (Rosa, 2019) que é construída em turnos momentâneos e modificada, similarmente irrefletido, a depender dos estímulos socioculturais para uma biografia adaptável. O que se correspondia como a personalidade de alguém, como inerente a um ciclo inteiro de vida, corrói ao tempo de uma recente alteração para se refazer em importância. Despertencimento, prática e esperança. Deste cumprimento,

No ambiente altamente dinâmico da Modernidade Tardia, projetos identitários orientados para estabilidade se apresentam como um anacronismo fadado ao fracasso, enquanto forma de identidade baseada em flexibilidade e propensão à mudança são sistematicamente favorecidas. Em compensação, projetos identitários que possuem uma relação afirmativa e constitutiva para com a ideia de mudança constante se tornam forças propulsoras para a aceleração do ritmo da vida e da mudança social (ROSA, 2019, p. 489).

Entoa-se o “planejamento” do agora para o entendimento imediato do aumento de episódios que configuram pressão temporal à passagem do ser na relação consigo, pares e instituições. Na “desordem” da identidade situacional, a cultura de autoajuda apresenta a “ordem” da esperança prática protagonizando o indivíduo em acolhimento. Entrosa-se uma “pausa” prévia para continuar acelerando, entretanto, em agremiação tutoreada.

A compulsão por “pressa” é genuína com um prevalecer sociocultural que acelera por crescimento econômico, que se justifica veloz por impulsos de eficiência e onde se almeja ser rápido em função da valoração do recente. A esperança prática se solidariza com um tempo em descarte e que gere o esgotamento de (re)criação de laços duradouros/profundos entre pares que se reconhecem em concorrência. Identidade situacional, autoajuda e acolhimento.

### 3.5 - Padrão Mental, Estado Consciente e Zona de Bem-Estar

Com a perspectiva de submeter mais uma leitura de JRM, especificamente como objeto da pesquisa, entrei em contato com uma central de atendimento e de vendas do

IBC para confirmar a existência do livro<sup>123</sup> na sede física e o horário de funcionamento do local para a aquisição do mesmo. Fui informado, contrariando a indicação do “consultor de vendas” que conversei em uma visita presencial anterior, da inexistência da comercialização de livros nos prédios físicos da instituição. Qualquer amostra só poderia ser obtida, virtualmente, no portal do IBC.

Ao término da exploração, alguns pensamentos me levaram de volta aos exercícios de meditação, às representações da responsabilidade individual e a crença no poder de “si” testemunhados no DSP. A análise de um novo título de JRM (2019), “Seja a solução dos seus problemas: aprenda a mudar sua percepção do mundo e se prepare para os obstáculos da vida”, ambienta mais uma vez a presença decisória e individual para a construção de um destino desejado e carrega a “inércia” como o obstáculo de um tempo, na perspectiva trazida, que só existe no presente.

No livro, uma pergunta é responsável pelo diálogo franco e aberto com o leitor e produz o andamento das ideias propostas, ao mesmo tempo que tece a justificativa para os ordenamentos traçados. O interlocutor indaga se “você prefere ser parte do problema ou parte da solução?”, como o ponto fundamental da “orientação” impressa. Os escritos iniciam com a “revelação” de que a resposta está alocada no interior de cada ser e que o impulso terminante<sup>124</sup>, para os melhores arbítrios, se deve a ação individual.

JRM, se auto referencia, na publicação em destaque, como um “formador de pessoas” que é dotado das direções<sup>125</sup> a serem apreendidas para um novo enfoque na absorção de problemas individuais a serem vivenciados. Correlaciona-se a explicação de que cada ser é constituído de uma “verdade interior” posicionada, enquanto “energia”, por dois estados de padrão mental, a saber, um de “sofrimento” e outro de “equilíbrio”. Respectivamente, determinam e traduzem a personalidade negativa e positiva diante dos problemas.

---

<sup>123</sup> Durante o DSP era um exemplar citado entre as pessoas da fila, foi narrado no palco, por JRM, a venda de quatro milhões e setecentas mil cópias até aquele momento e muito manuseado na loja improvisada da “imersão”.

<sup>124</sup> “Quero lhe dizer que você pode ser parte da solução dos problemas, e isso é uma decisão sua” (MARQUES, 2019, p. 17).

<sup>125</sup> Neste livro, não darei conselhos, porque se começássemos assim talvez você rejeitasse minhas palavras. Quero compartilhar com você – a partir das minhas décadas de experiência como empresário e estudioso, mas, sobretudo, como um indivíduo que convive intensamente com uma diversidade de pessoas – conhecimentos e atitudes que ajudaram a mim e aos meus a conseguir uma vida mais focada nas soluções do que nos problemas (MARQUES, 2019, p. 16).

Ocasionalmente, interroga-se, por meio de “provocações” questionadoras<sup>126</sup> e diretas ao leitor, o “estado da alma” que cada um se encontra, seja em estabilidade ou em tormento. As perguntas acompanham o raciocínio de que problemas recepcionados em sofrimento terão o desfecho de um contínuo de perda de tempo tanto para a solução como para um decurso de vida desaproveitado. JRM insere que:

Desperdiçamos muito tempo no estado de sofrimento. Esse tempo e essa energia perdidos poderiam ser investidos em projetos e realizações pessoais. Gastamos tempo demais quando estamos ansiosos e sofrendo. Perdemos tempo nos preocupando com coisas que estão além do nosso controle (MARQUES, 2019, p.38).

Manifesta-se que problemas interpretados a partir do “estado de sofrimento”<sup>127</sup>, entendido como uma condição “interna” do indivíduo, cultivam uma sabotagem voluntária e ininterrupta que deve ser transformada em linha com uma “reprogramação mental”. Alude-se, a este efeito, a capacidade individual em abandonar uma postura “negativa” diante dos acontecimentos e adotar uma recente “vontade cognitiva”, que por sua vez, é elevada em condição de assertividade para a conversão do sofrimento em equilíbrio.

Recomenda-se, para este “rito” consciente de transição, a crença no uso da linguagem auto interpretativa que reforce a “si”, uma imagem que não interprete o problema como “obstáculo”, e, sim, na perspectiva de uma oportunidade em deter a experiência da solução. Nomeia-se a atitude individual como a responsável pelo

---

<sup>126</sup> “De onde vem essa carga de sofrimento que, algumas vezes, se torna tão pesada que a vida chega a perder o significado?” (p. 18); “Não há uma forma de nos acostumarmos mais com as soluções do que com os problemas?” (p.22); “Que problemas o afligem hoje?; “Eles são reais?” (p.24); “É verdadeiramente um problema? Ou é uma percepção sua que, em forte carga emocional negativa, torna-se, na sua óptica, um problema?” (p.29); “ De que estado mental você me lê/ouve agora? O que eu digo está fazendo sentido para você?” (p.36); “E como fazer para deixar o estado de sofrimento em equilíbrio?”; “O que falta para você verdadeiramente se tornar a solução para os seus próprios problemas? Será falta de valorizar a si mesmo? Será que você se sente preso a memórias do passado? Será que alguém o convenceu de que não é merecedor? Ou acostumou-se tanto ao sofrimento e ao drama que acredita não ser capaz de enxergar a vida de outra forma?” (p.38-39); “Quero apenas convidá-lo a pensar sobre si mesmo. Será que isso é uma “conversa fiada” ou será que você prefere continuar duvidando da sua capacidade?” (p.41-42); “Qual o seu maior medo?”; “Que ferramentas você vai usar para lidar com ele?” (p.58). “Quais foram os três momentos mais terríveis da sua vida?” (p.145); (MARQUES, 2019). Estas questões, listadas acima, exemplificam alguns direcionamentos dado pelo interlocutor, no entanto, não totalizam as existentes no livro em questão.

<sup>127</sup> “O estado de sofrimento não é um acontecimento ao acaso, mas uma escolha mental na maioria das vezes inconsciente, claro, mas que vamos cultivando durante a vida” (MARQUES, 2019, p. 34).

desígnio adiante, seja para a solução ou a permanência no incômodo exacerbado pelo ser.

Joga-se que a linguagem que se faz uso para descrever a si mesmo, sem intermediários até então, é chave de entendimento da existência perturbadora<sup>128</sup> ao mesmo tempo que se torna, similarmente, em capacidade transformadora se “adequada” em função propositiva. Dispõe-se o exercício da linguagem, em afirmação auto descritiva, como protagonista para a obtenção de uma postura ativa perante o estado de desequilíbrio. O aproveitamento da fala é destinado, na perspectiva da função de solução, como assunção de um papel ativo de encontro aos problemas.

Legitima-se a linguagem como a constituidora do indivíduo na relação consigo, com outrem e com circunstâncias socioculturais. Aciona-se, na percepção da mesma, a imagem tanto simbólica quanto existencial do ser, ou seja, é responsável por cultivar a pessoa edificante ou a que fracasse para a solução de problemas. Para este dilema, o fiel da balança proposto é narrar virtudes que construam uma nova verdade capaz de gerar a crença esperançosa ao próprio indivíduo.

Espera-se a mudança de atitude pautada no imediato, já que o problema, a solução e os fatos existentes se fazem do tempo presente. É nesse recorte temporal que se sugere aprender, planejar e ao mesmo prazo executar a mudança. Enumera-se que a transformação não se tange no futuro, ao contrário, a esperança é para ser utilizada no instante para a capacidade de adequação. Nesse sentido, reforça-se a existência da “cultura da inércia” como *ethos* a ser reprovado.

Conserva-se a esperança prática e súbita em exigência de adaptabilidade ao contexto presente e em estado de prontidão do ser. “Pois bem, a estagnação é o avesso da vida. A inércia é a antívida” (MARQUES, 2019, p. 173). O que se propõe é a ação individual<sup>129</sup> em interação com o problema, interpretado como um evento em solução. Pactua-se o entrosamento com os desafios externos, ao julgo da efetividade emocional, posicionado como determinante para a escolha de parar ou continuar.

---

<sup>128</sup> “O fato é que, quando nos acostumamos a contar a nossa história com foco no sofrimento, na tristeza e na escassez, passamos a acreditar que essa é a nossa verdadeira história e aos poucos nos tornamos incapazes de contá-la a partir de outro viés” (MARQUES, 2019, p. 47).

<sup>129</sup> “Agir diminui a carga de dor, porque sua mente está ocupada demais pensando em como prosseguir. A inércia aumenta a dor, porque você se deixa consumir por ela” (MARQUES, 2019, p. 199).

Esboça-se, ao leitor, a necessidade concomitante de encontrar a especificidade de uma intitulada “verdade” interior. É a datar dessa tomada de consciência que se dá a formação dos estímulos que garantem a resolução de problemas advindos. Constitui-se, assim, a força para a criação de uma história de vida em caráter de exclusividade. Dá-se importância a esta preparação de si com o advento de potencializar o principal foco da existência.

Sucedese que “é preciso crer que nós nascemos para gerar resultados, e esse deve ser o nosso principal foco como indivíduos. Independentemente do que isso significa para você e para a sua história, este é um dos nossos propósitos mais importantes para todos nós” (MARQUES, 2019, p. 130). A identificação em “espelho” esperançoso deve ser adotada em profundidade e com o compromisso no autoconhecimento contínuo e na salvaguarda tutelar. Estado da alma, esperança instantânea e solução.

Postula-se que, por parte do indivíduo em preparação para a mudança, a convicção e a receptividade treinada para ser o “criador de si mesmo” (MARQUES, 2019), facilita o enfrentamento de adversidades que são encaradas como fazendo parte de um expediente de solução. Essa destinação, em crença, é possível em função de um “arranjo” interior de emoções que se entendem como pertencentes ao recorte subjetivo de equilíbrio do indivíduo.

As orientações estruturadas na dualidade sofrimento-equilíbrio não dispensam o medo enquanto sentimento humano a ser compreendido e, em segundo movimento, banido. Divulga-se que: “não importa qual seja o seu medo, se falar em público ou iniciar um novo projeto, chega um momento em que você precisa resistir e encarar essas situações. Se estiver com medo, vá com medo mesmo!” (MARQUES, 2019, p.57). Encoraja-se a tomada de soluções para o enfrentamento, que aloca a responsabilidade exclusiva de tal característica ao indivíduo.

As emoções são tratadas por meio de um significado específico, estado concorrencial, e no sentido de condicionar o indivíduo no aprendizado da esperança prática em ares de instantaneidade. Não se busca o equilíbrio no intento de beneficiar

impassibilidade ao assistido, dito de outro modo, persegue-se esse status emocional<sup>130</sup> para o empreendimento de solução de problemas. O movimento, similarmente, ocupa significado no trato das emoções individuais em dispor o ritmo de vida em adaptabilidade.

O estado de equilíbrio, a compreensão de si como parte da solução de problemas adversos e a auto responsabilidade são interpretados no livro como sinônimos de amadurecimento pessoal. Transparece-se que ao alcance destas, no ideal catalogado, “os resultados extraordinários” são oportunizados de forma “natural”. Desta feita, não existirá, aos “modificados”, problema vultoso que não se possa assumir na perspectiva da solução.

Por outro lado, aos que se encontram em estado temerário, recomenda-se que: “se você não estiver se sentindo seguro quanto ao controle da sua vida, caro leitor, eu o convoco neste exato momento a dizer para si mesmo: “a responsabilidade é minha! Eu sou o autor da minha história!” (MARQUES, 2019, p. 84). Trabalha-se a ideia de “procrastinação” em seara do injustificável por parte do leitor assente, pois, revela-se que está entregue aos olhos dos mesmos o caminho do recomeçar.

A fuga de um problema é posta como “imperdoável” e caracteriza a ausência de energia<sup>131</sup> pessoal. Conserva-se, em verdade, a mudança do “padrão mental”<sup>132</sup> em objetivo comum aos que “devem” perseguir o abandono voluntário do sofrimento em estado subjetivo e dar anuência ao estado de equilíbrio em tomada solitária de decisão. Entendido como significativo no DSP, para o estado de transformação, similarmente a partir da página 193<sup>133</sup> do objeto em questão, se encontra o exercício orientado de uma meditação.

---

<sup>130</sup> “Meu principal papel como *coach* nas minhas formações é exatamente este: criar os contextos necessários para que as pessoas manifestem os seus milagres interiores” (MARQUES, 2019, p. 123).

<sup>131</sup> “Ao mencionar energia, estou falando de ânimo, motivação, desejo, força, pessoas desligadas de si e do mundo, dispersas e preguiçosas tem problemas com a energia pessoal. É preciso ser uma usina, gerando e distribuindo energia, senão a vida fica cada vez mais lenta e desinteressante” (MARQUES, 2019, p. 123).

<sup>132</sup> “Mudar padrões mentais é a atividade que vale 1 milhão de reais” (MARQUES, 2019, p. 160).

<sup>133</sup> No trecho final da mesma se depreende: “Você acabou de descobrir que ser grato significa entender que você é parte de algo maior, significa que você precisa demonstrar que compreende e se alegra por isso. Sendo parte do ambiente ao seu redor, toda a luz vibra de você para o mundo e do mundo para dentro de você. Aos poucos você vai se concentrando de novo na sua

Integra-se, diante dos “acessórios” ofertados, que todo problema depende da perspectiva confessa. Culmina-se que a dor dos mesmos não está no fato em si, mas nos indivíduos que se encontram em estado de sofrimento. O ato individual de recomeçar, para “ser parte da solução”, é estipulado na compreensão do monopólio de autoria da própria história acompanhada de esperança prática para a chegada acelerada em estado de equilíbrio. Indica-se, assim, um empreendimento de adaptabilidade e auto reponsabilidade.

Para tanto, a saber de si, a auto avaliação é norma de conduta atenta para a manutenção do estado de equilíbrio. Preceitua-se o diagnóstico da condição individual para a continuidade de um ritmo de vida em competição. O “bem-estar” é poder, simbolicamente, acompanhar esse processo com a sensação de superação dos problemas com a marca de ser a solução dos mesmos. Na compreensão do interlocutor:

Leveza é sinal de que agimos no sentido certo e não nos omitimos. Peso é a sensação de que nos intoxicamos e não evoluímos. Desejo que você não chegue a essa conclusão sobre si mesmo. Mas caso chegue, a decisão da mudança é exclusivamente sua. O que você vai fazer diferente agora para ser cada dia mais parte das soluções do que dos problemas? (MARQUES, 2019, p. 202-203).

A técnica apresentada para o “alívio” individual na relação com problemas, condiciona a mudança do padrão mental como o destrave necessário para a aquisição de um “espírito” de prontidão. Impõe-se a responsabilidade de se adequar a um ritmo de competição, onde sugere-se que expor o melhor de si é recurso de “sobrevivência” pessoal. O estado de equilíbrio é para o núcleo da personalidade em aceleração e o intuito de fazer parte da solução, é para afastar a dor de si.

São instruções para uma passagem de vida que se possa recorrer em seu trajeto às zonas de bem-estar (HAN, 2021). A cultura de autoajuda, em diferentes produtos, do livro à imersão, se propõe a esta representação bem como reforça, a característica de relações sociais que refutam a dor como um estado negativo e promovem um propósito que corrobora a ideia de que uma vida em plenitude é uma vida em estado de positivação. Fugir do contato com qualquer tipo de sofrimento é uma obsessão de uma cultura onde os pares concorrem.

---

respiração... Você sente o globo de luz se dissolver no mundo... Você olha por cima do livro e vê o que está à sua frente...” (MARQUES, 2019, p. 195).

As “leis” da cultura de autoajuda, em correspondência com o contemporâneo, são o estímulo a qualquer preço individual para ser “feliz”. Fabricam-se ordens diretivas para afugentar as dores humanas com o emprego para otimizar a performance da presença concorrencial em uma sociedade positiva (HAN, 2021). Trabalha-se com o ideal da resiliência como a representação individual que atesta a ida voluntária de encontro a dor que precisa ser disfarçada. Intitula-se a ausência de sofrimento como um direito prévio, no entanto, a ser conquistado em garantia, na ação individualmente isolada.

Em um sociocultural que ergue a bandeira da alta produtividade, do desempenho e que preza o resultado individual da recente conquista, a dor em estado de sofrimento estampa uma marca de fraqueza, onde não se aceita a lamentação individual como justificativa. Deste modo, para a busca de uma transformação individual<sup>134</sup> em uma base positiva, o estado de sofrimento em dores expostas se torna um empecilho a ser corrigida em esperança prática.

“Ser a solução dos seus problemas” difunde a “certeza” de que cada indivíduo deve se ocupar exclusivamente do seu estado de equilíbrio, contando desta forma, e, exclusivamente, com uma “comunidade” que contempla o auto ajudar. A solidariedade não é atestada na relação do indivíduo com os pares sociais, ao passo que o estado de concorrência embaraça essa finalidade e conduz a uma vinculação entre o indivíduo e a instituição que o tutela no aprendizado da esperança prática.

O excesso dessa última, voltada ao desempenho na competição consigo e com outrem, sobrecarrega o indivíduo que é, similarmente, desencorajado a exposição humana daquilo que o afeta em estado de tormento. “Esconder” o sofrimento em espaço público é estratégia de conservação que se cultua em zonas de bem-estar como o recinto comunitário a que se possa contar. O equilíbrio, nesse caso, é suportar a quantidade de “estimulantes” para a prática acompanhada de esperança.

---

<sup>134</sup> “A positividade da felicidade reprime a negatividade da dor. Como capital positivo, a felicidade deve garantir uma capacidade para o desempenho ininterrupta. Automotivação e auto-otimização fazem o dispositivo da felicidade neoliberal muito eficiente, pois a dominação se exerce sem nenhum grande esforço. O submetido nem sequer tem consciência de sua submissão. Ele se supõe livre. Sem qualquer coação estranha, ele explora a si mesmo, crente de que, desse modo, ele se concretiza. A liberdade não é reprimida, mas explorada. Seja livre produz uma coação que é mais dominante do que seja obediente” (HAN, 2021, p. 26).

Emprega-se uma “rota de fuga” em caráter de acolhimento e que gera uma associação de “iguais” como um atenuante. Para Han (2021), a vida em estado de positividade fornece um “inferno de iguais”<sup>135</sup> que por se encontrarem neste seguimento não conseguem tecer uma reflexão de sua constituição e varrem em distância a dor que poderia provocar a mesma. Para além disso, os “iguais” em autoajuda registram uma vinculação que condensa uma vida “pronta”, de estrutura preexistente e de aumento das certezas, próxima de uma experiência já vivenciada e anterior ao contemporâneo.

Sensibiliza-se a um conforto momentâneo, entretanto, em recado de atividade individual e em preparação para o retorno da performance produtiva e na melhor apresentação de si. Desvela-se o paradoxo da adesão gregária com o sentimento privado de atuação para concorrer. Conjuga-se o exílio em proximidade de outrem e, em mesma condição, que dialogam em esperança prática como o “mitigador” viável. Dor, zona de esperança e pertencimento.

---

<sup>135</sup> “O barulho de comunicação prolonga o inferno do igual. Ele impede que aconteça algo inteiramente outro, inteiramente incomparável ou que nunca se viu antes. O inferno do igual é uma zona de bem-estar paliativa. A dor é expulsa dela, pois perturba a circulação de comunicação que deve ser acelerada. A comunicação atinge a sua maior velocidade lá, onde o igual encontra o igual. O *like* acelera. A dor, em contrapartida, atua contra ela. A dor tem uma inclinação a calar, que, porém, permite que algo inteiramente outro aconteça. Hoje, não estamos dispostos a nos expor à dor. A dor, entretanto, é uma parteira do novo, uma parteira do inteiramente outro. A negatividade da dor interrompe o igual. Na sociedade paliativa como inferno do igual, nenhuma fala da dor, nenhuma poética da dor é possível. Ela permite apenas a prosa do bem-estar, a saber, a escrita à luz do sol” (HAN, 2021, p. 72-73).

#### 4 Considerações Finais

Passados alguns meses de produção escrita em minha residência, de certa maneira, que eu ainda não sei explicar, o ambiente silencioso da mesma e as paredes brancas ora em um quarto de brinquedos transformado em espaço de estudos, ora a sala e o meu próprio quarto, me esgotaram. A continuidade da redação em local solitário e sem a presença/visão de outras pessoas, isso eu suspeitava que fazia falta, inviabilizava o seguimento das reflexões em folha. Insisti por algumas semanas, no entanto, sem resultado algum. Não teve jeito, eu precisava ver gente.

Com essa intenção frequentei duas bibliotecas públicas por alguns pouco dias, nas quais em uma fui acolhido com café e um armário exclusivo. Na sequência, em uma livraria muito “atraente” de um *shopping center* por um decurso, pois só abria às 10h e atrasava o fluxo de horários. Segui por algumas cafeterias por um número reduzido de semanas em razão dos preços que me desconvidavam. Portava, sempre, uma mochila com tudo que era necessário para horas de concentração acompanhado de um certo barulho local que me “acalmava”.

Por fim, uma padaria com os serviços de restaurante, cafeteria, minimercado e de onde eu continuo escrevendo, encorajou uma espécie de local “adequado”. O espaço era climatizado, com água e comida para consumir e estrategicamente endereçado entre a minha casa e a escola dos meus filhos. Transcorridos alguns meses, eu já era reconhecido por funcionários que continuavam no mesmo trabalho. Presenciei a rotatividade resultante de demissões, ausências físicas e contratações que assinalavam rostos novos.

A rotina exercida a partir daí, tomou uma nova dinâmica e me familiarizou com a condição escolhida. Eu sabia diferenciar os dias da semana e horários correspondentes em que havia ondas de “quietudes” ou excesso de “movimentação”, este último não atrapalhava, já que eram esporádicos e permitiam, oportunamente, uma pausa no sentido de uma recém-adquirida organização. Eram, similarmente, momentos que eu observava uma espécie de “balé”, uma sincronia de corpos dos que deixavam ali a força de trabalho.

Os cumprimentos aos “clientes” originais e/ou costumeiros, as frases receptivas e repetidas, os uniformes em tons terra com os aventais compostos de um bolsão central que facilitava o transporte de objetos “utilitários”, as toucas de algodão sobre a cabeça

que escondiam a presença de cabelos, os sorrisos proferidos e a uniformidade dos atendimentos, expressavam uma padronização. Condensava-se um contato próximo com o trabalho emocional e regras de sentimentos sendo expostas em sincronia.

Em mesma dinâmica, além das comparações do trabalho funcional exercido entre os pares, do olhar vigilante e a presença ao lado de um gerente, câmeras espalhadas, somava-se, como um sistema de controle, um totem eletrônico vizinho aos caixas, onde os consumidores, após os serviços prestados, eram convidados a deixar opiniões/avaliações a respeito do atendimento recebido e, especificamente, do “colaborador” que prestou na forma humana, a imagem simbolizada de uma oferta de um serviço.

O recurso acomodava a frase, “aqui, sua gorjeta vai direto para quem te atendeu” no pedestal que sustentava uma tela sensível ao toque e com a função *touch screen* de interação direta, que conjugava os seguintes enunciados em sequência de cima para baixo: “avalie seu atendimento”; “ajude quem fez seu momento especial” e “começar a avaliação”. A mensagem da possibilidade de recompensa, “direcionada” ao funcionário atendente, “misturava” ao corpo organizacional o significado da instalação desse dispositivo.

Figura 08: Um totem, uma gorjeta e um “espelho”

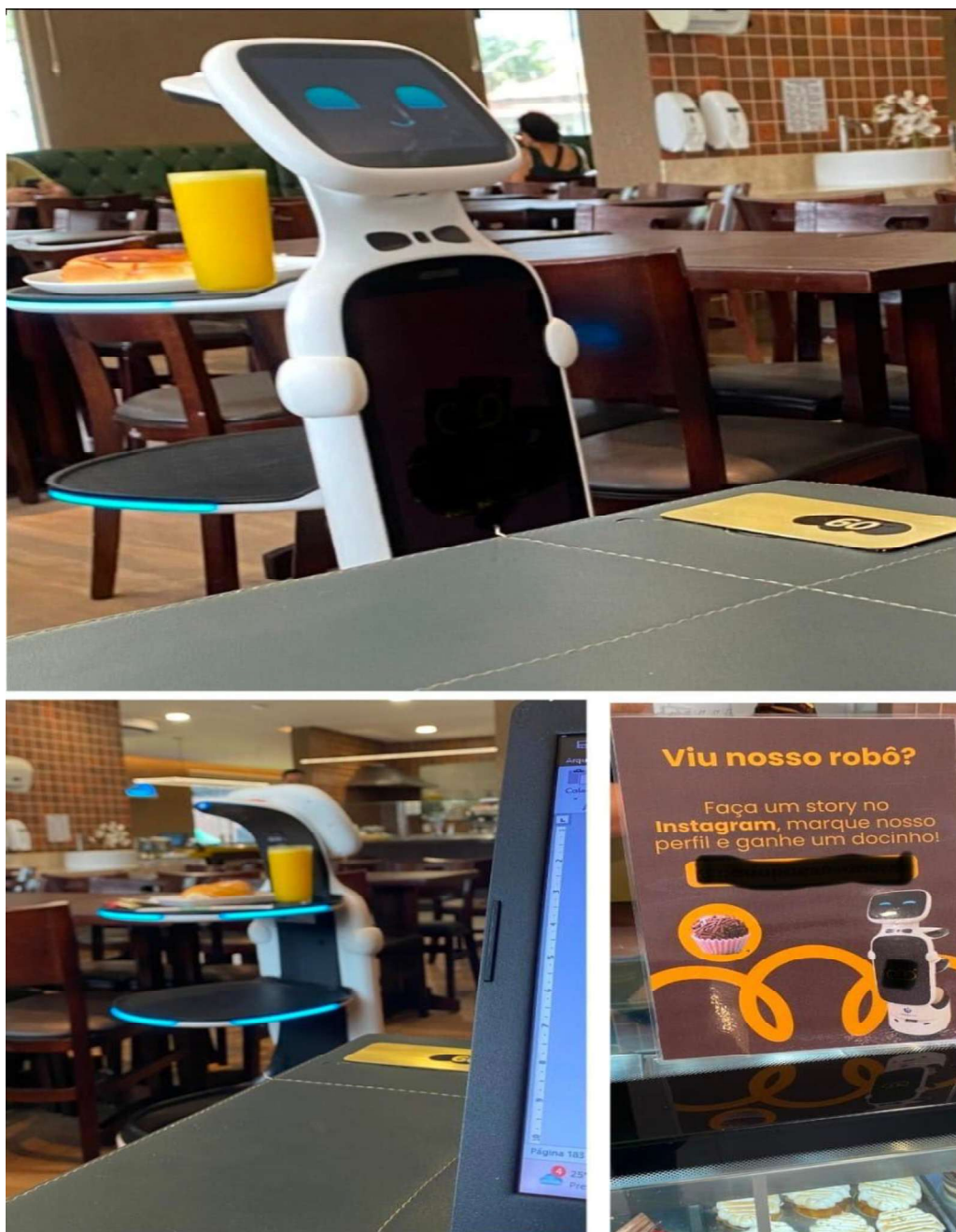


Fonte: Acervo pessoal, 2026

As tecnologias físicas ou eletrônicas de acompanhamento e aferição de funções constavam como pertencentes/naturalizadas ao dia a dia do recinto. Acrescentavam-se

outras “evoluções” técnicas para a oferta de serviços e produtos, representadas por variadas máquinas para a confecção ou acondicionamento dos alimentos comercializados. No entanto, uma recente transformação, em critérios de “otimização” da performance laboral, chamou atenção.

Figuras 09,10 e 11: O novo colaborador



Fonte: Acervo pessoal, 2026

O nome do robô-atendente, que exerce o seu encargo em três turnos, homenageia o dono desta rede de padarias. Isso ocorre, com a apresentação em áudio

empregada pelo *neo* colaborador, sendo batizado por um apelido no diminutivo. Em licença fictícia, o nome é Antônio (dono) e o do robô, “Toninho”. Ao circular pelo salão principal, ora o mesmo emite músicas em alusão ao universo do sertanejo universitário, ora entoia: “licencinha, robô Toninho a caminho; licencinha, robô Toninho a caminho, obrigado”.

Nos primeiros dias em que acompanhei a sua chegada, logo após a reorganização do mapa das mesas para a criação de “ruas”, Toninho foi tratado acima de um status de novidade. O robô era acompanhado e, em mesma ocasião, filmado com os celulares dos próprios “colegas” de trabalho. Essa mesma atitude era replicada, do ponto fixo das mesas dispersas, por clientes que estavam a postos para um registro fotográfico ou a gravação de uma excentricidade.

A “inovação” era propagandeada em redes sociais, como ferramenta de divulgação da padaria destacando a ideia de um diferencial da sua concorrência e por “iniciativa” dos consumidores que eram “presenteados” com um docinho ao postarem um *story*, marcando o perfil do estabelecimento. Reforça-se a imagem do recente adjunto em aposta de consecução que confere o ritmo sociocultural dos que prosperam em cumprimento de tendências.

Não houve incômodo com o início das atividades do robô, isso não era explícito entre os que possuíam a mesma incumbência de transitar pelo salão. Ao contrário, quando perguntei, em uma das conversas com a “subgerente”, o que estava achando da presença do Toninho, a mesma com um sorriso espontâneo e estampado emendou: “estou achando legal demais; ele é maravilhoso”; houve uma pequena pausa para uma risada, que eu também acompanhei, quando a interlocutora completou que: “as crianças amam ele”.

Concorre-se entre si, consigo e com a recorrente reestruturação produtiva que traz a tecnologia e a sustentação da inovação pertencendo a um tempo atinente ao positivo. Orienta-se ao objetivo de agilidade como recurso de incorporação a um tempo que direciona o ritmo cotidiano em aceleração. Mecaniza-se os sentimentos em regras de otimização para a construção da performance do melhor de si em escalada de produtividade e resultado.

A formação de esperança, vivenciada nesta pesquisa, se estabelece na elaboração de sentidos e significados dotados de fluências culturais. Nessa organização, a faceta da

autoajuda, no recorte estabelecido, promove-se no diálogo entre contextos socioculturais que armam expectativas para cursos de vida e a inventividade daquilo que se aciona, conceitualmente nessa análise, como esperança prática.

Enquanto “regra de sentimento”, a esperança em seu construto prático rodeia a assertividade do existir no propósito de desempenhar, individualmente, com eficiência e demonstração de rendimento. A saída do “estado A para o estado B” exprime a competição como uma lógica de acepção atuante, o que significa dizer que mesmo no sentir de uma emoção em isolamento, preenche-se com rivalidade. “Acelera-se” para a transformação diante da crença da particularidade existencial constar em um corrente desuso do estado A.

A prática de esperança liga-se na forma de acessório às mãos do indivíduo alçado a busca do estado B, “preenchido” de polivalência no concretizar que é múltiplo e em expectativa de entrega. Insere-se o aprendizado e os usos da mesma para a capacidade de atuação rotineira e flexível. Tê-la corresponde a escolha do se auto ajudar com a capacidade de utilização do aconselhamento *smart* para a decisão “correta” e em prontidão.

Estão alocadas, assim, as emoções, em trânsito objetivo para o subjetivo, dentro das relações identificadas no extrato da cultura de autoajuda tomada em observação. Elege-se uma peculiaridade de pertencimento em comunhão para a seguridade individualizada. Destinam-se portas de entrada para a renovação associada em comunidade e com a imagem da exclusividade de histórias individuais.

Aproxima-se os significados de uma cultura de trabalho com os sentidos especificados e adotados emocionalmente em caracterização do corpo sociocultural de autoajuda. Esperança e desesperança alimentam-se em forças convergentes de uma linguagem eletiva e em sintonia. Neste pêndulo institucionalizado, concorrência e desempenho se apresentam em sincronização elaborada nos discursos assentados em uma razão neoliberal que estimula os seus ecos em autoajuda.

O pertencimento individualizado, provido em sistemas identitários de autoconcorrência, compatibiliza-se com a oferta de uma cultura de autoajuda no “aumento de certezas” de uma inserção comunitária que apresenta modelos positivos de vida para amenizar a presença da dor individual com a repartição de esperança prática.

Ao passo que os usos desta última, armazenam a característica de obter para prestar culto a ação de concorrer.

São discursos flexíveis em direção ao cumprimento de uma agenda de execução, similantemente, flexível. A esperança prática, também, é composta em polivalência de anúncios em efeitos de verdade que presumem a tutela das escolhas assertivas com a demanda de protagonismo individual. Atende-se ao fundamento dos desafios em concorrência ofertando estados de positividade e colonizando incertezas em conciliação com regras de sentimentos.

Ao mesmo tempo que se promove uma cultura do se conter individualmente, resulta-se, concomitantemente, o desamparo em não pertencer. Nesse cenário, os discursos de esperança prática assumem significado cultural ao reforço de uma característica existencial. Traça-se poder partilhar um “equivalente” em condição semelhante e se concentra os direcionamentos de sentido para um curso da vida em reduto positivo.

No lugar da “permissão” de vivenciar a “si” a dor existente, a esperança empreendida em discurso de autoajuda coaduna, contextualmente, com um “otimismo paralisante” que delega o “dever” individual da autopromoção positiva para uma condição aprimorada de concorrência. Estimula-se a não aceitação de uma condição atual, independente de resultados aferidos, para a retomada de um ponto de partida em *looping* de recomeços.

Nesse contexto, em parâmetros de “aceleração” para a transformação de um estado individual para outro em expectativa, a esperança prática é posta a ser revisitada para se fazer mais em termos vantajosos em menos tempo. Pauta-se o gerenciamento privado dos sentimentos, em ação individual de mudança, a partir de regras organizadas e acomodadas em verdades socioculturais.

Despertar um poder, pertença ao indivíduo, dialoga com o fortalecimento de um sentido e um significado que atualiza a exclusão do padecimento por meio do arranjo que requisita o próspero como um valor. Otimiza-se a ação prática com um determinante em auxílio que já consta ao indivíduo iniciado em autoajuda e em si e faz alusão as características de condutas aceitas em sentimentos regrados que aligeiram condutas em positividade.

O poder que se dispõe “resgatar”, em tutela anunciada, é construído, enquanto imagem de força, com os parâmetros de significados institucionais aceitos para um curso da vida que se pretende na evolução da entrega do desfecho expoente, em uma aferição pública de produtividade e com sentimentos e emoções modulados no sentido da continuidade de se sustentar neste processo. Verifica-se um encaixe entre a linguagem exercida em cultura de autoajuda e o instituto da concorrência individual.

Revela-se um “despertar”, no que se percebe enquanto comprometimento pessoal, que renova os ditames de uma ação individual de responsabilidade prática. O que se (re)acorda é a tarefa diária da disposição daqueles que são situados/convencidos da “arena” da concorrência. Por contrapartida recebe-se o acolhimento pautado em sentimentos a serem conferidos com pares, gerando a sensação do pertencer emocionalmente a um grupo.

Uma característica retratada na plateia do DSP foi a existência de “colaboradores” de algumas empresas estarem uniformizados como um “time”. Estampavam camisetas que traziam símbolos em frases de disputa e de conquista. Presumia-se uma preparação estratégica para o cumprimento de objetivos “táticos” de uma corporação em união. Aproxima-se com sentido e significado coletivo, entretanto, sem dar margem de exclusão para o entendimento da função individual de cada um dos integrantes.

Configura-se emoções aos “adaptados”, individualmente, das equipes em sentido e significado de um “corpo” único a partir de regras de sentimentos que elaboram a adesão em disputa. Aguarda-se que vivenciar o despertar naquele ambiente de forma exclusiva, cumpre o pré-requisito e os interesses dos usos e manuseios de emoções individuais em objetivos de função corporativa. A performance de entusiasmo, similarmente em competição entre os pares, promovida por vezes em exagero, destacava os elos aceitáveis de uma cultura organizacional.

Compõe-se uma coerência simbólica entre os ritos encabeçados pelo principal interlocutor e os articuladores performáticos do evento, com as regras de sentimentos de uma cultura neoliberal “naturalizada” individualmente. Entoam-se representatividades de nexos de uma pauta positiva como um modelo de vida a ser (re)posturado a partir de um despertar incitado em apresentação de saberes de um poder que é individual, no entanto, somente estruturado em sujeição de acompanhamento.

Apega-se a mandamentos, fórmulas, exemplos de rotinas e técnicas em verdade, que correspondem a um jogo entre o discurso estruturado e, oportunamente, associado em congruência com o ordenamento sociocultural. O “TBC”, “as perguntas poderosas” e a norma de “acareação de si”, por vezes dispostos nesse sentido, correspondem a um *ethos* para o moderno em aceleração. Requisita-se a mudança em continuidade com modelos que, similarmente, superam o que se aponta como um recente ultrapassado.

Não há exclusividade por parte do interlocutor e não se esbarra em inovação, o presenciado é um acompanhamento de um segmento cultural, leia-se autoajuda, em correspondência de uma destreza sociocultural no que combinam as características modernas de individualização, positividade, concorrência, desempenho, polivalência, flexibilidade, aceleração e regras de sentimentos revestidas, simbolicamente, por elos de segurança comunitária.

O choro, a gargalhada, os abraços, o cantar em coro, a respiração em meditação, o entusiasmo aparente, a busca do “melhor” assento, as anotações, os pulos, o olhar vigilante, os diálogos da fila em ziguezague, o “investimento” em produtos, as palmas, a conquista de uma *selfie*, os gritos, os *flashes* dos celulares, a escuta ativa, a participação “orquestrada”, enquanto performance individual do público existente no DSP, exprimiam as características acima.

Em mesmo ritmo, os livros, observados nesta pesquisa como objeto em interlocução, remontam a uma linguagem e a um discurso emocional em harmonia com os conceitos que tangem um contemporâneo individualizado. São alicerces para a construção de argumentos em verdade interpretativa e direcionamento de conduta. Repousa-se a intenção de uma concordância entre as instituições socioculturais e os escritos que dão ênfase para este encontro ao leitor.

Fala-se ao indivíduo ao mesmo tempo que se reproduz, hermenêuticamente, as relações de poder em disputa no que se conforma a uma “hegemonia” sociocultural. No centro dessa apresentação, está o acolhimento àqueles que “estudam/recebem” a lógica de se adequar em esperança prática. O livro se expressa em designação com um processo histórico ao lado do leitor que aspira o auto ajudar. Repetidamente, não há rompimento inaugural para um caminho a ser admitido individualmente, há um arremedo.

Os aconselhamentos editoriais reaproximam a uma reflexão do indivíduo em direção as representações de concorrência, polivalência, flexibilidade, positividade e negação ou forma de se lidar com a desesperança enquanto sentido existencial. Nesse (re)contato, à medida de um ponto de apoio, a esperança se molda em uma faceta prática. Esperança na qualidade de efeito que afasta as aflições em sentir negativo, entretanto, tutela-se no aprendizado da ação individual do fazer positivo.

Constrói-se a esperança prática “rivalizando-a” com os arredores de desesperança. Não há o descarte dos mesmos no sentido de ignorá-los, ao contrário, trabalha-se para o entendimento desses impedimentos que afetam o jogo de emoções tidas em individualidade, com o objetivo de contato com a realidade a ser ultrapassada e ao encontro da superação despertada em rotina do alcance de acontecimentos por parte dos que são postos à crença esperançosa.

A desesperança objetiva delinea o corpo físico e posiciona as cadências do sentir, similarmente, individual. Em contrapartida, a literatura de autoajuda expõe a memória de regras de sentimentos do auto motivar, ou melhor, da auto responsabilidade em direção à consulta interior/subjetiva destinada a encontrar as forças necessárias e existentes em cada um que se apropria da disposição *smart* para a atividade de continuar acelerando em concorrência simbólica consigo.

Em correspondência ao processo de exaustão individual, na ordem da desesperança, o entendimento a respeito do *burnout*<sup>136</sup> dialoga com os efeitos de um mundo do trabalho que procura estabelecer a funcionalidade do corpo físico e emocional para a alta eficiência. O conceito deflagra uma recente interpretação dos possíveis proveitos de um modo de produzir que, também, reestrutura as expectativas do indivíduo, no que se sente, como consequência de um trabalho em aceleração.

No entorno do conceito que suscita o esgotamento do indivíduo em propriedade, similarmente, emocional, as elevadas expectativas individuais, a redução de autoestima, o sentimento de inutilidade e fracasso, a desilusão, a apatia e a fadiga (Ferreira, 2022), compõem o sentido e o significado da desesperança, em caracterização do ser que atua,

---

<sup>136</sup> “O *burnout* foi tradicionalmente definido como uma síndrome psicológica composta de três dimensões: exaustão emocional (sensação de esgotamento de recursos físicos e emocionais), despersonalização ou cinismo (reação negativa ou excessivamente distanciada em relação às pessoas que devem receber o cuidado/serviço) e baixa realização pessoal (sentimentos de incompetência e de perda de produtividade)” (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001 apud VIEIRA & RUSSO, 2019, p. 02).

nas relações voltadas ao mundo do trabalho que dispõe da concorrência positiva e acelerada, como destacável regra de sentimento.

Introduz-se a classificação do resultado de ações individuais em uso “disfuncional” do corpo físico e emocional correspondentes às atribuições laborais. Soma-se a atenção depositada no reconhecimento de ambientes “insalubres” que corroboram para uma rotina estressante (FERREIRA, 2022). No “pêndulo” emocional, aderido por meio de regras de sentimentos, o lado positivo anseia por práticas que atendam o funcional esperado, entretanto, ao lado que se esgota, é alocado em esfera negativa.

De forma concomitante ou como resposta, programas de prevenção, a melhora do “clima organizacional”, a adoção da ginástica laboral e as capacitações a respeito dos usos da rotina ergonômica, remontam a continuidade de condicionamentos a serem ofertados em comunhão com a busca positiva na esteira da concorrência. Não se nega a estafa física e mental, porém, o *burnout* surge sendo apropriado a uma agenda de readequação e “cuidado” para a manutenção da “prosperidade”.

A perda ou a diminuição de pró-atividade, por parte do adulto produtivo, retrata uma das causas de diagnóstico dos “atingidos” em *burnout* (VIEIRA & RUSSO, 2019). Atesta-se o reconhecimento sociocultural do acometimento individual, no entanto, configura-se um prognóstico de readequação, seja do ambiente laboral, ou até mesmo da pessoa responsável da execução. Isso se estende, nas tentativas de construção de um cenário positivo/esperançoso e distanciamento de uma esfera negativa/desesperançosa.

Tece-se uma organização remetida em aceleração, suplantada em concorrência e designada num seque de valores neoliberais. O *burnout* é inerente ao exercício *neo* de atuação nas relações humanas voltadas ao trabalho e misturadas a funcionalidade de uma vida em status de reconhecimento no fazer. Está intimamente ligado ao valor contemporâneo de produtividade na combinação de identificação sociocultural e *ethos* afeita a esperança objetiva.

Compreende-se, em organização de uma definição, o *burnout* envolto a uma “áurea” de negatividade<sup>137</sup> investida e atendida por uma política de promoção da saúde.

---

<sup>137</sup> “Em 2018, Hansez et al., descreve *burnout* como um estado de espírito negativo persistente relacionado com o trabalho em indivíduos normais, caracterizado de exaustão, sentimento de

Ainda assim, avança-se o domínio de um recorte momentâneo de crise existencial a ser superado com uma rede de apoio que, também, o compreende como um problema de saúde pública. Na legislação brasileira (Vieira & Russo, 2019) é uma enfermidade, classificada em lista de doença relacionada ao trabalho.

Normaliza-se o *burnout* em regras de sentimentos, similarmente institucionais, em apego ao positivo. Não há conflito, ou melhor, há convívio de emoções na medida em que se pauta o estágio problemático como momentâneo e a partir de condições disponíveis para a retomada da aceleração. Conforta-se a coexistência na adoção do ambiente estressante com políticas organizacionais para a melhora das condições dadas ao trabalho rotineiro.

Ao lado de um contemporâneo que toma a concorrência em idolatria, que dota a perspectiva negativa como gerador de excessos que ocasionam, assim, o estado de estafa mental e física<sup>138</sup>, derrama-se o positivo que reconhece o estresse em atividade normal para a formação subjetiva do adulto produtivo. A esperança prática e a desesperança constroem mobilizações comuns, o que não significa em mesmo sentido, na observância do *burnout* em relações de trabalho.

A cultura de autoajuda contemporânea “metamorfoseou” os sentidos e os significados emocionais do indivíduo que é tomado em *burnout*. Empeçou a ideia de orgulho em uma mudança de rota interpretativa ao deslocar a consciência do esgotamento, em substituição simbólica, para a esfera do esforço dos que são capacitados. A estafa é apropriada como uma bandeira da não desistência em conformidade com o “espírito” da resiliência.

Propicia-se, em mais uma oportunidade, uma diferenciação entre pares que se fazem das mesmas regras de sentimentos. Contempla-se a concorrência dos “aptos” a se manterem fadigados em uma rotina do aceitável e dos “inaptos” que sucumbem a aceitação do diagnóstico de *burnout*. Ser a solução dos próprios problemas encabeça

---

ineficácia, desmotivação e comportamentos disfuncionais no trabalho” (FERREIRA, 2022, p.16).

<sup>138</sup> “No rol de sintomas de *burnout* apontam-se desde a falta de concentração, “suspiros profundos” (como manifestação de distúrbio respiratório), até comportamento agressivo, abuso de substâncias, comportamento de risco e ideação suicida” (BENEVIDES-PEREIRA, 2002; TRIGO; TENG; HALLAK, 2007; SILVA; DIAS; TEIXEIRA, 2012; SOARES et al., 2012 apud VIEIRA & RUSSO, 2019, p.16).

uma atitude plausível de se cumprir a partir do envolvimento individual diante dos conhecimentos colhidos.

A concepção de convivência com a dificuldade rotineira que exaure, traja, para as interlocuções aqui assistidas, o passaporte dos que irão, em esperança prática, alcançar o estágio desejado. Lota-se, em regra de sentimento, de ufanias os que assim procedem, em se manter atuantes num contínuo de transformação pessoal, concorrentes, acelerados e dispostos a investir no consumo de uma comunidade que entrega o auto ajudar como uma mercadoria.

Com a mesma aparência afetiva, laureia-se os que contemplam a segurança do pertencer. Adere-se em graça o conceito de “inteligência emocional” aos que atingem a importância de se fortalecer em comunidade. É nesta última que, em expectativa instruída de “profundidade”, se capacita para obter para si o ferramental de esperança prática como procedimento existencial de um “lugar no mundo”. A esperança prática, organizada na cultura do auto ajudar, idealiza o acolhimento em grupo ao mesmo tempo que estimula a ação exclusiva.

O *burnout* sublinha a produção contemporânea da “má fadiga” (VIEIRA & RUSSO, 2019). O mesmo adoece o corpo físico e emocional destacando uma crise nas relações individuais com o trabalho. A gramática da cultura de autoajuda projeta a “boa fadiga” em companhia da solução de problemas individuais e por consequência, o demonstrativo de poder despertado para que se possa suportar adversidades e interagir em concorrência institucionalizada.

O “TBC” reafirma a postura de não aceitação da “má fadiga” por parte do indivíduo situado a se interessar por um modelo de vida em aceleração. Colabora-se com a anuência da “boa fadiga” tornando dificuldades aparentes e momentâneas em dispositivo de crença prática. Sucede-se o indivíduo como responsável em se auto motivar em apego de estruturas positivas que organizam sentidos e significados do que se aspira como comportamento “vencedor”.

Impinge-se a construção de uma rotina condensada em estado de alerta, onde o indivíduo é espelhado em uma autoconvocação para a mudança. A “boa fadiga”, posterior a tomada de consciência do “TBC”, corresponde a impulsos proativos para continuar em busca do “estado B”. Relativiza-se a estafa emocional como um incômodo

condutor capaz de proporcionar um alerta para o auto olhar na intenção de uma autoanálise interior que atine “inadequações”.

O “TBC” é uma decisão individual concomitante a uma resposta que só pode ser encontrada dentro do ser, em âmago, que requer a crença na oportuna transformação. A dissolução para o desafio da mudança já consta, subjetivamente, inerente ao indivíduo. Permitir-se é a recomendação entoada para o trabalho direcionado por uma autoajuda sob e em tutela para o desenvolvimento de uma “competência inata”. Tirar a bunda da cadeira é recolher para si o uso de esperança prática.

Esboça-se atitudes contempladas e posteriores a aquisição de uma mercadoria. O *coaching*, no comércio das emoções, arregimenta um consórcio, em tutorial, de ofertas terapêuticas. Promete-se, com a utilização do mesmo, adotar um sentido e significado de vida na conformação “impactada”. Isso significa, ao indivíduo que se inicia, o aprendizado da condução da conduta acompanhada de esperança prática. Vende-se, o *coaching*, com a finalidade de aquisição do estado B imediato e contíguo.

O interlocutor, reverberante de uma cultura de autoajuda contemporânea, convoca a atitude individual, em decisão voluntária, como versada a reinterpretar o que se corresponde a dor objetiva, carregada de relações socioculturais, em solução subjetiva a partir de significados próximos em sentidos opostos. Demove-se a “má fadiga” guiando-se a “boa fadiga” ou “o medo que incapacita” em “vai com medo mesmo”, reposicionando desesperança em esperança prática.

Afama-se, assim, em projetar desassossego postulando o enfrentamento da realidade objetiva, novamente desesperança, com a performance narrativa ancorada na “certeza” do exemplo vivido e na capacidade de realizar o “extraordinário”. Adjacente, fortalece-se em prerrogativa de sentido e significado emocional e em expectativa sociocultural, o apego em se fazer parte de um comunitário que espelha uma identidade.

Comunga-se, em mesma ordem de sequência preparatória, a apresentação de um “inconteste”, de que se é possível para a experiência de um indivíduo que faz uso das técnicas *smart* e alusivo ao mesmo vínculo associativo, declara-se em promessa de que o percurso tutelado em certeza produzirá efeitos análogos. O estímulo da decisão a ser tomada é compatível com a brevidade, acompanhada da sensação, de um contemporâneo que acelera.

Prescreve-se a rotina da concorrência irrefletida, entretanto, amplia-se o “conforto” de ser parte de um todo que vocaliza interesse e que cumpre as mesmas regras de sentimentos. Para tanto, a crença não se faz de características inatas no estabelecimento do auto ajudar, ao contrário e similarmente, é construída em mesmo molde de esperança prática. Condiciona-se em aprendizado o entendimento de como se portar no acreditar.

Como correspondência do auto aconselhamento, as “perguntas poderosas” e o desígnio das “respostas obtidas” listam a respeito do recurso cotidiano da transformação pessoal. O “poder” utilizado, nesse caso, como adjetivo, estrutura a imagem representada do que se caracteriza como o entendimento do interlocutor acerca das “desorganizações” subjetivas. Corrobora-se ao conjunto de regras de sentimentos que prestam auxílio aos que perfazem da autoajuda, um encontro com o positivo “organizado”.

Naturaliza-se o estado positivo como o contexto sociocultural propício a aceleração individual, assumida a perspectiva, e, adotada na gramática de autoajuda, de inovação. Transitando nos eixos do mundo do trabalho e na literatura de autoajuda, inovar condiz, igualmente, com um arranjo de constância para o andamento da liberdade no sentido de uma competição generalizada. Pauta-se, compondo o simbólico do TBC, antagonizar, também, consigo.

Assanha-se em impulsos com intenção de olhar “para dentro” em exercícios de perguntas e respostas que se pressupõe reter as condições que engendram soluções a conflitos individuais. As “perguntas poderosas” prometem a obtenção de um novo comportamento, repetidamente saindo de um imaginado estado A em direção a um estado que se não B, auto averigua o palpite de não ficar inerte. São expedientes que perfazem os usos da esperança no seu estado de desempenho.

Espelhar o “*neo*”, concorrer em função de um sentido de vida e se capacitar em autoajuda move-se como o encontro de uma tríade de coerência sociocultural. Reconduz-se a uma nova razão, onde a concepção de prosperidade humana assume protagonismo de existência. A autoajuda contemporânea se faz neste propósito de uma linguagem “lógica”, como função de exterminar os impeditivos da evolução individual. Nesse aspecto, expressa o discurso condizente com uma realidade que põe em estrelato o indivíduo que concorre.

Incide-se uma disputa de adequação individual pautada por uma contemporânea razão. Cumpre-se a ideia de avançar na forma acelerada e em regras de sentimentos para a concretização da promessa de ser livre. Nesse enlace, o indivíduo é o epicentro de si na direção de absorver e lidar com as circunstâncias que impeçam ou, que ao mesmo tempo, produzam este feito. Incrementa-se o conceito de perseverança com tecnologias *smart* no sentido de otimizar a constância por objetivos inaugurais.

Em direção a liberdade individual, “o governo de si” interage com regras de sentimentos que pautam uma etapa da vida, afeita a rendimento, na qualidade de valor. Estrutura-se, nesse sentido, um movimento de subjetividades compondo uma razão individual em cometimento de sucesso. Suplanta-se, a partir de uma “cronologização” de vida entendida como útil, o ordenamento do adulto produtivo como inescapável ao argumento sociocultural de uma emancipação atendida em esperança prática.

São “*neo*” emoções que partem de uma criação objetiva de um tempo cultural e que conduz a expectativa de um “cidadão maximizado” em recorte seriado específico do curso da vida. Procede-se o espírito de um tempo em que a responsabilidade, em compromisso de se compor em aptidão na direção do resultado, é creditada como individual. Originam-se as forças de coerência, e ao mesmo tempo atrativas, de uma narrativa neoliberal e uma cultura de autoajuda que abriga.

Afeiçoa-se uma cultura de autoajuda em eco e concernente a valores que trazem uma moralidade individual ao centro. Recai-se, neste ponto, a razão de ser de uma linguagem que propõe ajuda com a salvaguarda de “autonomia” e que postula uma maneira acessível, ao ser, de se pôr no mundo. Enverga-se a uma composição de sensação de segurança comunitária ao lado daqueles que se condicionam em pretensas estratégias de concorrência.

Para tanto, na perspectiva de uma força que escolta, junta-se a promoção sociocultural que prevê o positivo em excesso, em utilização e como um *ethos* cotidiano de relações que “importam”. Norteia-se mais um elo de correspondência com uma cultura que promete estear a autodeterminação individual em expansão de propriedade, similarmente, de ressonância positiva. Engendra-se, hermeneuticamente, a linguagem reconhecida e em teor de validade.

Concilia-se, em formação de “verdades”, a correlação simbólica entre as instituições indivíduo, liberdade/autonomia, positividade, desempenho, concorrência,

autoajuda e esperança prática. Promove-se a união, em discurso de coerência e representadas por regras de sentimentos, de modelos objetivos para performances emocionais. Resulta-se, em oferta de expectativa, a interpretação, similarmente proposta na linguagem da cultura do auto ajudar, de um estado de equilíbrio onde o indivíduo é entendido como assistido e conjuntamente pronto para continuar.

Imbui-se com o advento de discursos que se ressoam em sentido e significado comum e em espelho na direção do objetivo de convencer. Qualifica-se, deste modo, a dinâmica da esperança prática proposta e absorvida na categoria de indivíduo concorrente e fecundo. Requer-se, também, um “não se há tempo a perder” em função de um modelo sociocultural que acelera, similarmente, na condução de vidas para o resultado, bem como em decisões individuais para o que se coloca em uniformidade.

Nesse contexto, as percepções individuais em automático sob interferência de trabalho emocional, afeito do gerenciamento dos sentimentos, se conformam à medida em que se condensa o culto ao “tempo corrido”. Viver e se apresentar em *ethos* de “pressa”, constitui-se em salientável posição aos que postulam se colocar como propensos a “vencer”. Isso ocorre em função de um sociocultural que dispõe a concorrência individual em *status* de aclamação.

Em mesma esteira, onde aceleração e produtividade se associam, soluções espontâneas se ocupam de oportunizar os marcadores de saída em esperança. Uma vez mais valendo-se de equiparação simbólica, doa-se ao indivíduo envolto em desesperança objetiva, a responsabilidade exclusiva e de acompanhamento tutorado em prática *smart* de autoajuda. Conforme (re)inova-se em demanda por polivalência acelerada, responde-se, coerentemente, em oferta de ajuda despertada.

Estruturam-se “zonas de bem-estar” trajadas de esperança prática em conformidade com o tempo que requisita, em continuidade, a autotransformação. Para tanto, dispõe-se o voto de conforto momentâneo e em multiplicação por meio de uma cultura que se promove em linguagem escrita, audiovisual, presencial e em rede social. Agrupa-se a oferta de aprendizados e em proposta de gestão emocional, a instrução das práticas a serem absorvidas na forma súbita e em esperança nos resultados “isolados”.

Tece-se o fundamento de autonomia, carregada na concepção de direito à liberdade individual, enfrentando o arredor negativo, que constrói desesperança, com o positivo conquistado em “forças” interiores e inatas ao indivíduo. Esse argumento arma

a experiência do DSP voltado a proporcionar ao indivíduo, investidor de si, o alcance de conhecimentos para a utilização plena de capacidades “escondidas” e oportunas como ferramentas de concorrência e condução emocional.

A fila em zigue-zague integrou uma parte fundamental da exposição latente de sentidos e significados emocionais. Em algumas investidas de contatos diretos, no formato de uma entrevista, o declinar em desvio ou rompimento do diálogo recém iniciado, perdurou em diversas tentativas. Entretanto, a escuta próxima e ao lado, posicionou o anseio daquelas pessoas em ocuparem a sua existência com um desejo de mundo, entendido pelas mesmas, como particular.

Eram conversas que moldavam um tempo para além do agora em preparação. Aspiravam-se interesses de conquistas por si só, imediatamente pautando-se a crença de que o despertar seria conquistado com esforço próprio. Atestava-se, em exibição de uma certeza ou um vislumbre de orgulho, a evidência de auto coerência e auto inteligência por escolherem a imersão. O entusiasmo, a euforia e a paciência por horas em esperavam ao encontro de uma regra de sentimento, “pensar positivo para vencer”.

A pesquisa se aproximou, em maior intensidade, de um interlocutor necessário para o propósito de observar uma autoajuda contemporânea e em diferentes linguagens. Os livros, a *homepage*, as redes sociais e as performances despidas em atuação presencial disponibilizaram o contato com o objeto coerente com um tempo histórico, similarmente, contemporâneo. De ares de um comunitário tradicional a um moderno individual, a cultura de autoajuda se faz em sentidos e significados socioculturais/emocionais.

Inventaria-se institucionalmente, em preceitos de responsabilidade individual e concorrência acelerada, ao mesmo modo que contribui ao andamento de um tempo que se reconhece em áurea positiva. Enseja-se acolhimento, tutoreando “*neo*” aprendizados em “verdade” formulada, na mesma medida em que corresponde a prestação de contas da atitude individual na composição de ações práticas em direção a resultados conquistados em poder desenvolvido.

As horas na fila projetavam a materialização da esperança prática nos diálogos e nas expressividades corporais. Popularizavam-se regras de sentimentos e emoções de um tempo que valoriza a instituição indivíduo. Cumpria-se, em mesmo espaço, a perspectiva da conciliação comunitária e da concorrência próspera e próxima. Pausava-

se o tempo apressado, em um intervalo do mesmo, em direção ao cumprimento de continuar acelerando em capacitação.

Conjugava-se a porta de entrada para a obtenção de um poder de autotransformação. Aguardava-se o encontro com a imagem da representação humana de quem reclamava um saber armado em “extraordinário”. Entusiasmava-se uma imagem estruturada no culto em reciprocidade com uma passagem de tempo “*neo*”. Legitima-se sentido e significado no aprimoramento emocional de se posar em existência imaginada como aceita. Treina-se corpos e, similarmente, emoções afeitas ao “benefício” da produtividade. Sociocultural, esperança prática e autoajuda.

## Referências

- ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catarine A. **“Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life”**. In: C. A. Lutz e L. Abu-Lughod (eds.), *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- ALBUQUERQUE, Rossana Maria Marinho. **Conselhos afetivos em tempos de cultura terapêutica: analisando manuais de autoajuda e experiências de leitoras**. 2015. 231 fl. Tese de Doutorado em Sociologia. UFSCAR. São Carlos, 2015.
- ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- AMAZON. José roberto marques, 2024. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/s?k=jos%C3%A9+roberto+marques&crid=W8Y7AEXACVJA&sprefix=jos%C3%A9+roberto+%2Caps%2C1311&ref=nb\\_sb\\_ss\\_sc\\_3\\_13](https://www.amazon.com.br/s?k=jos%C3%A9+roberto+marques&crid=W8Y7AEXACVJA&sprefix=jos%C3%A9+roberto+%2Caps%2C1311&ref=nb_sb_ss_sc_3_13). Acesso em 2024.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- AZIZE, Rogerio Lopes. Uma neuro-weltanschauung? fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. **Revista Mana**, Rio de Janeiro: v. 14, n.1, p. 7-30, 2008.
- BARBOSA, Attila Magno Silva. Engajamento subjetivo e organização flexível do trabalho: o caso dos trabalhadores da indústria do alumínio primário paraense. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília: v. 29, n.1, p. 225-253, jan.-abr., 2014.
- BARBOSA, Ns. LIRA, Jac. RIBEIRO, Aaa. ROCHA, Ep. GALDINO, Mjq. FERNANDES, Ma. *Factors associated with workaholism in nurses mental health: integrative review*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2024; 32: e4218.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a consolidação das leis do trabalho (CLT). Brasília: Presidência da República, [2017]. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm). Acesso em: 22 dez. 2023.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

BITTENCOURT, Angela T. de C. & CARELLI, R. de L. Ninjas fazem bico? um estudo de plataforma de *crowdsourcing* no Brasil. **Revista Estudos Institucionais**, Rio de Janeiro: v.6, n.3, p. 1289-1309, set.-dez., 2020.

BONFANTE, Gleiton. Gatilhos afetivos do discurso e a compra e venda de estímulos semióticos no Twitter. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis: v. 53, n. 1, p. 199-214, jan.-abr., 2022.

BOSCO, Angelo Marcos. **Sucessos que não ocorrem por acaso**: literaturas de autoajuda. 2001. 101 fl. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UNICAMP. Campinas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BUARQUE, Chico. Bom Conselho. *In: Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos*. Rio de Janeiro: Phonogram, 1973. 1 fonograma. (Lado B, faixa 2).

CABANAS, Edgard & ILLOUZ, Eva. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COELHO, Maria Claudia. **Estudos sobre interação: textos escolhidos**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

COELHO, Maria Claudia Pereira e OLIVEIRA, Eduardo Moura Pereira. Reflexões sobre o tempo e as emoções na antropologia: definições, práticas e políticas. **Sociol. Antropol.**, 2020, 10 (3), 1087-1100.

COVEY, Stephen R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

CRAPANZANO, Vincent. *Reflections on hope as a category of social and psychological analysis*. **Cultural Anthropology**, 2003, 18 (1), 3-32.

CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. Tradução de André Pinto Pacheco. **Revista de Antropologia**, 2005, v.48 (1), 363-384.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/ Fapesp. (Capítulo 1: “**As classificações etárias e a juventude como estilo de vida**”), 1999.

DUARTE, Luiz Fernando Dias & DULLO, Eduardo. Introdução ao dossiê testemunho. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 36 (2): 12-18, 2016.

ELROD, Hal; MARTINO, Paul. **O milagre da manhã para transformar o seu relacionamento**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

FERREIRA, Teresa Pinho. *Burnout*: de um fenômeno complexo para uma análise sociológica. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**, Lisboa, (235): 01-45, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAIAD, Maraisa Gardinali. **A sociologia das emoções em Eva Illouz**: o fenômeno da literatura de autoajuda. 2019. 71 fl. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UNESP. Araraquara, 2019.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Gilberto. Tempo Rei. Intérprete: Gilberto Gil. *In*: **Raça Humana**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1984. 1 faixa. (4:42 min).

GUERRA, Vânia M. L. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **An. Sciencult**, Paranaíba, v. 1, n. 1, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HERZFELD, Michael. **Cultural Intimacy**. Social Poetics in the Nation-State. New York/London: Routledge, 1996.

HILL, Napoleon. **Quem pensa enriquece**. Curitiba: Fundamento, 2017.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The commercialization of intimate life**. Berkeley: University of California Press, 2003.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The managed heart: commercialization of human feeling**. Berkeley: University of California Press, 2012.

IBC, *coaching*. **Publicações**. Goiânia. mar. 2024. Instagram: @ibccoaching. Disponível em <https://www.instagram.com/ibccoaching/>. Acesso em 2023-2024.

Instituto brasileiro de *coaching*. **Coaching na novela**. YouTube, 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VyH6WRamXM&ab\\_channel=InstitutoBrasileirodeCoachingIBC](https://www.youtube.com/watch?v=VyH6WRamXM&ab_channel=InstitutoBrasileirodeCoachingIBC).

JOHNSON, M. R. J. & WOODCOCK, J. Gamificação: o que é e como lutar contra ela. **Revista Eco-Pós**. Rio de Janeiro, v. 26, n.2, 2023, p. 107-137.

KOURY, Mauro G. P. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

LEITE, Elaine da Silveira. **Por uma sociologia da autoajuda**: o esboço de sua legitimação na sociedade contemporânea. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, jul-set. 2019, p. 917-932.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAGNO, Nikolas. **Engajamento no trabalho**: o guia definitivo, 2024. *Teamculture*. <https://blog.teamculture.com.br/engajamento/>. Acesso em 20 de fev. de 2024.

MARQUES, José Roberto. **Desperte seu poder**. São Paulo: Editora Buzz, 2017.

MARQUES, José Roberto. **Leader Coach**: coaching como filosofia de liderança. São Paulo: Editora Buzz, 2022.

MARQUES, José Roberto. **Publicações**. Goiânia. 15 mar. 2024. Instagram: @joserobertomarques. Disponível em <https://www.instagram.com/joserobertomarques/>. Acesso em 2023-2024.

MARQUES, José Roberto. **Vídeos**. YouTube, 2023-2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/@joserobertomarquesibc>.

MARQUES, José Roberto. **O mentor da mente milionária**. Forbes Portugal, 2023. Disponível em: <https://www.forbespt.com/o-mentor-da-mente-milionaria/>.

MARQUES, José Roberto. **Seja a solução dos seus problemas: aprenda a mudar sua percepção do mundo e se prepare para os obstáculos da vida**. São Paulo: Planeta, 2019.

MARTELLI, Carla Giani. **Autoajuda e gestão de negócios**: uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 47-181.

MAZZILLI, Paola. **Turbinando nossos selfs**: um estudo exploratório sobre os aplicativos de autoajuda no cenário brasileiro. 2019. 200 fl. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. PUC/SP. São Paulo, 2019.

MIRANDA, Wandeilson Silva de. Foucault e a questão do sujeito: as tecnologias do eu e a criação de novas subjetividades. *Fenomenol. & Psicol.*, São Luís, v. 2, n.1, 2014, p. 19-34.

PAINEL do varejo dos livros no Brasil. **SNEL**, 2026. Disponível em: [https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2026/02/SNEL\\_13\\_2025\\_-\\_13T\\_2025.pdf](https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2026/02/SNEL_13_2025_-_13T_2025.pdf). Acesso em: 09 de mar. de 2026.

PEREIRA, M. A. & SOUZA, M. R. Literatura de autoajuda, sugestão e contemporaneidade: uma leitura psicanalítica. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre: v. 8, n. 2, 2018, p. 162-184.

PICANÇO, Monise Fernandes. **O poder da solução: a construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios)**. 2013. 170 fl. Dissertação de Mestrado em Sociologia. USP. São Paulo, 2013.

PORTO, R. L. F. “Psicologizando a sociedade: as ciências psi e a perspectiva moderna do eu”. **Revista Simbiótica**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i1.38475>. Acesso em 09 jan. 2024.

QUINTANA, Mário. Esperança. *In: Nova Antologia Poética*. São Paulo: Editora Globo, 1998.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Autoajuda domina a lista de livros mais vendidos na quarentena e desempenho do setor volta a melhorar. **Estadão**, 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,autoajuda-domina-lista-de-livros-mais-vendidos-na-quarentena-e-desempenho-do-setor-volta-a-melhorar,70003379931>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Max Weber: entre a razão e a paixão**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

SANTOS, Arcy G; CUNHA, Eduardo L. O discurso de autoajuda em uma revista semanal de informação. **Psicologia & Sociedade**, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p689>. Acesso em: 12 set. 2021.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Carlos Roberto Ernesto da. Orientação profissional, *mentoring*, *coaching* e *consueing*: algumas singularidades e similaridades em práticas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2010, vol. 11, nº2: 299-309.

SILVA, S. C. & STAFUZZA, G. B. Prática identitárias da autoajuda no mundo contemporâneo do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, 2013, 25(3), 718-727.

SÍNDROME de *burnout*. **Ministério da saúde**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>.

SMILES, Samuel. **Ajuda-te** (Self-Help). Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1893.

SOBRE, **José roberto marques**, 2024. Disponível em: <https://jrmcoaching.com.br/>. Acesso em: 2023-2024.

SOBRE o ibc, **IBC instituto brasileiro de coaching**, 2024. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/>. Acesso em: 2023-2024.

TURMINA, Adriana Cláudia. **Autoajuda nas relações de trabalho**: a (con)formação de um trabalhador de novo tipo. 2010. 377 fl. Tese de Doutorado em Educação. UFSC. Florianópolis, 2010.

VIEIRA, Isabela & RUSSO, Jane Araujo. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. **Physis: revista de saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.29(2), 2019, p. 01-22.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (“**Capítulo 1: Unidade e fragmentação em sociedades complexas**” e “**Capítulo 2: Trajetória individual e campo de possibilidades**”), 1994.

VELHO, Gilberto. “Biografia, trajetória e mediação”. In: G. Velho e K. Kuschnir (orgs.), **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 1999.